

ORGANIZAÇÃO DOS ANÔNIMOS

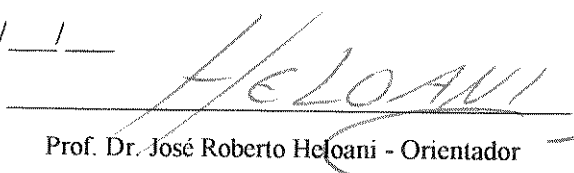
Um estudo psicanalítico dos Alcoólicos Anônimos

Cláudio Garcia Capitão

Este exemplar corresponde à redação final da Tese
defendida por Cláudio Garcia Capitão e aprovada pela
Comissão Julgadora.

Data : ____/____/____

Assinatura


Prof. Dr. José Roberto Heloani - Orientador

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA	
V.	02
F. FOLIO B.	36 364
PROC.	229/99
C	☐
D	☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	29/04/99
N.º CPD	

CM-00120599-2

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

C172o Capitão, Cláudio Garcia.
A organização dos anônimos : um estudo psicanalítico dos alcoólicos anônimos. / Cláudio Garcia Capitão. -- Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : José Roberto Heloani.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Alcoolismo - Tratamento. 2. Alcoólatras - Psicologia. 3. Teoria dos grupos. 4. Identificação. 5. Psicanálise. I. Heloani, José Roberto. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do
Título de DOUTOR em EDUCAÇÃO na Área de
Administração à Comissão Julgadora da Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a
orientação do Prof. Dr. José Roberto Heloani.

COMISSÃO JULGADORA

AC-20/2011
Ilma Beatriz da Silva
Procuradora
Acácia dos Santos
Advogada

Agradecimentos.

Agradeço ao meu Orientador Prof. Dr. José Roberto Heloani pela
paciente e criteriosa orientação.

Agradeço ao Professor Doutor Fábio Ferrmann
pelo incentivo e colaboração.

Agradeço a minha esposa Marcelle que ajudou na
revisão do texto.

Agradeço também à UNICAMP, em
particular a
Faculdade de Educação e a seu Corpo Docente.

E ao I.I. Emilio Ribas, aos colegas médicos que
tanto contribuíram para minha
formação.

Agradeço ao A.A., especialmente
àqueles que
pacientemente me atenderam.

E aos Colegas do CETEC – Centro de Estudos da
Teoria dos Campos, pelo apoio e interesse.

RESUMO

A partir da abordagem teórica dos grupos, sua formação e dinâmica, fomos aproximando-nos da organização anônima que enfocamos como objeto preferencial de nosso estudo, o A.A.

O A.A., durante toda a história de sua existência, transformou-se em organização paradigmática de mais de uma centena de organizações anônimas.

Hoje, pela sua importância e penetração, o A.A. ultrapassa as fronteiras da problemática que possibilitou a sua organização, para influenciar outros movimentos.

O A.A. é visto como um exemplo a ser seguido. Mesmo escolas médicas aconselham o alcoólatra a procurar o A.A. como parte de seu processo de recuperação, apesar de ser uma organização mais ligada às correntes do espiritualismo, do que às da medicina.

Como embasamento para nosso estudo exploratório, utilizamos os recursos da psicologia de grupos, da medicina psiquiátrica e do método psicanalítico.

Tematizamos, a partir do A.A., como as organizações anônimas estão estruturadas, como funcionam e quais as variáveis que levam as pessoas a procurarem por sua ajuda.

Concluimos que o alcoolismo é uma doença que deve e pode ser tratada pela medicina, pela psicologia e pela psicanálise como parte dos inúmeros problemas de que sofre o homem e não apenas, exclusivamente, por uma organização anônima, de profunda matriz espiritual.

SUMMARY

From a theoretical approach of the groups, their formation and dynamic force, we have come close to the anonymous organization on which we focus as the preferential objective of our study, the A.A. (anonymous alcoholics).

The A.A., all along its existence, has turned into a paradigmatic organization of more than a hundred anonymous organizations.

Nowadays, by its importance and introduction, the A.A. are going beyond the frontiers of problematic that has enabled its organization to influence other movements.

The A.A. is seen as an example to be followed. Although being an organization more connected to spiritualistic currents than to medical ones, even medical schools are advising the alcoholic to search for the A.A. as a part of its recovery process.

As a ground to our exploring study, we have used the resources of groups' psychology, psychiatric medicine and psychoanalytical medicine.

We elaborate from A.A., how the anonymous organizations are structured, how they work and which are the variables that make people search for its help.

We conclude that alcoholism is an illness that must and can be treated by medicine, psychology and psychoanalysis as a part of numerous problems from which man is suffering and not only, exclusively, by an anonymous organization with a deep spiritual matrix.

SUMÁRIO

Epígrafe.....	11
INTRODUÇÃO.....	12
1. Origem do problema.....	12
2. Das Hipóteses.....	17
3. Objetivos.....	21
4. Desenvolvimento do trabalho.....	22
4.1 Do Campo teórico.....	22
4.2 Da Organização escolhida.....	23
5. Considerações sobre o Método.....	25
5.1 Psicanálise e Ciência.....	25
5.2 Objeto e Método.....	32
CAPÍTULO I	
Le Bon: Formulações Gerais.....	37
CAPÍTULO II	
As Idéias de Le Bon.....	45
CAPÍTULO III	
Alguns Aspectos da Vida Mental dos Grupos.....	56
CAPÍTULO IV	
Freud e a Mente Grupal.....	67
CAPÍTULO V	
A Teoria Freudiana e o Entendimento dos Grupos.....	73
CAPÍTULO VI	
Outras Formulações sobre os Grupos.....	90

CAPÍTULO VII

O grupo como Instituição e o Grupo nas Instituições.....	97
--	----

CAPÍTULO VIII

As Idéias de W. R. Bion e as Formações Grupais.....	107
---	-----

CAPÍTULO XI

O Início.....	120
---------------	-----

CAPÍTULO X

Os Passos que levam à Identidade.....	130
---------------------------------------	-----

1. Os doze Passos.....	130
------------------------	-----

2. As doze Tradições.....	140
---------------------------	-----

3. Os doze Conceitos.....	158
---------------------------	-----

4. A Estrutura de Serviços do A.A. do Brasil.....	166
---	-----

CAPÍTULO XI

Aspectos Clínicos do Alcoolismo.....	174
--------------------------------------	-----

1. O Alcoolismo como Doença.....	174
----------------------------------	-----

2. As pessoas não alcoólatras bebem, os alcoólatras também.....	180
---	-----

3. As pessoas não alcoólatras param de beber, os alcoólatras não.....	184
---	-----

CAPÍTULO XII

O Tratamento do Alcoolismo.....	190
---------------------------------	-----

CAPÍTULO XIII

Histórias de Alcoolismo.....	197
------------------------------	-----

1. A História de Bill.....	197
----------------------------	-----

2. A História do Dr. Bob.....	214
-------------------------------	-----

3. Considerações sobre as Histórias.....	223
--	-----

3.1. Comentário : A História de Bill.....	223
---	-----

3.2 Comentário : A História do Dr. Bob.....	228
CAPÍTULO IV	
Considerações Finais.....	233
ANEXOS.....	237
BIBLIOGRAFIA.....	265

Epígrafe

Tive um sonho nítido inexplicável:
sonhei que brincava com o meu reflexo.
Mas meu reflexo não estava num espelho,
mas refletia uma outra pessoa que não eu.

(Clarice Lispector)

Introdução

1.1 - Origem do Problema

Hoje, ficamos estarecidos e alarmados com o nível de violência que presenciamos no nosso dia-a-dia.

A violência se espalha como uma peste: dos centros urbanos supervoados ao campo, quase vazio, onde posseiros, índios, fazendeiros degladiam-se à foice (apenas por força de expressão, pois, na realidade, armas muito mais potentes e sofisticadas são usadas nos embates), em matanças e assassinatos. Às vezes o esquartejamento do outro se dá por questões de terra, pela apropriação das riquezas naturais. Homens sedentos, brigam, matam-se por um pedaço de terra em territórios quase inocuados.

Nas grandes cidades, os crimes apresentam diferentes motivos: a cobiça por um par de tênis importado do Paraguai, por exemplo; o controle pelo tráfico de drogas; ou simplesmente, acontecem por causa de querelas as mais banais, como por exemplo, a que resulta de uma mera "fechada" no horário de pico, quando a pressa é detida pelo engarrafamento.

Casas assaltadas, pessoas violentadas, mortes, linchamentos. Haja segurança para tanta insegurança!

Parece que estamos vivendo em mundos anônimos, onde todas as ocorrências são transformadas em números. Não temos mais nomes nem sobrenomes, nossos laços são frouxos, com a vida e com os valores humanos que possamos encontrar em nós mesmos e em nossos semelhantes.

No entanto, se procurarmos uma razão para esses crimes, sempre, ou quase sempre, encontrarmos uma explicação sociológica, nas suas várias escolas de análise, como também, de outros ramos do conhecimento. A inexistência de uma política agrária, conjugada com a ambição desmedida dos grandes grupos econômicos, espolia milhares de pessoas, entre elas, crianças e velhos. Quando não mais necessárias, devoradas pelas forças do capital e pela falta de trabalho, essas pessoas emigram para as grandes cidades. Nelas, enfrentam enormes dificuldades de adaptação cultural, social e econômica e tornam-se alvos potenciais para a degradação das normas, das leis, transformando-se em pessoas com nervos à flor da pele, nos grandes aglomerados de barracos que se espalham pelos morros e pelas periferias planas das cidades.

A miséria em que vive a imensa maioria da população poderia ser uma explicação satisfatória, sem dúvida, para a violência social, para a perda de referência pessoal, para a quebra dos laços afetivos, para a degradação dos mais fracos, para a busca de PROCESSOS que poderiam ADICIONAR um pouco de "anestesia" à dor da existência, provocada por este universo tão caótico e contraditório em que vivemos hoje.

Os sociólogos estudam a violência, aparentemente sem regras e dirigida a qualquer rosto, sem identidade; mostram sua lógica(?) e o berço que a acolhe. Psicólogos se batem com a modernidade e a construção do processo histórico que se desenrola num mundo sem nomes. Padres rezam para que o mundo melhore. Trabalhadores emagrecem corpo e espírito nas dezenas de horas de trabalho embrutecedor, ou na tortura da fila aniquiladora de esperança dos desempregados, enquanto famílias degeneram em ambientes férteis em ratos e insetos. Córrego de sangue a céu aberto se forma em nosso país, cuja derrama a ser paga é uma parcela

ponderável da própria vida: a cultura, as conquistas da civilização. Escadinhas se multiplicam como heróis e benfeitores das comunidades carentes. A PM mata, num único dia, proporcionalmente a uma guerra civil. As viúvas choram. Os intelectuais sensíveis se assustam. Muitos adotam pastores-alemães. Crianças secas de fome e de amor são curtidas a sangue frio em pleno sol da Praça da Sé ou da Candelária, com esmalte, crack, álcool, maconha ou cola de sapateiro, adições indispensáveis e quase onipresentes a um profundo estado de miséria e de abandono. Eis o fundo do nosso retrato.

Ao Deparar-me com minha época e com as manifestações da nossa criação, deprimos-me. Porém, depressão não me transforma numa Madre Tereza de Calcutá, mas mobiliza sentimentos que afetam o espírito livre e obstruem o pensar objetivo sobre as chagas da alma que dilaceram a carne.

Procuro, então, encontrar representação no discurso acadêmico sem deixar-me dominar pela impotência e ceticismo.

Mas as conquistas da ciência, da tecnologia e a produção cultural, que poderiam alçar o homem para um outro patamar civilizatório, parecem ter se perdido como valores, dando a impressão de que nada foi criado, desenvolvido, e que voltamos à selva, agora de pedras, como reedição piorada dos nossos ancestrais primitivos!

Então, como penetrar no tecido social com nossas teses de mestrado e doutorado para contribuir e colaborar de alguma forma para a mudança desse estado de coisas? Justifica-se o investimento da sociedade na cultura de alguns perante tamanha babárie, se pouco se consegue reverter para a grande massa, que nem mesmo escola possui? É possível que um estudo acadêmico sobre aspectos da personalidade humana e de como ela se organiza seja capaz de ajudar a ativar as

inteligências inertes e inoperantes que econômica e politicamente decidem o futuro de milhões, por simples decreto? Ou seriam todas essas simples reflexões depressivas, de momentos solitários?

Muitas perguntas e poucas respostas.

Porém, talvez seja exatamente este o momento para as perguntas, já que as respostas não vêm, infelizmente, do céu ou de qualquer salvador ou caçador de marajás. Foi com pensamentos assim, nada exclusivos sobre alguns aspectos da nossa organização social e seus efeitos, que me inspirei para estudar um tema específico, pequeno, que poderá ter sua significação e importância enquanto tentativa de entender um pouco as mazelas do espírito humano.

Penso na violência injustificada, irracional, incontida. Aquela que não depende apenas e somente das condições materiais, da luta de classes, do tráfico de cocaína, da pobreza do morros e nem da PM.

Pretendemos abordar de que maneira um grande número de pessoas, destruído e arrasado em sua individualidade por impulsos incontidos, com sua vontade própria reduzida a pó e que acaba sendo lançado, solitariamente, num mundo dos sem nada, quase que literalmente na sarjeta, consegue reerguer-se, a partir da aproximação e inserção em determinados grupos, reestruturando suas vidas, reconquistando a dignidade humana, quase perdida. Falo, particularmente, de dois momentos: um primeiro que destrói o sujeito, sem respeitar sua classe social, sua cultura, sua inteligência; um segundo que o resgata, leva-o a novamente possuir as qualidades que haviam sido perdidas anteriormente, restaurando a integridade da personalidade, rearranjando seu mundo interno e a sua vida social no meio em que está inserido, saindo de um mundo indiferenciado, onde nada mais tem importância, a não ser a saciedade de um estado mental pela adição de algo, que parece, a princípio,

anestesiando as dores e proporcionar algum gozo e felicidade. Enfim, o escapar de um estado de indiferenciação galopante, para transformar-se em membro de uma Organização, cujo qualificativo de Anônimo, parece ter um efeito preponderante.

2 - Das Hipóteses

Ouvimos com frequência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos. De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mais por certo não apenas das novas observações. Tais idéias - que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência - são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição; não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo.¹

O que temos observado em nosso mundo capitalista das sociedades anônimas, dos sem nomes, onde as referências pessoais deixaram de existir, é que as organizações ditas Anônimas vêm crescendo de forma constante. Pessoas e mais pessoas, após passarem por um processo autodestrutivo quase que completo, organizam-se, passam a freqüentar tais grupos de homens e de mulheres que possuem uma história parecida, a de ter passado por experiências semelhantes, e que se ajudam mutuamente. Isto, por sua vez, possibilita a muitos refazerem suas vidas, invertendo o processo de violência contra si próprios e, por mais contaditório que isso possa parecer, contra aqueles a quem mais amam. O que se observa, em muitos casos, é um salto de qualidade em suas vidas e uma inversão de rumo, que além de fazê-los abandonar um estado deplorável anterior, passa a ser estruturador, não só de suas vidas em particular, mas da de outras pessoas, que se aproximam pelos mais variados caminhos.

Essa mudança de rumo, para que suceda, pensamos que devem estar presentes e atuantes fatores psicológicos extremamente poderosos, tão iguais ou mais fortes do que aqueles que detonaram um processo doentio e destrutivo. Seriam esses

¹ Freud, S. Artigos Sobre Metapsicologia. Obras Completas. vol. XIV. p. 123.

fatores acionados pelas organizações de anônimos, principalmente para os alcoólatras e dependentes de drogas? Seriam tais qualidades intrínsecas a tais grupos? Ou estariam presentes e adormecidas em cada pessoa, que por inúmeras razões, teriam nestes grupos funções específicas para despertarem as próprias qualidades adormecidas? E os que fracassam? Seria por não possuírem qualidades ou as organizações é que seriam ineficazes?

Pensamos que as organizações anônimas funcionam e demonstram ser eficazes por alguns aspectos nelas existentes e, por outros, existentes nos indivíduos que as procuram. Sua forma de organizar-se (que detalharemos posteriormente), assim como seu qualificativo de anônimo, são condições para que as pessoas encontrem nela, o que nelas próprias, tanto como forma de funcionamento mental, como forma de estrutura complementar, estava paralisado. Um "casamento" interdependente, qualidades complementares.

Resta-nos apenas recordar que a "hipótese é uma solução provisória ou uma proposta de solução do problema que se antecipa para direcionar a evolução da investigação. Cabe ressaltar que a hipótese não precisa ser, necessariamente, a solução para o problema. Se assim fosse, não se teria pesquisador, mas sim, vidente, adivinho."² O que não é nosso caso.

Assim, um dos fatores psicológicos interessantes, que poderia nos auxiliar a entender nesse projeto o problema colocado, é a possibilidade e a capacidade de reparação existente em cada pessoa, na individualidade de cada personalidade em particular.

Quando o bebê entra na posição depressiva e se defronta com o sentimento de ter destruído onipotentemente sua mãe, sua culpa e desespero por tê-la perdido despertam nele o desejo de restaurá-la e recriá-la, a fim de recuperá-la externa e internamente. Os mesmos desejos reparadores surgem em relação aos outros objetos amados, externos e internos. Os impulsos reparadores

² Inácio Filho, G. A Monografia na Universidade. Campinas: SP, Papirus, 1995, p.5.

ocasionam um maior avanço na integração. O amor é colocado mais nitidamente em conjunto com o ódio, e age tanto no controle da destrutividade quanto na reparação e na restauração do objeto bom interno e externo. São a base da capacidade do ego de manter o amor e as relações através de conflitos e dificuldades. São também a base para atividades criativas, que estão enraizadas no desejo do bebê de restaurar e recriar sua felicidade perdida, seus objetos internos perdidos e a harmonia de seu mundo interno.³

Essa capacidade de recriar seu mundo interno e externo seria, então, propiciada pelas organizações anônimas, por uma das formas como elas poderiam funcionar dentro do sujeito e para o sujeito. Sabemos que uma das condições que fazem uma pessoa procurar uma organização anônima é a de ela possuir a consciência de ter seu mundo pessoal esfacelado, tanto interna quanto externamente, assim como seus objetos amados, seus familiares, por exemplo. Assim como o próprio indivíduo, as pessoas que a ele estão ligadas por vínculos afetivos também são atacadas e muitas vezes, literalmente destruídas, principalmente no que se refere aos consumidores de álcool e outras drogas.

Um dos princípios do AA, por exemplo, é que a pessoa que tomou a decisão de assumir sua condição de membro participante deverá reparar todas as ofensas, as coisas erradas que fez contra as outras pessoas. Se as prejudicou financeiramente, moralmente etc, deverá reparar os danos causados, reconhecendo a culpa e assumindo a responsabilidade pelas causas e pelos efeitos nefastos que solaparam os que com ele, por ventura, conviveram e sofreram.

Os objetos que ela restaura se tornam imediatamente ajudantes, ou seja, os objetos que primeiramente ela destruiu e depois restaura se tornam assimilados por ela, fortalecendo o próprio ego.⁴

Desta feita, com o ego fortalecido e mais integrado, teremos uma outra condição psíquica colocada em ação. Uma pessoa que, afinal, terá mais recursos

³ Segal, H. Introdução à Obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 105.

⁴ Ibid., p. 107.

pessoais para enfrentar o trânsito da vida e os seus congestionamentos, sem mergulhar pelo seu gargalho estonteante.

Se, no entanto, tais condições são propiciadas pelas Organizações dos Anônimos em algum sentido, então, não é de se estranhar a proliferação do fenômeno em escala mundial.

Para termos um pequeno retrato do que desejamos abordar, nos Estados Unidos existem mais de cem organizações de anônimos. No Brasil, considerando apenas as principais, encontramos mais de 10 organizações de anônimos, como por exemplo, o dos Alcoólicos Anônimos, Família e Amigos dos Alcoólicos Anônimos (Alanom), Neuróticos Anônimos, Narcóticos Anônimos, Família e Amigos dos Narcóticos Anônimos (Naranom), Jogadores Anônimos, Fumantes Anônimos, Comedores Compulsivos Anônimos, Introversos Anônimos, Mulheres que Amam demais Anônimas, Dependentes de Amor e Sexo Anônimos, Sobreviventes de Abuso Sexual Anônimos, Sobreviventes de Incesto Anônimos.

3 - Objetivos

Nosso interesse em particular é estudar como essas organizações estão estruturadas, como elas funcionam, e qual a sua eficácia. Quais as variáveis intervenientes que levam pessoas a procurar em tais organizações, que força de atração exercem.

Este estudo objetiva fazer alguns trajetos. Entre eles, estudar como o sujeito humano deixa de pertencer às hordas primitivas, indiferenciadas, para constituir-se em uma família, organizada, com leis e regras. Ou estudar como os seres humanos, a partir de seu agrupamento, da formação familiar passaram a interagir com outros grupos e a fazer parte de inúmeros outros, constituindo-se em uma sociedade, a princípio, com um funcionamento muito parecido ao de uma grande família, com regras, leis, e normas a serem seguidas...os encantos e desencantos, as ilusões construídas e abaladas, o preço que cada um paga e pagou por todo o processo cultural, por todas as conquistas da civilização. Ou seja, como os grupos se originam e quais os fatores determinantes, não apenas para a sua gênese, mas também, para a sua sobrevivência enquanto grupo.

Freud clarificou a relação de "desejos de fim inibido" e "identificações" de um lado, a "escolha de modelos e exemplos", de outro lado, na formação de grupos, quando disse: Se umas tantas pessoas colocaram o mesmo objeto no lugar do superego respectivo (como ideal ou como exemplo significativo), identificam-se, daí, umas com as outras e desenvolvem entre si sentimentos ternos de fim inibido(...)Eis de que forma Redl complementou esta fórmula: Se umas tantas pessoas escolheram o mesmo objeto como instrumento com que aliviar conflitos internos semelhantes, tenderão a identificar-se entre si e a sentir-se enternecidas umas pelas outras.⁵

Nossa estratégia é a de procurar estabelecer um estudo de profundidade, pautado pela liberdade crítica das ciências humanas, sem descartar possibilidades investigativas, buscando no fundo das singularidades o que nelas existe de universal.

⁵ Fenichel, O. Teoria Psicanalítica das Neuroses. RJ: SP, Atheneu, 1981, p. 78.

4 - Desenvolvimento do Trabalho

4.1 - Do Campo Teórico

No dizer de Rubem Alves, teorias são redes que lançamos para pescar nosso peixe (objeto). Se o peixe é grande, utilizamos redes de malha grossa, mas se pelo contrário, é pequeno, nossa rede (teoria) precisa possuir malhas finas. (Apud Inácio Filho, 1995).

Nossa abordagem teórica principal, pautar-se-á na teoria psicanalítica, na teoria das organizações e dos grupos, especialmente com respeito à formulação da origem, da constituição e funcionamento dos grupos, da psique e do desenvolvimento individual, das alterações sofridas pelo indivíduo, positiva ou negativamente, quando estão inseridos num grupo.

Abordaremos, ancorados na teoria psicanalítica, o desenvolvimento do homem enquanto ser grupal e individual. Ela é nosso principal instrumento, a malha de nossa rede, para analisarmos os grupos anônimos de ajuda mútua.

Além da literatura psicanalítica, procuraremos pesquisar material teórico, originário da experiência das próprias organizações, autoqualificadas de anônimas, como também, outros estudos que tenham sido realizados sobre o tema.

4.2 - Da Organização Escolhida.

Do que lhes vale a miragem de amplos campos na Lua, cujas colheitas ainda ninguém viu? Como honestos arrendatários nesta Terra, aprenderão a cultivar seu terreno de tal modo que ele os sustente. (Freud, 1927)

Escolhemos como objeto principal de nosso estudo os Alcoólicos⁶ Anônimos, levando em conta algumas razões que, segundo nossa opinião, são muito relevantes.

O A.A. foi o primeiro grupo a se constituir, servindo de inspiração e paradigma para outros grupos que foram surgindo em anos posteriores. Como se sua filosofia, estrutura e formas de funcionamento fossem aplicadas em outras circunstâncias humanas, cujo sofrimento em torno de algo identificável estivesse presente.

O A.A. surge nos Estados Unidos na década de Trinta, e se configura enquanto uma organização entre os anos de 1935 e 1939.

Chega ao Brasil na década de quarenta, há aproximadamente 50 anos.

Hoje no Brasil, o A.A. possui em torno de 6000 núcleos organizados e reúne mais de 100 mil membros. Constitui-se como a maior “Irmandade” de ajuda mútua existente no mundo, presente em 141 países.

Para termos preliminarmente uma idéia um pouco mais detalhada do A.A., um terço de seus frequentadores são de mulheres, e um quinto são jovens que não atingiram os 30 anos.

Existem mais de 100 organizações anônimas, todas, sem exceção, inspiradas no A.A. Talvez pela importância da problemática em nossa vida contemporânea, os Narcóticos Anônimos, depois do A.A., é a organização que mais cresceu.

⁶ Alcoólico adj. (álcool + ico) Pertencente ou relativo ao álcool; que contém álcool. Trata-se de um anglicismo, pois o correto seria alcoólatra, aquele que é viciado em bebidas alcoólicas.

Ressalvamos que uma outra organização, os Neuróticos Anônimos, apesar de não ter um crescimento tão grande como o do A.A., surgiu nos Estados Unidos na década de 50 como um quase desdobramento do A.A., chegando ao Brasil no fim da década de Sessenta (1969) e possui atualmente 390 grupos, que se reúnem regularmente por duas horas semanais, e é freqüentado por mais de 8 mil pessoas.

O álcool gera um lucro maior do que a Vale do Rio Doce ou a Eletrobrás, apenas no Brasil, em termos de arrecadação de impostos. Pensemos, então, que o uso de drogas, por ser um uso ilegal e sem controle financeiro oficial, movimenta milhões, e só temos uma precária idéia do que se passa, pelos efeitos nefastos que causam individual e socialmente.

O capitalismo atual, com sua face moderna neoliberal, através de sua política econômica, possibilita ao capital anônimo, como num passe de mágica, como uma nuvem de gafanhotos, arrasar o bem estar de povos inteiros, onde o Estado se torna apenas um agente maior facilitador da destruição das economias locais, desresponsabilizando-se, sob todas as formas, inclusive, da saúde básica. Não é sem razão que as Organizações Anônimas crescem, pois, afinal, e nisso não existe qualquer julgamento antecipado, vivemos e morremos anonimamente nesse mundo das Sociedades Anônimas, em que somos apenas um número nas estatísticas, seja na dos vivos ou na dos mortos⁷

5 - Considerações Sobre o Método

⁷ Cf. Heleoni, R. A Revista da Organização Científica do Idort e o Conceito de Saúde Mental na Década de 30. in Trabalho, Saúde e Gênero na Era da Globalização. Goiânia. AB, 1997.

5.1 - Psicanálise e Ciência

É provável que também nos inclinemos muito a superestimar o caráter consciente da produção intelectual e artística. As comunicações que nos foram fornecidas por alguns dos homens mais altamente produtivos, como Goethe e Helmholtz, mostram, antes, que o que há de essencial e novo em suas criações lhes veio sem premeditação e como um todo quase pronto.

(Freud, 1900)

Olhamos certamente, com admiração e espanto, a arquitetura da física, química e biologia e todo trabalho científico que muitas vezes parece ser a recriação do universo. Por outro lado, há aqueles que olham com desconfiança essa grandiosidade arquitetônica de conhecimentos que a ciência apresenta. Essa desconfiança na ciência e nas suas explicações provém de várias origens. Podemos situar uma delas na pouca cultura científica de que goza o homem às bordas do século XXI, nos milhares de famintos e ignorantes que nem ao menos sabem manipular seu alfabeto, campo onde a ciência não fez sentir os efeitos de suas descobertas. Por consequência, a desconfiança se situa na política de dominação que açambarca o conhecimento, privando o cidadão comum de possuí-lo. Uma outra ramificação da desconfiança nas maravilhas do saber científico encontra-se numa faixa abrangida pela ciência, dentro de suas próprias vísceras, onde o conhecimento sugerido não explica suficientemente todo o conjunto de coisas que se propõe: mitos e lendas sobrevivem de mãos dadas com conhecimentos e explicações atuais, sendo, inclusive, questionados de maneira contundente a forma e os meios pelos quais os conhecimentos se foram acumulando.

Várias outras vertentes poderiam ser acrescentadas, mas apenas gostaria de assinalar que, apesar do império de conhecimentos adquirido nos últimos séculos pela ciência, esse conhecimento não é absoluto, não é a única forma de interpretar os

fenômenos da vida, os acontecimentos, os fatos. Outros caminhos distintos apresentam-se paralelos e mesmo opostos.

Essa tendência a se interpretar o universo, e as coisas nele contidas, de modos diferentes, parece ter sempre existido na história da humanidade. No início, talvez encontremos a revelação divina como forma última de descobrir a harmonia existente ou inerente às leis do universo e só recentemente, nos últimos três ou quatro séculos, foi-se impondo, de forma lenta e incompleta, a maneira científica de se interpretar o fenômeno natural.

De maneira incompleta, pois não devemos ignorar que mesmo no ambiente das civilizações ocidentais, oriundas da Renascença, cientistas como Johann Kepler, apesar de suas descobertas científicas, não abandonavam as interpretações místicas e mágicas. O próprio Newton, depois de realizar a maior síntese científica de que se tem notícia na história da ciência, colocava Deus como regente da harmonia do Universo e considerava a parte mais importante de sua contribuição os comentários das sagradas escrituras, assunto ao qual se dedicou até o final de sua vida.

No entanto, não é infrequente ver muitos homens, que pensam e fazem ciência sem olhar para a história ou para os conhecimentos do presente, fazerem uso dos mais variados argumentos para não reconhecerem o caráter científico das descobertas da Psicanálise.

Entre esses pensadores, por exemplo, encontramos o destacado Karl Popper, cujo principal argumento é o de que a Psicanálise não tem condições para fazer face à prova - por sinal estabelecida por ele mesmo -, da refutabilidade, razão porque não chegaria nem mesmo a ser uma ciência.

Porém, tivesse Popper prestado um pouco mais de atenção à obra freudiana, teria percebido que seu critério máximo estabelecido, isto é, o da refutabilidade, sem

dúvida alguma, é encontrado nos escritos de Freud. A teoria da sedução é apenas um pequeno exemplo.

Devemos ser condescendentes com o representante máximo do empirismo lógico, pois o próprio Freud, homem de boa formação nas ciências naturais, possuía um ideal científico não muito distante do de Popper. Não era raro ficar espantado com a sua própria criação e, muitas vezes, ficava melindrado quando tratado como um literato, um artista e não como homem de ciência. Com certeza não se tratava de uma má leitura de sua própria obra.

Freud disse muitas vezes que a Psicanálise é uma teoria da personalidade, um método de psicoterapia e um instrumento de investigação científica, querendo destacar que, por uma condição especial, intrínseca desta disciplina, o método de investigação coincide com o procedimento de cura, porque, à medida que a pessoa conhece a si própria, pode modificar sua personalidade, isto é, curar-se.⁸

Como podemos notar, não apenas nesta passagem como em tantas outras do pensamento psicanalítico, Freud foi um homem preocupado em fazer ciência e, se não a fez nos moldes tradicionais das ciências naturais, apreendeu delas muitas características importantes, essenciais, inclusive para se dar conta de que sua disciplina era alicerçada em "terreno diverso".

A Psicanálise pode aproveitar e enriquecer-se com alguns dos predicados dos três grandes modelos de ciência: das ciências formais a sua função pensante, a lógica, o pensar racional; das empírico-formais, o senso da observação, o respeito dos fatos; das ciências humanas, o confronto, a crítica, a dialética simbólica.

Não estamos em uma guerra "científica" e não devemos nos furtar de estudar as ciências e tirar delas o que de fato é importante, respeitando, é claro, esse universo de conhecimento, muitas vezes equivocado, mas uma bela herança para a humanidade.

⁸ Etchegoyen, R.H. Fundamentos da Técnica Psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médica, 1989, p.8.

O método científico não foi assim percebido como um refinamento dos processos usuais de perceber, resolver problemas e articular conhecimento - funções essenciais para o cotidiano de qualquer pessoa. O conhecimento resultante não aparecia como uma representação, isto é, uma transformação mental da realidade, diferenciando-se das habituais por obedecer a critérios racionalmente estabelecidos, e no entanto, sujeitos às mesmas distorções que qualquer percepção humana. "Científico" ficou sendo sinônimo de "verdadeiro". E assim, sub-repticiamente, a ciência quase se converte na religião do século XX.⁹

O critério de verdade, muitas vezes se confunde na ciência com o que é objetivo, aquilo que pode ser mensurado, controlado; descrição, explicação, predição, controle, fins a serem alcançados. O sujeito do conhecimento, nesse contexto, vai tornar-se mais um entre as múltiplas variáveis, cuja interferência deve ser paulatinamente anulada. Assim, por consequência, o sujeito de conhecimento vai ser progressivamente anulado em detrimento de uma suposta neutralidade no ato de conhecer, como se a possibilidade de conhecimento pudesse apresentar-se sem a interferência do sujeito que o produz.

Tal objetividade pretendida recorta e coloca o Objeto e o Sujeito de conhecimento numa situação relacional peculiar. Do objeto, afasta o que não pode ser objetivado, mensurado; o Sujeito é reduzido a um ser passivo que apenas reproduzirá, como um espelho, e de acordo com a depuração de seus sentidos e dos instrumentos especiais que os prolongam, o conhecimento apropriado e preciso do objeto.

Se a anulação da subjetividade no sujeito se torna condição necessária para o conhecimento científico, então qualquer sujeito poderá atingir os mesmos resultados, revelando um conhecimento fidedigno, verificável. Só que agora, a condição principal é que ele seja treinado. Será então o treino, o domínio metodológico que o capacitará a atingir o objeto e a revelar saberes que possam ser verificados quando o mesmo caminho for percorrido. A depuração do sujeito pelo método.

⁹ Silva, M.E.L da (Coord). Investigação e Psicanálise. Campinas: SP., Papirus, 1993. p. 15.

Em linhas gerais e dentro desse contexto, talvez possamos falar de dois momentos do saber científico: um primeiro momento, que recorta um aspecto da realidade segundo critérios anteriormente definidos e em que o sujeito se apresenta como uma "tabula rasa" de registro de dados, em que o objeto "falaria" no e através dele, sendo necessário para esta ocorrência, um treino e apuração dos sentidos e o domínio dos instrumentos.

Essa relação de características arbitrárias, cuja finalidade é manter a neutralidade, logo se mostra falaciosa, sendo então necessário um segundo momento, ou seja, a escolha de meios, os procedimentos que, se aplicados sob as mesmas condições, propiciam os mesmos resultados; enfim, a necessidade de um método que garanta ao conhecimento obtido uma representação adequada e eficaz.

Com o estabelecimento de tais exterioridades, o real tenderá a ser reduzido aos dados obtidos e é nesse instante que a Psicanálise se introduz no processo de conhecimento como novidade, estendendo o universo da ciência para o próprio sujeito, tomado enquanto tal, na sua relação com o objeto.

Esse novo trajeto surge quando Freud aborda a transferência que supera as dicotomias existentes entre sujeito e objeto, objeto e método, causa e efeito, aparecendo pela primeira vez na história da ciência a tentativa de captar como objeto, como parte determinante do real, o sujeito como ele se constitui. A novidade vai ser encontrada num novo tipo de relação, não mais sujeito-objeto, mas entre dois sujeitos. O objeto, no contexto da transferência, não será um objeto morto, que passivamente se submete às manipulações do sujeito, mas, pelo contrário, algo vivo, com dinâmica própria, que escapará às pretensões da previsibilidade absoluta e do controle.

Dessa relação única entre dois sujeitos, a Psicanálise, na busca do particular, encontra o universal, as significações próprias do humano, do vivo que se revela.

Quando formula suas teorias, o particular se dissolve em outras significações não vivas, não mantendo qualquer correlato com sua fonte de origem, uma pequena ficção do que "realmente" foi. A representação fracassa: o particular mostra-se inquebrantável e dissolve-se em outras significações, o "si próprio" não se deixa representar.

As conseqüências são claras e óbvias, e se estabelecem estremecendo o universo dominado pelo conhecimento científico, o ultrapassar da representação adequada.

Um instinto nunca pode tornar-se objeto da consciência - só a idéia que o representa pode. Além disso, mesmo no inconsciente, um instinto não pode ser representado de outra forma a não ser por uma idéia. Se o instinto não se prendeu a uma idéia ou não se manifestou como um estado afetivo, nada poderemos conhecer sobre ele.¹⁰

O homem, como animal destacado de outras espécies viventes, é um ser simbólico. Cria e recria suas representações a cada movimento instintual renunciado, e é nesse terreno que a Psicanálise encontra a sua fertilidade. As representações são sempre fluxos a advir, criações ininterruptas; o inconsciente, um universo inesgotável de significações.

Mas, o que poderíamos dizer então das pretensões científicas de Freud? Seria possível que a Psicanálise fosse reconhecida como uma disciplina científica?

Parece que estamos sempre a caminho, tangenciando o velho com a força do novo. A Psicanálise não é uma ciência nos moldes propostos pelas ciências naturais, pois ela resgata o homem de seu estado bruto e o eleva à categoria de homem inserido e imergido na cultura. Está no mesmo trem da ciência que viaja pelos trilhos

infinitos do conhecimento, porém, como um passageiro que incomoda e é incomodado. O trem do saber humano, que pára em algumas estações, mas continua sempre rumo ao desconhecido, ao infinito.

¹⁰ Freud, S. Obras Completas. Artigos Sobre Metapsicologia. Obras Completas. Vol. XIV, p. 182.

5.2 - Objeto e Método

Para que um objeto se constitua é necessário que ocorra um recorte arbitrário, realizado pelo sujeito cognoscente, em que é destacado apenas aquilo que ele é capaz de experienciar: ou seja, o fenômeno se apresenta de acordo com a capacidade de aprender e de conhecer. Assim, ter-se-á uma representação mental do fato recortado em objeto, diferente em cada sujeito cognoscente.

Se levarmos tal formulação em conta e a aplicarmos ao fato "obra psicanalítica", teremos também, como resultado, diferentes representações mentais, com recortes parciais e diversificados. Assim, não seria de estranhar que a discussão que envolve o objeto e o método da Psicanálise apresente, como característica, a multiplicidade de formulações, cuja única maneira de buscar as essências imanentes e não as querelas, será pelo confronto não dogmático e aberto ao diferente.

Em torno do objeto da Psicanálise encontramos diversas apreensões, que nos levam por diversos caminhos a múltiplas psicanálises, com variâncias que agitam e fazem a comunidade psicanalítica procurar algo que possa garantir sua identidade.

Para alguns, o objeto privilegiado da Psicanálise é o imaginário, o desejo; para outros, é a história das apropriações da realidade, uma história individual das categorias, em que sujeito e objeto de conhecimento coincidem e não são dados; outros, ainda, postulam como objeto da Psicanálise o irracional, o inconsciente.

A variedade das escolhas vai implicar na variância metodológica que, sem dúvida, arrepiava os positivistas deterministas. Wittgenstein, o demolidor de teorias, apontava na psicologia a existência de confusão conceitual. Esse apontamento talvez sirva para a Psicanálise, mas em parte, é dependente do referencial. Tal confusão é

relativa, pois todo conjunto conceitual, separadamente, vai ser ou não apropriado de acordo com o objeto escolhido. A confusão se estabelece quando se pensa que os conceitos formulados tratam e referem-se ao mesmo recorte, ao mesmo objeto.

O método, para ser amplo e ter elasticidade para com as variantes, sem dúvida é a própria clínica reduzida a seus elementos essenciais e, se o descuarmos, torna-se fixa e repetitiva nossa operação concreta, pois em algo temos de nos fixar. Se esclarecermos ao máximo a dimensão constante da clínica, o Método, justamente para libertar sua execução concreta, a arte de analisar. Um só método interpretativo, contudo com inúmeros movimentos distintos, aproximações e recuos, conversa, silêncio, interjeições e explicações, tantas serão suas atitudes, quantas forem as formas evocadas pelo analisando.¹¹

Parece-me, então, que o objetivo dessa depuração, isto é, o conhecimento preciso do método, abriria a possibilidade de uma maior liberdade no âmbito da clínica. Assim, dificuldade de contato lá, relação transferencial aqui, neuróticos, psicóticos, desordens de caráter etc seriam aspectos do fenômeno humano estudado pelo mesmo método, como no exemplo da física, que mantém sua identidade.

O método psicanalítico implica uma série de condições formais (enquadre), isto é, a criação de um contexto específico, lugar que tanto possibilite a expressão de seu funcionamento quanto sua apreensão, e deve ter como objetivo principal permitir que o processo terapêutico se faça.

Para Herrmann, as condições sociais estabelecidas numa certa época são consideradas no referido enquadre (moldura), pois, se fossem outras as condições, analista e analisando poderiam estar nus, sentados num galho de árvore, e o processo terapêutico se estabeleceria; o importante é que cada um esteja no seu galho, analista no galho de analista e analisando no galho de analisando.

O método da psicanálise apresenta-se com uma dupla face: de um lado, a associação livre - a oferta de material sem crítica ou intenção determinada; e, de outro, a atenção flutuante - captação de material sem crítica ou intenção pré-determinada. Na prática, isso traduz-se por uma espécie de jogo em que as fantasias de ambos os interlocutores organizam-se em busca de um consenso sempre

¹¹ Herrmann, F. Quatro Notas Brevíssimas Sobre o Método da Psicanálise. IDE 14:19, São Paulo, 1987.

questionado a respeito do avesso do que foi dito. Ou seja, o método da psicanálise caracteriza-se por abertura, construção e participação. Diria também que se trata de um método receptivo, valorizando mais a escuta do que a fala, mais a espera do que a indução de um sentido. Porque seu objeto é esquivo, não se deixando apanhar por táticas experimentais ou técnicas de laboratório, admitindo apenas furtivas observações de sua presença. A força dessa presença, quando sentida, compensa a delicadeza do processo e a insegurança de alcançar resultados, pela clareza com que ilumina a situação vivenciada.¹²

Um analista pode interpretar, amparado na técnica e na teoria, uma obra de arte, uma piada, um fato do cotidiano, uma obra literária, uma organização ou grupo. Enfim, o analista se faz enquanto interpreta, pois é a interpretação que caracteriza o método da Psicanálise e que lhe dá identidade.

Método vem a ser caminho. Caminho do conhecimento e da eficácia terapêutica(...)Não se requer que tal caminho chegue a algum lugar predeterminado. Requer-se apenas que possa saltar certo obstáculo, indo para lá do empecilho e adentrando no problema. É a forma de um pensamento eficaz.(...) Meta e obstáculo, a interpretação psicanalítica exige ser decifrada, isto é, que sua forma essencial seja depurada das determinações de cada caso, de cada teoria, de cada época, região e estilo.¹³

A interpretação psicanalítica, como um caso particular de interpretação, ocupa um espaço destacado na literatura e prática da psicanálise. Insere-se em sua história antes mesmo de sua constituição. Nas obras escritas por Freud, como por exemplo, na *Interpretação dos Sonhos* e na *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, encontramos um determinado estilo interpretativo que se adianta e se mostra anterior à situação analítica propriamente dita.

Constituída a situação analítica, é estabelecido o campo transferencial. A interpretação, além de referir-se a esse campo, vai nele operar, rompendo o conjunto de pressupostos em que as representações do paciente, de um grupo se sustentam, possibilitando uma ruptura de campo, expondo as propriedades, os pressupostos de como ele foi constituído e abrindo a possibilidade de visualização de como poderia se

¹² Silva, M.E.L da (Coord). Investigação e Psicanálise. Campinas:SP, Papyrus,1993,pp.20-21.

¹³ Herrmann,F. Quatro Notas Brevíssimas Sobre o Método da Psianálise. IDE 14:18, São Paulo, 1987.

estruturar em um novo campo, de como outras representações poderiam ser construídas.

A interpretação surge, no contexto analítico, a partir do campo transferencial estabelecido, do jogo mental que se evidencia tendo suas raízes no desejo, na fantasia, no delírio. "Talvez nasça, em última instância, do encontro de dois seres desejantes que, quer queiram ou não, trabalham a quatro mãos"(Figueira, 1988,p.21).

Por fim, poderíamos nos perguntar, para efeito de clareza: como seria a característica da interpretação psicanalítica?

Manoel Berlinck¹⁴ relata-nos um episódio engraçado E muito esclarecedor. Um dia, o gatinho de sua filha mais nova pulou janela adentro do consultório, no meio de uma sessão. Paciente e analista levaram um belo susto até se refazerem e por sinal darem conta de que era apenas um gato. Porém, algo havia rompido o setting que, só com alguma elaboração e algum tempo, foi possível ser re-construído (sic).

Conta-nos que o delicado e silencioso gatinho, entrando com sua agilidade felina janela adentro do consultório que, naquele momento, não era dele, mas do cliente deitado no divã, e que apesar da inocência felina, algo aconteceu, algo rompeu interrompendo o ato psicanalítico. Tomando o exemplo como metáfora, Berlinck nos diz que algo no setting precisa ser rompido. Porém, só a interpretação, essa felina que ronda a consciência de quem está sentado na poltrona de analista, a que possui suficiente legitimidade para irromper no setting sem que a análise se interrompa. E na interpretação algo se rompe na medida em que se interrompe o clima de conluio estabelecido pelo silêncio do analista e pela palavra do analisante. É nesse silêncio que a interpretação penetra como uma gata, inesperada e surpreendentemente, e daí

¹⁴ Cf.Berlinck, M.T. Psicanálise da Clínica Cotidiana. São Paulo: Escuta, 1988. p.66.

salta para o setting, pondo em movimento aquilo que aparentemente se imobilizara na palavra do cliente.

Essa boa formulação nos diz algo sobre a interpretação, mas o próprio Berlinck se pergunta o que daria o estatuto de uma interpretação. Ele nos diz que essa resposta é impossível de ser dada, pois há sempre um risco na intervenção do psicanalista, aquilo que ele supõe ser uma interpretação pode ser apenas um felino que salta no setting interrompendo a análise. Para ele, gatos do ofício.

- I -

Le Bon: Formulações Gerais

Iniciaremos nossa abordagem sobre grupos procurando recursos teóricos que nos auxiliem a chegar a um entendimento mais profundo dos grupos anônimos. Para alcançar tal objetivo, seguindo Freud, tentaremos realizar uma descrição das posições de Le Bon (1895) no que se refere ao fenômeno grupal.

Poderíamos traduzir literalmente o título do livro de Le Bon como *A Psicologia das Multidões* ou *das Massas*, denotando com tais termos pessoas precariamente organizadas, assim como a nossa linguagem cotidiana costuma se referir a certos agrupamentos de pessoas, que se estabelecem sem muita ordem.

Com essa primeira aproximação esperamos propiciar um retrato de como um ser humano sofre profundas alterações na sua personalidade, assim que vem a fazer parte de um grupo. Procuraremos também, através de nosso referencial teórico principal, a Psicanálise, observar as ponderações de Freud em relação às posições de Le Bon.

Qualquer abordagem psicológica vai paulatinamente nos mostrar que, quando resolvemos encarar um indivíduo isoladamente, acompanhar seus passos ao longo da vida, logo vamos nos dar conta de que esse indivíduo tem uma trajetória abrangente, que não se restringe a si mesmo. Existem formas de se frustrar, de se satisfazer, de conduzir os impulsos e desejos que se relacionam ou, até mesmo, dependem diretamente de outras pessoas. Assim, praticamente, não existe quem encontre uma pessoa isolada de outros seres humanos, pois em algum nível ocorre alguma inter-relação com alguém à sua volta.

Se observarmos uma classe de alunos olhando para o professor, um campo não aparente estrutura e mantém determinadas atitudes e seqüências de comportamentos, inclusive a postura física dos alunos, que não depende só e exclusivamente de cada um, mas das relações estabelecidas intragrupo, intra-sala. Enfim, mesmo se um dos alunos do nosso exemplo estivesse sozinho, apartado um tanto dos outros, sentado em uma cadeira e em silêncio, esse aluno estaria em algum nível se relacionando com outros e teria sua relação “controlada” por um campo invisível.

A relação com os outros seres humanos, pela própria condição humana, é imposta desde o nascimento.

Melanie Klein (1965) aponta que no desenvolvimento psíquico da criança, de sua personalidade, os objetos que vão fazer parte constituinte de seu psiquismo serão objetos de relação.

De fato, a própria mente do ser humano vai se constituindo e se povoando a partir de outros humanos. Primeiro e possivelmente por “pedaços de gente”, “cheiro de gente”, “coisinhas de gente”, “cocô de gente”, e depois, evoluindo para pessoas inteiras, não mais em partes, mas grupos e funções organizadas em uma única pessoa, e por conseqüência, grupos de coisas e outras pessoas. Então, eis que a separação entre a psicologia individual e a psicologia de grupo ou da mente grupal, de uma certa maneira, não deixa de ser aparente, apenas representando, talvez, uma tática para melhor observar ou estudar. Afinal de contas, o homem está e estará forçosamente relacionando-se com outros e daí, imanentemente, está e estará sempre pertencendo a um determinado grupo.

A distância teórica entre a psicologia individual e a psicologia de grupo fica assim reduzida. Porém, ao mesmo tempo e na medida em que de fato uma pessoa é

inserida em um determinado grupo, por essa condição, sofre uma profunda alteração em seu funcionamento mental.

Podemos entender também, como e porque o Ego de uma pessoa é essencialmente alterado pelos objetos da realidade, de que maneira o sujeito se vai formando e alterando a partir da percepção da realidade, dos estímulos incidentes e também dos objetos com que se vai relacionando e, pelo processo psíquico da identificação, instalando tais objetos dentro de si.

Desde o nascimento, o ser humano é formado por outros, por objetos que rodeiam sua vida, o seu grupo familiar, a escolinha que frequenta, os coleguinhas do bairro etc. Enfim, a alteridade é uma condição de humanidade e é por ela que um outro humano nos humaniza.

Sabendo, então, da pouca distância entre a psicologia de grupo e a psicologia individual, a primeira, como o próprio nome indica, vai procurar manter o seu foco no sujeito enquanto pertencente a um grupo, como objeto preferencial de estudo. Não vai deter-se no desenvolvimento individual, mas sim enfocar os grupos humanos já formados ou em formação. Aliás, essa é uma outra característica humana: a de estar sempre “inventando” grupos.

Observamos em nossa realidade uma infinidade de grupos. Só o dos religiosos, por exemplo, apresenta uma grande variação: das religiões mais organizadas às seitas dissidentes; da Igreja Universal à Tradição, Família e Propriedade, da Rosa Cruz ao Santo Daime. Grupos, muito bem caracterizados fomentados pelo fenômeno religioso.

Outras formas grupais existentes que também nos são conhecidas, como os grupos raciais, os grupos institucionais, como as escolas, os hospitais, as empresas;

grupos efêmeros, multidões propriamente ditas, que se reúnem apenas, temporariamente, como por exemplo, para assistir a uma simples partida de futebol.

Voltando à especificação de cada grupo, percebemos que um grupo racial, por exemplo, tem, exerce e faz surgir determinados fenômenos nas pessoas que a ele pertencem, exatamente por ser o **racial** a característica que denota a sua formação.

Um grupo como o que descrevemos acima, o da comunidade negra, por exemplo, provoca determinados fenômenos correlacionados a sua especificidade, assim como um outro grupo, de católicos brancos, como a TFP, vai vivenciar fenômenos específicos. Cada mente grupal funciona e engendra suas ações. Uma torcida de um clube de futebol também vai produzir uma série de fenômenos engendrados e específicos a ela, e será diferente de outras torcidas.

Se fôssemos estudar cada grupo humano em sua especificidade, passaríamos, com certeza, a vida toda, e não chegaríamos a finalizar o estudo proposto. São numerosos os grupos existentes na nossa sociedade, todos produzindo efeitos e situações psíquicas distintas e com características próprias, especiais, pertencentes, imanentes à identidade de cada um.

A nossa intenção, no momento, é delimitar para o nosso estudo, com o objetivo de entender os grupos anônimos, dois grupos estáveis, que mereceram a atenção de Freud: a Igreja e o Exército, que pela sua significação e grandeza, também devem merecer um pouco da nossa atenção, já que tais grupos atravessam a história da humanidade, e atualmente, não se vê qualquer indício de que estejam em extinção.

Um indivíduo se relaciona com seu inimigo, com sua irmã, com seu irmão, pai, mãe, médico e, com isso, podemos dizer que ele já não mais está sozinho, pois interage em algum nível com outros. Irmãos de uma mesma família, de um mesmo grupo,

formam subgrupos que atacam e se defendem do pai, da mãe ou do irmão mais novo. Um membro da família pode aproximar-se da mãe e tentar isolar o pai. Formam-se assim pequenos grupos dentro de um grupo maior que, por isso, têm determinadas suas possibilidades pelo campo onde se dá sua organização e forma. A todas estas situações e tantas outras correlatas, poderíamos chamar de fenômenos inerentes à psicologia grupal.

Um grupo tem um funcionamento e um psiquismo próprios, uma mente grupal, uma “alma”. O grupo religioso do bispo Edir Macedo possui um processo psíquico, uma mente, um jeito de funcionar característico. Uma torcida terá os seus. Um grupo especializado, como o dos técnicos de uma companhia de aviação, idem. Chegamos assim à mente grupal, ao psiquismo grupal. Mas para que o fenômeno seja assim denominado, devemos procurar saber sobre sua formação, isto é, saber se o grupo psicológico possui determinadas características, uma forma muito particular de funcionar e, por consequência, se ele exerce uma influência sobre outros grupos e sobre os seus próprios membros.

Qualquer um que venha a se aproximar de um grupo psicológico terá suas ações, pensamentos e sentimentos - pelo menos enquanto está no grupo, ou enquanto carrega o grupo consigo para fora dos limites físicos - determinados pela mente do grupo, passando a agir conforme seus padrões de funcionamento.

Se pertencer a uma seita ou religião, irá, não só no local do culto, mas também fora dele, agir de acordo com os ditames do mesmo, que guiarão suas ações e seus pensamentos e sua forma, não mais solitária, de encarar a vida e o mundo.

Não seria nada surpreendente, então, encontrarmos uma pessoa relativamente inteligente, culta e com um bom grau de diferenciação individual, numa situação nada

compatível com sua condição pessoal, individual, totalmente modificada, transtornada pelo grupo. No caso das seitas, novamente, poderíamos, pasmados, exclamar: “Quem diria, o fulano acreditando naquelas coisas e agindo daquele jeito”. Transformado, agindo, pensando, sentindo do jeito do grupo a que passou a pertencer.

Um homem pode sofrer profunda despersonalização temporária, quando inspirado pela crença do grupo religioso a que pertence, deixar todas as suas características pessoais de lado, e assumir a crença do grupo, beber uma garrafa de pinga, fumar um charuto sem ao menos ser fumante, gritar ou se arrastar, o que contrastaria totalmente com a personalidade sóbria e coerente do seu cotidiano “solitário”.

O indivíduo se altera sob a influência do grupo psicológico. Mas, como se formaria um grupo psicológico? Por pessoas heterogêneas, distintas individualmente, como as células que formam uma certa substância. Células de diversas qualidades organizam-se e, na medida em que se agrupam, formam um tecido diferente da constituição de cada uma isoladamente. Por exemplo, se tirarmos uma única célula da pele, ela não deixa de ser uma célula constituinte da pele, porém, nunca será a própria pele. Não poderíamos dizer que uma única célula da pele é a pele, já que a pele é constituída por diferentes células.

Podemos dizer que o mesmo se passa com um grupo psicológico. Pessoas heterogêneas, formam uma “outra camada”, uma outra superfície de funcionamento mental distinta da de cada uma em separado.

Na década de sessenta observamos os Híppies e os Hare Krishna. No caso dos Hare Krishna, cada um podia vir de uma região ou país, mas, pela influência da mente grupal, passavam a ter uma forma física muito semelhante, pela maneira quase que

uniformizada no trajar, e esta uniformidade se estenderia ao falar, ao sentir, ao pensar. Assim, se olharmos um grupo de Krishnas andando pela rua, dificilmente guardaremos as feições individuais. Esse é outro bom exemplo das características transformadoras propiciadas por um grupo psicológico.

Para Le Bon, as transformações seriam causadas pelo que ele denomina de inconsciente, já que, segundo suas idéias, não existe nada que uma pessoa faça que não tenha a motivação do inconsciente. O inconsciente sobrepuja a consciência individual e conseqüentemente a identidade da pessoa. Dentro de seu enfoque, o inconsciente seria formado pela vivência de centenas de gerações, de experiências que existem e que não estão à disposição do sujeito, mas que soterram, às vezes, a consciência individual, determinando as ações pela sua força incontrolável.

Entretanto, à luz da Psicanálise, podemos dizer que os impulsos em estado de repressão podem não se expressar sob algumas circunstâncias propiciadas pelo grupo. Desfeita a repressão, os impulsos viriam à tona e alterariam a consciência pessoal. A consciência soterrada pelas conseqüências da inserção do sujeito no grupo faria com que o indivíduo perdesse a auto-referência da sua ação. Ele passaria, então, a guiar-se pela ação grupal, regida por motivações inconscientes, que seriam, de uma forma global, catalisadas pelo grupo.

É interessante observar que se tal condição fosse estabelecida pelo sujeito sozinho, o mesmo se afastaria da realidade, agiria movido por impulsos incontroláveis, suas ações seriam irracionais, próximas de um estado bastante comprometido ou patológico.¹⁵

¹⁵ Dejours, C. Repressão e Subversão em Psicossomática. Rio de Janeiro, Zahar, 1991.

Nos grupos, ao contrário, os impulsos catalisados fazem a pessoa renunciar à sua identidade pessoal. Porém, tal renúncia é compensada pelo ganho da identidade do grupo. O inconsciente formado pelo coletivo faz sucumbir a consciência pessoal. Se uma jovem, por exemplo, por algum motivo vem a ingressar num grupo de Hare Krishna, não mais manterá sua identidade individual, muitas vezes, não conservará nem mesmo o nome que lhe foi dado pela família, mas assumirá outro dado pelo grupo.

- II -

As Idéias de Le Bon

Ao nos aprofundarmos nas idéias de Le Bon (1895), notamos que quando alguém entra e começa a fazer parte de um grupo, não ocorrem apenas alterações nele ou na sua personalidade, mas ele passa a ganhar, o adquirir novas características.

Tais características, muitas vezes, não fazem parte do repertório anterior da pessoa, mas pelo contágio grupal, passam, muitas vezes, a ser dominantes na sua personalidade. Não é nada infreqüente a afirmação: “Depois que ele passou a freqüentar o lugar X, transformou-se, virou uma outra pessoa”.

Para Le Bon, as características recentemente adquiridas pelo indivíduo através do grupo são propiciadas por algumas condições, entre elas, a numérica. O sujeito, sentindo-se forte por “ser muitos”, modifica a sua avaliação interna, acaba por conceber-se como alguém especial, como alguém indestrutível, um super-homem .

Referindo-se às idéias de Le Bon, Freud destaca que

O indivíduo que faz parte de um grupo adquire, unicamente por considerações numéricas, um sentimento de poder universal que lhe permite render-se aos instintos que estivesse ele sozinho, teria compulsoriamente mantido sob coerção. Ficará ele ainda menos disposto a controlar-se pela consideração de que sendo um grupo anônimo e, por conseqüência, irresponsável, o sentimento de responsabilidade que sempre controla os indivíduos, desaparece inteiramente. (Apud Freud, 1921, p. 85)

Observamos que os adolescentes, quando sozinhos, podem passar quietos não mexendo com ninguém na sua rua, suas características sendo de timidez e de introversão. Porém, não raro, quando estão em grupo, tornam-se expansivos, às vezes violentos, corajosos, brigões.

Parece que a pessoa, pela influência do grupo, imbuí-se verdadeiramente de um poder que não lhe é próprio e a partir daí passa a fazer coisas, que em outras circunstâncias, não faria. Libera desta feita certos movimentos ou ações, que na sua existência pessoal, não estariam presentes em seu repertório dominante.

Uma outra consequência provocada pela influência do fator numérico é que o indivíduo funde-se com o grupo. Como já vimos, no grupo ele se torna, vamos assim dizer, anônimo, e através de seu anonimato, deixa de ser responsável pelos seus atos. No anonimato quebra-se “orelhão” (telefone público), praticam-se atos de vandalismo.

Se olharmos alguns movimentos grupais em nosso país, principalmente os de jovens, perceberemos claramente esta verdade. Em Brasília, gangues, como aquelas existentes no Estados Unidos, praticam artes marciais para enfrentar-se nas ruas. No Rio de Janeiro, movimentos funks enfrentam-se a cada fim-de-semana, nos términos dos bailes, e os arrastões tornam-se freqüentes nos lugares públicos, principalmente nas praias e nos trens da Central do Brasil. Jovens, em bando, ateam fogo em índio indefeso, que inocentemente dormia após festejos de sua tribo. Será que as situações referidas aconteceriam se as mesmas pessoas envolvidas estivessem sozinhas?

No grupo, o poder é enaltecido. As expressões “nada pode comigo”, “somos os melhores” passam a fazer sentido dentro do contexto grupal, já que pelo estado de fusionamento e por consequência da renúncia à identidade pessoal, o anonimato, que

isenta das responsabilidades pessoais, libera impulsos destrutivos, pela ilusão, infelizmente muitas vezes real, de que não haverá punição para ações nefastas.

Ações nefastas que, como aquelas que observamos em nossa história recente, eram praticadas pelas torcidas uniformizadas dos clubes de futebol. Não precisamos ir longe em busca da memória para resgatarmos fatos lamentáveis, como aquele que aconteceu no Pacaembú, onde as torcidas do São Paulo e do Palmeiras enfrentaram-se, fazendo uma morte e deixando milhares de feridos. O mais incrível, apenas como ilustração, é que a mãe do menino que assassinou o outro à pauladas, quando diante das cenas mostradas pela televisão, exclamava não ser aquele seu filho; o assassino, por seu lado, não se reconhecia em suas ações. Sua personalidade, até aquele momento, não havia manifestado qualquer traço de agressividade incontida, ou de violência assassina.

Nada, claro está, desculpa a violência. A obediência às leis deveria ter como efeito a inibição de comportamentos grupais como esses que relembramos. Mas o indivíduo, contagiado pelo fator numérico, exagera a intensidade de suas ações, perdendo o controle racional de seus movimentos.

Uma outra causa apontada por Le Bon para explicar as razões pelas quais a personalidade individual é sobrepujada pela grupal refere-se ao fenômeno do contágio.

O contágio é um fenômeno cuja presença é fácil estabelecer e difícil explicar. Deve ser classificado entre aqueles fenômenos de ordem hipnótica que logo estudaremos. Num grupo, todo sentimento e todo ato são contagiosos, e contagiosos em tal grau, que o indivíduo prontamente sacrifica seu interesse pessoal pelo coletivo. (op. cit., p. 86)

Esse contágio seria propiciado pelos sentimentos e ações que circulam no grupo. Ou seja, uma pessoa que faz parte de um grupo tem sentimentos e ações que não ficam restritas a si mesmas, circulam entre os membros do grupo, mantendo a reciprocidade. Assim, quando alguém se emociona e esta exaltação emocional afeta os outros, gera-se

uma verdadeira comoção. A televisão nos mostra, por vezes, pessoas que pertencem a certos grupos religiosos de mãos dadas e erguidas, chorando, berrando, contagiadas pela mesma emoção. Quando alguém relata um milagre, uma graça alcançada, todos são afetados pelo choro e por estados afetivos similares.

Uma outra variável, que influência de maneira determinante uma pessoa no grupo, é a sugestão.

Podemos conceituar a sugestão como sendo uma influência irracional que atinge uma pessoa cujo poder crítico está bastante rebaixado, a ponto de não conseguir, por livre e espontânea vontade, opor-se a essa influência.

As investigações mais cuidadosas parecem demonstrar que um indivíduo imerso por certo lapso de tempo num grupo em ação, cedo se descobre - seja em consequência da influência magnética emanada do grupo, seja devido a alguma outra causa por nós ignorada - num estado especial, que se assemelha muito ao estado de fascinação em que o indivíduo hipnotizado se encontra nas mãos do hipnotizador. A personalidade consciente desvaneceu-se inteiramente; a vontade e o discernimento se perderam. Todos os sentimentos e o pensamento inclinam-se na direção determinada do hipnotizador.(id.,ibid.)

Suponhamos uma senhora viciada em pirulitos. No seu almoço, no seu jantar, no café da manhã, o que encontramos? Pirulitos. Ela então procura um tratamento hipnótico. Apesar de estar a hipnose voltando à moda nas terapias atuais, é bem distinta daquela que foi abandonada no início do século. O hipnotizador, após tê-la adormecido, sugere que, quando desperta, sempre que lhe ocorrer a vontade de chupar pirulito, ela irá cantar uma música bem alto, além de dar três pulinhos. E ela o faz. Neste nosso caso fictício, a pessoa, no caso esta senhora, apesar de consciente do que está fazendo, desconhece a motivação das suas ações.

Num grupo a situação é bastante parecida, pois ao mesmo tempo em que certas faculdades são destruídas, outras podem ser conduzidas a um alto grau de exaltação. Assim,

sob a influência de uma sugestão, empreenderá a realização de certos atos com irresistível impetuosidade. Essa impetuosidade é ainda mais irresistível no caso dos grupos do que no do sujeito hipnotizado, porque sendo a sugestão a mesma para todos os indivíduos do grupo, ela ganha força pela reciprocidade.(id.,ibid.)

Uma pessoa hipnotizada não está acordada, mas sim adormecida. Uma pessoa acordada não se deixaria influenciar assim tão facilmente e nessa profundidade por uma outra. Na situação grupal, para que as pessoas tenham suas características modificadas ou um repertório novo a elas acrescentado, um estado muito parecido com o da hipnose deve estar presente.

No grupo, pela condição do contágio e das influências do inconsciente grupal, a pessoa, o indivíduo ficam como que apartados da sua consciência individual, prestes a receber, a aceitar uma sugestão qualquer, já que suas defesas estão relaxadas e fragilizadas. Assim, sua resistência à influência de outros, pelo conseqüente rebaixamento de sua consciência pessoal, leva-o a uma aceitação dos ditames do grupo. A sugestão, por ser a base do estado de contágio, faz com que os componentes de um grupo se sugestionem reciprocamente.

Assim, uma pessoa inserida em um grupo age da mesma forma que alguém hipnotizado, podendo ter atitudes totalmente distintas daquelas, que no seu cotidiano, seriam dela esperadas.

Uma pessoa culta, inteligente, calma, introvertida, motivada a freqüentar uma determinada religião pode ter, como conseqüência, suas características pessoais alteradas. Não seria, então, nenhuma surpresa se a encontrássemos numa seita de fanáticos, com os braços erguidos e gritando de maneira entusiástica, sem observar

qualquer limite. Alterada pela sugestão, afastou a noção de EU. Como resultado da sugestão recíproca, a pessoa passa a agir, a pensar, a sentir de um jeito muito distante do seu próprio, passando a viver, inclusive, com as novas alterações sofridas em seu psiquismo, alterações estas provocadas pela sugestão grupal.

Os grupos tornam-se, do ponto de vista psicológico e pela sua importância, uma formação humana bastante interessante. Determinam e levam o sujeito para muitos lugares, alguns longe, muito longe dos planos de sua pretensão pessoal. Prometem alguns deles até mesmo o fim do mundo, e evidentemente, mesmo não se cumprindo a profecia, seus adeptos continuam a acreditar.

Além disso, pelo simples fato de fazer parte de um grupo organizado, um homem desce vários degraus na escala da civilização. Isolado, pode ser um indivíduo culto; numa, multidão é um bárbaro, ou seja, uma criatura que age pelo instinto. Possuía espontaneidade, a violência, a ferocidade e também o entusiasmo e o heroísmo dos seres primitivos.(op.cit.p.88)

Pelas formas gerais do grupo, podemos observar um funcionamento da mente grupal de certa forma bastante infantilizado, meio mágico, impulsivo, todas essas características verdadeiramente incompatíveis com traços mais maduros, de uma inteligência mais elevada, de uma atividade intelectual mais apurada. O que ocorre com seus componentes, para Le Bon, seria um rebaixamento da capacidade intelectual e, como resultado dessa condição, a capacidade de julgamento, de diferenciação torna-se também reduzida, transformando os seus componentes em indivíduos impulsivos, de humores mutáveis e bastante irritáveis.

Nesse sentido, não mais estranharemos como os grupos estão sempre encontrando algum inimigo. Seitas contra seitas, clube contra clube etc.

A fim de fazer um juízo correto dos princípios éticos do grupo, há que levar em consideração o fato de que, quando indivíduos se reúnem num grupo, todas as inibições individuais caem e todos os instintos cruéis, brutais e destrutivos, que neles jaziam adormecidos, como relíquias de uma época

primitiva, são despertados para encontrar gratificação livre. Mas, sob a influência da sugestão, os grupos também são capazes de elevadas realizações sob a forma de abnegação, desprendimento e devoção a um ideal. Ao passo que os indivíduos isolados o interesse pessoal é quase a única força motivadora, nos grupos ele muito raramente é proeminente. É possível afirmar que um indivíduo tenha seus padrões morais elevados por um grupo. Ao passo que a capacidade intelectual de um grupo está sempre abaixo da de um indivíduo, sua conduta ética pode tanto elevar-se muito acima da conduta deste último, quanto cair muito abaixo dela. (op.cit.pp.89 - 90)

Podemos imaginar as variações do que pode ocorrer com uma pessoa inserida em um grupo ou em um grupo como um todo. Impulsos essencialmente cruéis podem vir a emergir, a contagiar as ações grupais. Massacres, como os que cotidianamente presenciamos, acontecem com alguém que, por um infeliz acaso, acabou encontrando os membros de um grupo possuídos pela fúria, pela irracionalidade.

Por outro lado, uma pessoa pode praticar atos verdadeiramente heróicos quando contagiada pelo espírito grupal. Sua vida, neste momento, pouco importa, o importante é agir, não decepcionar o grupo. Feitos relevantes podem, sem qualquer sombra de dúvida, ser realizados por grupos ou seus componentes. Nas grandes tragédias, nas grandes catástrofes, em certas situações, as pessoas, movidas pelo espírito grupal, realizam façanhas das quais, sozinhas, nunca seriam capazes, ultrapassando, freqüentemente, seus próprios limites físicos e mentais.

Estamos defrontando-nos com um grande paradoxo no que toca a mente grupal e valor ético das suas ações!

Uma outra situação, que poderá nos auxiliar a entender o fenômeno da mente grupal, pode ser constatada especialmente em relação aos objetivos grupais. Na maioria das vezes, orações se pautam pela imediatez. A vontade do grupo deve e tem de ser executada sem demora. A satisfação tem de vir imediatamente. Não existe possibilidade

de espera, para que as coisas se organizem, e a conquista do almejado venha no seu devido tempo. No grupo, o **agora** fala mais alto.

Quando um intenso desejo atinge um determinado grupo e sua satisfação não é conseguida, o grupo busca uma alternativa alucinatória.

Podemos observar que um bebê em seu estado de fome, alucina um seio e assim consegue um adiamento para a sua satisfação real por mais algum tempo. Mas como alucinação não enche barriga, quando essa alternativa alucinatória não se mostra suficiente para saciar o seu estado faminto, ele chora, berra, esperneia. Os grupos, por seu lado, agem de forma muito semelhante. Não conseguindo adiar a realização de uma certa necessidade ou intenção, passam a atuar, a agir impensadamente. Muitas de suas ações tornam-se verdadeiramente catastróficas, nada eficientes, inclusive, para resolver o seu estado de privação, ou a realização de vontades e objetivos.

Tempos atrás, os adeptos de uma certa seita americana cometeram suicídio coletivo, pois alucinavam, a partir da constatação da proximidade de um cometa da Terra, o sinal do fim do mundo. Não esperaram a aproximação do cometa e o fim dos tempos, anteciparam o desfecho final, matando-se.

Essa ocorrência não é a primeira e nem será a última, pois os membros de um grupo são incrivelmente crédulos e abertos à influência, seja qual for, especialmente, com certeza àquelas que pertencem ao repertório de crenças de seus membros fanáticos.

Temos algumas hipóteses para pensar a respeito desses grupos, que volta e meia aparecem e desaparecem, por suas próprias ações, cumprindo um ideário que em nada corresponde à realidade, possuindo crenças que não suportariam o menor teste de realidade. Parece-nos que a fantasia tomou conta da totalidade do funcionamento mental dos membros do grupo, como se seus membros ficassem ao sabor da livre imaginação,

de crenças inabaláveis, delirantes, próximas de estados psicóticos, de um funcionamento mental muito primitivo ou doentio.

Pelo seu alto grau de sugestibilidade, o grupo funciona, pelo que vemos, de uma forma mágica, e como nas mágicas, acredita no poder das palavras. Não no poder do discurso lógico, concatenado. Pelo contrário,

um grupo, ainda está sujeito ao poder verdadeiramente mágico das palavras, que podem evocar as mais formidáveis tempestades na mente grupal, sendo também capazes de apaziguá-las. A razão e os argumentos são incapazes de combater certas palavras e fórmulas. Elas são proferidas com solenidade na presença dos grupos e, assim que forem pronunciadas, uma expressão de respeito se torna visível em todos os semblantes, e todas as cabeças se curvam. Por muitos são consideradas como forças naturais ou como poderes sobrenaturais. A esse respeito, basta recordar os tabus sobre nomes entre os povos primitivos e os poderes mágicos que atribuem aos nomes e às palavras. Muitos grupos, na realidade, exigem ilusões e não podem passar sem elas. Constantemente dão ao que é irreal precedência sobre o real; quase tão intensamente influenciados pelo que é falso quanto pelo que é verdadeiro. (op.cit.pp.90-91)

Podemos pensar, assim, no funcionamento de muitos grupos de fanáticos que encontramos em nosso cotidiano. Por sinal, o fanatismo religioso parece ter ganho uma força considerável, mesmo agora que os mistérios do mundo, em grande parte, estão sendo desvendados pela ciência. Porém, se o mundo, com toda sua cruel realidade, bate às portas de todos, mesmo que seja pelas imagens virtuais de um aparelho de televisão, como uma fórmula mágica de superação da realidade, as ilusões ganham valor de fato concreto, a convicção substitui qualquer dúvida.

No entanto, as ilusões precisam ser alimentadas. Cria-se a ilusão, e como o grupo pensa preferencialmente por alusões e imagens, a ilusão é reproduzida ao infinito.

Encontramos algo muito parecido em nossa vida social, claro que de forma muitas vezes atenuada. As campanhas publicitárias utilizam seu gênio criativo para fabricar ilusões. Inventam uma determinada marca. As pessoas compram a marca, por ter

a ilusão de um estilo. Por acreditar que podem se tornar aquilo que a palavra mágica da marca sugere. E, como no capitalismo a criação se reproduz de forma um tanto anárquica, para manter a ilusão da periferia despossuída, começa-se então a falsificar a marca inventada e, a falsificação é comprada, motivada pela mesma ilusão contida na criação da marca.¹⁶

A televisão, apenas como uma pequena ilustração e sem querer me afastar de nosso intento principal, parece-me ser um bom exemplo deste fenômeno. Em sintonia com um determinado canal, existem grupos de vários segmentos da população. Para uma determinada parcela, com determinadas características, existe uma linguagem planejada e dirigida. Assim, os comerciais veiculados pelo SBT são muito diferentes dos veiculados pela Rede Globo ou pela TV Cultura, diferenciados para cada horário. Para determinados grupos, cria-se a ilusão de um baú cheio de felicidade, que leva multidões a rechaçarem os argumentos lógicos que comprovam o engodo.

Segundo Le Bon, será natural o grupo possuir um líder, pois, onde quer que existam seres vivos, haverá a necessidade de ter alguém para exercer a liderança. Então, na sua concepção:

um grupo é um rebanho obediente, que nunca poderia viver sem um senhor. Possui tal anseio de obediência, que se submete instintivamente a qualquer um que se indique a si próprio como chefe(...) Deve ser fascinado por uma intensa fé (numa idéia), a fim de despertar a fé do grupo; tem de possuir vontade forte e imponente, que o grupo, que não tem vontade própria, possa ela aceitar.(op.cit.p.91)

Assim, quanto mais fanático for o líder, quanto mais acreditar verdadeiramente nas idéias que defende, mais ele cria ilusões, tornando-se seu verdadeiro representante.

As formulações de Le Bon nos ajudam a entender como e porque em determinados grupos, quanto mais os seus líderes forem atacados, mais os seus membros

¹⁶ -

os defenderão. E, quanto mais atacado for um líder de um grupo, mais fantasiosa será a sua defesa.

Não é difícil encontrar seguidores, adeptos uma vez que, como estabelecemos no início, praticamente não existem indivíduos totalmente isolados de outros, e sempre ocorre uma inter-relação com alguém, ou com o pensamento de alguém. E os grandes ilusionistas, líderes religiosos das grandes seitas que se propagam pelo mundo, as lideranças políticas, de fato acreditam em suas idéias, tão ou mais fanaticamente do que seus próprios seguidores. Eis o segredo de sua eficácia.

- III -

Alguns Aspectos da Vida Mental dos Grupos

Até agora estivemos estudando algumas formulações de Le Bon. Na realidade, estas não apresentam nenhuma novidade, apesar da sua importância para entendermos os fenômenos grupais.

Parece-nos que o interessante para nossa abordagem é a concepção que nos apresenta Le Bon, de que o inconsciente sobrepuja o indivíduo. Tal formulação de inconsciente tem, para nós, uma relevância considerável, pois implicará no entendimento das forças presentes na determinação das ações de uma pessoa ou de um grupo de pessoas.

Além disso, Le Bon nos aponta que nos grupos ocorre uma certa regressão na vida mental dos seus componentes, e que o grupo como um todo tem um funcionamento mental muito próximo da vida mental de povos primitivos, ou das crianças, que acreditam nas ilusões e nas soluções mágicas.

Por outro lado, sabemos que um homem, quanto menos estiver inserido em uma cultura, quanto menos amadurecida for sua maneira de avaliar o mundo, intelectualmente, também tenderá ao pensamento mágico e passará a explicar os fenômenos da natureza e os fatos da vida pela causalidade, provocada por entes invisíveis, por Deus, por algum espírito, ou de acordo com o seu desejo, criando uma situação imaginária, não embasada na análise dos fatos.

O homem, assim, funcionaria pelo impulso que ganharia certa representação mística: “ Se estou desempregado é por vontade de Deus”; “ Se meu filho adoece é por

que alguém assim o desejou”. “Foi olho gordo”. Parece ser necessário um alto grau de desenvolvimento egóico para que as coisas sejam consideradas como obra das circunstâncias, da conjuntura, da estratosfera, não da intencionalidade de espíritos, ou de alguém.

Os grupos a que se refere Le Bon são grupos efêmeros, passageiros, que não têm qualquer forma de organização, aglomerados que surgem incentivados por algum objetivo bem passageiro.

As torcidas dos clubes de futebol apresentam estas características, mesmo nas partidas distantes, em uma outra cidade, estado ou continente. Através de uma “corrente prá frente”, por exemplo, acham que podem impulsionar os jogadores até numa Copa do Mundo realizada em país distante.

McDougall (1920), em seu livro *A Mente Grupal*, defende teses um pouco diferentes das de Le Bon. Para ele, um grupo sem organização não deveria merecer esse nome. Deveria ser denominado de aglomerado, ou simplesmente multidão.

Uma multidão, dentro desse contexto teórico, seria propiciada por certo fenômeno que faria com que as pessoas se juntassem, mas com vínculos muito precários entre si. Mesmo assim teríamos vários graus, vários tipos de multidões, desde as totalmente acéfalas, até as implicitamente organizadas.

Como exemplo dessa última, podemos pensar no Metrô às 18 horas, em pleno horário de pico, numa cidade como São Paulo. Trata-se de uma multidão, mas de uma multidão orientada, não totalmente acéfala, pois, existe toda uma dinâmica da Companhia do Metrô que controla o fluxo de pessoas, os horários dos trens. Existe uma inteligência que orienta as pessoas, a multidão aparentemente solta: regras que foram estabelecidas e que são seguidas, sem que as pessoas se dêem conta. Se tais regras não

existissem, a balbúrdia seria instalada. As pessoas seriam pisoteadas, as catracas seriam puladas, não se respeitaria a ordem de chegada entre os usuários para a entrada no trem.

Uma multidão por ela própria acéfala torna-se incontrolável. O elo de ligação, de investimento entre os seus componentes é inegavelmente frágil, e a consideração pelo outro, fica, claro, reduzida a zero.

Quando se perde o controle dos trens, por exemplo, a massa torna-se acéfala e, suas ações, na maioria das vezes, extremamente catastróficas. Este, precisamente, é um fenômeno das multidões, da sua psicologia, para o qual não se tem qualquer “reserva de mercado” nos países do terceiro mundo. Quebradeiras ocorrem em todos os cantos do planeta, não só pelo atraso do trem, mas também pelo fato de que uma equipe de basquetebol, ou de outro esporte qualquer perde o título para outro time.

Os grupos psicológicos para McDougall são definidos como aqueles que possuem um traço de caráter próprio, identificável, além de um interesse comum, que é, então, defendido pelos seus membros - um interesse comum em relação a algum objeto específico, que através do objeto de interesse de todos, funcionará como fator facilitador, criando determinada inclinação emocional semelhante entre as pessoas que compõem o grupo.

E o grupo necessita dessa inclinação emocional semelhante, caso contrário, não irá constituir-se como grupo.

Se observarmos as pessoas que freqüentam alguns cultos religiosos, não importa de que tendência, poderemos vê-las com as mãos para o alto, gritando o nome do Senhor de forma desesperada. Se alguma pessoa entre elas possuisse inclinação emocional distinta das outras freqüentadoras, provavelmente não estaria ali. Então

pressupomos existir alguma inclinação emocional comum, provocando a ocorrência da influência recíproca.

Organizações anônimas, como por exemplo os Alcoólicos Anônimos, os Neuróticos Anônimos, Os Jogadores Compulsivos Anônimos etc, também constituem grupos já que seus membros possuem um objetivo comum, e, também, estabelecem vínculos emocionais, exercendo, sem dúvida, influência mútua, recíproca entre os freqüentadores. Entretanto, somente quando vier a ocorrer a imersão da pessoa no grupo é que os relatos poderão exercer uma influência na mente dos outros participantes. Nos Alcoólicos Anônimos, a influência recíproca ocorre pelo fato de terem em comum, por um lado, a mesma propensão para o álcool e, por outro, um interesse pelo mesmo objeto, isto é, o parar de beber.

Estes grupos anônimos constituem-se em grupos psicológicos, já que apresentam, segundo MacDougall, algumas propriedades que os caracterizam, especialmente a influência recíproca. O relato da vida de um vai influenciar a vida do outro e, por esta “identificação” e reciprocidade, o grupo mantém-se. “Eu quero contar a minha história para as outras pessoas do grupo, assim como elas relatam para mim as dificuldades das suas vidas, e sua vitória em relação ao álcool passará a ser a minha”.

Algumas circunstâncias que envolvem os grupos acima mencionados parecem alterar o funcionamento mental individual de seus componentes pois, cada componente vai, progressivamente, na medida da sua imersão, ganhar a forma de funcionamento mental que existe no interior do grupo. Assim, por exemplo, não adianta a pessoa iludir-se dizendo que vai comparecer a um só encontro, a uma só reunião de algum grupo de ajuda mútua. Se ela, de alguma maneira, se identifica inicialmente com o grupo, esperando, através deste, obter uma transformação, interior ou de comportamento, irá

voltar. Para que o grupo tenha alguma influência sobre o comportamento individual, será necessário que, pelo menos, a diferenciação entre indivíduo e grupo diminua a distância que separa seus integrantes. O que irá ocorrer paulatinamente.

Pela influência recíproca, característica dos grupos psicológicos, teremos a intensificação da emoção, e na medida em que tal intensificação passa a contagiar outros membros, os limites mentais, as fronteiras que separam as pessoas estreitam-se, propiciando um estado de fusionamento entre os membros, e destes com os objetivos do grupo.

Quando no grupo ocorre uma explosão emocional, raramente encontramos alguém, que a ele pertença, portar-se de forma indiferente; pelo contrário, o que encontramos é uma situação em que um contagia o outro e a emoção salta para um patamar mais intenso do que aquele inicial. Se uma pessoa se emociona, a tendência esperada é que essa emoção se multiplique, ganhe os outros membros; quando retorna ao sujeito de origem, a carga emocional, a ele devolvida, provoca alteração na pessoa que passa agora a receptora. Entre as pessoas, parece que se estabelece um estado de fusionamento psíquico pela elevação do estado emocional. Pelo fato de termos os estados emocionais intensificados, a racionalidade perde força, os pensamentos individuais, se não são inexistentes, não conseguem reverter a situação, ou manter um julgamento de maior isenção. Além disso, a compreensão intelectual, dos membros individualmente e do grupo como um todo, sofre um rebaixamento acentuado. Desempenho intelectual adequado e estados emocionais alterados parecem manter uma relação inversamente proporcional.

Muitas vezes, como já dissemos, torna-se surpreendente quando alguém, com um certo nível cultural e de inteligência mais elevada, ao entrar para um grupo, passa a agir

e a pensar como os outros membros; às vezes, de maneira até mesmo incompatível com a sua condição.

Para McDougall isso acontece devido ao fato de que as mentes inferiores, isto é, pessoas com a capacidade intelectual rebaixada, trazem para o seu nível o restante do grupo. Isto implica que a capacidade intelectual do sujeito, quando inserida no grupo, ficará abaixo de seu nível normal. Enfim, o funcionamento mental de um grupo, neste sentido, dar-se-á pelo que existe de menos e não pelo que existe de mais elevado.

Taylor partilhava de quase idêntica opinião. Afirmava que quando existia um certo desnivelamento pessoal entre os trabalhadores de uma fábrica, a tendência era a de que o nivelamento se estabelecesse por baixo.¹⁷

O grupo, não obstante, exerce sobre a pessoa, ao que parece, uma certa intimidação da expansão da sua individualidade, pois uma vez inserida no grupo, ela não deverá portar-se, de uma forma geral, de acordo com a sua orientação pessoal, mas sim, de acordo com a do grupo de que faz parte. Caso isso não aconteça, ela poderá ser excluída, mesmo sem motivo aparente, apenas por contrastar com as ações grupais.

Um outro fator que influencia o desempenho intelectual do grupo está relacionado à responsabilidade pessoal. A crítica pessoal, de um certo modo, tem que ser paulatinamente abandonada, caso contrário o sujeito não se deixará contagiar pelos estados emocionais reinantes no grupo.

É interessante observar nesta altura que essa condição é muito comum, bastante freqüente até, encontrada quase que impreterivelmente em todos os grupos, pois, parece que as pessoas pouco resistem a um estado de fusão com os membros do grupo. Parece, à primeira vista, ser muito prazeroso contagiar-se pelos estados emocionais do grupo,

pois, desta maneira, ocorre a liberação das tensões emocionais, uma certa descarga, e a sensação de alívio é fruída deliciosamente. Para a psicanálise, de um modo geral, as tensões, quando descarregadas estabelecem um registro mental prazeroso, coincidindo descarga com prazer. Os relatos em sessões das organizações anônimas, os grandes sermões acompanhados de milagres ou a comoção podem, agora, ser um pouco mais entendidos, pois, como descargas emocionais, estabelecem um estado de prazer e de gozo.

As atividades que envolvem contágio emocional e descarga não poderiam ser mesmo verdadeiramente desprazerosas, pois, do contrário, as práticas religiosas e de tantos outros grupos não atrairiam tantos adeptos, tantos participantes.

Mas apesar de McDougall postular, no geral, que ocorre uma certa redução, um certo rebaixamento da capacidade intelectual dos grupos, ele também afirma que existem, no entanto, algumas maneiras de fazer com que a vida mental e intelectual dos grupos seja ou atinja um patamar mais elevado. Para que isso ocorra, torna-se necessário que o grupo tenha certa continuidade; sua existência tem de dar-se por um tempo considerável, para que seus membros possam conviver por mais tempo. A longevidade do grupo leva-o a um nível mais elevado de organização, exige uma certa formalização, com o estabelecimento de funções claras e bem definidas para os seus componentes.

Se tomarmos uma empresa como exemplo, podemos perceber que se ela é bem organizada e já tem um tempo de história percorrida, de uma forma geral, as pessoas tendem a nela permanecer por um período mais longo de tempo. A empresa, assim, é um grupo muito bem organizado; nela, existem posições muito bem definidas, além de um

¹⁷ Taylor, F.W. Princípios de Administração Científica. São Paulo, Atlas, 1985.

certo rodízio, entre seus empregados na ocupação de posições, com papéis bem delimitados.

No geral, para que o grupo tenha um desempenho intelectual mais avançado, torna-se necessário, também, que as pessoas que o compõem tenham uma boa idéia de sua natureza, de sua composição, da função de cada uma, de sua capacidade enquanto grupo, isto é, do que o grupo pode vir a atingir. Isso tudo faz com que a pessoa inserida no grupo passe a estabelecer uma certa relação emocional com a totalidade, com o conjunto deste e não apenas com seus aspectos periféricos. Essa condição geral vai possibilitar uma relação estável e persistente do sujeito com o grupo, especialmente porque, de uma maneira mais profunda, a pessoa torna-se muitíssimo mais envolvida com o grupo.

Qualquer grupo que tenha um funcionamento mais adequado e um desempenho intelectual mais elevado propicia ao sujeito uma boa noção da sua posição. De onde ele se encontra, pode, sem grandes dificuldades, descrever o grupo. As igrejas mais organizadas, conseguem fazer seus fiéis terem uma noção exata da posição que ocupam, como também os seus superiores.

Tomemos as seitas budistas como um ponto circunstancial para nossa análise, uma vez que elas se espalharam pelo mundo afora na década de oitenta, fenômeno muito parecido com o que ocorre com as tendências cristãs pentecostais, nos dias de hoje. Nelas, as orações, por exemplo, nem se dão na língua portuguesa, mas na língua japonesa. As pessoas vão repetindo uma certa frase com um determinado ritmo, repetindo e repetindo, pois, quanto mais a oração é repetida, maior a possibilidade da graça ser alcançada. Essas pessoas conhecem a história da seita, que colocam, como a história principal, inclusive para a sua vida; conhecem sua natureza, a sua composição e

toda sua hierarquia. Uma pessoa da periferia de São Paulo, que mal domina sua língua materna, que mal sabe como sua casa está organizada, além de rezar em japonês, conhece como está organizada a seita que frequenta, quais as funções dela e as de cada componente e quais são as capacidades da seita. Enfim, ela tem uma idéia da totalidade do grupo e passa a ter uma relação muito próxima, emocional com o grupo do qual passou a fazer parte.¹⁸

Muitas vezes, quando atacadas individualmente, as pessoas não respondem, mas, quando o grupo ao qual pertencem é atacado, as coisas tomam uma outra direção. Segundo McDougall, o grupo para ter um funcionamento mais apurado, deve encontrar outros grupos semelhantes para rivalizar-se. A consequência disto é a demarcação e o fortalecimento da identidade grupal, que faz com que seus membros se envolvam de forma mais contundente.

Além dessa condição, a da rivalidade, o grupo deve passar para seus membros uma história, na forma de tradição, assim como hábitos e costumes, pois deste modo poderá influenciar determinantemente as relações das pessoas que o compõem; as histórias, os hábitos e os costumes pessoais passam então a ser coincidentes com os do grupo.

Mas retomando a questão do trabalho intelectual do grupo, para se obter um melhor desempenho, uma maior eficácia, o trabalho intelectual deve ser delegado a uma ou outra pessoa. O trabalho intelectual não deve ser responsabilidade do conjunto do grupo, mas ficar restrito apenas a alguns, o que entretanto for produzido passará a ser trabalho de todo o grupo como um todo.

¹⁸ Freitas, M.E. Cultura Organizacional: Formação, Tipologias e Impacto. São Paulo, McGraw-Hill, 1991.

Dai a pergunta: uma pessoa que realiza um trabalho intelectual sozinha, que escreve uma grande obra, por exemplo, não poderia ser produto de um grupo e ser o seu melhor representante? Provavelmente, visto que ninguém está acima de tudo e isolado de todos. Então, um grupo pode levar uma pessoa a ter uma atividade intelectual essencialmente destacada, e sua produção será uma bela representação do grupo a que pertence, mesmo que individualmente não se dê conta. Assim, segundo as condições, os grupos podem elevar as possibilidades intelectuais individuais, e não apenas e exclusivamente, rebaixá-las.

E com isso retornamos às ponderações sobre a sugestão. Se a sugestão é algo de grande importância para entendermos o funcionamento dos grupos, devemos deter-nos um pouco mais nela.

Afinal, o que seria a sugestão? Seria dizer a alguém que faça algo? Não, apesar de estarmos muito acostumados a dizer “sugiro que você faça isso ou aquilo”. Quando pensamos que alguma pessoa está sendo sugestionada por outras, na verdade, não ouvimos, na maioria das vezes, esta outra pessoa dizer “você deve sentir tal coisa”. A pessoa simplesmente sente. Ninguém precisa dizer a alguém que pense algo determinado, o outro somente pensa. Isto é sugestão. Se formos seguir o modelo encontrado de sugestão no processo hipnótico, sabendo que uma das condições para alguém ser hipnotizável está no grau de sugestionabilidade que possui, perceberemos que, do ponto de vista técnico, a sugestão é uma influência exercida sobre o outro, na qual a lógica é abandonada de todo seu fundamento. Não há o que explicar, ela apenas acontece. Mas, o que explica a sugestão?

Retomando o modelo da hipnose, uma pessoa deixa-se hipnotizar por outra, porque acredita, confia piamente na outra; deixa de resistir a ela, entrega-se, torna-se

totalmente submissa. Só podemos entender e encontrar a submissão em dois casos: quando se ama ou quando se teme ser aniquilado. Então, o hipnotizador ocupa na mente do hipnotizado o lugar da representação de figuras, nas quais, inconscientemente, o hipnotizado ama, ou intensamente teme, e por isso submete-se.

IV

Freud e a Mente Grupal

Para Freud, as relações libidinais determinam os fenômenos grupais, e também são e estão na base do enigmático processo sugestivo.

Não se trata aí de relações sexuais estabelecidas entre os membros do grupo. Muito pelo contrário, se houvesse sexo, no sentido comum da palavra, ou seja, relações sexuais, o grupo não funcionaria enquanto tal. A libido pode ser entendida como a energia sexual, ou o representante de Eros. O amor, a representação das coisas que estão na esfera do amor: o amor fraterno, o amor pela sabedoria, o amor pela preservação da natureza, o amor pelas pessoas, a si mesmo. A libido, por ser energia sexual, pode, contudo, sofrer inibição e desvio das suas finalidades, por isso podemos ter amizades dessexuadas: amizades de homens com homens, de mulheres com mulheres, de mulheres com homens e vice-versa, pois a libido pode ser sublimada, desviada para um outro fim que não o exclusivamente sexual.

Libido é expressão extraída da teoria das emoções. Damos esse nome à energia, considerada como uma magnitude quantitativa (embora na realidade não seja presentemente mensurável), daqueles instintos que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido pela palavra amor. O núcleo do que queremos significar como amor consiste naturalmente (e é isso que comumente é chamado de amor e que os poetas cantam) no amor sexual, com a união sexual como objetivo. Mas não isolamos disso - que, em qualquer caso, tem sua parte no nome amor -, por um lado, o amor próprio, e por outro, o amor pelos pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objetos concretos e a idéias abstratas. Nossa justificativa reside no fato de que a pesquisa psicanalítica nos ensinou que todas essas tendências constituem expressão dos mesmos impulsos instintuais; nas relações entre os sexos, esses impulsos forçam seu caminho no sentido da união sexual, mas, em outras circunstâncias, são desviados desse objetivo ou impedidos de atingi-los, embora sempre conservem o

bastante de sua natureza original para manter reconhecível sua identidade (como em características tais como o anseio de proximidade e o auto-sacrifício)(Freud, 1921,p.101).

A libido, então, como representante de Eros. Eros como representante da pulsão de vida.

Freud (1920) apresenta uma especulação teórica em torno da origem da vida e da necessidade da morte. Seu ensaio, *Além do Princípio de Prazer*, afirma que a matéria inanimada sofre um tensionamento, e a partir desse momento origina-se a vida. Porém, as células, ou organismos muito semelhantes às células, para prolongarem esse estado de tensão, tiveram de agrupar-se e, na medida em que se agruparam, tornaram o seu tecido mais resistente, possibilitando assim uma maior duração do estado de tensão, portanto, da vida. Um exemplo desse agrupamento celular pode ser encontrado na formação do tecido epitelial. A pele tem uma consistência diferente de cada célula que a compõe separadamente, que morreriam, tranquilamente, caso permanecessem sozinhas. Desta feita, prolonga-se a vida através do agrupamento celular.

Um raciocínio bastante semelhante vai ser aplicado por Freud à formação de grupos. Eros é o que aglutina, faz crescer; Tanatos, a pulsão de morte, é o que separa. Pensemos: depois da morte de alguém, as células se desintegram, separam-se e morrem. Quando falamos de alguém destrutivo, falamos de alguém que nada preserva, que destrói, que separa. Assim, as relações amorosas são aquelas que tendem a fazer com que as pessoas se aproximem, vinculando-as através de laços emocionais, amorosos, por que não dizer. Então, está neste fato, para Freud, exatamente a essência da mente grupal e da maneira em que o grupo se forma.

Com esses argumentos teóricos em mãos, Freud passou a analisar de uma forma muito interessante e peculiar duas organizações essencialmente paradigmáticas, que perpassam e acompanham boa parte da história humana, a Igreja e o Exército.

A Igreja e o Exército não são organizações naturais como a família, por exemplo. Trata-se de grupos artificiais, isto é, necessitam de uma força externa para manter-se. A Igreja Católica não pergunta quem quer ser batizado ou não. Apenas batiza. Na maioria dos países, as pessoas servem o Exército obrigatoriamente..

Aqueles que não são batizados sofrem com o pecado original; aqueles que se recusam a servir o exército tornam-se cidadãos de segunda classe, nem emprego conseguem, por não possuírem um dos documentos mais importantes do cidadão, o certificado de reservista.

De um modo geral, sabemos que existem vários tipos, várias espécies de grupos. Grupos efêmeros ou de pouca duração, duradouros, homogêneos, naturais como a família, organizados, desorganizados.

No caso do Exército e da Igreja, dois grupos artificiais, que, como dissemos acima, necessitam de uma força externa para manter a sua coesão. Podemos dizer que o fator que pode garantir a unidade do grupo é a ilusão de que existe um líder que ama igualmente a todos, não no sentido sexual, estrito senso. Na Igreja Católica é Cristo que ama a todos de uma forma igualitária, todos os fiéis são iguais perante Cristo, que, por sinal, é o substituto ou está em unidade com o Pai. Assim, “tudo aquilo que fizeres ao menor dos meus, é a mim que o farás”, “ame ao próximo como a si mesmo”, “perante Deus todos são seus filhos”, colocam todos numa relação de irmandade, filhos de um mesmo Pai.

Já no Exército, por outro lado, os soldados são iguais perante o comandante, e ao se perceberem iguais, passam a estabelecer relações igualitárias entre si. Não existe privilégio entre um soldado e outro. Todos os soldados rasos são soldados rasos, todos os sargentos são sargentos, todos os tenentes etc.

Se acaso um soldado vier a desrespeitar o comandante, cairá em desgraça junto a seus pares e não só perante o comandante. É um outro soldado que vai prendê-lo para que sofra as punições pelo desrespeito, ou pelo ato, que pode ser considerado como uma desonra pelos seus iguais, podendo, inclusive, acabar em expulsão.

Pensamos, como ilustração, no caso da Seleção Brasileira de Futebol, quando a pátria em chuteira entra em campo para disputar uma Copa do Mundo. Todos devem obediência absoluta ao treinador, ao técnico. O grupo tem de unir-se como soldados, para defender a pátria, as nossas cores. Quando um é cortado, por exemplo, por contusão, o discurso entre os jogadores é exatamente igual: será uma grande perda, mas o grupo “tá unido...para o nosso objetivo final”.

O indivíduo em um grupo com as características dos que estamos estudando no momento, ou seja a Igreja e o Exército, encontra-se perante uma bela encruzilhada.

Como

é de notar que nesses dois grupos artificiais, cada indivíduo está ligado por laços libidinais por um lado ao líder (Cristo, o Comandante-chefe) e por outro aos demais membros do grupo (...) Pareceeria que nos achamos no caminho certo para uma explicação do principal fenômeno da psicologia de grupo: a falta de liberdade do indivíduo num grupo. Se cada indivíduo está preso em duas direções por um laço emocional tão intenso, não encontraremos dificuldade em atribuir a essa circunstância a alteração e a limitação que foram observadas em sua personalidade.(Freud,1921,p.107)

Assim, tanto a unidade de um grupo, quanto a sua desintegração pode ser, segundo Freud, atribuída aos laços libidinais existentes entre os componentes a partir do amor ao seu líder. No entanto,

a perda do líder, num sentido ou noutro, o nascimento de suspeitas sobre ele, trazem a irrupção do pânico, embora o perigo permaneça o mesmo; os laços mútuos entre os membros do grupo via de regra desaparecem ao mesmo tempo que o laço com seu líder.(Idem,p.109)

Nos exércitos em batalha podemos observar esse fenômeno, muitas vezes, como reação de pânico entre os soldados de um pelotão. Enquanto lutam, podem realizar façanhas heróicas, salvam-se, ajudam-se, enfrentam perigos atrozes, resistem às condições das mais adversas. Porém, caso venham a perder o comandante na luta, se não existir um outro que ocupe o seu posto, que mereça a mesma confiança que o anterior, o pelotão se desorganiza, os membros desarticulam-se e batem em retirada, não importando quantos feridos ficam para trás, ou a intensidade real do perigo.

Se essa condição se dá após a morte do comandante, é provável que os laços emocionais que sustentavam o pelotão tenham sido destruídos. O estado de pânico que então atinge os soldados não se relaciona ao perigo em si, mas sim à angústia do rompimento dos laços. Estes, quando ainda existentes, faziam com que os soldados pudessem enfrentar situações que envolviam perigos de grande magnitude e guardassem entre si ainda consideração e um espírito de ajuda mútua. Enfim, mantinham-se unidos.

Por Eros o grupo vive; pela falta de amor, o grupo desaparece, morre enquanto tal, desarticulando-se. Assim, torna-se “impossível duvidar de que o pânico signifique a desintegração de um grupo; ele envolve a cessação de todos os sentimentos de consideração que os membros do grupo, sob outros aspectos, mostram uns para com os outros”(op.cit. 109).

V

A Teoria Freudiana e o Entendimento dos Grupos

Daremos prosseguimento a nossa tentativa de entender o fenômeno grupal, de uma forma geral, utilizando os recursos teóricos da Psicanálise, especialmente algumas formulações de Freud. Usaremos os conceitos de Complexo de Édipo, da Identificação, da Teoria da Libido, e de narcisismo, como recursos para desvendarmos os processos grupais, a formação de um grupo e as suas entranhas, especialmente no que se refere ao seu funcionamento.

Nos dois grupos que tomamos como foco de nossa análise, a Igreja e o Exército, pudemos perceber que tanto num quanto noutro, os laços emocionais são determinantes. Por um lado com o líder que, no caso do Exército, é o comandante, sendo que na Igreja, este papel estaria localizado na figura de Cristo. Mas a identificação se daria de uma maneira muito semelhante em ambos os grupos. Só que na Igreja, o processo identificatório mantém paralelamente uma certa moção objetual, já que entre os cristãos, o amor recíproco é uma das condições para ser amado pelo Pai. A pessoa sofre, então, um duplo envolvimento afetivo, emocional: identificado com Cristo, passa a amar, do ponto de vista de um amor sensual inibido em seus fins, os irmãos. Os laços tornam-se, assim, muito mais complicados, muito mais complexos e muito mais resistentes, pois os crentes reproduzem seus laços emocionais e, por mais que a fé possa depois ser abalada, por mais que passem a criticar a Igreja e seus dogmas, eles não conseguem romper tais laços,

podendo, inclusive, mudar de igreja, de religião, para manter os mesmos esquemas, laços semelhantes.

A tendência entre as pessoas é, freqüentemente, a de formar grupos. Elas se juntam em determinadas ocasiões propícias, passam a tolerar umas às outras, estabelecendo laços de amizade, que só se firmam quando a intolerância é deixada de lado.

Outro aspecto da vida grupal, é encontrado entre famílias que vão unir-se por laços, como os matrimoniais. Elas passam a considerar-se melhor uma que a outra. Tudo o que se relaciona com seus parentes é muito maior e melhor; sua história, suas posses, seu empenho em fazer os filhos felizes. Como acontece com os sócios de uma mesma empresa, em que um sempre mantém um certo queixume em relação ao outro: um trabalha mais, o outro é que atrapalha etc.

Todas essas são expressões da ambivalência que permeia os relacionamentos humanos, cuja corrente principal e aceitável pode permanecer na consciência, a mais conhecida, a que resume em si sentimentos amistosos. A outra corrente, que nutre queixas e considerações nada agradáveis em relação ao outro ou outros, necessita ficar longe da consciência e só explode quando as razões para mantê-la ao largo da consciência são afastadas. Outro exemplo é quando um casal briga. Mesmo gostando-se e respeitando-se mutuamente, quando brigam, o outro lado da relação vem à tona, aparece de forma clara e límpida e só as desculpas posteriores conseguem, às vezes, consertar o estrago.

Assim, esse aspecto da ambivalência num grupo tem de ser trabalhado; se um de seus lados não mudasse, o grupo não poderia continuar junto.

Outra condição do psiquismo que age negativamente sobre a formação do grupo está relacionada com o narcisismo. Como sabemos, “o narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda sua libido em si mesma. O narcisismo secundário designa um retorno ao ego, da libido retirada dos seus investimentos objetais”. (Laplanche & Pontalis, 1967, p. 368). Enfim, o investimento libidinal na própria pessoa com a exclusão de investimentos no outro coloca, assim, o narcisismo na contramão da formação grupal. As pessoas narcísicas são esquivas em tornar-se parte de um grupo, não investem nos outros e, os outros, por seu turno, tornam-se antipáticos a elas. Para que um grupo exista, torna-se necessário ocorrerem laços propiciados por investimentos libidinais de fins inibidos, e o narcisismo, por ser investimento em si mesmo, age contrariamente à formação de grupo. Para que a formação de grupo ocorra, torna-se necessário um rebaixamento do narcisismo de uma forma bem ampla, para que as pessoas possam intercambiar, investir umas nas outras, dando origem a laços emocionais.

Um outro fator, por sinal um dos principais, que se apresenta também de maneira contundente na formação de grupo diz respeito à identificação. A identificação pode ser entendida como o “processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações” (Idem, p. 295). Por sinal, este é o laço emocional mais remoto que se transforma através do desenvolvimento psíquico individual em investimento objetal. Desde que a criança nasce, ela se identifica com os objetos, já que ela não consegue estabelecer a diferenciação dela própria, de seu ego e dos objetos que estão a sua volta. Em resumo, o bebê é o leite que engole e o mundo é, por assim dizer, comido pelo bebê. Neste exemplo bastante concreto da alimentação, o objeto ingerido passa a ser parte, a

ser idêntico a quem o devora. É o primeiro laço que a criança estabelece e, na medida em que ela se vai desenvolvendo, outros objetos servirão para o processo de identificação. Porém, dialeticamente, na medida em que o objeto passa a fazer parte da criança, tornando-se idêntico ao seu ego, o mesmo é destruído enquanto algo independente da sua existência. Identificar-se é tornar-se igual, e isto implica em certa destruição do objeto identificado.

Assim, a criança vai se desenvolvendo, até chegar o período da vivência do complexo de Édipo, que abordaremos bem ligeiramente, para entender como os processos identificatórios deságuam na formação de grupo. O menino, no complexo de Édipo, na sua versão positiva, identifica-se com o pai. Com isso, a catexia ou o investimento libidinal dirige-se para a mãe. Essas duas condições, num primeiro momento, ficam separadas, até que o pai torna-se ou é concebido como um intruso, e a partir de então a identificação toma uma conotação hostil. À medida que se identifica com o pai, ele ocupa o lugar do pai, livrando-se do mesmo. A partir da diferenciação anatômica entre os sexos, que passa a ter ressonância interna na criança, aparece o medo da castração. As pessoas são percebidas, agora, como diferentes. O menino deixa então de investir sexualmente na mãe, já que ela vai aparecer como um objeto proibido. A fase de latência vem amenizar, temporariamente, a vida sexual da criança. A criança não permanece da mesma forma, da mesma maneira como na vivência edípica, pois os pais enquanto objetos passam a ser objetos proibidos como alvos dos investimentos libidinais. Aquilo que era investimento libidinal passa, ou transforma-se em afeição; a criança pode ser assim educada, ou melhor dizendo, socializada.

Na adolescência, resumidamente, a tendência é a retomada dos investimentos libidinais e os objetos agora serão os representantes dos objetos da primeira infância. Na

reedição, o menino, por exemplo, pode escolher uma menina para namorar, ou para gostar de forma idealizada, por uma semelhança física ou mental, ou por contraste em relação à própria mãe. E assim, poderemos ter, por consequência, uma separação da corrente sensual inibida, afetiva, carinhosa, da corrente sexual. E, daí, a menina que é gostada e adorada, não vai ser aquele alvo do desejo sexual, pois aquela que é objeto de desejo é pura como uma santa, a santa mãe; aquela com a qual eu “transaria”, não merece minha atenção, pois se presta apenas a algo assim tão baixo. Estas podem ser consequências passageiras ou não, do complexo de Édipo.

À medida que as relações idealizadas vão tornando-se cada vez mais carnisais, a exclusão do sexo vai desaparecendo, a idealização deixa de ser tão intensa. Porém, a necessidade sexual ou o desejo, como sabemos, desaparece temporariamente após a sua satisfação. Portanto, um estado teve de existir para que, quando a necessidade novamente ocorresse, o objeto estivesse ali para a satisfação. Teve que manter, então, um investimento em um objeto por um longo tempo, como o que ocorre nos estados de paixão, de enamoramento .

Talvez, a necessidade da formação da família tenha se dado também por esta condição, pois manter o investimento em alguém por um longo tempo seria garantia de que a sexualidade teria sua satisfação facilitada.

Sabemos que, de uma certa maneira, o final do complexo de Édipo, tanto no menino como na menina, estabelece uma condição de inibição de impulsos sexuais em relação aos pais. Porém, o que ocorre a partir desse fato é a intensificação das relações afetuosas e carinhosas. Muitas vezes, o afeto e o carinho permanecem como possibilidade de expressão apenas entre os membros da família; não é incomum um homem considerar apenas sua mulher e sua mãe como santas, e todas as outras mulheres

como desvalorizadas, “fazendo tudo com as outras” e , com a própria mulher, resignando-se a um asséptico prazer.

Voltando à formação dos grupos, neles, como já vimos, ocorre o estabelecimento de relações afetivas e emocionais, que são, por sinal, fins inibidos ou desviados da sexualidade. Mas, onde existe interesse exclusivamente sexual entre os membros, há grande probabilidade de extinção do grupo. Não é por acaso que a igreja católica tenta abolir o interesse sexual, embora saibamos que isto não acontece na prática. O Exército, até bem pouco tempo atrás, manteve as mulheres afastadas de suas fileiras. Sexo e formação grupal, nestas duas instituições, parecem ser coisas antagônicas. Da mesma forma, quando uma pessoa gosta da outra, tem carinho e consideração, procurará preservar a sua intimidade enquanto casal. Já, quando os laços emocionais, os objetivos de fins sexuais inibidos, que transformariam a libido em afeto, não existem, ocorre a possibilidade de troca de casais, ou de uma permissividade em que o sexo grupal poderia ser a sua maior manifestação.

Retornemos ao complexo de Édipo. Neste, invertido ou negativo, no caso do menino, existe uma identificação com a mãe, o desejo é dirigido ao pai, fazendo com que o menino, na sua fantasia, tome o lugar da mãe, podendo configurar uma posição homossexual da sua sexualidade.

Muitas vezes, o garoto já vinha mantendo um certo investimento libidinal em relação à mãe. Quando chega ao complexo de Édipo, essa mãe, como vimos, torna-se objeto proibido para ele. Mas, ao invés de dar o salto, de encontrar um objeto substituto à mãe, ele se identifica com ela e escolhe alguém que o substitua na relação. Assim, substitui o seu próprio ego e vai tratar a outra pessoa como a sua mãe o tratava. Na sua

fantasia, ele se torna a mãe, e escolhe alguém, psiquicamente muito semelhante a ele próprio, para tratar esse alguém como filho.

Com esses exemplos teóricos, extraídos da dinâmica psíquica individual, pretendemos demarcar que quando existe uma corrente sexualmente explícita ela se torna contrária à formação de grupo. O mesmo ocorre com a existência do narcisismo, já que para que um grupo exista, torna-se necessário ocorrerem investimentos libidinais, sexuais, com inibição na sua finalidade. Caso contrário, sem essas condições, não teríamos como tecer a delicada trama da formação grupal. Assim, concluímos que para existirem os laços afetivos, deve, como já observamos, existir um afrouxamento da dinâmica narcísica, além de uma redução da ambivalência. Também, a partir da identificação entre as pessoas, possibilitada pelo ideal comum entre elas, encontraremos outra condição, necessária e suficiente para a formação grupal.

Usando outros recursos da psicanálise em relação ao psiquismo humano, escolheremos os estados neuróticos ou as neuroses, como mais um dos caminhos, para entendermos a riqueza dos fenômenos grupais.

Normalmente, as neuroses se formam por uma situação instintual, em que um impulso inconsciente, que procura satisfação ou representação mental, coloca-se em oposição a uma outra parte da personalidade. À medida que vão amadurecendo, as ações, os impulsos, os desejos da pessoa que eram compatíveis consigo mesma, em algum estágio anterior de seu desenvolvimento, já não mais o são. Muitas vezes tornam-se avessos à sua personalidade consciente, pois esse repertório de tendências, desejos, impulsos, podem ter sido reprimidos de alguma maneira, com a finalidade de se manterem afastados da consciência. Contudo, por várias razões da dinâmica psíquica, a repressão pode vir a falhar e, nesse momento, teremos o retorno do reprimido, não

exatamente como o fora antes - já que a repressão falha não significa ausência da mesma, mas numa forma conciliatória, disfarçada, que, por assim dizer, satisfaz as partes conflitantes da personalidade. A essa conciliação, a esse retorno do reprimido de uma forma disfarçada, chamamos de sintoma. A formação substitutiva

designa os sintomas ou formações equivalentes, como os atos falhos, os ditos de espírito, etc., enquanto substituem os conteúdos inconscientes. Essa substituição deve ser tomada numa dupla acepção: econômica, pois o sintoma acarreta uma satisfação de substituição do desejo inconsciente; simbólica, pois o conteúdo inconsciente é substituído por outro, segundo determinadas linhas associativas. (Laplanche & Pontalis, 1983, p. 262)

Para estes autores, no quadro da teoria econômica da libido, podemos entender como ocorre a substituição, a troca por uma outra satisfação, que também estará ligada à redução das tensões. Mas a satisfação não pode ser encarada de forma apenas qualitativa, uma vez que a psicanálise nos diz que existe uma associação entre o sintoma e aquilo que substitui. A substituição passa a ter, então, um sentido simbólico, uma vez que ela resulta do deslocamento e da condensação que vão determinar o sintoma.

Assim, podemos pensar que quanto mais for comprometida a personalidade pelo conflito neurótico, maior e mais serão as substituições, levando a pessoa a tornar-se mais intensamente envolvida consigo mesma, com suas coisas, mais distante da realidade, pois a substituição, tanto do ponto de vista econômico quanto simbólico torna-se cada vez mais predominante. Qual a implicação dessa formulação, no que diz respeito às neuroses, para a formação de grupo?

Um neurótico obsessivo, daqueles que lava as mãos sessenta vezes ao dia, ou um histerico bastante grave, que sente dores, cegueira etc, estará com muita dificuldade, inclusive, de sair de casa, quanto mais, de conviver com outros. No entanto, por mais surpreendente que possa parecer, por serem a formação de grupo e a neurose aparentemente incompatíveis, quando um grupo se forma, a doença individual do sujeito,

que a esse grupo pertence, tende a desaparecer, pelo menos aparentemente. A dor que antes sentia desaparece, assim como as palpitações, as tonturas, os medos. E o “milagre” passa a ser conscientemente atribuído ao grupo. Não é incomum ouvirmos as pessoas dizerem que depois de freqüentar um determinado grupo, uma determinada religião, as doenças desapareceram. E esse é, com certeza, um fenômeno grupal. Isso acontece nos mais variados grupos, nas mais variadas religiões. Nenhum grupo, nenhuma religião tem exclusividade do fenômeno de desaparecimento da doença. Então, se sabemos que a doença neurótica se estabelece por uma substituição, que por sua vez possibilita a satisfação do desejo reprimido, deduzimos que a vida no grupo possibilita a satisfação de impulsos, interrompendo a possibilidade do desenvolvimento dos sintomas.

Na formação de grupo o que encontramos, e que em muito nos auxilia a entender o fenômeno apontado acima, é que ele possibilita ao sujeito formar laços sensuais de fins inibidos e, à medida que tais laços são formados, ocorre a satisfação disfarçada, parcial, dos impulsos que estavam reprimidos, afastados da consciência, e que agora são satisfeitos pelos laços estabelecidos.

O desenvolvimento da libido nas crianças familiarizou-nos com o primeiro, mas também o melhor, exemplo de instintos sexuais inibidos em seus objetivos. Todos os sentimentos que uma criança tem para com os pais e para com aqueles que cuidam dela transformam-se, por uma fácil transição, em desejo a que dão expressão aos impulsos sexuais da criança. Ela reivindica desses objetos de seu amor todos os sinais da afeição que conhece; quer beijá-los, tocá-los e olhá-los; tem curiosidade de ver seus órgãos genitais e estar com eles quando realizam suas funções excretórias íntimas; promete casar-se com a mãe ou com a babá, não importa o que entenda por casamento; propõe-se a si mesma ter um filho do pai, etc. A observação direta, bem como a subsequente investigação analítica dos resíduos da infância, não deixa dúvidas quanto à completa fusão de sentimentos ternos e ciumentos e de intenções sexuais, mostrando-nos de que maneira fundamental a criança faz da pessoa que ama o objeto de todas as suas tendências sexuais, ainda não corretamente centradas. Essa primeira configuração do amor da criança, que nos casos típicos toma a forma do complexo de Édipo, sucumbe, tanto quanto sabemos a partir do começo do período de latência, a uma onda de repressão. O que resta dela apresenta-se como um laço emocional puramente afetuosos, referente às mesmas pessoas; porém não mais pode ser descrito

como sexual. A psicanálise que ilumina as profundezas da vida mental, não tem dificuldade em demonstrar que os vínculos sexuais dos primeiros anos da infância também persistem, embora reprimidos e inconscientes. Ela nos dá coragem para afirmar que um sentimento afetoso, onde quer que o encontremos, constitui um sucessor de uma vinculação de objeto completamente sensual com a pessoa em pauta ou, antes, com o protótipo (ou imago) dessa pessoa. (...) Esses instintos sexuais inibidos em seus objetivos possuem uma grande vantagem funcional sobre os desinibidos. Desde que não são capazes de satisfação realmente completa, acham-se especialmente aptos a criar vínculos permanentes, ao passo que os instintos diretamente sexuais incorrem numa perda de energia sempre que satisfazem e têm de esperar serem renovados por um novo acúmulo de libido sexual. (Freud, 1921, pp.148-149)

Continuando com Freud na busca para aprofundar a investigação em torno dos grupos, encontramos que:

A investigação psicanalítica das psiconeuroses nos ensinou que seus sintomas devem ser remetidos a impulsos diretamente sexuais que são reprimidos mas permanecem ativos. Podemos completar essa fórmula acrescentando: ou a impulsos inibidos nos objetivos, cuja inibição não foi inteiramente bem-sucedida ou permitiu um retorno do objetivo sexual reprimido. Está de acordo com isso que uma neurose torne associal a sua vítima ou a afaste das formações habituais de grupo. Pode-se dizer que uma neurose tem sobre o grupo o mesmo efeito desintegrador que o estado de estar amando. Por outro lado, parece que onde foi dado um poderoso impeto à formação de grupo, as neuroses podem diminuir ou, pelo menos temporariamente, desaparecer. Justificáveis tentativas foram feitas para situar esse antagonismo entre as neuroses e as formações de grupo a serviço da terapêutica. Mesmo os que não lamentam o desaparecimento das ilusões religiosas do mundo civilizado de hoje, admitem que, enquanto estiverem em vigor, oferecem aos que a elas se achavam presos a mais poderosa proteção contra o perigo da neurose. Tampouco é difícil discernir que todos os vínculos que ligam as pessoas à seitas e comunidades místico-religiosas ou filosófico-religiosas, são expressões de curas distorcidas de todos os tipos de neuroses. (id., pp. 152-153)

Não é então por acaso que na sociedade vamos encontrar grupos de todas as formas e qualidades, mais ou menos organizados, religiosos, políticos, intelectuais. Aliás, a sociedade como um todo pode ser considerada como um grupo. O grupo, assim é considerada a resultante das condições de humanização pela qual passou o homem. E mais, sabendo ser o indivíduo formado, também, por outros indivíduos, resultante dos processos relacionais e interacionais com outras pessoas, eles, os indivíduos são os

outros, formados pela alteridade, por muitos. Podemos assim dizer que o indivíduo constitui um grupo em si mesmo.

Em algum momento histórico, deve ter ocorrido alguma influência que levou o sujeito humano a se agrupar. A constituição do sujeito passou a dar-se, então, como um corolário da presença do outro.

Freud, por exemplo, inspirou-se numa tese do darwinismo para explicar a formação da família humana, provavelmente o primeiro dos grupos, e como dela, por deslocamento das representações, outros grupos puderam se constituir.

Dentro desta perspectiva, parece que o homem primeiramente vivia em hordas, o que pressupõe um estado da família humana muito distinto daquele que podemos localizar em outras épocas da nossa filogênese. A hipótese é a de que um dos componentes da horda tenha assumido o controle da horda, de uma forma talvez violenta, muito próxima do que acontece com outros animais, especialmente entre os mamíferos. Com isso, esse chefe da horda primitiva passou a controlar as fêmeas e os outros membros da horda, proibindo a relação sexual entre eles. Porém, à medida que proibiu a relação sexual impediu, por consequência, a satisfação direta do impulso sexual, criando a possibilidade da sua inibição e do deslocamento de seus objetivos, obstruindo também a possibilidade da formação de laços. Tal impedimento ter-se-ia dado pela força, o que constitui uma forma de repressão externa que pode possibilitar a inibição do impulso.¹⁹

Porém, certo dia, revoltados com tal proibição, os “filhos” reuniram-se e mataram o chefe “pai” da horda, partindo-o em pedaços e devorando-o. Após o assassinato, a hipótese coloca a existência de um período de transição, até que um novo

¹⁹ Dejours, C. O Corpo: Entre a Biologia e a Psicanálise. Porto Alegre, Artes Médicas. 1988.

estado de coisas fosse estabelecido. Esse período de transição, denominado gneococracia, marcou o predomínio da mulher na horda. No entanto, a mulher passou a ser desejada por todos os homens da horda. Muitos machos precisaram ser castrados, então, pelo mais forte, que passou a assumir as rédeas da horda; supondo-se fosse ele o herdeiro das melhores características daquele que foi assassinado. Mas como todos haviam comido o corpo do antigo chefe, todos passaram a possuir características semelhantes, tornando-se parentes cúmplices, de uma certa forma. A consequência então foi a obrigatoriedade da exogamia, permitidas as relações sexuais apenas com estranhos, pertencentes a outras hordas.

Na família atual, apesar do papel da mulher estar em constante mudança, do modo como está estruturada psicologicamente, temos o pai que é aquele que coloca limites e que integra a função de proibição. Por tais aspectos paternos na estrutura familiar e pela história edípica, o pai recebe o ódio do filho rival, concorrente do amor materno. É como se a família com a sua estrutura atual repetisse a sua pré-história. Além disso, por aproximação, o porquê da necessidade de um líder nos grupos encontraria essa explicação.

Encontramos indícios, reminiscências da origem da família a partir da transformação das hordas, nos rituais de muitos grupos em nossos dias, como o ritual da comunhão na Igreja Católica, em que todos bebem o sangue e comem do corpo de Cristo, tornando-se, assim, pela ingestão, irmãos, com as qualidades que eram de Cristo agora dentro de cada um dos fiéis.

Estas condições podem nos ajudar a afastar a hipótese de que os homens vivem em grupos por conta de um instinto gregário, natural, que os impulsionaria, obrigatoriamente, a formarem esses grupos. Um dos exemplos que podemos citar,

contrário à hipótese da existência de um instinto gregário, é o comportamento das criancinhas. Não é infrequente a afirmação de que quando a criancinha é deixada só, em função da necessidade de ter alguém ao seu lado, começa a chorar, o que seria prova da existência de um impulso gregário, que faria com que ela procurasse a aproximação de outros. No entanto, a criança chora especialmente quando o alvo de seu investimento libidinal é percebido como afastando-se ou que já esteja ausente. Chora muito mais ainda quando algum estranho aparece. Isso nos leva a pensar que não é qualquer pessoa que vai satisfazê-la, saciá-la. Não se trata aí de um instinto em si, mas sim, da prova de que os objetos necessitados pela criança, pelas pessoas, são aqueles que satisfazem condições libidinais, investimentos libidinais que não poderiam ser satisfeitos por outras pessoas.

Quando encontramos alguém apaixonado, percebemos que o alvo da sua paixão ganha uma importância imensa. Aquele que está apaixonado não possui qualquer crítica em relação ao outro. O objeto da paixão é considerado perfeito e o apaixonado coloca-se num estado de quase servidão em relação ao objeto amado. O objeto é o importante; sem ele, o sujeito pode sucumbir. O outro é totalmente idealizado. Nos estados de paixão é como se o outro tomasse o lugar do ideal de ego da pessoa, isto é, ocupasse o lugar daquilo que o sujeito gostaria de ser ou de ter. Muitas vezes, a perfeição que imaginamos existir no outro, pode ser uma projeção do próprio narcisismo.

O ideal de ego pode ser entendido como a “instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (Idealização do Ego) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais culturais. Enquanto instância diferenciada, o ideal do ego constitui um modelo a que o indivíduo procura conformar-se”. (Laplanche & Pontalis, 1967, p. 289)

Nosso ideal de ego é muito variável. Algumas pessoas o tem muito próximo da sua realidade, das suas condições, o que não exige quase nada delas mesmas. Em outras, o ideal é muito elevado, exigente, crítico em relação às suas conquistas, às coisas da sua vida. No segundo caso, podemos dizer que se as exigências não forem paralisantes, teremos a possibilidade da busca ininterrupta de crescimento e de conquista. Um estado pouco crítico, onde quase nada pode ser exigido.²⁰

Nos casos de depressão psicogênica, observa-se que a pessoa se critica impietosamente. Quando dissermos: “fulano, você não é a pior pessoa do mundo”; ele, inconformado com a nossa abordagem, defende a sua autodepreciação, dizendo que a observação é pura bondade de nossa parte. Então, todos os infortúnios que o sujeito deprimido delega a si mesmo, todo o exagero da sua auto-avaliação, leva-nos a pensar que ele provavelmente ataca alguém como o qual está identificado. Ou, mais precisamente, o seu ideal de ego ataca o objeto em que o sujeito está identificado. A queixa dirigida ao objeto, os reclamos, por esta identificação, tornam-se reclamos e queixas dirigidas a si mesmo.

Nos estados de mania encontramos o inverso: o sujeito assume-se vitorioso, pode tudo. A avaliação de si mesmo sempre é para mais, nunca, em hipótese alguma, para menos; a autocrítica em torno de suas reais possibilidades é muito superficial. Pelo exagero, pela exacerbação, pelo inflacionamento do seu próprio Eu, podemos dizer que o sujeito maniaco, de alguma forma, fusiona-se com seu ideal de ego.

Aplicando tais conhecimentos no que toca a formação de grupo, observamos que uma pessoa inserida num grupo sente-se forte, resolve todas as coisas, pode enfrentar o mundo. De uma certa forma, também substitui o seu ideal de ego por um outro objeto, o

²⁰ Cf. Lapicenc, L. Imaginário e Liderança: na Sociedade, no Governo, nas Empresas e na Mídia. São

líder, por exemplo, e identifica-se com os outros membros, por terem eles também substituído o seu ideal de ego pelo mesmo objeto. Assim, os ideais do grupo passam a ser os ideais do sujeito e o sujeito não mede esforços para cumprir com as exigências do grupo, que passaram, também, a ser suas.

A identificação permite-nos entender de que maneira a pessoa sofre profundas alterações quando inserida num grupo; ou seja, como o grupo exerce uma influência decisiva na personalidade individual, muito parecida com o que observamos nos fenômenos da hipnose.

Na hipnose, o hipnotizador, ao repetir um movimento monótono e solicitar que a pessoa dirija para este toda sua atenção, torna o mundo totalmente desinteressante. Se, naquele instante, só existe o movimento repetitivo, esse, por ser a única coisa do mundo, torna-se então seu representante, e o mundo, assim monotonamente representado, delega ao hipnotizador uma importância considerável.

Toda noite, para adormecermos, afastamos todos os estímulos do alcance de nossos sentidos, dos nossos pensamentos; imaginamos, quase sempre, a mesma coisa, “cantamos, todas as noites, quase da mesma forma, a nossa cantiga de ninar muito particular”. Mas na hipnose, o hipnotizador monotonamente sugere ao hipnotizado: “o mundo é desinteressante, você só tem que prestar atenção em mim, pois sou a pessoa mais importante desse mundo monótono”. Ora,

na hipnose a ordem para dormir significa, nem mais nem menos, uma ordem para afastar do mundo todo interesse e concentrá-lo na pessoa do hipnotizador. E ela é assim entendida pelo sujeito, pois nessa retração de interesse do mundo externo reside a característica psicológica do sono e nela se baseia o parentesco entre este e o estado de hipnose. (Freud, 1921, p. 137)

A pessoa dorme, submete-se às ordens do hipnotizador, tornando-se assim o preposto de tudo aquilo que é mais importante para si, um objeto essencialmente poderoso, que substitui, com certeza, o seu ideal de ego e, a partir dessa condição psíquica, as ordens do hipnotizador podem ser acatadas.

O fenômeno da substituição do ideal de ego ocorre tanto nos grupos, como na situação de hipnose, ou de paixão. Porém, existe um contraste nessas situações. Se o hipnotizador disser: “olha, presta atenção apenas em mim, porque o mundo é totalmente desinteressante”, o outro jamais será hipnotizado. Do mesmo modo, num grupo a pessoa do líder não diz, “olha eu sou a sua parte idealizada, vocês passarão a admirar-me, como a um deus, como alguém que vocês gostariam de ser”. Nesses casos, tudo acontece de uma maneira sub-reptícia, quase que imperceptível, baseada no fenômeno da identificação. No caso dos grupos, o líder, normalmente, é aquele que foi eleito e tem uma certa autonomia de ação que o restante não possui; mas, por ser a figura que substitui o ideal de todos, faz com que todos se identifiquem, a partir de seu ideal, uns com os outros.

O fenômeno da identificação pode ser observado em várias situações grupais. Não é raro em famílias, quando um dos componentes morre, um dos parentes mais próximos passar a desenvolver a doença daquele que morreu, por estar identificado com o falecido.

No famoso caso *Dora - Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria* (Freud, 1901), encontramos o relato de um caso de uma paciente que passa a desenvolver os mesmos sintomas do pai, pois, de uma certa forma a escolha objetal regrediu para a identificação. Ao invés de desejar o pai, a paciente passou a “ser” o pai.

Num outro exemplo do processo de identificação, o próprio Freud relata o caso de uma moça, interna de um colégio, que se apaixona e conta o seu segredo para as

outras internas. A moça vem a adoecer e suas confidentes, como por um processo de infecção, passam a desenvolver a mesma doença. Para a primeira, como para as outras, a doença era uma maneira de sair do colégio. As outras colegas identificaram-se com a que ficou doente em sua doença, porque assim realizavam o desejo de ter uma pessoa para amarem.

Nos grupos, a identificação através do desejo por um mesmo objeto também parece-nos fato corriqueiro, mesmo naqueles de quase nenhuma organização. É o caso dos fãs do U2, Oasis etc, que formam um grupo cujo desejo é dirigido para um mesmo alvo, passam a identificar-se, a se aglutinar por terem o desejo pelo mesmo objeto.

O que se observa aí é a existência de uma forte identificação em torno de uma característica ou de um desejo comum. A partir dessa condição, ocorre a formação de laços, que podem resultar na formação de um grupo.

Tudo o que foi exposto, oferece-nos um bom instrumental teórico para entender melhor a formação e o funcionamento dos grupos. O Complexo de Édipo, a identificação, a teoria do desenvolvimento da libido, do narcisismo são instrumentos indispensáveis para o entendimento dos fenômenos psíquicos provocados pelas formações grupais, de qualquer tipo.

VI

Outras Formulações Sobre Grupos

Em seu livro *La Dinámica de Los Grupos*, Roger Mucchielli (1969) esclarece-nos sobre muitos pontos importantes referentes à definição e conceituação de grupos, especialmente dos grupos primários e secundários. Apresentaremos resumidamente uma reflexão sobre algumas de suas posições, pois tanto este teórico quanto José Bleger, que veremos a seguir, deram uma contribuição extremamente importante para a análise dos grupos, e tais instrumentais teóricos não poderiam ficar de fora de nenhum estudo sobre o tema.

A expressão *dinâmica de grupos* foi utilizada a partir de 1935, de uma forma bastante ambígua. Foi consagrada por Kurt Lewin, em 1944, e desde então multiplicaram-se as investigações sobre o tema, estabelecendo-se seu campo e limites. Entretanto, no período de 1945 a 1950, os ensaios sobre Psicologia, que tinham como objeto de estudo os pequenos grupos e que levavam em consideração o comportamento individual dos membros neles contidos, não passavam, em média, de apenas um ao ano, atingindo, porém, a partir de 1950, um ritmo de aproximadamente três artigos por semana. Paralelamente a esse fenômeno, emerge na Psicologia um novo campo da Psicologia Social e será exatamente neste novo campo que a dinâmica dos grupos se inserirá como um dos capítulos mais importantes.

Por coincidência foi também quase na mesma época, entre 35 e 50, que se proliferaram grupos e mais grupos, por todos os lados, entre eles o AA (Alcoólicos

Anônimos), constituído exatamente quando os estudos sobre grupos ganharam um ritmo acelerado.

Mucchielli (1969) dará como exemplo de pequenos grupos uma equipe de futebol, uma equipe de trabalho, um diretório acadêmico, uma família, a base de um partido, um destacamento do exército na região Amazônica. Teriam eles esta classificação exatamente por ter um número reduzido de integrantes, que podiam ser facilmente contados. Para ele, um pequeno grupo poderia incluir até 60 ou 80 membros, não mais do que isso.

Os grupos assim esboçados poderiam se multiplicar e ser classificados de uma outra forma, apesar de, do ponto de vista psicológico, apresentarem uma situação bastante marcante. Os grupos exercem uma influência preponderante no comportamento das pessoas. Não é nada estranho, quando mudamos de uma certa categoria grupal, apresentarmos paralelamente uma mudança considerável de mentalidade. Assim, quando somos pedestres, temos uma determinada opinião sobre os motoristas e quando nos tornamos motoristas temos um ponto de vista muito distinto sobre os pedestres. Isso ocorre apenas pelo fato de ganharmos uma outra representação de uma outra categoria, cuja resultante é um comportamento muitas vezes bastante modificado.

Não é por acaso que pessoas muito bem-educadas, quando ao volante, tornam-se perfeitas “selvagens”, esquecem, como que por um passe de mágica, a boa educação, falando palavrões, fazendo gestos obscenos etc. Se, num dia chuvoso, estivermos andando na rua e um carro passar e jogar água em nossa calça branca, com certeza, do ponto de vista de pedestre, ficaremos enfurecidos, achando que se tratou de um ato proposital daquele motorista. Não é incomum, mesmo quando não é nosso costume, proferirmos um belo palavrão, dirigido àquele que, segundo a vítima enlameada,

espontâneas, arraigadas na existência natural, isto é, não existe nada que force sua formação.

Os grupos primários podem ser também artificiais e ocasionais, assim como um acampamento de férias, um grupo de estudo. A razão de sua formação é externa à vontade de seus membros.

Os grupos primários duradouros ou persistentes são aqueles que mantêm uma vontade de existência coletiva por longo período de tempo. Os grupos primários momentâneos são caracterizados pela limitação de tempo de sua existência, como é o caso de um grupo para a discussão de algum tema, ao redor de um assunto restrito e limitado, como o que ocorre em um comitê eleitoral. Eles deixam, por sua característica básica, um fraco impacto em seus membros.

Achamos que o mais importante, com respeito aos grupos primários, são as suas características psicológicas. Podemos resumi-las da seguinte maneira: a primeira se dá pelas **Interações**, pelas trocas, não somente verbais, entre os componentes. Cada membro do grupo atua e reage em relação aos outros componentes e com o grupo como um todo de uma forma direta, e essa experiência de interação oferece a possibilidade para cada pessoa de prever e compreender a conduta dos demais.

Uma segunda característica pode ser identificada na **Emergência de Normas** que delimitariam as regras de conduta para todos os membros. Tais normas nascem dentro do grupo, fazem parte da sua história e vão se constituir no julgamento do grupo, naquilo que o grupo considera bom ou não. Enfim, representam o código de valores do grupo e esse código, com certeza, é muito variável de um grupo para outro.

A terceira característica pode ser encontrada na existência de **Objetivos Coletivos**, como por exemplo, resolver um certo problema, realizar um trabalho,

organizar uma defesa. Os grupos primários se constituem através de objetivos comuns que irão sedimentar e fortalecer o grupo. Então, se existem objetivos comuns, o resultado é a formação de grupos primários fortes. Caso contrário, sua constituição será relativamente frágil e suas características psíquicas, enquanto grupo, bastante prejudicadas, quase que irrepresentáveis pela sua pouca intensidade.

Uma quarta característica é a existência de **Emoções e Sentimentos Coletivos**, que correspondem às situações em que se encontra o grupo e que originam ações e reações coletivas.

A quinta característica pode ser definida como a **Emergência de Uma Estrutura Informal** que nasce dentro de uma ordem de afetividade, e que é a maneira como a organização veicula a distribuição de simpatia-antipatia, as vias pelas quais circula a influência, a posição dos membros mais queridos e dos menos queridos, o nascimento de turmas ou subgrupos dentro de um grupo com seus respectivos pólos de conflito ou de atração. Esta informalidade, todavia, não está essencialmente presente na consciência do grupo. Em uma classe de alunos existem provavelmente subgrupos, membros mais queridos, populares e outros, menos queridos, impopulares. Tais subgrupos, que não existem formalmente e que freqüentemente não estão presentes na consciência do grupo como um todo, podem, contudo, entrar em atrito ou apresentar pólos de atração.

Uma sexta característica pode ser encontrada na **Existência de Um Inconsciente Coletivo**. É a história comum vivida pelo grupo, sua existência coletiva, seu passado e os seus problemas ou pontos sensíveis que, sem estar presentes na memória atual, constituem parte da vida do grupo e de suas reações. Por outro lado, o grupo não é consciente dos fenômenos psicológicos que determinam a conduta de seus membros, e

os membros não são conscientes dos fenômenos psicológicos que determinam sua conduta dentro do grupo.

Uma classe de alunos possui uma história enquanto grupo, e essa história vai se constituir no inconsciente desse grupo. Desse inconsciente serão criadas formas e regras de funcionamento da classe, sem que elas estejam no pensamento de ninguém. Ninguém vai estar repetindo como é que a classe se formou, como as pessoas foram se relacionando entre si desde o primeiro dia de aula. Existe uma história que vai permear o comportamento dos alunos. Essa história seria o inconsciente coletivo do grupo. Um aluno novo, recém-chegado de uma outra classe, por exemplo, não estará sob a influência desse inconsciente do grupo, que determina as ações sem muita reflexão, sem vigilância individual. Esse novo aluno, por sinal, durante um bom período de tempo vai se sentir como um verdadeiro estranho, observará as ações dos membros do grupo, medirá as ações, vigiará os próprios passos. Esse fenômeno também ocorre numa empresa, numa organização de anônimos, até que o novo membro venha a fazer parte do inconsciente coletivo do grupo, até que suas ações sejam automatizadas e por ele determinadas.

A oitava e última característica a ser considerada é o **Estabelecimento de Um Equilíbrio Interno** e de **Um Sistema de Relações Estáveis** com o meio circundante. Através das vicissitudes da sua existência, o grupo engendra um duplo sistema de equilíbrio: interno e externo, isto é, em seu interior e em relação ao contexto externo. Quando esse equilíbrio é quebrado pelos acontecimentos, o grupo, se resistir, tende a reconstruir um novo equilíbrio.

Achamos que todos esses dados, que todas essas características apontadas por Mucchielli (1969), e por nós resumidas, permitem-nos compreender os diversos grupos

porque podem ser considerados grupos primários, ou mais freqüentemente, pequenos grupos, apesar da diversidade de membros, de objetivos, de formas e de existências.

VII

O Grupo como Instituição e o Grupo nas Instituições

O objetivo que nos propomos com a introdução deste capítulo é o de pensarmos, na mesma linha apresentada por Jose Bleger (1964), o conceito de grupo e o de um grupo em uma instituição. Numa conceituação mais generalizada do que seria um grupo, este autor considera o grupo como “um conjunto de indivíduos que interagem entre si compartilhando certas normas numa tarefa”. (Bleger, 1964, p. 85). Ela é muito parecida com a definição dada por Enrique J. Pichon-Rivière, que diz tratar-se o grupo de um conjunto de pessoas com um objetivo comum, o qual procura atingir trabalhando como equipe.

Para desenvolver sua concepção sobre o grupo, Bleger descreve dois aspectos do desenvolvimento humano, que ele vai chamar de Simbiose e de Sincretismo. Esses dois aspectos poderão ser entendidos como:

os extratos da personalidade que permanecem em estado de não discriminação e que existem em toda constituição. organização e funcionamento de grupo, baseado numa comunicação pré-verbal, subclínica. difícil de detectar e conceitualmente difícil de caracterizar. (Id., Ibid.)

O mais intrigante nessa formulação de Bleger é a constatação de algo, que para o autor, é de difícil definição. A nossa ciência irmã, a Biologia, mostra-nos que determinado animal, vivendo em simbiose em relação a outro, não pode ser confundido com um parasita, pois o parasita é lesivo ao outro. Isto não acontece apenas na Biologia, mas também em certos comportamentos humanos, onde um impede o crescimento do outro. Na simbiose, pelo contrário, o crescimento é propiciado. No caso dos seres

humanos, uma relação simbiótica é estabelecida quando uma das partes não consegue, pela história natural do seu crescimento, ganhar autonomia, diferenciação em relação à outra.

Assim também, o sincretismo provocaria esse estado de indiferenciação, por tratar-se de uma fusão de várias tendências. Neste caso, cada uma das tendências, torna-se, no todo, indiferenciada entre si. Um bom exemplo de sincretismo é o que ocorre com algumas religiões no Brasil, onde existe um fusionamento de um Deus católico com figuras míticas da África. Assim, em certas manifestações grupais, teremos, sim, coisas sincréticas, difíceis de serem diferenciadas, e de serem detectadas apenas em nível subclínico; isto é, são complicadas para o diagnóstico. Achamos que o que ocorre na clínica médica pode ser um bom exemplo para nós. Se uma pessoa tem uma convulsão e um médico prescreve uma medicação correta, mas com uma dosagem pequena, inferior àquela necessária para combater eficazmente os sintomas, diremos que a dosagem está em um nível subclínico.

Bleger (1964) parte da consideração de que existe em todo grupo um tipo de relação que é, paradoxalmente, uma não-relação no sentido de uma não-individualização que se impõe como matriz ou como estrutura básica de todo grupo e que persiste, de maneira variável, durante a vida deste. Denomina esta relação de sociabilidade sincrética, numa tentativa de diferenciá-la da sociabilidade por interação. Segundo ele, a partir do estudo dessa maneira de sociabilidade, foi estruturado o conhecimento atual da psicologia de grupo.

Encontramos, assim, como propriedade de existência dos grupos, um estado de não-individualização; ou seja, um estado em que a ação de individualizar-se foi perdida. Como a individualização é inexistente, o que temos é um estado de indiferenciação entre

os seus componentes, formando, então, esse estado, sua estrutura básica. Ponto de vista, aliás, muito parecido com os dos outros teóricos que estudamos até o presente momento.

Desta feita, vai fazer sentido a consideração proposta de que

um grupo é um conjunto de pessoas que entram em interação entre si, porém, além disso, o grupo é, fundamentalmente, uma sociabilidade estabelecida sobre um fundo de indiferenciação ou de sincretismo, no qual os indivíduos não têm existência como tais e, entre eles, atua um transitivismo permanente.(Bleger, 1964,p.87)

Isso significa que num grupo teremos sempre um estado de indiferenciação, de sincretismo, uma sociabilidade grupal levada pela indiferenciação; já que no grupo as diversas qualidades das pessoas se tornam indiferenciadas, e com isso fusionam-se nos traços de expressão e do funcionamento grupal.

Um grupo, então,

poderá começar a funcionar quando pessoas diferentes, até então separadas, estão a uma distância suficiente relativamente isoladas de outros contextos como para poder interatuar. (op. cit. p. 87)

De uma forma geral, as pessoas que compõem o grupo, para fazerem o grupo funcionar enquanto tal, terão de se afastar do seu contexto de origem, daquele de onde saíram; isto é, terão de afastar-se de outras condições que poderiam envolvê-las, influenciá-las, pois, caso contrário, não conseguiriam interagir para formar um grupo.

Procurando explicar o fenômeno grupal, Bleger se refere a dois modelos: um é denominado de ponto de vista naturalista e o outro de ponto de vista fenomenológico.

O ponto de vista naturalista coincide com os princípios das ciências da natureza. Em resumo, um sujeito observa o comportamento de alguém, e aparentemente não tem nada de comum com o que é observado; quanto mais apurado por seu método de

observação, mais dados ele poderá obter do fenômeno, do comportamento observado. Existe, como pressuposto, uma separação nítida entre o sujeito e o objeto. Quanto mais depurado for pelo método, quanto mais educado cientificamente para conhecer racionalmente as coisas, mais apto vai estar o pesquisador para entender o que está sendo observado. Assim, o ponto de vista naturalista será entendido como:

a descrição de um fenômeno realizada por um observador que o descreve 'de fora', quer dizer, como um fenômeno da natureza que existe independentemente do sujeito observador. c. neste sentido, a definição do grupo como conjunto de indivíduos que interatuam com papéis, status, etc. é uma descrição tipicamente naturalista. (op. cit. p. 88)

Esse seria um modo de descrever os fenômenos de um grupo: estar ou se achar fora dele. O outro modo é chamado de fenomenológico, realizado a partir do interior dos próprios fenômenos, tal como são percebidos, vivenciados ou organizados pelos que participam do fenômeno ou de um acontecimento dado. Quer dizer, uma observação pautada por uma outra postura epistemológica. Se antes o sujeito se considerava fora, agora ele se vê dentro, fazendo parte do fenômeno que tenta observar.

Qual das duas posturas seria considerada a melhor para o entendimento do fenômeno grupal? Pensamos que tanto uma quanto a outra. Existem fenômenos que deverão ser observados de fora, com um certo treinamento e método, e outros, que deverão ser olhados a partir de dentro, já que tais possibilidades estão presentes no sujeito que observa, fazendo parte de seu repertório, pelo menos enquanto ser humano. O alcoolismo é uma possibilidade existente no repertório de todos os seres humanos, talvez uma forma de enxergar os fenômenos a partir de dentro, e isto não significa tornar-se um alcoólatra.

Para termos uma idéia clara e adequada da denominada sociabilidade sincrética, utilizaremos o belo exemplo, que nos é fornecido por Bleger:

Numa sala encontra-se uma mãe lendo, olhando a tela da televisão ou costurando; na mesma sala encontra-se seu filho concentrado e isolado em seu brinquedo. (...) Se nos guiamos pelos níveis de interação não vamos encontrar comunicação entre estas duas pessoas: não se falam, não se olham, cada um atua independentemente, de modo isolado, e podemos dizer que não há interação ou que estão incomunicáveis. Isto é correto se considerarmos somente os níveis de interação. Continuemos o exemplo: a mãe, num determinado momento, deixa o que estava fazendo e sai da sala; o menino pára imediatamente sua brincadeira e sai correndo para estar com ela. (Bleger, 1964, p.89)

Existia algum nível de comunicação entre eles ou não? Existia alguma relação entre eles ou não? Mãe e filho não estavam se falando; parece-nos, inclusive, que a palavra, a conversa poderia atrapalhar a situação em que se encontravam. A esse estado de fusionamento, Bleger denomina de Sociabilidade Sincrética. Continuando: quando a mãe sai para fazer alguma outra coisa, a criança não consegue continuar brincando, tem que seguir a mãe no movimento dela. Provavelmente, se a criança parasse de brincar enquanto estivesse junto da mãe na sala, a mãe provavelmente iria pensar: “o que se passa com fulaninho?”, pois, ele estaria abandonando um estado de fusionamento com ela, de indiscriminação.

De uma certa forma isso também se passa nas relações entre as pessoas em nosso cotidiano. Existem formas de comunicação que não se dão pela interação da ação, mas por comportamentos “colados”, por sociabilidade sincrética.

Em respeito aos grupos,

a identidade grupal tem dois níveis em todos os grupos: um é o da identidade proporcionada por um trabalho em comum e que chega a estabelecer modelos de interação e modelos de comportamento que são institucionalizados no grupo; essa identidade é dada pela tendência à integração e à interação dos indivíduos ou pessoas. Porém, há outra identidade que existe em todos os grupos (...) e é uma identidade muito particular que podemos chamar identidade grupal sincrética (op.cit.p.92).

Esta identidade sincrética não se dá por uma interação em modelos, vamos assim dizer, mais evoluídos, mas, com base em limites que não foram estabelecidos e a identidade dos indivíduos, das pessoas, residirá no estado de pertencimento ou não ao grupo. Buscando oferecer um exemplo, se pensarmos um pouco nas organizações anônimas, talvez seja por isso que seus membros, enquanto membros, têm a necessidade de perder a sua identidade pessoal, tornando-se anônimos, o que por sinal já representa uma identidade grupal. Eles deixam de existir enquanto individualidade, mas assumem uma identidade sincrética fusionada pela designação anônimo.

Para Bleger, existem três tipos de grupos ou três tipos de indivíduos que podem integrar um mesmo ou diferentes grupos. Um dos tipos corresponde aos indivíduos dependentes ou simbióticos que vão utilizar de imediato o grupo, como um grupo de dependência ou de pertencimento. Esses indivíduos irão mobilizar-se para tentar encontrar uma certa estabilidade da sua identidade através da identidade grupal, servindo ao grupo, assim como uma situação, do ponto de vista do psiquismo, como compensatório, para algo que lhes falta internamente. Assim, temos pessoas que não podem deixar de pertencer a algum grupo, a alguma religião, a alguma associação, pois, com certeza, o sentimento de pertencimento coincide com o de falta da noção de si mesmo, sinal de uma identidade instável e comprometida.

A um segundo tipo de indivíduos pertencem aqueles que conseguiram, em certa medida, uma boa integração, de individuação e personificação, que possuem aspectos maduros na sua personalidade. Esses indivíduos irão orientar-se na direção da sociabilidade de interação.

Ao terceiro tipo correspondem

àqueles que nunca tiveram uma relação simbiótica e que também não irão estabelecê-la no grupo, a não ser após um árduo processo terapêutico: entre esses incluímos as personalidades psicopáticas, perversas. (id.,p.93.)

Enfim, são indivíduos cuja tendência é a procura pela formação de grupos de sociabilidade sincrética, não manifesta, com dominância pré-verbal. Eles funcionariam por identificação projetiva, indiferenciando-se e fundindo-se com os outros componentes do grupo, e têm o grupo como uma coisa, como algo indiferenciado de si mesmo. Os conteúdos pessoais misturam-se com os conteúdos do grupo, sendo que, os conteúdos do grupo seriam os próprios conteúdos projetados e agora, nele, identificados. Não existe, propriamente, uma relação.

Um outro ponto importante do pensamento de Bleger é a distinção feita entre instituição e organização. A instituição vai ser considerada como o estabelecimento de um conjunto de normas e padrões e atividades agrupadas em torno de valores e funções sociais. Implica num constante movimento e não em algo estático.

Já, a organização possibilita uma distribuição hierárquica nas funções de seus membros, que poderiam ser realizadas dentro de um edifício, de uma área ou de um espaço delimitado. Na organização, existe uma sedimentação de papéis e de funções, e não um movimento, como no caso da instituição.

Um grupo pode, então, no sentido do movimento existente, ser considerado uma instituição. Por outro lado, pode tornar-se também uma organização, perdendo seu movimento, tornando-se essencialmente burocrático e modificar seus objetivos. Esse grupo que se estabiliza como organização, pode deixar, segundo Bleger, de ser um grupo terapêutico, para transformar-se, inclusive, num grupo antiterapêutico. Podemos pensar,

em outros termos, diria que o grupo se burocratizou, entendendo por burocracia a organização na qual os meios se transformam em fins e se deixa de lado o fato de se ter recorrido aos meios para conseguir determinados objetivos ou fins. (op. cit. p. 95).

Isso muitas vezes ocorre com muitos grupos que se propõem a recuperar pessoas viciadas em algum tipo de droga. A burocratização do grupo que começou como instituição, acaba transformando-o em uma organização que paralisa os seus movimentos, perdendo assim a sua eficácia terapêutica. Mais que isso, tornam-se grupos antiterapêuticos. As pessoas que o frequentam pioram em seus estados mentais, pela estabilização dos papéis, e o novo integrante terá de adaptar-se a uma certa rotina, desenvolver um determinado papel. Acaba a criatividade, o movimento.

Existe em tudo isso, no entanto, um aspecto de considerável importância e do qual não quero passar por cima: poderia começar dizendo que toda organização tende a ter a mesma estrutura que o problema que deve enfrentar e para o qual foi criada. Assim, um hospital acaba tendo, enquanto organização, as mesmas características que os próprios doentes.(id.,ibid.)

Uma organização acaba tornando-se resultado do problema que pretende tratar, isto é, acaba sofrendo os efeitos daquilo que pretendeu superar. Acaba sofrendo de um certo efeito hiatrogênico. Não é à toa, por exemplo, que os hospitais diferenciam-se de acordo com as suas especialidades, em conformidade com as doenças que tratam, apesar da palavra hospital, denominar a mesma organização.

Quando atuamos em uma determinada organização devemos saber interpretá-la e entendê-la, para podermos intervir nas características principais do grupo.

Como já tivemos a oportunidade de observar, a sociedade como um todo pode ser considerada como um grande grupo, e as pessoas, por sua vez, formam subgrupos. Temos os subgrupos dos estudantes, das donas-de-casa, dos usuários de drogas etc. Tais subgrupos, todavia, são expressões das diferentes representações existentes na sociedade. Entretanto,

a sociedade tende a instalar uma clivagem entre o que considera sadio e doente, entre o que considera normal e anormal. Assim estabelece uma clivagem muito profunda entre ela (a sociedade

“sadia”) e todos aqueles que, como os loucos, os delinquentes e as prostitutas, são desvios, doenças, que supõe-se - nada têm a ver com a estrutura social. A sociedade se autodefende, não dos loucos, dos delinquentes e das prostitutas, mas de sua própria loucura, de sua própria delinquência e de sua própria prostituição, e desta maneira, aliena, desconhece e trata como se fossem alheias e não lhe correspondessem. (op. cit. p. 96)

Por outro lado, não dá para esconder o fato de que é a sociedade quem produz todas essas partes, os seus subgrupos, loucos, prostitutas, estudantes, médicos, psicólogos etc. Todos nós pertencemos ou somos parte dessa sociedade, só que, pelo processo de separação, de clivagem, a sociedade tende a “pegar” seus aspectos, considerados por ela mesma como negativos, e a projetá-los para fora de si mesma, tornando-se separada deles. Esses aspectos, pela clivagem, tornam-se estranhos a quem os criou. Assim, o funcionamento da sociedade não deixa de ser muito parecido com o da pessoa considerada individualmente. Quando a pessoa, através do mecanismo de clivagem, separa-se de partes, de aspectos seus, passa a enxergá-los nos outros. Assim, talvez nos espantemos, e muito, com as nossas próprias criações: desde as crianças abandonadas aos bandos pelas ruas das grandes cidades, aos deficientes físicos e mentais trancafiados dentro de seus lares.

Para Bleger, o ser humano antes de ser pessoa é sempre um grupo, mas não no sentido de que pertence a um grupo e sim no de que a personalidade é um grupo. De uma certa forma, concorda com Freud quando divide a personalidade em Id, Ego, Superego, além de que o Ego, como instância psíquica, pelo processo de identificação, vai ser “povoado” pelos objetos, pelos humanos que estão mais próximos. O mais interessante nesse modelo é a sua forma antropomórfica. É um modelo que fornece aos estudos do homem, da sua mente, a metaforização das relações humanas existentes fora da mente. Achamos, por consequência, que só poderíamos encontrar fora, como produção da subjetividade humana, aquilo que encontramos dentro. Por correlato, se a

personalidade em si já é um grupo, conseguimos compreender também que os grupos e as alterações que eles propiciam na personalidade, por mais estranhas que possam parecer à primeira vista, poderão ser partes clivadas, por eles irreconhecíveis.

Faremos no transcorrer dessa pesquisa várias incursões no funcionamento do psiquismo individual para, com melhores perspectivas, encontrar e dar mais profundidade e riqueza ao nosso estudo.

VIII

As Idéias de W.R. Bion e as Formações Grupais

Bion (1897-1979), de uma forma bem ampla, exerceu e exerce uma forte influência no pensamento psicanalítico. Suas contribuições sobre grupos propiciaram inúmeras reflexões e novos vértices de entendimento sobre o tema.

Para Bion, a condição humana é de essência grupal. Dentro da sua concepção, uma pessoa estará, de alguma maneira, sofrendo as influências de um grupo a partir do seu nascimento, sem ter condição alguma de escolher o grupo que irá gerá-la. Encontrará condições já pré-estipuladas, como a língua que falará, as emoções presentes no grupo, os medos, as ansiedades dominantes. Já ao nascer sofre as pressões e ações do grupo sobre si. Por essa condição, podemos considerar o homem como um ser gregário, não pelo fato de ser levado a formar grupos por um instinto específico, o instinto gregário, mas como uma condição do ser.

Assim, a pessoa nunca estará totalmente isolada, nunca poderá ser considerada isenta de manifestações ativas da psicologia grupal. Uma pessoa, mesmo sozinha, sofre as influências do grupo e, ao mesmo tempo, age sob as influências dessas determinações.

Bion começou a trabalhar com grupos durante a Segunda Guerra Mundial. Como médico, ocupava o cargo de diretor do setor de reabilitação de um hospital militar. Trabalhava com pessoas incapacitadas por alguma desordem física ou mental e que necessitavam ser reintegradas às suas funções militares, para voltar ao campo de batalha.

Como sabemos, a Segunda Grande Guerra foi um embate entre as forças eticamente, no momento, comprometidas com uma visão de mundo mais igualitária, contra as forças totalitárias e excludentes do nazi-fascismo. Bion propunha como método terapêutico, para que os soldados recuperassem a sua saúde e voltassem à sua função, uma série de tarefas, deixando que eles as escolhessem de acordo com as suas tendências. Assim, pequenos subgrupos formavam-se, sujeitos a outros fenômenos que se davam de forma intragrupal.

Seu trabalho com grupos teve continuidade na *Clinica Tavistock* em Londres, onde pôde formular, a partir das suas observações, alguns conceitos referentes ao assunto, que de forma sucinta apresentaremos neste capítulo.

Em várias de suas observações, Bion apontava que os grupos, para realizar uma tarefa específica, alguma coisa determinada, desenvolviam atitudes e métodos que os impediam de chegar ao objetivo proposto. Assim, uma tendência do grupo cumpria os objetivos estipulados, enquanto outra sabotava as tarefas que poderiam levar à realização dos referidos objetivos. A que levava à realização de uma certa tarefa proposta, era chamada por Bion de tendência progressiva; a outra, a que impedia que a tarefa fosse realizada, era denominada de regressiva.

Um outro fator observado é que, nos componentes do grupo, ocorria uma intensa perturbação do julgamento crítico e do comportamento racional; além de que, seus membros tinham um desempenho intelectual melhor e mais adequado, assim como melhores habilidades quando sozinhos, mais do que quando inseridos no grupo.

Dessa maneira, pensava-se que as situações enfrentadas pelos membros dos grupos eram, de uma forma contundente, carregadas de emoções que exerceriam uma influência preponderante sobre todos os componentes.

Para explicar os fenômenos observados, Bion desenvolveu vários conceitos, que envolveram várias experiências, o da mentalidade grupal, cultura grupal, os supostos básicos, o grupo de suposto básico, e o grupo de trabalho.

A mentalidade grupal refere-se ao fato do grupo se movimentar, funcionar em muitas ocasiões como se fosse uma unidade, sem que os seus componentes tenham controle, ou tenham consciência disso. Enfim, o termo denota uma certa atividade mental coletiva que é produzida quando as pessoas estão reunidas em grupo.

Imaginemos uma escola com as suas várias salas de aula. Se atravessamos, em nossa fantasia, uns vinte centímetros de parede, teremos outra sala, outro grupo, com sua respectiva mente grupal, que determina suas ações, comportamentos e julgamentos, diferentemente de uma outra sala. Assim, cada classe terá um jeito, um funcionamento, uma dinâmica, uma identidade particular.

A mentalidade grupal forma-se, na realidade, pelo universo de opiniões, vontades, desejos unânimes ao grupo, pelo menos, num certo momento. Os componentes do grupo contribuem para a formação da mente grupal de uma maneira quase que anônima, inconsciente, sem que esses se dêem conta da sua contribuição individual e sem conseguir localizá-la como a parte que lhes compete.

Assim, os membros do grupo não conseguem discernir a sua contribuição para a mente grupal, tampouco, não conseguem se dar conta de como a mente grupal determina suas ações, suas sensações e pensamentos.

A cultura grupal pode ser entendida como a organização estabelecida no grupo num certo instante, como resultante, como um jogo de forças estabelecidas entre a mentalidade grupal e os desejos individuais. As formas adquiridas pelo grupo, os papéis

que desempenham seus componentes e seus líderes, o comportamento geral do grupo podem ser considerados como expressões da sua cultura.

Para entender melhor a mentalidade grupal, Bion vai lançar mão de outros conceitos, como por exemplo, o de supostos ou suposições básicas.

As suposições básicas estão configuradas por emoções intensas e de origem primitiva, consideradas básicas, por este motivo. Sua existência determina, em parte, a organização que o grupo adota, e o modo pelo qual encara a tarefa que deve realizar. Por este motivo, a cultura do grupo deixará sempre transparecer evidências dos supostos básicos subjacentes, ou de determinado suposto básico ativo neste momento. (Grinberg, 1973, p. 26)

Os grupos, de uma certa forma, serão continentes para inúmeros supostos básicos, estabelecendo, na concepção bioniana, uma relação continente-contido.

Essa formulação continente - contido tem como paradigma, a relação da mãe com seu bebê recém-nascido.

A criança, quando nasce, está com seu aparelho mental ainda despreparado para processar adequadamente os estímulos que incidem sobre ela. Sua mente incipiente não consegue dar conta dos estímulos de origem interna e externa, ficando, por assim dizer, congestionada. Como defesa contra esse excesso, o bebê projeta²¹, por identificação projetiva o que não consegue elaborar, (o insuportável, o dolorido) na mãe, pois

a integração com um bebê acontece a níveis tão primitivos que requer um órgão especial, ou uma condição especial do “órgão digestivo mental”. Essa necessidade não pode ser satisfeita pelos recursos internos da criança. Deve, então, ser assumida por um órgão externo que se encarregue dos elementos psíquicos que a criança não consegue digerir. (Silva, 1988, p.9)

A mãe, por seu lado, utilizará a sua mente, o seu aparelho mental para transformar o que nela foi projetado. Utiliza recursos intrínsecos à sua função materna,

²¹ Projeção: operação pela qual o indivíduo expulsa de si e localiza no outro, pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos, desejos, e mesmo objetos, que ele desenha ou recusa em si. Trata-se aqui de uma defesa de origem muito arcaica e que vamos encontrar em ação particularmente na paranóia, mas também em modos de pensar “normais”, como a superstição.

podendo, assim, transformar, sonhar os contidos que nela foram projetados. A essa capacidade materna, Bion denomina de estado de *rêverie* materna. Da relação mãe-bebê, aquilo que a mente incipiente da criança não consegue transformar, tendo como registro mental a dor, a angústia, é transformado e devolvido pela mãe à criança como qualidades psíquicas elaboradas. Para Bion, além da mãe alimentar a criança com seu seio, cede a ela sua mente, chamada por ele de seio psicossomático, para alimentar o bebê de sua fome psíquica.

Sabemos que,

no princípio da vida mental os estímulos se apresentam em sucessão desordenada: um verdadeiro caos. A variedade e a intensidade destes ataques podem ser tais que se torna inevitável expelir os estímulos, diminuir-lhes a pressão. A certa altura, porém, o que foi expelido volta, mas volta melhor, suportável. Algo existe, em algum lugar, que sabe o que fazer com as coisas bizarras. Então, a descoberta: tais coisas possuem um sentido, alguém as compreende, e é vital compreendê-las para não ficar subjugado por elas. A evacuação e a ingestão mentais se articulam. (Id., Ibid.)

É um fato tranqüilo observar nas recém-mamães um estado de uma constante sonolência, estado este, não devido exclusivamente à insônia provocada pelo bebê e sua necessidade de mamar; mas, uma sonolência, como se a mãe estivesse a todo instante sonhando os contidos de seu bebê, podendo este, por seu lado, dormir tranqüilo. Se a mãe não possui uma mente adequada, este estado de *rêverie* não ocorrerá e, pela não transformação da estimulação incidente na mente da criança, da qualidade material, física, em qualidades psíquicas, entrará a criança em estado de desesperadora angústia podendo ser o choro incessante, o seu melhor representante. Muitas vezes, ao se aproximar, outra pessoa com estado e função mental propícios para a transformação e o recebimento dos contidos do bebê, assim que começar a niná-lo, o bebê pára de chorar, fica tranqüilo, como se algo dele tivesse sido retirado. Observamos mães de “primeira viagem” achando que seu filhinho(a) está prestes a morrer, o que a movimenta em

direção ao telefone, para despertar o pediatra, em plena madrugada. A angústia que o bebê nela projetou não sofreu nenhuma transformação e a mãe, tomada internamente pelos sentimentos devastadores de seu bebê, aterroriza-se.

Em outras situações nós exercemos, com a nossa mente, essa capacidade de sonhar o que o outro não consegue. Quando nos aproximamos de uma pessoa apavorada, triste, tomada de estados de angústia devastadores, de estímulos, de contidos que não conseguem transformar-se em qualidades psíquicas, e temos a paciência de ouvi-la, ou, mesmo sem falar absolutamente nada, apenas marcamos nossa presença, percebemos que ela vai se acalmando aos poucos, recompondo-se. Quando isso não ocorre, pelo contrário, somos contagiados pela angústia do outro e a situação piora, ficando incontrolável pelo contágio, pelo desespero que não foi contido em nenhum continente. A esse modelo de relação contido-continente, Bion aplica às formações grupais, sendo os seus componentes os contidos e o grupo como um todo, o continente.

Para ele,

é como se o jogo de projeções e introjeções funcionasse em nível concreto, é como se, ao mamar, o bebê recuperasse, boas, as suas partes supostamente expelidas na mãe, tendo sido por ela digeridas e devolvidas consertadas(...) não se trata de um mero acréscimo mas de uma alteração de essência: o outro é aquilo que se lhe atribui.(id.,p. 10)

Os supostos ou suposições básicas para Bion, assim como os contidos, são configurados ou definidos por emoções intensas e de origem primitiva. A sua existência determina, em parte, a organização que o grupo adota e o modo pelo qual vai realizar uma certa tarefa, um objetivo. Assim, a cultura do grupo possibilitará sempre transparecerem os supostos básicos subjacentes e ativos num determinado período de vida do grupo.

Bion elenca três supostos básicos. O primeiro é o suposto básico de dependência, que existe quando o grupo, de algum modo, sustenta com firmeza que apenas se mantém reunido se alguém fornecer satisfação para as suas emergentes necessidades e desejos; alguém com quem o grupo estabelecerá uma relação de dependência. O grupo terá, então, uma cultura da dependência. Imaginemos uma classe em que os alunos ficam esperando que o professor explique tudo, tendo eles a capacidade intelectual para estudar. Esse grupo opera determinado pelo suposto básico da dependência.

Os grupos que assim funcionam, pelo suposto básico da dependência, são os mais propícios a sofrerem frustração, por apresentarem maior probabilidade de não atendimento às suas necessidades. Na medida em que ocorre a decepção, em vez do grupo colocar-se em movimento para conseguir, por si mesmo, o que o outro não lhe fornece, passa a procurar uma outra pessoa que ofereça o desejado, estabelecendo assim nova dependência. Não é de estranhar que determinada classe de alunos, volta e meia passe abaixo-assinado para substituir um professor, porque este coloca ou exige um tipo de relação que não a determinada pela dependência, apesar de, no entanto, outros motivos existirem para os alunos exigirem a substituição de um professor!

Numa terapia de grupo, quando este funciona sob o suposto básico da dependência, espera-se que o terapeuta solucione todas as dificuldades emergentes e cure todas as dores. Quando o esperado não ocorre, existe por parte do grupo uma reação que rechaça o terapeuta, passando, inclusive, a escolher um outro membro do grupo, freqüentemente o mais doente, o mais neurótico, para assumir as funções ou ocupar o lugar do terapeuta no grupo.

Um outro suposto básico elencado é o de ataque-fuga, que se resume na certeza da existência de um inimigo que merece providências, como o de ataque ou de fuga. Um

grupo gerado por este suposto básico estará sempre buscando um inimigo fora dele, um objeto, vamos assim dizer, mau²², que de uma maneira ou de outra, teria a finalidade de prejudicar o grupo.

O terceiro suposto básico é o de acasalamento, que é,

em termos narrativos, a crença, coletiva e inconsciente, de que quaisquer que sejam os problemas e necessidades atuais do grupo, um fato futuro ou um ser ainda por nascer, os resolverá, quer dizer, há esperança de tipo messiânico”(...) “muitas vezes, a esperança é colocada num pai cujo filho, ainda não concebido, será o salvador do grupo. O importante nesse estado emocional é a idéia de futuro, e não a resolução no presente. Em termos religiosos é a esperança na aparição de um Messias. (Grinberg, 1973, p. 27)

Num grupo, quando duas pessoas se destacam, espera-se que delas possa surgir alguma idéia, alguma coisa que venha a salvar todos os restantes. Não é por acaso que grupos humanos estabelecidos sob o suposto básico do acasalamento, via de regra, esperam a chegada de algum profeta, que venha, por seus atos, redimir seus pecados e salvar todas as almas.

Os grupos organizados por

indivíduos que tomam parte na atividade chamada suposto básico o fazem de forma automática e inevitável, não necessitando para isso de nenhum treinamento especial, de nenhuma experiência emocional ou maturidade mental. A participação em um suposto básico, não exige de seus integrantes nenhuma capacidade de cooperação, capacidade que é um requisito fundamental para a participação na atividade mental que Bion chama de grupo de trabalho. Para diferenciar a participação espontânea no grupo de suposto básico da participação inconsciente ou consciente no grupo de trabalho, Bion propõe reservar a palavra cooperação apenas para esta segunda atividade, e chamar valência à capacidade instintiva de participar na atividade mental e no afazer grupal, de acordo com os supostos básicos. (id., p. 29)

²² Objeto mau é experimentado como resultado da divisão na posição esquizo-paranoide. Nele é projetada toda a hostilidade, e todas as experiências más são atribuídas às suas atividades.

Assim, ataque e fuga, acasalamento e dependência são os três supostos básicos que irão determinar a forma de funcionar e de se organizar do grupo. A organização e o seu funcionamento serão paulatinamente transformados em hábitos, ações grupais, no seu jeito característico, na sua cultura.

A cultura chamada grupo de dependência, isto é, aquela em que o grupo tem como suposto básico a dependência, poderá organizar-se na procura de um líder que possa configurar em si a função de cumprir e satisfazer as necessidades do grupo. Esse grupo terá com isso uma face, um jeito próprio de funcionar, que se caracteriza, neste caso, pela dependência. Não se espera que, por ele próprio, pelo seu trabalho, realize as suas satisfações, mas, pelo contrário, esperará, que alguém, no caso o líder, venha exercer essa função.

Quando o grupo não encontra um líder que satisfaça essa necessidade de dependência, o grupo poderá procurar outra pessoa ou idéia que possa ter a finalidade de superar ou substituir a figura do líder atual.

A liderança, pode, então, ser colocada na

história do grupo, a bíblia do grupo, dedicando-se muito tempo à sua confecção e ensino. Esta atividade que consiste num recordar ou apelar para as tradições do grupo, atua como uma memória que se opõe à evolução de qualquer idéia nova. (op. cit. p. 31)

Um grupo tem uma história e essa história é contada infinitamente para todos os antigos e novos membros; pois, nessa história, estão contidas as regras do grupo e todos devem ser conduzidos pelas mesmas regras, “rezar pela mesma cartilha”. Caso isso não se dê, a exclusão do grupo passa a ser o desfecho final.

Um grupo que tenha a sua cultura predominantemente organizada pelo suposto básico de ataque-fuga, irá, com grande probabilidade, procurar líderes de acordo com

mais próxima, dentro ou fora do grupo, e cuja finalidade é atacar ou fugir. Não é nada raro observarmos a existência de alguns grupos com líderes com essa característica predominante, seja numa sala de aula, num local de trabalho, num condomínio etc. Em um condomínio - já que hoje é muito comum as pessoas nascerem e crescerem em condomínios, formam-se turmas. Antigamente, havia a turma da rua de baixo contra a da rua de cima; agora, é a turma do Bloco A contra a turma do Bloco B. E elas escolhem líderes com traços de personalidade marcadamente paranóides, procurando inimigos por todos os lados. “Olha, eu tava passando pelo Bloco B e o fulano e o sicrano me olharam ou fizeram um gesto bastante provocador”, ou então, “tem alguém aqui que fica entregando tudo o que a gente fala para o pessoal do Bloco A”.

Em um grupo cuja cultura é determinada pelo suposto básico do acasalamento, a liderança vai ser um par, um casal que promete alguma coisa, que poderá gerar, por exemplo, um filho, como nas profecias, para solucionar futuramente os problemas atuais e vindouros do grupo.

Em relação a esse par de escolhidos, os outros membros não têm ciúmes e nem mantêm qualquer tipo de rivalidade; muito pelo contrário, alimentam, fortalecem o casal, pois virá deles o resgate da esperança do grupo. Afinal,

trata-se da esperança messiânica de que uma idéia ou uma pessoa libertará o grupo de seu sentimento de ódio, destruição ou desespero. É claro que, para que isto aconteça, a esperança messiânica não deve ver-se realizada nunca. (op. cit. p. 33)

Em muitos grupos religiosos a idéia de salvador nunca pode se concretizar, o salvador deve estar sempre por vir. Caso a idéia evolua para sua realização, poderá ocorrer a cisão do grupo, e o suposto básico será mantido por aqueles componentes que se foram do grupo.

Como vimos, Bion faz uma divisão entre grupos de supostos básicos e grupos de trabalho. A denominação grupo de suposto básico se dá pela predominância de estados emocionais muito primitivos e que se manifestam no grupo. Porém, essa forma de funcionar primitiva pode existir paralelamente a um nível de funcionamento mental mais desenvolvido e elevado que é denominado grupo de trabalho.

Neste sentido,

o grupo de trabalho requer de seus membros capacidade de cooperação e esforço; isso não se dá por valência e sim por um certo amadurecimento e treinamento para participar dele. É um estado mental que implica contato com a realidade, tolerância à frustração, controle de emoções: é análogo, em suas características, ao Ego como instância psíquica descrita por Freud. (op. cit. p. 35)

Assim, em contraponto com o grupo de suposto básico, trata-se de um estado mental bastante desenvolvido, que implica o contato com a realidade e a avaliação da mesma, assim como tolerância à frustração, controle das emoções; funções estas, no entanto, muito parecidas às do Ego. O Ego age, na medida em que avalia a realidade. Pelo princípio de realidade, vai testando a realidade através do pensamento e não da ação, trabalhando na transformação do meio para que os impulsos, os desejos sejam satisfeitos sem que o sujeito corra riscos. Então, dessa comparação, instância mental Ego e grupo de trabalho, passa a existir um grupo muito bem organizado, que utiliza métodos racionais, que suporta contradições e a emergência de idéias e de propostas novas. Se pensarmos quais as características que deveria possuir o líder nesse caso, pensaríamos numa pessoa capaz e que propiciará condições maduras de relacionamento e de eficiência na realização de tarefas e objetivos. O líder conteria em si as melhores qualidades atribuídas ao ego, e que poderiam, assim, ser metaforicamente, como modelo, transpostas ao funcionamento do grupo.

Para Bion, a coexistência do grupo de suposto básico com o grupo de trabalho, determina um conflito permanente suscitado e sempre recorrente dentro do grupo. A atividade do grupo pode ser muito perturbada pelo grupo de suposto básico e, a tendência à diferenciação e ao amadurecimento ser anulada por essa tendência regressiva. Assim, uma parte do grupo poderá tentar realizar algum objetivo e, uma outra, por seu lado, colocar-se como obstáculo para que o objetivo seja alcançado.

Em resumo, podemos dizer que num único grupo encontramos funções bastante primitivas, chamadas de grupos de supostos básicos e uma outra forma, mais evoluída e conseqüente, racional, denominada grupo de trabalho.

Encerrando nosso percurso sobre as idéias de Bion referentes aos grupos, gostaríamos de destacar os grupos especializados de trabalho, que são configurados a partir de cada um dos três supostos básicos já estudados.

Os grupos especializados de trabalho condensam atribuições especiais da sociedade. O Exército, por exemplo, seria um grupo especializado de trabalho de ataque-fuga, já que o exército vigia as fronteiras e defende um possível ataque de um provável inimigo. No pior dos casos, bate em retirada! É como se a sociedade apresentasse determinados fenômenos de suposto básico e, a partir disso, torna-se-ia emergente um grupo especializado para lidar com o respectivo fenômeno, sem que, a sociedade inteira necessitasse vigiar as fronteiras, ou os possíveis inimigos.

Uma outra instituição que de uma certa maneira funciona como um grupo especializado de trabalho é a igreja. Especializada a partir do suposto básico da dependência, nela o crente fica na dependência de sua salvação, por um Deus-pai, que tudo sabe e está presente em todos os lugares.

A aristocracia, por seu lado, representa muito bem, com sua organização e estrutura, a especialização no suposto básico de acasalamento, já que mantém suas idéias de raça, de nascimento, de que de uma casta surgirá aquele que irá “salvar a sociedade”, que terá a solução e dará continuidade ou noção da existência de um povo.

O conceito de grupo especializado de trabalho fornece-nos uma idéia ampla que nos conduz à compreensão dos complexos e múltiplos fenômenos, originados a partir da forma de supostos básicos, em nossa sociedade. Em sua complexidade e desenvolvimento, os grupos sociais que compõem o tecido da sociedade, apesar de toda sua diversidade, tentaram, em alguma medida, resolver esse problema: outorgaram a determinados subgrupos a função de lidar, de especializar-se na manipulação de alguns supostos básicos, transformando-os, assim, em grupos especializados de trabalho.²³

²³ Dejours, C. *Psicodinâmica do Trabalho*. São Paulo, Atlas, 1994.

IX

O Início

Afinal, somos nós mesmos os responsáveis

por nossos problemas.

As garrafas são apenas um símbolo.

A.A.

O primeiro grupo de Alcoólicos Anônimos - A.A. foi criado em Akron, Ohio, em junho de 1935, durante um encontro entre um corretor da Bolsa de Valores de Nova York e um médico local. Alguns meses antes, o corretor tinha conseguido abandonar seu comportamento obsessivo pela bebida, com a ajuda de um colega alcoólatra que já havia passado por grupos de alcoólatras de Oxford. Assim, mesmo sem colocar muita fé nos princípios pregados por aqueles, este financista ficou convencido de que seria interessante realizar um “inventário moral” dele próprio para, a partir daí, tomar a iniciativa de reparar os prejuízos causados a terceiros.

De suas experiências com outros alcoólatras, o financista baseou-se na idéia de que somente um alcoólatra pode auxiliar outro alcoólatra. No caso, o outro alcoólatra foi o médico que residia na cidade de Akron.

Esse médico já havia tentado várias vezes parar de beber descontroladamente. Todas haviam falhado. Mas depois do contato com o corretor, manteve-se sóbrio até o final da vida.

Estabeleceu-se assim o princípio básico do A.A.: um alcoólatra pode exercer uma enorme influência sobre outro alcoólatra, e só uma pessoa que tenha passado pela experiência do alcoolismo pode exercer esta influência.

Deste modo, em 1935, o primeiro grupo de A.A. foi formado.

Um segundo grupo se formou em Nova York e seu exemplo passou a ser seguido em muitos outros lugares. Em 1939, foi lançado o primeiro livro sobre o A.A., esse que utilizamos hoje em nosso estudo - *Alcoólicos Anônimos: A História de Como Milhares de Homens e Mulheres se Recuperaram do Alcoolismo*.

Com o lançamento do livro, os princípios do A.A. foram espalhando-se e centenas de pessoas passaram, então, a segui-los. Um dos homens mais influentes da época, John D. Rockefeller Jr., ofereceu um jantar a seus muitos amigos e convidou membros do A.A. para contarem sua história.

Já no final de 1941, o A.A. possuía em torno de 8.000 membros e o seu processo de crescimento passou a ter um ritmo galopante.

Foi necessário, então, estabelecer como os grupos de A.A. e o A.A. enquanto organização deveriam funcionar. Com esta necessidade presente, passaram a ser explicitados com mais clareza alguns princípios, tais como: nenhum homem ou mulher deveria ser excluído, seus líderes deveriam servir e não governar, cada grupo manter-se-ia autônomo e nenhuma terapia profissional seria praticada, assim como não haveria nenhuma cobrança de taxas, mensalidades, e todas as despesas deveriam ser pagas com contribuições voluntárias. A organização deveria ser restrita ao mínimo possível e a prática de relações públicas deveria basear-se na estratégia da atração e não desembocar numa prática simplesmente promocional. Uma outra norma estabelecida foi a de que todos os membros deveriam permanecer anônimos quando tivessem de se pronunciar em rádios, canais de televisão, jornais, enfim, em qualquer meio de comunicação.

Dados históricos, apresentados nas publicações do A.A da época (1939), mostram que o seu crescimento se dava proporcionalmente à recuperação dos

alcoólatras, pois dos que participavam seriamente do A.A., cerca de 50% alcançavam a sobriedade imediata, 25% chegavam à sobriedade após algumas recaídas e os restantes apresentavam melhoras gerais em seu estado e na sua condição de alcoólatras.

Observou-se também que das milhares de pessoas que freqüentavam as reuniões, algumas decidiam não ser necessária a adoção do programa. No entanto, cerca de dois terços delas retornavam após algum tempo.

Os membros do A.A. na sua maioria são homens, porém, uma porcentagem considerável de mulheres, entre 15 a 20 por cento, freqüenta regularmente as reuniões e segue o Programa .

Os Alcoólicos Anônimos não se consideram uma organização religiosa, estrito senso, e também não se apoiam em nenhuma teoria médica ou psicológica, apesar de manterem boas relações com médicos e outros profissionais.

Para os Alcoólicos Anônimos, a ação do álcool sobre os alcoólatras crônicos é uma manifestação clínica, orgânica de base e a compulsão por beber restringi-se a essa categoria de pessoas. O alcoolismo dificilmente pode vir a acontecer com um bebedor eventual, moderado. Para o A.A, pessoas da categoria dos alcoólatras crônicos nunca devem, em hipótese alguma, consumir qualquer quantidade de álcool.

A pesquisa genética tem mostrado resultados surpreendentes. Estudos realizados pela Escola de Medicina da Universidade de Utah (EUA)²⁴, pelo pesquisador Steven Hunt, por exemplo, cujos resultados foram publicados na revista "Hypertension: Journal of the American Heart Association", em Setembro de 1998, apontam que até mesmo a sensibilidade dos hipertensos ao sal é determinada por uma espécie de gene,

coincidentemente, chamado de A.A. Sobre a sensibilidade ao álcool e ao desenvolvimento da compulsão, há muito o que pesquisar. As respostas em definitivo ficam, com certeza, para um futuro que esperamos seja próximo. No caso de ser de origem genética, por exemplo, pode-se talvez descobrir alguma intervenção preventiva.

As pessoas de uma forma geral bebem pelo prazer que o álcool lhes causa. No entanto, um alcoólatra não consegue beber sem ter presente a compulsão, que de uma forma geral, traz conseqüências severas para sua vida. No início, o que se observa, é que o alcoólatra só consegue obter a sensação de alívio, de conforto, após alguns goles, que ganham continuidade e acabam tornando-se, quase que invariavelmente, “bebedeiras”. Após essas “bebedeiras” recorrentes, vem sempre o firme propósito de não beber, até o trago inicial seguinte, que descontrola sua vontade fazendo com que perca o controle novamente.

Sabendo disso, o A.A., como princípio, não aconselha meios termos, como goles eventuais. Para o A.A., a única alternativa é a total e absoluta abstinência.

No geral, o A.A é constituído por pessoas comuns. Existe praticamente em todos os países, e atinge quase todos os setores da sociedade. Os alcoólatras consideram-se pessoas que, de uma forma geral, não se misturariam, apenas por possuírem a mesma característica de uma compulsão irrefreável pelo álcool. Entre si, autoconsideram-se partilhando sentimentos comuns, por sua experiência de vida, porém, não acham que isto é o suficiente para mantê-los agrupados. Para o A.A., o que de extraordinário acontece com eles é a descoberta de uma solução comum. É

²⁴ Cf. Folha de São Paulo, 18 de Setembro de 1998,p.7,c.1.

terem descoberto um caminho que permite a todos os membros levar uma vida fraterna e harmoniosa.

O alcoolismo é considerado uma doença, um tanto diferente das outras, pois além de destruir aquele que a sofre, leva consigo, a reboque, todos os que lhe estão próximos. Além disso tem, como resultado imediato provocar nas outras pessoas a incompreensão, ressentimentos. Logo vêm as dificuldades financeiras. As crianças filhas de alcoólatras vivem vidas totalmente miseráveis do ponto de vista afetivo-emocional. Uma infinita relação de situações adversas que têm no fim, conseqüências miseráveis.

Uma das muitas conclusões a que o A.A. chega é a de que um ex-bebedor-problema, que encontra a solução para o seu problema, estará com isso, preparado, pela sua própria história de vida, para conquistar a confiança de um outro que possui o mesmo problema, em apenas um curto espaço de tempo. Assim, aquele que faz a abordagem de um alcoólatra deve ter no seu passado vivido uma experiência semelhante. Todo o conjunto de suas atitudes implica na certeza de que encontrou uma saída do estado miserável em que antes se encontrava. Deve existir na abordagem de um outro alcoólatra o desejo sincero de ajuda. Essa, segundo a experiência do A.A., seria uma das condições porque muitos ficam sóbrios e passam a andar novamente sem ser carregados por outros, num estado em que a consciência obnubilada não possibilita qualquer referência de si mesmo, qualquer auto-estima.

Nestes anos todos, desde a sua fundação, o A.A. vem dia a dia confirmando a tese de que um alcoólatra, quando consegue ficar longe da bebida, por dias, meses ou mesmo anos, passa a ter as suas reações, a organização de sua vida determinadas como as de qualquer outro ser humano. Por outro lado, confirma-se também que,

quando se toma um único gole, algo diferente acontece em relação às outras pessoas e a si mesmo, com conseqüências tanto físicas, quanto mentais, pois, parar de beber torna-se uma coisa impossível. Neste sentido, as múltiplas histórias de alcoólatras que passaram por essa experiência, quase que de forma invariável, confirmam a regra.

Isto se dá porque o alcoólatra há muito perdeu seu autocontrole sobre a bebida, ficando subjugado, no que toca a sua força-de-vontade, por uma compulsão irrefreável. Nestes instantes, a lembrança dos sofrimentos anteriores, das situações constrangedoras e humilhações passadas não exerce nenhuma influência coercitiva que possa impedir todo o desencadear do processo; vai do primeiro gole à embriaguez completa. Assim, o primeiro gole é o foco principal. Sem ele não existe estado de calamidade interna; com ele, vem a embriaguez e todas as conseqüências que ela traz sob todos os aspectos.

Constatação corriqueira realizada pelo A.A. e descrita em muitas das suas publicações, desde o seu primeiro livro, já citado, é a de que a maioria dos alcoólatras não gosta de admitir sua condição, pois, de uma forma ou de outra, com certeza, esta admissão implica na concepção de ser um tanto distinto, diferente das pessoas normais, que bebem ou não. E essa negativa leva, não raro, o alcoólatra a manter uma disputa consigo mesmo, tentando provar que pode beber controladamente. No entanto, a constatação é que essa forma de pensar leva a uma ilusão que custa caro, podendo levar o alcoólatra, inclusive, às bordas da loucura ou da fatalidade pelo excesso de doses.

Por ser trágica a condição, o A.A. aconselha que o alcoólatra deve admitir, com toda sua alma, sua condição e perder a ilusão de que pode beber como as outras pessoas.

O objetivo é fazer com que o alcoólatra fique convencido de que sofre de uma doença progressiva, que leva à total deterioração mental e, não raro, à morte. Sua condição não é passageira, pois, mesmo após um bom período de sobriedade, caso haja reincidência na bebida, o alcoólatra ficará tão mal quanto antes. Não existe, durante o transcorrer da vida, um período em que a cura o torne um “ex-alcoólatra, imune a sua doença. Assim o ditado deve estar sempre presente: “Uma vez alcoólatra, sempre alcoólatra”.

Não é infrequente que,

ao olharmos para trás, percebemos que continuamos a beber por muitos anos além do ponto em que poderíamos ter parado por nossa força de vontade. Se alguém questiona o fato de haver chegado a esta zona de perigo, que tente deixar o álcool de lado durante um ano. Tratando-se de um verdadeiro alcoólico e em estágio avançado, poucas são suas chances de sucesso. Quando começamos a beber, ficávamos ocasionalmente sóbrios durante um ano ou mais, voltando depois ao estado crítico. Embora você seja capaz de parar por um período de tempo considerável, pode ser um alcoólico em potencial.(A.A,1996,pp.56-57)

Além dessa constatação, a experiência do alcoólatra ao olhar retrospectivamente a sua vida, leva-o a pensar que sempre teve uma grande necessidade de parar com a bebida. Mas isto nunca foi conseguido. O A.A. considera essa uma desconcertante característica do alcoolismo, a absoluta incapacidade de alguém, por si só, parar de beber, eliminar pelas suas próprias forças a compulsão pela bebida, que o leva a beber de maneira totalmente descontrolada e frenética.

O alcoólatra, sem dúvida, é consciente, na maioria das vezes, do seu problema de alcoolismo. No entanto, todas as justificativas lógicas a que seu pensamento pode chegar, que poderiam levá-lo a parar de beber, são, sem grandes dificuldades, colocadas de lado, fora de seu repertório de luta. Seja ele quem for, usará dos mais

variados estratagemas para beber, como teorias próprias, inventadas, quase próximas dos grandes delírios, de como poderia beber sem sofrer as consequências do seu ato. Assim, muitos misturam, pinga com leite ou com chá. Passam a tomar, por exemplo, apenas bebidas batidas com sucos de frutas etc., etc. Uma tentativa movida pela ilusão de que assim amenizam os efeitos e os estragos causados pelo álcool. Disfarçado, o álcool pode, então, passar a ser ingerido em grande quantidade; para ele um trago a mais misturado com leite, com suco de laranja, não fará assim tão mal.

Esses fatos nos levam a pensar que a identidade de alcoólatra, apesar de ser consciente, em algum nível, nega a sua dependência, afirmando-a, porém, das formas mais bizarras que poderíamos imaginar. A conclusão a que se chega, pela observação que o A.A. vem realizando desde a sua fundação, é a de que um alcoólatra em potencial, com raríssimas exceções, será absolutamente incapaz de parar de beber baseando-se apenas no seu autoconhecimento, pois,

o alcoólico, em algumas ocasiões, não tem defesas mentais eficazes contra o primeiro gole. A não ser em alguns casos raros, nem ele nem qualquer outro ser humano pode providenciar tais defesas. Sua defesa precisa vir de um Poder Superior. (A.A.p.65)

Isto pode significar que se a pessoa pela sua própria vontade e iniciativa é derrotada e não consegue evitar a compulsão de beber o primeiro gole (pois o problema é o primeiro gole), a resolução e a esperança ficam então nas mãos de Deus. Mas, e para aqueles que não acreditam em Deus, os agnósticos, como ou qual seria a força que impediria o primeiro gole?

Para o A.A., portanto, as forças individuais são incapazes de deter a “doença progressiva” do alcoolismo, que se alguém de fato quiser, ou desejar realmente deixar

de beber, terá de passar por uma experiência espiritual. A condição de agnóstico, deve, sem dúvida, ser deixada de lado, pois para o A.A., no fundo de cada homem, mulher, criança existe uma idéia fundamental de Deus, que pode, de alguma forma, estar obscurecida num dado momento, mas que pode também ser ressuscitada, já que Deus é concebido como fazendo parte da natureza humana. Eis que,

para nosso grande alívio, descobrimos que não precisávamos levar em consideração a idéia que outras pessoas faziam de Deus. Nossa própria concepção, mesmo inadequada, era suficiente para nos aproximar e nos pôr em contato com Ele. Tão logo admitimos a possível existência de uma Inteligência Criativa, de um Espírito do Universo como base de tudo o que existe, começamos a nos deixar dominar por um novo sentido de poder e direção, desde que tomássemos outras providências simples(...) quando, portanto, falamos de Deus com você, queremos falar de seu próprio conceito de Deus.(A.A,p.69)

Não podemos nos furtar ao pensamento de uma situação antagônica, também possível. Existem alcoólatras que possuem uma fé inabalável em Deus. E, por consequência, se a fé em Deus não é em si uma medida profilática, apesar de inúmeras religiões e seitas não permitirem que seus adeptos bebam, pensamos ser apressado concluir que a fé na divindade, por si só, de fato exerce esse poder.

Mas se a propensão para o beber compulsivo deve ser creditada, pelo que vimos, a uma condição inata, a idéia, a concepção de Deus para o A.A. ganha a mesma condição, por ser inerente à natureza humana. Então, essas duas tendências naturais, de alguma maneira, se chocariam, duelariam entre si, travando uma luta em que a idéia natural de Deus deve, se os Doze Passos forem seguidos, vencer a propensão inata ao álcool.

Como consequência dessa concepção determinista tanto da idéia Deus como da propensão para o alcoolismo, uma certa mística, de traço messiânico, perpassa por toda organização e procedimentos do A.A.

Podemos encontrá-la nos Doze Passos, que, na realidade, seria uma forma de roteiro a ser cumprido, seguido no período de recuperação para, além dele, como princípios de vida, levaria à sobriedade e à felicidade.

O número doze, por sinal, goza de uma névoa misteriosa. Aparece nos Doze Passos, Nas Doze Tradições, nos Doze Conceitos para Serviços Mundiais sem que ninguém saiba ao certo qual a sua origem e o que significa. Parece-nos, entretanto, haver alguma relação com os doze apóstolos que seguiram Cristo, pelo menos, esta foi a única referência que encontramos até o presente momento

X Os Passos que Levam à Identidade:

I. Os Doze Passos

No que se refere à recuperação, o A.A. propõe um programa conhecido como *Doze Passos*. Para o A.A., seria quase impossível alguém fracassar no seu intento de tornar-se abstêmio, se esse programa for seguido com atenção e dedicação. Além disso, o A.A. é da opinião de que aqueles que fracassaram são pessoas que não conseguiram integrar-se inteiramente ao programa, que pela sua natureza não conseguiram ser honestos consigo mesmos. Tais pessoas teriam nascido desta forma e, então, a partir dessas características inatas, seriam incapazes de aceitar e desenvolver um modo de vida que exigisse uma grande soma de virtudes, especialmente a honestidade. Além desses, que fatalmente falhariam no seguir os passos da recuperação, existem aqueles que sofrem de graves transtornos mentais e emocionais. Estes, para o A.A., teriam toda a possibilidade de se recuperar caso tivessem a capacidade de ser honestos.

Para o A.A., as qualidades humanas, entre elas a honestidade são características herdadas. Se por um lado, o A.A. não julga o indivíduo particularmente pelos seus resultados, por outro, atribui-lhe uma capacidade já delimitada pela natureza, o que sem dúvida é uma formulação bastante discutível. Os limites entre o herdado e o adquirido, entre o inato e as influências do meio, constituem áreas de grande discussão, de especulação inconclusiva, campos abertos à pesquisa. Sabemos, sim, que existem limites herdados, mas um traço de caráter tão complexo como o da honestidade parece-nos mais uma tendência propiciada pelas circunstâncias do que

pelos genes. Afinal, o próprio conceito de honestidade varia nas várias épocas de nossa história, e nem sempre a honestidade é considerada um conjunto de virtudes valorizadas pelo ser humano. Parece-nos, assim, difícil que o gene consiga adaptar-se e modificar-se tão rápida e drasticamente a cada variação da cultura.

Apresentamos aqui *Os Doze Passos*, tais como foram publicados pelo A.A.

Primeiro Passo: *Admitimos que éramos impotentes perante o álcool - que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.*

É preciso reconhecer que a pessoa perdeu o controle de sua vida, e assumir a derrota no uso do álcool o que, por consequência, leva a uma total desestruturação da vida pessoal e profissional, em todos os seus aspectos. Sem esse autocontrole e entrega, não pode o alcoólatra iniciar qualquer processo de recuperação, sem uma grande probabilidade de vir a fracassar.

Segundo Passo: *Vimos a acreditar que um Poder superior a nós poderia nos devolver à sanidade.*

Assim, reconhecidos o fracasso, a derrota pessoal e a impotência perante o álcool, surge a necessidade de acreditar, de entregar-se a um Poder superior ao dos homens; para o A.A., Deus.

Essa seria, por exemplo, se seguirmos o pensamento Bioniano, uma forma inconsciente do indivíduo contribuir para a formação de uma mentalidade grupal, cada um colaborando com a sua concepção particular de Deus, dando, como resultado, unidade ao grupo. Isto, por consequência, leva-nos ao terceiro passo.

Terceiro Passo: *Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, na forma em que O concebíamos.*

O A.A. não prega uma forma particular de Deus, não está ligado diretamente a religião alguma. O que se coloca é que, cada pessoa tem dentro de si uma concepção de Deus, também considerada uma idéia inata, e essa concepção desenvolvida por cada um a partir da sua natureza geral é o que levaria a pessoa a se afastar do alcoolismo. Enfim, apenas Deus poderia propiciar a sobriedade e isto aconteceria com certeza se a vida pessoal fosse colocada em suas mãos.

Nos grupos artificiais, assim como no A.A., existe a necessidade de uma força externa para manter a unidade, a coesão do grupo. Isto é, a concepção de Deus torna a todos, de alguma maneira, irmãos, possibilitando, então, a relação de irmandade. Não é sem razão que o A.A. se autodenomina uma Irmandade.

Essa relação de irmandade faria com que a pessoa ficasse presa, duplamente ligada aos outros membros e a Deus. Esses laços são muito semelhantes aos que encontramos na Igreja, só que aqui, ganham uma proporção considerável como resultado do processo identificatório estabelecido, vidas semelhantes, problemas parecidos, objetivos iguais.

De qualquer forma, a unidade grupal do A.A. funcionaria, assim, sob o suposto básico da dependência, colocando-se o grupo nas mãos de Deus, o qual forneceria a solução, seja pela sugestão ou pela ilusão.

Deus é concebido por Freud como a projeção do narcisismo, da onipotência do homem e do sentimento filial, resultado do complexo edípico; pois, enquanto dependente do pai, não poderia o filho disputar de igual para igual a mãe com o pai. Para como filho continuar usufruindo dos cuidados maternos, na realidade ou na fantasia, mantém-se como filho. Enfim, a representação de Deus deve, então, ser de

alguma maneira fixada como a possibilidade de manter o grupo coeso, na dependência de que Deus os suprirá.

Quarto Passo: *Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.*

A proposta aí é a de um balanço, uma procura das falhas da personalidade que levaram a um estado de fracasso. A comparação sugerida é com uma empresa comercial que entrou em regime falimentar. Essa falência seria provocada por um interesse excessivo centrado em si mesmo, egocêntrico, ficando a bebida apenas como um sintoma, um corolário do jeito de viver. Nesse balanço pessoal devem ser levados em conta os ressentimentos do alcoólatra, que para o A.A., estariam na base de muitas formas de enfermidade espiritual. O alcoólatra não se encontra apenas física ou psiquicamente doente, mas muito mais enfermo espiritualmente. Assim, deve fazer uma lista dos ressentimentos seguida dos respectivos motivos e da suas consequências. Isto é, quais aspectos da vida esses ressentimentos estariam afetando.

Quinto Passo: *Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.*

Após a realização desse inventário, o quinto passo sugere a total admissão de todos os erros e equívocos e, a partir desta admissão, chegar à possibilidade de corrigi-los. Mas como se daria a correção, já que individualmente a pessoa estaria arrasada, destruída e sem forças? Assim, surge a necessidade de colocar a própria personalidade em discussão com uma outra pessoa, sendo esta uma condição que não pode ser esquecida, evitada. O alcoólatra deve escolher uma pessoa, um padre, um amigo discreto para colocar a sua personalidade em questão. Discutir coisas do fundo da sua alma, para que suas contradições possam aparecer. Aconselha-se, claro, tomar cuidado com as pessoas escolhidas, para que elas não fiquem magoadas com o que

lhes é dito. Neste importante passo, o de discutir a si mesmo com um outro, o A.A. considera que muitas vezes um médico conhecido, um profissional de saúde mental, um psicólogo possa vir a ser consultado. Dai, para o A.A., a necessidade do próximo passo.

Sexto Passo: Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.

Colocar-se nas mãos de Deus, já que pessoalmente a impotência perante a vida e perante si mesmo transforma o álcool e suas consequências no símbolo mais exato de seu mundo interno. Colocar-se à disposição de Deus, para que Ele sim possa propiciar as alterações, as mudanças, num indivíduo cuja vontade e força já de muito foram derrotadas.

Se o suposto básico da dependência é o que está aqui determinando as ações grupais e individuais, claro fica que se a dependência do álcool foi abandonada, uma outra veio substituí-la, na forma de Deus, para que Ele remova as falhas e os defeitos de personalidade da pessoa.

Sétimo Passo: Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeições.

Novamente nesse passo, a concepção de Deus, a fé aparecem como sendo o principal fator, já que só o crente pode, de alguma maneira, colocar-se à disposição de Deus, para que Ele realize milagres. Essas concepções, com certeza, apesar de o A.A não filiar-se a nenhuma religião, aproximam-se muito das idéias judaico-cristãs, especialmente, as idéias concebidas pela Igreja Católica. O desejo constante do homem de tornar-se igual a Deus, livrando-se das imperfeições. Um ideal narcísico perseguido, porém só alcançado imaginariamente nas idéias deificadas, que afinal são

representantes diretas do desejo humano de eternidade, de onipotência e onisciência. Este desejo tem por função negar a finitude do homem já que, o inconsciente, que pensamos ser a maior parte de nossa psique, não admite a contradição e, como tal, a idéia da morte.

Oitavo Passo: *Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparar os danos a elas causados.*

Esse passo parece ser um tanto original. Não apenas confessar ou reconhecer os pecados, as falhas, mas localizá-los, particularizar as pessoas e os prejuízos a elas causados, para dar o passo seguinte.

Nono Passo: *Fizemos reparações diretas dos danos causados a tais pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-los significasse prejudicá-las, ou a outrem.*

Isto quer dizer que as dívidas, sejam elas quais forem, devem ser pagas, ou seja quitadas, especialmente porque o alcoólatra, não raro pela sua incapacidade de estabilizar-se num trabalho, vive solicitando dinheiro emprestado. Outras ofensas, sejam elas de qualquer natureza, devem ser reparadas, de uma forma direta ou indireta. O perdão e a reconciliação com o outro devem ser buscados, sem que o orgulho egoísta venha a atrapalhar.

Melanie Klein nos fala de um tipo de reparação que funciona como uma defesa para que a culpa e a perda não sejam experimentadas, denominado por ela de reparação maníaca. Também se refere a um outro tipo de reparação, em que a dor psíquica não é evitada, e que objetiva o reconhecimento da realidade psíquica. A partir dessa condição de sofrimento e de reconhecimento da culpa, busca-se a reparação do dano causado, para consertar o que foi estragado. Isso se dá por consequência e condição de um ego desenvolvido e íntegro, isto é, em função da evolução da

personalidade como um todo. Não existe a possibilidade de que a culpa e o sofrimento, assim como a responsabilidade psíquica, venham a ser conseguidos por sugestão ou por decreto.

Temos consciência de que o tipo de alcoólatra que o A.A., na maioria da vezes, recebe são pessoas que tiveram suas vidas destruídas, mas que, de alguma forma, não perderam todos os recursos egóicos. Além disso, ganham outros através da identidade grupal e, aí sim, adquirem a possibilidade de restauração do dano causado assumindo e sofrendo pela culpa reconhecida. Pensamos que as recaídas não são infrequentes e podem ser explicadas como uma negação maniada da dor, da angústia depressiva, já que, como hoje sabemos, parte do alcoolismo se relaciona com as variações do humor. Muitas vezes, o alcoolismo é desenvolvido, precisamente, como uma maneira de aliviar os estados depressivos.

Décimo Passo: *Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.*

Enfim, o inventário deve ser uma constante, mais do que um novo passo ele é o passo que faz parte do andar do alcoólatra.

Décimo Primeiro Passo: *Procuramos, através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que O concebíamos, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós e forças para realizar esta vontade.*

O recurso da oração é aconselhado pelo A.A, por considerar que a oração dá resultados. Aconselha seus seguidores que, ao deitar-se procurem fazer uma revisão de seu dia. Procurem saber se acaso existiu algum ressentimento, se foram egoístas, desonestos, se tiveram medo, se ofenderam alguma pessoa, se foram gentis, amáveis

com todos, e sobretudo que identifiquem o que poderia ter sido feito melhor. Alerta também para que o alcoólatra não seja arrastado para o remorso ou a reflexão doentia. Parece ser importante, entre outras coisas, nos conselhos do A.A., o perdão de Deus, assim como as providências que podem ser tomadas para que os erros sejam corrigidos.

Ao despertar pela manhã, o A.A. aconselha o alcoólatra a pensar nas horas que terá pela frente, nos planos para o dia. Mas antes de iniciar qualquer atividade, aconselha a pedir a Deus que todos os atos e pensamentos sejam guiados por Ele.

Assim, o que encontramos no Décimo-Primeiro Passo é um dia repleto de meditação e de oração. Apenas gostaríamos de acrescentar que o A.A. não ensina nenhuma oração em particular. Como cada um tem uma concepção de Deus muito particular, apesar de já termos apontado uma maior influência do pensamento judaico-cristão, cada um terá a sua maneira de construir uma oração.

Décimo Segundo Passo: Tendo experimentado um despertar espiritual graças a estes passos, procuramos transmitir esta mensagem aos alcoólicos e praticar princípios em todas as nossas atividades.

O que é colocado no décimo-segundo passo é o pensamento de que nada manterá de forma mais eficiente o alcoólatra longe do álcool do que o trabalho dedicado a outro alcoólatra, já que o outro constitui a base de toda sua recuperação.

No que diz respeito à aproximação de um alcoólatra com outros, o A.A. estabelece que não se deve fazer qualquer pregação de ordem moral ou espiritual. O que deve ser feito é uma aproximação que ofereça companheirismo e amizade e um esforço para ajudar aquele que necessita de recuperação.

O A.A. aconselha que se um de seus componentes encontrar alguém com possibilidade de se tornar membro dos Alcoólicos Anônimos, deve aprofundar-se no conhecimento desse futuro membro. Porém, se a pessoa em questão não quiser dar um fim às suas bebedeiras, aconselha-se a não perder tempo tentando convencê-lo.

Esse passo poderia ser entendido como o trabalho com os outros. Aqui, de uma forma geral, o A.A. propõe aquilo que denominaremos táticas de aproximação. Por exemplo, deve-se encontrar a pessoa a sós, introduzindo assuntos gerais e, só depois de um certo tempo, abordar o assunto da bebida. Neste instante, é importante falar ao outro a respeito dos próprios hábitos e da própria experiência em relação ao álcool; enfim, deve neste momento resumir a sua vida de alcoólatra, até o momento em que parou de beber.

Parece-nos que o A.A mantém uma tática na qual o outro pode identificar-se com aquele que leva a mensagem, procurando manter um pacto, uma comunhão de experiências em relação ao álcool, especialmente o caminho que vai do primeiro gole a um “porre” generalizado. Assim, o outro poderá estabelecer uma certa identificação da instabilidade mental do relator com a sua pessoal. Ou seja,

conte-lhe exatamente o que aconteceu com você. Dê a ênfase que quiser ao aspecto espiritual. Se o homem for agnóstico ou ateu, deixe bem claro que ele não precisa concordar com o seu conceito de Deus. Ele pode escolher o conceito que preferir, contanto que, faça sentido. O principal é que ele esteja disposto a acreditar num Poder superior a ele, e que viva de acordo com os princípios espirituais. (A.A.p.112)

Dentro dessa técnica de abordagem de um outro alcoólatra, o A.A. propõe que seus membros deixem claro que o A.A. não representa nenhuma religião em particular.

Um outro aspecto digno de nota refere-se aos familiares do alcoólatra. Mesmo que este se encontre reticente e resistente a empreender os Doze Passos, os familiares devem ser abordados. Se os mesmos forem iluminados por princípios espirituais mais elevados, não só poderão ajudar melhor o alcoólatra, como também, poderão suportar melhor os martírios e reveses da vida propiciados pelo alcoolismo em um dos membros da família.

Também o A.A. aconselha os seus membros a não evitar a convivência social com as pessoas não alcoólatras, que freqüentam, por exemplo, um bar, um lugar em que se servem bebidas. O que o alcoólatra deve fazer, quando se encontrar numa destas situações sociais, é relatar aos seus acompanhantes, como a bebida interfere em sua vida, como o álcool particularmente lhe causa um grande mal. Desta forma, muito raramente as pessoas o convidarão para um trago, para uma cerveja, ou um uísque.

Com esse procedimento, segundo nossa opinião, o A.A. faz que seus membros procurem ser identificados como alcoólatras, possibilitando e firmando assim, para terceiros, uma certa identidade de alcoólatra que deverá ser reconhecida.

Assim, para o A.A., se os Doze Passos, seu Programa de Recuperação, forem seguidos com seriedade e dedicação, a pessoa terá recuperado sua virtude e manterá sua sobriedade. Superar o hábito da bebida irá requerer uma modificação de pensamentos e atitudes. Todos os alcoólatras necessitam almejar o caminho da recuperação como o mais importante a ser seguido, pois quando a recuperação não acontece, as perdas são muitas e, não raro, pagas com a própria vida.

No entanto, muitas vezes o alcoolismo aparece como um demônio que domina o corpo sofredor e que precisa ser expulso, e Os Doze Passos seriam a água benta que lavaria a alma, exorcizando o diabo que no corpo fez sua morada.

2. As Doze Tradições

As Doze Tradições referem-se aos meios pelos quais o A.A. mantém sua unidade e se relaciona com o mundo a sua volta, mantém seu modo de vida como irmandade e às “regras” que propiciaram o seu crescimento.

Primeira Tradição: “ *Nosso bem-estar comum deve estar em primeiro lugar; a reabilitação individual depende da unidade de A.A.* ”

O A.A. coloca a unidade da organização como o princípio fundamental de sua existência enquanto grupo, porém isso não significa desprezo pela individualidade, pois nas Doze Tradições, não existe nenhum *Não faça*, mas muitos *devemos*.

À medida que as etapas do Décimo Segundo Passo vão acontecendo cria-se o grupo, sem o qual as pessoas não conseguiriam recuperar-se. Assim, de uma forma clara e direta, o A.A. reconhece que o sentimento de pertinência ao grupo faz com que a pessoa, em alguma medida se recupere do alcoolismo. Daí a valorização da unidade grupal, que dá consistência e resistência ao grupo e às pessoas que dele fazem parte.

Essa busca de unidade, parece-nos também uma maneira de criar-se um grupo psicológico, assim como aquele caracterizado por McDougall, através de um objetivo específico, no caso, a recuperação do alcoólatra. O Décimo Segundo Passo funciona como facilitador desta criação, dando unidade e criando uma inclinação emocional semelhante entre as pessoas. A influência recíproca, o contágio emocional vão levar ao estado de fusionamento (unidade) os seus membros. Se a longevidade leva o grupo a um nível mais elevado de organização, percebemos, ao consultar o organograma do A.A., que uma certa formalização vai se constituindo, com definição de funções,

eleições ou designação para cargos, caso estes não sejam preenchidos. É através do Décimo Segundo Passo que o A.A. possibilita aos seus componentes manterem uma relação emocional com a totalidade do conjunto e não apenas com os elementos que estão na periferia, estabelecendo um envolvimento profundo e intenso no grupo.

O Décimo Segundo Passo fala da graça recebida, da mensagem que deve ser transmitida, e dos princípios que devem ser praticados. De acordo com o texto, a pessoa que conseguiu a sobriedade, manterá esta sobriedade se ajudar a outro alcoólatra. Essa, sem dúvida, é uma proposta de amor, de amor sublimado, sim, como Freud nos fez perceber. Se é libido sublimada, a tendência desse investimento libidinal é a manutenção da unidade, já que a libido, Eros, aglutina, possibilitando laços emocionais.

Segunda Tradição: *“Somente uma autoridade preside, em última análise, ao nosso propósito comum - um Deus amantíssimo que se manifesta em nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança; não têm poderes para governar.”*

Nessa Tradição, o A.A. declara não possuir dirigente com autoridade para governá-lo, nem tampouco um tesoureiro para cuidar de suas finanças, menos ainda uma diretoria com força e poder para expulsar um de seus componentes. Assim nenhum dos seus membros pode exigir obediência de seu par .

Para o A.A., a única autoridade é um Deus, como cada um O concebe e que está presente na consciência do grupo.

Existe, no entanto, um comitê rotativo, delimitado em suas funções e atribuições. Seus membros serão apenas servidores, e não dirigentes. A esse comitê rotativo cabe realizar as tarefas do grupo. Por exemplo, o presidente desse comitê,

juntamente com os outros membros, poderá dedicar-se às relações públicas e à promoção de reuniões; ao tesoureiro, caberá recolher o dinheiro arrecadado nas reuniões, em contribuições voluntárias e fiscalizado pelos outros membros, providenciar o depósito bancário, realizar o pagamento das contas rotineiras, prestando contas nas reuniões específicas de negócios; o secretário cuidará da propaganda, da literatura, da resposta à correspondência e da divulgação dos comunicados. O comitê não dá ordens e nem julga a conduta dos outros membros. Esse comitê é eleito periodicamente, sendo que a vontade da maioria determinará a reeleição. *Trata-se de experiências universais. Por esse modo, em toda a história de A.A., a consciência do grupo decreta os termos segundo os quais seus líderes devem servir.* (JUNAAB, 1995, p.120)

O A.A. considera um tipo de líder que se mostra configurado no velho mentor, aquele que vê sabedoria das decisões do grupo, que não se ressentido da diminuição do seu status, *aquele cujo julgamento, revigorado por grande dose de experiência, é justo, e que consente de bom grado ficar à margem e observar a evolução dos acontecimentos.* (JUNAAB, 1995, p. 121)

Na concepção do A.A., esses líderes seriam a voz da consciência do grupo, a voz representativa dos grupos, pois dirigem sem imposições, apenas lideram, procurando deixar que a consciência de grupo esteja sempre à frente da consciência individual de qualquer líder.

O que se busca é a consciência grupal, uma maneira de funcionar em que as individualidades sejam sobrepujadas pela história do grupo. Os mentores, de uma certa forma, detêm a sabedoria, isto é, a história que, sem dúvida, passaria a exercer a influência sobre ele e não o líder. Se um grupo possui uma história, essa história

necessita ser contada a todos que dela participam, como bem aponta Bion, com a finalidade de impedir que qualquer idéia nova possa ganhar forma e evoluir.

Assim, sutilmente, as disputas são eliminadas; não existe o que depor. Ou reza-se pela mesma cartilha, ou não se está devidamente catequizado.

Outro aspecto que nos chama a atenção diz respeito a uma das características dos grupos primários, a saber, a existência de um inconsciente coletivo, uma história comum vivida pelo grupo; história essa que determina a conduta de seus membros.

Terceira Tradição: Para ser membro de A.A., o único requisito é o desejo de parar de beber.

Esta Tradição, segundo a própria história do A.A., foi elaborada após muito sofrimento e desencontros. No início da propagação dos grupos de alcoólatras, cada grupo de Alcoólicos Anônimos tinha numerosas regras particulares de ingresso. Na verdade, temia-se que alguma força descontrolada pudesse pôr por terra a sobriedade alcançada, jogando todos, novamente, no limbo e no beber compulsivo. A lista das condições, na verdade, era enorme e, segundo avalia hoje o A.A., se todas as exigências fossem seguidas, a grande maioria das pessoas que passou pelo A.A. não teria conseguido nele ingressar. Por fim, todas as exigências foram abandonadas, sendo possível hoje a qualquer um, por mais desequilibrado ou perigoso pudesse parecer, ingressar no A.A.

Quando uma pessoa alcoólatra começa a freqüentar as reuniões do A.A., logo entra em contato com a experiência, com o relato de vida de outras pessoas que se mantiveram abstinentes. A idéia de sobriedade ganha força, pois aqueles que a possuem, os mais antigos do grupo, mantêm-na de maneira intensa, o que, por consequência, desperta a fé dos mais novos. Passa o grupo então a possuir uma

vontade forte e poderosa, cultivada pelos membros mais antigos, que podem então nesse caso ser considerados líderes, já que são eles os que mais acreditam naquilo que defendem.

Este simples requisito tem implicações maiores do que o seu enunciado faz crer. Esta Tradição parece colocar em movimento os traços de caráter da pessoa, identificando um interesse comum, que acaba, de uma forma geral, sendo defendido por todos. A partir daí estabelece-se um clima emocional semelhante entre todos os integrantes do grupo, uma das condições fundamentais para que o grupo se constitua enquanto tal.

Desta maneira, a influência recíproca característica dos grupos psicológicos proporciona a intensificação da emoção e, com ela, o contágio, possibilitando que os limites entre as pessoas deixem de existir de forma tão estrita, propiciando um estado de fusionamento entre os seus componentes com os objetivos do grupo, isto é, com o desejo de parar de beber. Temos então um estado de não-individualização, aquilo que Bleger denomina de Sociabilidade Sincrética. Podemos constatar aí a presença de uma intensa identificação a partir do desejo comum de parar de beber, propiciando a formação de laços e de uma estrutura grupal.

Quarta Tradição: *Cada grupo deve ser autônomo, salvo em assunto que digam respeito a outros grupos ou A.A. em seu conjunto.*

O A.A. considera que cada um de seus grupos deve ter a liberdade de cuidar de seus interesses da maneira que considerar ser a melhor, exceto quando a conduta de um grupo colocar outros ou a própria Irmandade em perigo.

Para o A.A. nenhum grupo deve fazer parte ou filiar-se a qualquer movimento, religião, ou partido político; pois isso comprometeria a unidade interna do grupo,

fazendo com que passem a existir tendências, facções, grupos prós e contras ou grupos homogêneos de simpatizantes ou adeptos de determinados movimentos católicos. O que é proposto é uma certa fidelidade ao Terceiro Passo, ao desejo de se manter sóbrio. Se outros desejos passarem a existir dentro do grupo, pelas condições que analisamos na Tradição anterior, o risco de racha, de desfusãoamento, colocaria a unidade do grupo em risco. Assim, pela nossa análise, trata-se de uma medida preventiva e, pela história do A.A., as experiências de filiação a outros fins, com certeza constituíram desvios do objetivo maior.

Assim de algum modo e em algum nível, outros grupos tornaram-se para o A.A. um tanto persecutórios, inimigos declarados da organização e da existência do grupo, devendo em alguma medida ser evitados, não possibilitando qualquer aproximação.

Quinta Tradição: Cada grupo é animado de um único propósito primordial o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre.

Essa Tradição é para o A.A. o ponto nevrálgico da vida da Irmandade, tornando-se dever de todos os membros do A.A. ajudar outros alcoólatras. Poucas pessoas conseguem isso, pois poucas têm a habilidade de identificar-se com os que acabam de ingressar no grupo, para ajudá-los a reabilitarem-se. Essa faculdade, segundo as formulações do A.A., não se desenvolve com qualquer qualidade. Apenas, o ter sido um alcoólatra que conseguiu a sobriedade qualifica a pessoa a passar a “fórmula” para um outro alcoólico.

Em nossa análise da Tradição anterior, constatamos que quando uma idéia circula entre os membros do grupo, sua força é intensificada, possibilitando a unidade do grupo e a formação de uma mentalidade grupal, que passa a influir em todos os seus componentes.

Sexta Tradição: Nenhum grupo de A.A. deverá jamais sancionar, financiar ou emprestar o nome de A.A. a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio à Irmandade, a fim de que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio não nos afastem do nosso objetivo primordial.

Essa tradição parece resultar muito mais das experiências negativas que o A.A. teve em seus múltiplos experimentos, do que de uma convicção estabelecida a priori. O A.A., ao que parece, não teve nenhuma intenção em escondê-las. Pelo contrário, chegou à conclusão de que muitas das experiências testadas, como negócios, empreendimentos educativos, hospitais, política, apenas descaracterizavam as suas atribuições.

Em suma, o A.A. possui uma identidade. As filiações, fossem elas de caráter político, empresarial, educacional só iriam descaracterizar essa identidade, ocupando ou dividindo o espaço com a recuperação, que com certeza confundiria a sua representação, especialmente enquanto organização especializada em recuperar alcoólatras. Enfim, a restrição de suas atividades também tem como objetivo, além da manutenção de uma identidade grupal estável, a permanência de um grupo coeso, de característica primária, duradouro, que teria como função manter a vontade coletiva de parar de beber por longos períodos. Assim, enquanto grupo, teriam fortalecidas as trocas entre seus membros, sendo possível, de uma certa forma, que cada um de seus componentes pudesse prever a conduta dos demais, já que, outras participações estariam vetadas. Como consequência da permanência desse grupo de característica primária, teríamos a Emergência de Normas que delimita o conjunto de condutas para todos os membros.

Se no início o A.A. tinha uma certa pretensão de reformar o mundo, postura esta que após a análise de sua história podemos chamar de um tanto ufanista e simplória. Ensinamentos propiciados pela realidade, levaram-no a contentar-se em limitar a tentativa de recuperar determinadas pessoas que desejam colocar um fim à compulsão pela bebida, fazendo ou utilizando o A.A. como uma possibilidade, mas não a única.

Sétima Tradição: *Todos os grupos de A.A. deverão ser absolutamente auto-suficientes, rejeitando quaisquer doações de fora.*

Na descrição da Sétima Tradição encontramos, implícita, uma certa ironia: quem poderia pensar que os alcoólatras, que volta e meia precisam de dinheiro de outros, conseguem manter uma organização auto-suficiente, que paga suas contas de uma forma organizada, sem a ajuda de ninguém, a não ser dos próprios alcoólatras e pela venda dos seus produtos, como livros, revistas etc.

Também no que se refere ao dinheiro, encontramos na história do A.A. muitos fatos que pesaram contra a organização, e que envolveram disputa e submissão. Pensamos se de uma certa maneira o A.A. não teve de manter-se longe das filiações financeiras, das grandes doações, para evitar disputas internas e, ver-se livre das determinações externas à irmandade. Relata-se que numa certa feita o A.A. foi apresentado com um hospital para cuidar de alcoólatras; mas, logo em seguida, o filho do benevolente doador tornou-se o principal cliente e gerente extra-oficial do referido estabelecimento hospitalar. Um outro relato fala de uma certa quantia dada à Irmandade para que a mesma a utilizasse da forma que melhor lhe conviesse. A disputa em torno da quantia doada arrastou-se por muitos anos, deixando seqüelas. Assim, temerosos das complicações trazidas pelo dinheiro, muitos grupos passaram a não guardar nenhum centavo em sua tesouraria.

Por outro lado, o A.A. precisa funcionar, necessita de um local para reuniões, de instalações para seu escritório, com secretária e outros funcionários, fax, telefone, computador. Mas o A.A. se recusa a receber, como já dissemos, grandes doações, optando por permanecer pobre, com dinheiro apenas suficiente para pagar as despesas correntes, deixando uma pequena reserva como precaução. Assim, esta ficou sendo sua linha de conduta em termos de finanças, que se baseia, vamos assim dizer, na pobreza coletiva.

O dinheiro, como sabemos, divide famílias, irmãos, nações, continentes. Ele tem em si uma grande significação psíquica, podendo representar inúmeras coisas. Possui, além do mais, um valor erótico maior do que muitos objetos têm ou poderiam oferecer. As pessoas, em geral, gastam suas vidas atrás do dinheiro. Tornam-se infelizes quando não o têm ou não conseguem ter o quanto desejariam, mesmo tendo muito. Além disso, o dinheiro tem em si o poder do investimento, de compra, de domínio, de poder. Como representante instintivo que circula em nossa cultura, apresenta-se de certa forma indomado. Em nossa sociedade, cuja filosofia é predatória e competitiva, os vencedores cobram sua dívida pela expropriação do trabalho daqueles que não têm mais dinheiro; o que leva, às vezes, a situações piores que a escravidão, quando ele é pago com miséria e exclusão.

Pensamos que o A.A., por pretender manter-se como um grupo psicológico, identificando seus membros com seus fins, tomou consciência de que o dinheiro e sua administração poderiam ser o objeto do instinto incontrolado que desviaria os processos identificatórios de suas finalidades, podendo, pelo dinheiro, assumir diversas formas. Assim, como grupo estabelecido, com clara identidade e fins delimitados, o A.A. não renunciou ao dinheiro, às grandes doações por acaso, ou por uma mera

filosofia cristã, que parece vangloriar-se com a pobreza. Esta renúncia é muito mais uma estratégia de sobrevivência e de reprodução de seu modelo; modelo este que ultrapassa hoje o público alvo, os alcoólatras, para alcançar grupos que se organizam em torno de outras problemáticas. Parece ser uma estratégia de investimento, cujos rendimentos referem-se à penetração de idéias e permanência da influência da organização, coisa que dinheiro algum pode pagar.

Oitava Tradição: *Alcoólicos Anônimos deverá manter-se sempre não-profissional, embora nossos centros de serviços possam contratar funcionários especializados.*

De acordo com o passo anterior, pelo menos dentro de nossa ótica, o A.A. tem como princípio não profissionalizar o seu Décimo Segundo Passo, o da transmissão da mensagem do A.A., que deve se dar sem qualquer pagamento para quem o executa ou de quem a recebe.

No entanto, isso não implica que o A.A. não possa contratar pessoas, sejam elas alcoólatras ou não. Alguns alcoólatras poderão receber pagamento por prestar em serviços profissionais ao AA, assim como também pessoas que não têm qualquer relacionamento com o alcoolismo, como uma secretária, para cuidar da correspondência, e um arquivista ou um analista de sistemas. Alguns alcoólatras podem, com certeza, desenvolver suas atividades profissionais nos mais variados setores da nossa sociedade. Mas como membro do A.A., nunca se recebe pagamento para divulgar ou praticar o Décimo Segundo Passo. Um membro do A.A., como uma pessoa qualquer com todos os seus direitos de cidadão, pode tornar-se um professor, um chefe de pessoal, um delegado de polícia, sem que o nome do A.A. possa estar

envolvido em suas atividades. O que não impede a esse membro empreender o referido passo na direção dos alcoólatras que encontrar em seu local de trabalho.

Fica evidente, entre outras coisas, a necessidade de proteção da identidade dos Alcoólicos Anônimos, já que uma pessoa, atuando em nome do A.A., poderia comprometer com o seu fracasso, com o seu desvio de objetivo, a representação identitária do A.A., tornando a entidade alvo de críticas pela confusão de papéis.

Nona Tradição: *A.A. jamais deverá organizar-se como tal; podemos, porém, criar juntas ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviços.*

No início, a Nona Tradição postulava que o A.A. necessitava de um mínimo de organização. Posteriormente, a posição em torno dessa necessidade foi se modificando e, hoje, postula-se que o A.A. não deve ter nenhuma organização.

O próprio A.A. aponta uma certa incoerência nessa formulação, já que existem Comissões Centrais e Comitês Especiais, que são, em si mesmos, organizados. O que o A.A. a nosso ver postula é que, de uma forma geral, o poder de governar, daqueles que dirigem a organização foi eliminado. Assim, nem a Conferência de Serviços Gerais, nem a Junta de Serviços Gerais, nem o menor, o menos significativo comitê poderá ordenar qualquer coisa a qualquer de seus componentes, muito menos impor qualquer espécie de punição. O que importa, neste caso, não é a nomeação de juntas que governem, e sim, juntas que possam trabalhar no sentido de servir a todos os membros. O A.A. é movido pelo princípio de servir e é com esse espírito que todos os comitês rotativos dos grupos são eleitos, assim como os Intergrupos para as zonas e a Conferência de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos.

Na concepção do A.A., a Irmandade deve funcionar, pois, pelo espírito de servir, evitando os perigos da grande riqueza, do prestígio social e do poder, sem qualquer organização formal.

Por outro lado, se formos examinar, como o faremos em outro momento, a Estrutura de Serviços de A.A. do Brasil, logo perceberemos que ela apresenta um organograma de grande complexidade, com divisões, subdivisões, comitês etc., que deixaria qualquer empresa, que hoje tenta desburocratizar-se, de cabelos em pé. Uma estrutura bastante complicada e de difícil análise.

Poderíamos, de um modo geral, dividir o A.A. em duas partes. A primeira constitui-se de pequenos comitês, que se organizam por região, com reuniões periódicas, abertar a todos os que queiram parar de beber e manter-se sóbrios. As reuniões ocorrem muitas vezes em casas alugadas, em Sociedade Amigos de Bairros, em salões paroquiais, com um número pequeno de componentes, onde todos contam sua história e como vem se dando a batalha em busca da sobriedade. Através dos Doze Passos, estabelecendo-se a cada dia, a cada vinte e quatro horas, um programa para passar o dia de acordo com esses princípios. Poderíamos dizer que esses pequenos comitês funcionam como grupos primários e persistentes, em que as relações têm o caráter de cooperação, de pessoa para pessoa, tendo como resultado uma integração íntima, uma fusão de individualidades em uma organização comum. Enfim, uma relação caracterizada pela simpatia e por uma intensa identificação mútua.

A base do A.A., a nosso ver seu pilar principal, está em formar os quadros a serem alçados para os patamares superiores de serviços, constituindo-se nos principais propagadores do Décimo Segundo Passo.

Na medida em que esses comitês necessitam de uma certa orientação geral, de um certo controle, onde seus membros possam ser representados, através de eleições ou nomeações, faz-se necessário a formação de uma superestrutura bastante burocrática, com funções definidas e papéis bem delimitados.

Quando olhamos para a já mencionada Estrutura de Serviços, reproduzida no final do capítulo, tomamos consciência de uma organização bastante sedimentada, burocrática, e complexamente organizada, apesar da negação de seu aspecto organizativo. A partir dos Grupos de A.A, que aqui denominamos unidade base, vamos para o RGS (Representante de Serviços Gerais) e, depois para os vários comitês de Distrito. Em seguida, existe o Comitê de Área/ Assembléia de Área e a Conferência de Serviços Gerais. Daí, a JUNAAB - Junta de Alcoólicos Anônimos do Brasil, que representa os Estados e o Distrito Federal. Além das Comissões de Normas e Procedimentos, De Nomeações, de Literatura e Publicações, Finanças, Trabalhando com os Outros, Agenda e Sede, Órgãos de Serviços, Conselho Fiscal, Administração, Finanças etc.

Enfim, sua macroestrutura permite-nos caracterizar o A.A. como um grupo Secundário, em que as relações não se dão de forma direta e sim através de intermediários. Poderíamos, acompanhando Bleger, denominar este grupo de organização, sem dúvida é esta forma como se nos apresenta a macroestrutura do A.A., com a sedimentação de papéis e funções.

O perigo dessa complexidade organizativa e burocrática, pelo que já estudamos, é a perda de mobilidade pelo peso da burocracia, e o distanciamento de seus objetivos iniciais, o grupo podendo, com grande probabilidade, perder seu objetivo terapêutico, para, inclusive, transformar-se no seu oposto, tornando-se a organização doente, com

a mesma moléstia que pretendia tratar, sofrendo, por assim dizer, um efeito hiatrogênico, embriagador, desorientado pela complexidade e pelo peso paralizante da sua estrutura burocrática.

Somente se considerarmos o A.A. acima de qualquer grupo humano, constituído de anjos e não de seres humanos, os mesmos estariam livres das características e dos problemas apresentados pelos grupos, de uma forma geral.

Décima Tradição: *Alcoólicos Anônimos não opina sobre questões alheias à Irmandade; portanto, o nome de A.A. jamais deverá aparecer em controvérsias públicas.*

A posição do A.A., neste aspecto, é bastante clara, apesar de não ser assim tão evidentes as suas razões. Para o A.A., os alcoólatras que foram *reintegrados* ao mundo poderão tomar, individualmente, como pessoa, qualquer posição que o seu melhor julgamento propiciar. Porém, em relação ao A.A. como um todo, ninguém está autorizado a envolver a organização em polémicas públicas, sejam elas de caráter político ou religioso. O perigo é que as posições tomadas possam vir a dividir o A.A., fazendo-o sucumbir na sua principal intenção, isto é, na recuperação do alcoolismo.

A posição do A.A. não deixa de ser merecedora de críticas. Pensamos, que de uma certa forma, o não tomar posição é uma posição. Na época da ditadura dizia-se que quem cala consente. Se o A.A. não proíbe seus membros de tomar posições pessoais, afinal, por que ele também não toma posições nos assuntos da sociedade, já que o A.A. também faz parte da mesma e não está acima dela?

Parece-nos que mesmo no que se refere a determinadas emergências sociais que colocam a vida e a liberdade em jogo, o combate a elas deveria ter prioridade sobre a recuperação das pessoas do alcoolismo, já que este pode ser efeito e não causa de tais

circunstâncias emergenciais. Além disso, somente um grupo extremamente fechado pela insegurança, por princípios dogmáticos, não tomaria posição nas catástrofes políticas da humanidade, como o nazi-fascismo, ou as sanguinárias ditaduras da América Latina.

Décima Primeira Tradição: *Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez da promoção; cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, no rádio e em filmes.*

Praticamente em quase todo o mundo, o A.A. utilizou como estratégia para atrair novos membros, uma volumosa divulgação com artigos escritos por jornalistas de grande expressão em jornais de grande circulação, livros e folhetos editados pelo próprio A.A., a veiculação das atividades da Irmandade através de rádio e televisão, e atualmente, vídeos sobre o alcoolismo. Todas essas iniciativas foram baseadas no princípio da atração ao invés de no da promoção, preservando o anonimato pessoal como uma forma de maior proteção para seus membros. Assim, os livros, as revistas sempre omitem o nome de editores, autores e revisores, assim como as fotografias em jornais ou as imagens veiculadas pela televisão. Para o A.A., esta é muito mais que uma política de relações públicas. É uma regra permanente que estabelece que a promoção e a ambição pessoal não têm lugar no A.A., que uma pessoa ambiciosa não pode utilizar-se do A.A. para se autopromover.

Mas, em toda organização existem aqueles, que pela própria natureza das relações interiormente estabelecidas, exercem um certo papel de liderança. Parece-nos que esse papel não deixa de existir no A.A., mal ele se dá de forma anônima, especialmente no que se refere à interação e relação com pessoas ou instituições fora do A.A.

Claro está que essa é uma tentativa de manter o A.A. como uma organização anônima, sem um rosto que possa ser, de alguma maneira, identificável. O próprio A.A. em sua história nos relata experiências, que segundo sua avaliação foram de alguma maneira desastrosas, especialmente quando alguém assumia o papel de relações públicas, e passava a ser identificado como representante do A.A.

Porém, caso esse representante viesse a cometer algum erro ou, como um ex-bebedor compulsivo, viesse a perder a sobriedade, todos passariam a apontar o A.A., e não o representante em si, como responsável ou incompetente.

Assim, o A.A. parece-nos uma organização constituída por grupos e subgrupos de *supostos básicos* de funcionamento distintos e, no caso que agora analisamos, onde a estratégia é a de ataque-fuga, em que o inimigo é alguém que poderia prejudicá-lo. Por isso então é que as normas impeditivas exigem que seus membros de forma individual, mantêm-se anônimos.

Por incrível que pareça, talvez esteja exatamente na característica do alcoolismo a base da persecutoriedade sentida pelo A.A. em relação a seus componentes, que, por serem alcoólatras, seriam pessoas cujas qualidades são questionáveis e indignas de confiança. Um inesperado paradoxo.

Décima Segunda Tradição: *O anonimato é o alicerce espiritual das nossas tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades.*

Para o A.A., a essência espiritual do anonimato é o sacrifício, já que os desejos pessoais devem ser abandonados em favor do bem comum.

Porém, como nos é relatado em sua história, o A.A. praticamente adquiriu, quando da formação dos primeiros grupos, as características de uma sociedade secreta na qual os novos integrantes só seriam aceitos quando indicados por outros de extrema confiança. Após a publicação do primeiro livro, seu crescimento acelerou-se, ganhou uma dimensão considerável, não permitindo que a política de sociedade secreta continuasse a existir.

Assim, já não mais assustados com o julgamento do público, pois o temor de serem criticados e escorraçados como um bando de bêbados irresponsáveis não tinha mais razão para existir, a política do anonimato foi colocada em prática, pois

simplesmente não podíamos permitir que membros autodelegados se apresentassem como o messias do A.A. diante do público. O instinto promotor em cada um de nós poderia ser a nossa ruína. Bastaria que um apenas desses elementos se embebedasse em público ou fosse ludibriado a ponto de usar o nome de A.A. em proveito próprio, para que os prejuízos fossem irreparáveis. Nesse nível (imprensa, rádio, cinema e televisão) o anonimato - anonimato cem por cento - era a única solução possível. Aqui os princípios teriam que preceder às personalidades, sem exceção.(JUNAAB,1995,p.170)

Novamente aparece o A.A, assim como no Passo anterior, temeroso em relação à natureza humana. Pois a natureza humana de seus componentes e alcoólatras colocaria em risco a existência do grupo em si.

Se os Doze Passos são os degraus da felicidade na Terra, garantindo a recuperação e tornando o homem íntegro, sóbrio e responsável, por que então não permitir, não confiar que esse homem, com a modéstia e a humildade em seu caráter resultantes dos princípios seguidos, apareça nos meios de comunicação, assumindo posições, responsabilizando-se pelas ações da Irmandade, respondendo às críticas e aos elogios, defendendo seus programas e sua organização?

Novamente, a lógica faz-nos pensar que o A.A. não tem receio apenas da natureza humana. Mas também especificamente do alcoolismo, já que outras instituições como a Igreja Católica, os Bancos, Escolas etc, possuem responsáveis para falar em seu nome e assumir a sua direção, respondendo, especialmente em países sérios, à justiça e à opinião pública quando a lei é infringida, ou quando suas políticas mostram-se desastrosas.

Por outro lado, imbuído em um espírito messiânico, às vezes singelo, às vezes retrógrado, o A.A. se afasta do público, do seu julgamento e do que acontece na realidade, ficando envolto numa nuvem de mistério, especialmente no que se refere à solução e à cura do alcoolismo. Gostaríamos, sim, de ter os resultados estatísticos da organização para poder discuti-la. Saber em que condições alguns se recuperaram e outros não. Seria necessário tornar público não só os princípios, mas os resultados obtidos e acima de tudo os fracassos. Parece-nos, por outro lado, que o anonimato, apesar de entendidas as suas razões justificáveis em certa medida, não suprime a necessidade de transparência que uma Instituição, com a influência social que detém internacionalmente, deveria ter. Falamos não da possibilidade de acesso ao que existe, dos componentes, dos arquivos etc., mas da transparência dos resultados, dos registros, das análises e acima de tudo, na apresentação de nomes e sobrenomes, para assumir responsabilidades delegando-as aos seus representantes.

3. Os Doze Conceitos

Os Doze Conceitos²⁵ para Serviços Mundiais são, na realidade, uma forma de descrever e interpretar a estrutura mundial de serviços do A.A., mostrando seu sistema operacional. O A.A. pretende que sua estrutura dirigente não seja de forma alguma autoritária, mas tenha uma maneira de operar baseada em um sistema de verificações e prestações de contas. Cada Conceito pode ser considerado como um grupo de princípios inter-relacionados que resumem 27 anos de experiências na criação da estrutura de serviços e de direção dos assuntos mundiais do A.A.

Primeiro Conceito: *A responsabilidade final e a autoridade suprema pelos serviços mundiais de A.A. deveriam sempre residir na consciência coletiva de toda a nossa irmandade.*

A idéia principal desse primeiro conceito é que nenhum grupo ou indivíduo pode ser colocado em uma posição de autoridade irrestrita sobre outro. Essa é a filosofia interna que orienta os conceitos seguintes: toda autoridade deve emanar da Consciência Coletiva.

Segundo Conceito: *Quando, em 1955, os grupos de A.A. confirmaram a permanente Ata de Constituição da sua Conferência de Serviços Gerais, eles automaticamente delegaram à Conferência completa autoridade para a manutenção ativa dos nossos serviços mundiais e assim tornaram a Conferência – com exceção de qualquer mudança nas Doze Tradições ou no Artigo 12 da Ata de Constituição da Conferência – a verdadeira voz e a consciência efetiva de toda a nossa Sociedade.*

²⁵ Extraído na sua forma integral do livro Doze Conceitos para Serviços Mundiais. São Paulo, JUNAAB, 1993.

Os grupos de A.A. delegam, assim, completa autoridade administrativa e operacional à sua Conferência e às unidades de serviços. A Conferência tem autoridade para regulamentar normas, porém não pode mudar, em hipótese alguma, os Doze Passos e/ou as Doze Tradições, que são imutáveis. Para que as Tradições ou os Passos sejam modificados é necessária a aprovação de $\frac{3}{4}$ de todos os grupos do mundo. Pela forma como funciona o A.A., essa possibilidade de mudança é praticamente impossível.

Terceiro Conceito: Como um meio tradicional de criar e manter uma relação de trabalho claramente definida entre os grupos, a Conferência, a Junta de Serviços Gerais de A.A. e as suas diversas corporações de serviço, quadros de funcionários, comitês e executivos, assim, assegurando as suas lideranças efetivas, é aqui sugerido que dotemos cada um desses elementos dos serviços mundiais com um tradicional "Direito de Decisão".

Para o A.A., o *direito de decisão* favorece a liderança efetiva, isto é, quando alguém é eleito para um Encargo, tem o direito de decidir no âmbito deste Encargo. O que se propõe é que quanto maior for a autoridade, maior também será a responsabilidade. Vejamos, o R.S.G. tem a sua atuação e autoridade no âmbito do Distrito; o M.C.D., já abrange a Área, e a atuação do Delegado abrange todo o Estado. Assim, na medida em que são eleitos, os representantes tomarão decisões dentro de seu âmbito de ação. Foram eleitos para isso, pois representam a Consciência Coletiva.

Quarto Conceito: Através da estrutura da nossa Conferência, deveríamos manter em todos os níveis de responsabilidade um tradicional "Direito de Participação", tomando cuidado para que a cada setor ou grupo de nossos

servidores mundiais seja concedido um voto representativo em proporção correspondente à responsabilidade que cada um deve ter. Esse conceito pode ser resumido: a participação como a chave da harmonia.

Não existe e nem pode existir nenhum impedimento para que alguém participe dos Alcoólicos Anônimos. Porém, existe um esforço, segundo o que podemos observar, para que o alcoólatra adquira um bom conhecimento daquilo que ele vai votar.

Assim, um novo integrante tem teoricamente o mesmo direito de votar que um membro mais antigo só que, naturalmente, ele deve abster-se enquanto não tiver um bom conhecimento do que vai ser votado.

O novo integrante também pode se candidatar a qualquer encargo, mas é a Consciência Coletiva que vai elegê-lo.

O Quarto Conceito, como podemos perceber, procura desestimular a votação em bloco. Não é possível que uma delegação já chegue com seu voto fechado em torno de uma questão. O voto deve ser individual e decidido no decorrer dos debates.

Quinto Conceito: *Através da nossa estrutura de serviços mundiais, deveria prevalecer um tradicional "Direito de Apelação", assim nos assegurando de que a opinião da minoria seja ouvida e de que as petições para a reparação de queixas pessoais sejam cuidadosamente consideradas.*

Esse Quinto Conceito assegura o direito da minoria. Se uma votação aprovou determinada proposta, mas após certo tempo, esta aprovação mostrou-se equivocada, então os membros minoritários, os que perderam, podem requerer e solicitar uma outra votação.

Com isto se procura, na perspectiva do A.A., evitar o uso indevido e autoritário do poder, o que se aplica não apenas ao funcionamento dos serviços a nível mundial, mas também ao funcionamento dos grupos nas unidades bases.

Sexto Conceito: *Em benefício de A.A. como um todo, a nossa Conferência de Serviços Gerais tem a principal responsabilidade de manter os nossos serviços mundiais e, tradicionalmente, tem a decisão final nos grandes assuntos de finanças e de normas de procedimento em geral. Mas a Conferência também reconhece que a principal iniciativa e a responsabilidade ativa, na maioria desses assuntos, deveria ser exercida principalmente pelos custódios, membros da Conferência, quando eles atuam entre si como Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos.*

Esse conceito permite a ação dos custódios, enquanto Junta de Serviços, entre uma Conferência e outra. Não se deve convocar uma Conferência apenas para decidir sobre um problema novo, já que os custos seriam muito altos.

Sétimo Conceito: *A Conferência reconhece que a Ata de Constituição e os Estatutos da Junta de Serviços Gerais são instrumentos legais: que os custódios têm plenos poderes para administrar e conduzir todos os assuntos dos serviços mundiais de Alcoólicos Anônimos. Além do mais é entendido que a Ata de Constituição da Conferência não é por si só um documento legal, mas pelo contrário, ela depende da força da tradição e do poder da bolsa de A.A. para efetivar a sua finalidade.*

Esse conceito trata dos poderes legais. O plenário da Conferência tem seu poder ditado pelas Tradições. Para a Junta de Custódios é reservado o direito de vetar qualquer ação da Conferência, embora o veto mesmo legítimo praticamente nunca possa ser utilizado.

Oitavo Conceito: *Os Custódios da Junta de Serviços Gerais atuam em duas atividades principais: a) com relação aos amplos assuntos de normas de procedimentos e finanças em geral, eles são os principais planejadores e administradores. Eles e os seus principais comitês dirigem diretamente esses assuntos; b) mas com relação aos nossos serviços, constantemente ativos e incorporados separadamente, a relação dos custódios é principalmente aquela de direito de propriedade total e de supervisão de custódia que exercem através da sua capacidade de eleger todos os direitos dessas entidades.*

O que se coloca nesse conceito é a finalidade dos comitês. Os Custódios delegam aos Comitês o poder de resolver os pequenos problemas que chegam a eles; os Custódios decidirão os problemas para os quais os Comitês não têm condições ou poder de decisão.

Por exemplo, o Comitê de Publicação tem o direito e o poder de tomar as iniciativas sobre o seu campo específico, porém se o Comitê quisesse traduzir um livro específico, a ser divulgado para todo grupo de A.A., teria de consultar os Custódios.

Nono Conceito: *Bons líderes de serviço, bem como métodos sólidos e adequados para a sua escolha, são em todos os níveis indispensáveis para o nosso funcionamento e segurança no futuro. A liderança principal dos serviços mundiais, antes exercida pelos fundadores de A.A., deve necessariamente ser assumida pelos custódios da Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos.*

Trata-se aí, especialmente, das lideranças escolhidas pelos grupos. As lideranças, no A.A., pretendem ser “naturais”, não impostas, pois é o grupo que escolhe seu líder. Os grupos mais bem estruturados, que possuem um funcionamento mais adequado e

eficiente, também terão uma melhor liderança, mais qualificada. Assim, pelas lideranças pode-se reconhecer também a qualidade do grupo.

Décimo Conceito: *Toda a responsabilidade de serviço deveria corresponder a uma autoridade de serviço equivalente a extensão de tal autoridade ser sempre bem definida, seja por tradição, por resolução, por descrição específica de função, ou por atas de constituição e estatutos adequados.*

Para o A.A., uma pessoa só deve assumir um Encargo se tiver condições para assumir a responsabilidade decorrente do mesmo, e essa condição deve ser avaliada tomando como parâmetro o currículo de A.A. e profissional daquele que o pleiteia. Assim, quanto maior for o encargo, maior a responsabilidade, e portanto também mais exigente será a seleção que determinará a escolha.

Dentro da estrutura do A.A., em qualquer nível de Encargo e de responsabilidade, deve haver prestação de contas através de relatórios, balanços, circular mensal de prestação de contas etc.

Décimo Primeiro Conceito: *Enquanto os custódios tiverem a responsabilidade final pela administração dos serviços mundiais de A.A., eles deverão ter sempre a melhor assistência possível dos comitês permanentes, diretores de serviços incorporados, executivos, quadros de funcionários e consultores. Portanto, a composição desses comitês subordinados e juntas de serviço, as qualificações pessoais dos seus membros, o modo como foram introduzidos dentro do serviço, os seus sistemas de revezamento, a maneira como eles são relacionados uns com os outros, os direitos e deveres especiais dos nossos executivos, quadros de funcionários e consultores, bem como uma base própria para a remuneração desses trabalhadores especiais, serão sempre assuntos para muita atenção e cuidado.*

Os Custódios se reúnem de três em três meses, durante dois dias. Um dia é dedicado à reunião com os comitês, e no outro realiza-se uma reunião, que não é aberta, apenas com os Custódios, para as deliberações, subsidiadas pelas conclusões da reunião com os comitês.

Décimo Segundo Conceito: *As Garantias Gerais da Conferência: em todos os seus procedimentos, a Conferência de Serviços Gerais observará o espírito das Tradições de A.A., tomando muito cuidado para que a Conferência nunca se torne sede de riqueza ou poder perigosos; que suficientes fundos para as operações mais ampla reserva sejam seu prudente princípio financeiro; que nenhum dos membros da Conferência nunca seja colocado em posição de qualquer autoridade absoluta sobre qualquer um dos outros; que todas as decisões importantes sejam tomadas através de discussão, votação e, sempre que possível, por substancial unanimidade; que nenhuma ação da Conferência seja jamais pessoalmente punitiva ou uma incitação à controvérsia pública; que embora a Conferência preste serviço a Alcoólicos Anônimos, ela nunca desempenhe qualquer ato de governo e que, da mesma forma que a Sociedade de Alcoólicos Anônimos a que serve, a Conferência permaneça sempre democrática em pensamento e ação.*

Parece-nos que o grande mentor do A.A., seu grande teórico e sistematizador, foi o financista Bill W., que, como vimos em nosso histórico do A.A., foi um de seus fundadores, juntamente com o Dr. Bob, médico. Bill W. era um empresário de muito talento, um grande financista que, após abandonar o álcool e reestruturar sua vida, passou a dedicar-se integralmente ao A.A. e à recuperação de alcoólatras.

As Doze Tradições e os Doze Conceitos são faces da mesma moeda, sendo os Doze Conceitos a aplicação das Doze Tradições aos serviços do A.A.

Se Bill não escreveu sozinho os Doze Passos, as Doze Tradições, escreveu ou inspirou, com certeza, a sua quase totalidade.

Todo o A.A., pelo que notamos, é ainda hoje, mesmo no Brasil, impregnado da história de Bill. No A.A. não é infreqüente encontrarmos alcoólatras que lá estão há vários anos, fazerem elogios rasgados, com uma certa reverência até, a esse financista que se manteve sóbrio até sua morte, ocorrida em 24 de janeiro de 1971.

Bill W. fez do A.A. seu projeto de vida e, como relacionava o estar vivo com a sobriedade, com o abandono do alcoolismo ajudado pelo A.A., preocupou-se, ao mesmo tempo, em não perder o controle nem de sua vida nem do A.A. Assim, estabeleceu um grande número de medidas de defesa para proteger o A.A. das coisas do mundo que embriagam o espírito humano. Porém, como o maior inimigo do alcoólatra é ele mesmo, parece-nos que, em grande proporção, tais medidas foram criadas para proteger o A.A. do alcoolismo e dos alcoólatras.

Por ter sido de extrema importância para o A.A., reproduziremos a história de Bill e a do Dr. Bob, em uma outra passagem de nosso estudo.

4. A Estrutura de Serviços de A.A. do Brasil.

A base da estrutura do A.A. é o grupo. Cada grupo é constituído por um número variável de pessoas a partir de duas pessoas, e não existe limite máximo para o seu funcionamento. Existem grupos com mais de cem alcoólatras que se reúnem em horários alternados, o que pode levar o grupo a diluir-se. Um número ideal, para uma boa dinâmica, segundo o A.A., gira em torno de 20 pessoas. Existem grupos com 50 ou 60 membros, mas como nem todos comparecem todos os dias à reunião, acaba havendo um número de presenças próximo do ideal. Grupos com número muito elevado de componentes não apresentam a eficácia desejável.

A presença às reuniões de A.A. não é obrigatória, cada pessoa participa segundo a sua necessidade e disponibilidade.

Na realidade essa subdivisão é necessária, pois quando o grupo é muito numeroso, na “hora do desabafo”, quando um dos componentes necessita falar de sua experiência, acaba ficando prejudicado. Ou não consegue, pelo pouco tempo disponível em relação ao número de pessoas, fazer seu relato, ou este sai pobre e truncado.

A partir da constituição do grupo, encontramos os denominados Servidores Internos, ou seja, o Coordenador, o Secretário, o Tesoureiro, o Encarregado dos Serviços Gerais. Todos são alcoólatras e são eleitos pela Consciência Coletiva, que se constitui a expressão da vontade do grupo; especificamente o grupo se reúne para a eleição, quando as pessoas se candidatam aos Encargos. Eles não são eleitos para ocuparem cargos, mas sim, Encargos, daí a idéia de *servidores do grupo*. Todos os

representantes são eleitos para um ou dois anos de mandato. Depois disto, se o grupo não for muito grande, pode haver reeleição.

Além dos Servidores Internos, existem os Servidores Externos, denominados de R.S.G., ou seja, Representantes de Serviços Gerais. Esses representantes trabalham dentro da estrutura do A.A., internamente à organização, seu trabalho não ficando restrito aos grupos.

Os Representantes dos Serviços Gerais estão divididos por Regiões. Cada Região, no caso da cidade de São Paulo, é chamada de Distrito. O interior não segue este formato. Cidades próximas formam um Distrito. O Distrito reúne-se uma vez por mês, coordenado por um alcoólatra eleito para isto, chamado de Membro do Conselho de Representantes – M.C.R. O coordenador informa as dificuldades que o grupo está encontrando, assim como seus êxitos. Os M.C.R. de cada Distrito, reúnem-se para formar o Comitê de Área, que é assim formado por um representante de cada Distrito.

A Área, por seu lado, tem também um Coordenador, um Secretário, um Tesoureiro e mais os Membros dos Conselhos de Representantes. A idéia é propiciar que a informação saia do Grupo, vá até a área e retorne ao Grupo. Cada Estado tem a sua Assembléia de Área. Para essa Assembléia de Área, que se realiza a cada ano, elege-se um Delegado, sendo que cada Estado tem dois delegados, um delegado eleito nos anos pares e outro nos anos ímpares, com mandatos de dois anos. Deste processo participa sempre um novo membro acompanhado por um outro mais antigo, mais experiente.

A Consciência Coletiva é formada a partir do Grupo para o Distrito, do Distrito para a Área e seus delegados vão formar a chamada Conferência de Serviços Gerais, que acontece uma vez por ano. A Conferência de Serviços Gerais é constituída

por dois delegados de cada Estado e dela forma-se a JUNAAB – Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil.

Este é o fluxo da Consciência Coletiva, a partir do grupo básico até a Conferência, onde as propostas dos grupos são discutidas. A partir dessas discussões, elaboram-se as Recomendações para os grupos, que são levadas através das Áreas. Como afirma o A.A. em suas publicações, não existem normas impostas pela Conferência mas conclusões que saem na forma de *recomendações*, mesmo que tenham sido o resultado de um longo trabalho e representem a opinião da grande maioria.

Participa da Conferência também a Junta de Alcoólicos Anônimos ou Junta de Custódios. A Junta de Custódios é constituída por nove integrantes, sendo três não alcoólatras. São denominados *custódios* por fazerem a custódia das Tradições do A.A., que devem ser seguidas. Os problemas que forem surgindo entre uma Conferência e outra, e que necessitam de uma solução, são resolvidos por estes Custódios.

Os três Custódios não-alcoólatras ocupam a Presidência da Junta, a Vice-presidência e a Tesouraria, seus nomes são sugeridos pelas Áreas. Cada um tem um currículo de A.A., com relatos sobre sua participação e atividades dentro do A.A., além de serem profissionais competentes e responsáveis. A Junta os escolhe, mas, a homologação é realizada pelo plenário da Conferência, que tem o poder de veto. O período de participação na Junta é de três anos. Os não-alcoólatras podem ser reeleitos, mas os alcoólatras não. Isso se dá pelo fato de ser mais difícil encontrar um não-alcoólatra que queira ou possa participar, do que um alcoólatra. Tais Custódios podem, inclusive, aparecer em público para divulgar o A.A. Existem outros seis

Custódios alcoólatras, um é o Diretor Geral, responsável pelo Escritório Geral a nível nacional, para onde são encaminhadas todas as dúvidas e propostas. Esse Diretor Geral é também o Coordenador dos Comitês. Existem mais cinco Custódios originários de cada uma das cinco regiões do Brasil: Norte, Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste, Sul. Cada Custódio é responsável pela Região que representa. Esses custódios se reúnem de três em três meses em São Paulo, no Escritório Geral, onde está localizada a Sede Nacional. Pelo que nos consta está localizada em São Paulo, pela facilidade de acesso, para todas as regiões do país. Esse escritório foi criado no Rio de Janeiro, em 1947; depois de algum tempo, na década de setenta, ele se transferiu para São Paulo, onde permanece até hoje.

Na JUNAAB funciona o Escritório de Serviços Gerais (E.S.G), uma empresa formal, com CGC, Nota Fiscal etc. Funcionários não-alcoólatras são admitidos pela sua qualificação profissional. No E.S.G. trabalham contadores, analistas de sistemas, gerente financeiro etc.

Os alcoólatras são responsáveis pelos Comitês Executivos, pela administração do E.S.G. O Comitê de Assuntos da Conferência cuida dos temas da conferência, e esta divide-se em Comissões. Existem seis comissões: Normas e Procedimentos, De Nomeações, Literatura e Publicações, Finanças, Trabalhando com os Outros, Agenda e Sede. O coordenador do Comitê de Literatura é responsável pelos livros e pelos folhetos. A maior parte da literatura do A.A. vem dos Estados Unidos e é traduzida no Brasil. O A.A. toma toda precaução para evitar distorções, enviando o material traduzido aos E.U.A para aprovação. Existe também divulgação de material produzido aqui, com características locais, pois nada existe, aparentemente, que obrigue as publicações a serem apenas reproduções das Americanas.

O Comitê de Publicações Periódicas cuida da Revista do A.A., de alguns folhetos e dos informativos, como o Bob Mural, que vai para todos os grupos, além de um boletim, de circulação nacional, que é editado bimensalmente.

O Comitê de Finanças é responsável pelo controle do dinheiro. Todo dinheiro do A.A. vem das contribuições de seus integrantes, sua origem é sempre a doação. Uma parte dos recursos é conseguida através da venda da literatura. Todo dinheiro arrecadado é usado nos custos do grupo e o que sobra é dividido entre o escritório local e o escritório geral.

Grandes quantias não são aceitas como doações. Os alcoólatras, individualmente, podem doar no máximo mil dólares. Esse dinheiro arrecadado é, na maioria das vezes, suficiente para que os grupos de A.A. mantenham sua estrutura de funcionamento. O A.A. possui, em média, 6000 grupos no Brasil, englobando aproximadamente 100.000 freqüentadores regulares. Todo o dinheiro é muito bem cuidado e empregado. Por exemplo, o dinheiro arrecadado com a venda de livros é quase sempre revertido no financiamento de publicações. O A.A. se propõe, do ponto de vista financeiro, investir naquilo que pode ser pago, por isso muitas publicações existentes nos Estados Unidos não são editadas aqui, por não ser possível, em determinado momento, suportar a despesa.

No caso da falta de recursos financeiros, o A.A. promove campanhas para arrecadar a quantia que se faz necessária.

O Comitê Trabalhando com os Outros faz a divulgação do trabalho do A.A. com profissionais das mais variadas profissões. Em um hospital, por exemplo, falam com os médicos, com os psicólogos, com os psiquiatras. Se o caso é entrar em contato com os alcoólatras de uma empresa, falam primeiro com a Assistente Social, com

Recursos Humanos. São a tais profissionais que o A.A., através desse Comitê, dirige a divulgação de suas idéias, para mostrar que não existe nenhuma interferência que possa comprometer a atuação profissional desses com seus pacientes alcoólatras. O A.A. apresenta-se perante esses profissionais como um grupo de apoio, que através de uma filosofia trata do problema específico do alcoolismo, que estes profissionais podem abordar de acordo com a sua especialidade.

As comissões têm como função principal selecionar todo o material recebido das Áreas e encaminhá-lo ao plenário. O A.A. proíbe as votações em bloco; todas elas, em qualquer nível, dão-se de forma individual, não por tendências.

O Representante de Serviços Gerais, R.S.G., trata dos assuntos internos ao A.A.. Já, o Representante Intergrupar (R.I.) reúne-se com o Subconselho, que também possui um coordenador na área do distrito. Este subconselho trata da divulgação local das atividades chamadas Trabalhando com os Outros. São os responsáveis pelo contato com as pessoas fora do A.A., como por exemplo, delegados de polícia, presidiários, internos em hospitais, procurando divulgar o A.A. também em determinado bairro, em determinada cidade.

A Comissão de Informação ao Público faz reuniões com a comunidade para explicar como funciona o A.A. e quais são suas propostas, procurando realizar reuniões públicas, em escolas, Igrejas etc. Na Informação ao Público, muitas vezes são utilizadas pessoas não-alcoólatras, que trabalham como colaboradoras, assim como assistentes sociais, psicólogos e médicos. Para estabelecer relações com outros profissionais, o A.A. destaca um profissional da área, já que nessas reuniões eles podem se comunicar na mesma linguagem. A presença de um membro do A.A., nessas Reuniões Públicas, para contar sua experiência, é um procedimento normal.

As Comissões de Instituições de Tratamento são constituídas por pessoas que já estiveram internadas em hospitais, sanatórios, e que procuram visitar instituições similares para entrar em contato com os pacientes que lá estão por problemas de alcoolismo. Para o A.A., a vivência semelhante cria um laço muito forte e propicia um contato mais eficaz.

A Comissão de Instituições Correcionais dirige seu trabalho nos presídios. Seu enfoque é essencialmente espiritual, e os componentes dessa Comissão podem ser ex-presidiários ou não. A atuação é bem planejada pelo A.A., que realiza estudos sobre os temas a serem tratados, treinando especialmente seus componentes, para que não cometam erros que possam comprometer o A.A.

Outro trabalho do A.A. é dirigido às Delegacias da Mulher. Oitenta por cento das ocorrências nessas delegacias, especialmente os casos de espancamentos, são consequência direta do alcoolismo. Na verdade, a delegada reúne os maridos envolvidos em agressões devido ao alcoolismo para que o A.A. possa, de alguma maneira, tentar realizar seu trabalho.

A Reunião de Internacionalistas e Solitários é feita através de correspondência e é dirigida aos marinheiros e às pessoas que vivem isoladas em cidades que não possuem A.A.

Agora com a Internet, o A.A. inicia um novo tipo de trabalho. Já possui um Home Page, e um site, no qual as pessoas podem entrar, conversar, trocar experiências. Esse será o Comitê Internet ou Virtual, um trabalho bem distinto dos que o A.A. realizou até o momento.

É interessante ressaltar que todos os alcoólatras que trabalham nestes Comitês não recebem nenhuma espécie de pagamento; trata-se de trabalho estritamente voluntário.

Muitas vezes encontramos alcoólatras ligados ao A.A., trabalhando em alguma instituição e que são remunerados pelo seu trabalho. O A.A., em quase todos os seus manuais, procura insistentemente esclarecer que tais contratações nada têm a ver diretamente com a organização, que o profissional foi contratado apenas para exercer uma função empregatícia enquanto pessoa física, em seu próprio nome e responsabilidade.

Por fim, os Representantes de Serviços Mundiais (R.S.M.) são membros escolhidos pelo A.A. para cuidarem das relações internacionais. Normalmente necessitam falar fluentemente o inglês e o espanhol, pois precisam apresentar relatórios após os eventos de que participaram. Dois alcoólatras eleitos pela Conferência, com um mandato de três anos, ocupam esses cargos

Mais recentemente, o A.A. vem introduzindo um novo Comitê, constituído por não alcoólatras, para a Assessoria de Imprensa.

XI

Aspectos Clínicos do Alcoolismo:

1. O Alcoolismo Como Doença

O alcoolismo é uma doença. No DSM IV™ (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 4ª Edição, pp. 189-198), a partir do qual resumiremos alguns pontos que consideramos importantes para este estudo, observamos duas espécies de transtornos mentais causados pelo álcool: Transtornos por Uso de Álcool, que se subdividem em duas classes, ou seja o da Dependência de Álcool e o do Abuso de Álcool; Transtornos Induzidos por Álcool, com treze subdivisões, ou seja: Intoxicação por Álcool, Abstinência de Álcool, Delirium por Intoxicação com Álcool, Delirium por Abstinência de Álcool, Demência Persistente Induzida por Álcool, Transtorno Amnésico Persistente Induzido por Álcool, Transtorno Psicótico Induzido por Álcool, com Delírios, Transtorno Psicótico Induzido por Álcool, com Alucinações, Transtorno do Humor Induzido por Álcool, Transtorno de Ansiedade Induzido por Álcool, Disfunção Sexual Induzida por Álcool, Transtorno do Sono Induzido por Álcool, Transtorno Relacionado ao Álcool Sem Outra Especificação.

Os Transtornos por Uso de Álcool podem ser divididos, como já dissemos, em duas classes: Dependência de Álcool e Abuso de Álcool. A dependência fisiológica de álcool pode ser indicada, especialmente no que toca à tolerância, aos sintomas de abstinência, sendo que a Abstinência de Álcool pode ser caracterizada pelo desenvolvimento de sintomas de abstinência aproximadamente 12 horas após o uso intenso e prolongado ter sido interrompido, ou drasticamente reduzido. A abstinência pode ter conseqüências verdadeiramente desagradáveis para o indivíduo dependente que, por seu lado, mantém o uso de grande quantidade de álcool, para não sofrer ou para aliviar as conseqüências sintomáticas da abstinência. Na maioria das vezes, o

comportamento compulsivo leva a pessoa a abandonar quase que todas as suas atividades, assim como o trabalho, os estudos, os cuidados pessoais, para dedicar-se quase que integralmente ao abastecimento da sua necessidade em álcool, não importando, também, as conseqüências drásticas tanto psíquicas quanto físicas.

O Abuso de Álcool é caracterizado por um uso excessivo, que leva a pessoa a sofrer conseqüências durante ou após a intoxicação pelo álcool, como a ausência ou um fraco desempenho no trabalho ou na escola, o abandono de responsabilidades pessoais e a negligência familiar, o agravamento dos problemas pessoais e interpessoais, os atos perigosos, como dirigir veículo de passeio ou de trabalho embriagado.

Entre os Transtornos Induzidos pelo Álcool, segundo o DSM-IV, encontramos a Intoxicação com Álcool que pode ser caracterizada pela presença de alterações importantes comportamentais ou psicológicas, clinicamente significativas e mal-adaptativas. Um exemplo desse é o comportamento sexual ou agressivo inadequado, a instabilidade do humor, o prejuízo no julgamento e no desempenho social ou ocupacional, que se desenvolvem durante ou logo após a ingestão de álcool. Essas alterações são acompanhadas por evidências de fala arrastada, falta de coordenação, marcha instável, nistagmo, prejuízo na atenção ou memória, estupor ou coma.

Já a síndrome de abstinência inclui dois ou mais dos seguintes sintomas: hiperatividade autonômica (por ex., sudorese ou pulso acima de 100); tremor aumentado nas mãos; insônia, náusea e vômitos, alucinações ou ilusões visuais, táteis ou auditivas transitórias; agitação psicomotora; ansiedade e convulsões de grande mal.

Os sintomas em geral são aliviados pela administração de álcool ou qualquer outro depressor cerebral. Os sintomas de abstinência tipicamente começam quando as

concentrações sanguíneas de álcool declinam abruptamente (isto é, em 4-12 horas), após a cessação ou redução do uso de álcool; podendo, entretanto desenvolver-se após períodos mais longos de tempo (isto é, alguns dias). Em vista da meia-vida curta do álcool, os sintomas de Abstinência de Álcool geralmente alcançam sua intensidade máxima durante o segundo dia de abstinência e tendem a melhorar acentuadamente no quarto ou quinto dia. Após a abstinência aguda, entretanto, os sintomas de ansiedade, insônia e disfunção autonômica podem persistir por até seis meses em níveis inferiores de intensidade.

Não é sem razão que o dependente compulsivo de álcool tem tanta resistência em abandoná-lo. As conseqüências desse abandono não se limitam ao dia seguinte, às horas imediatamente após, mas se estendem por meses a fio, mesmo que em menor intensidade. Os estados de ansiedade e de incapacitação, a sensação de impotência, podem e levam o alcoólatra a deixar de lado o seu intento de parar de beber. Por não se tratar de uma coisa simples e que só dependa da vontade desassistida, o que podemos observar, na maioria das vezes, é que ele precisa de assistência.

O dependente de álcool consome a sua vida consumindo álcool. Parece ser esta a conclusão a que chegamos após nos depararmos com as conseqüências que o álcool provoca no seu dependente. As alterações funcionais, sociais, familiares, ações homicidas e suicidas acompanham o leque do repertório de desgraças que são observadas no dia a dia do consumidor compulsivo, além dos efeitos orgânicos e clínicos, que com o passar do tempo vão corroendo os vários sistemas de órgãos da pessoa .

No mesmo DSM-IV (p.195), encontramos que o consumo repetido de altas doses de álcool pode afetar quase todos os sistemas orgânicos, especialmente o

tratogastrointestinal, o sistema cardiovascular e o sistema nervoso periférico. Os efeitos gastrointestinais incluem gastrite, úlceras gástricas ou duodenais e, em cerca de 15% dos indivíduos que consomem álcool em grandes quantidades, estômago e outras partes do trato gastrointestinal. Miocardiopatia e outras miopatias são menos comuns, mas ocorrem em uma proporção aumentada entre aqueles que bebem muito. A neuropatia periférica pode ser evidenciada por fraqueza muscular, parestesias, e sensação periférica diminuída. Efeitos mais persistentes sobre o sistema nervoso central incluem déficits cognitivos, severo comprometimento da memória e alterações degenerativas no cerebelo. Além dessas manifestações clínicas, podem ser encontrados outros sinais físicos, assim como tremor, marcha instável, insônia e disfunção erétil, pois os indivíduos com Dependência de Álcool crônica podem apresentar redução do tamanho dos testículos e efeitos feminilizantes associados à redução nos níveis de testosterona. O consumo repetido e intenso de álcool durante a gravidez está associado ao aborto espontâneo e à síndrome alcoólica fetal. A Intoxicação com Álcool severa e repetida pode também suprimir os mecanismos imunológicos, predispondo o indivíduo a infecções e aumentando o risco de câncer.

Nos Estados Unidos, após as doenças do coração e do câncer, as complicações de saúde resultantes diretamente do consumo de álcool, são o terceiro problema mais importante de saúde. Além disto, cerca da metade de todos os acidentes automobilísticos com vítimas fatais envolvem um motorista embriagado. Esta percentagem sobe para cerca de 75%, se apenas forem considerados os acidentes que ocorrem tarde da noite. O uso de álcool e os transtornos relacionados ao álcool estão também associados a cerca de 50% de todos os homicídios e a 25% dos suicídios. O abuso de álcool reduz a expectativa de vida em cerca de 10 anos (Kaplan & Sadock, p.381).

Após acompanhar esse trajeto que a medicina psiquiátrica nos proporciona das dimensões da doença, podemos sem dúvida concluir que as consequências sociais e clínicas do uso e abuso da ingestão de bebidas alcoólicas são sérias. E também que, praticamente, pouco sobra da pessoa que não seja afetado pelo uso de álcool em grande quantidade e por longo período.

No entanto, não podemos deixar de considerar as evidentes consequências psico-físicas-sociais do uso excessivo e da Dependência do Álcool. Mas, não devemos cair num raciocínio moralista, como muitas vezes encontramos, para o qual a melhor forma de evitar tais consequências seria a proibição pura e simples da venda de álcool nos bares e outros lugares.

De uma forma geral, existem variações culturais e estruturais, congênitas no que toca ao consumo do álcool. Sabemos hoje, por exemplo, que as mulheres são mais sensíveis ao álcool do que os homens, pois elas possuem mais gordura e menos líquido corporal para “diluição” do álcool ingerido. Sabemos que os asiáticos, por exemplo, experimentam rubor facial e palpitações e que tendem a consumir álcool em menor quantidade. E, ainda, que as condições sociais desempenham um papel fundamental no que se refere ao uso, consumo e dependência do álcool. Numa sociedade miserável como a nossa, com certeza, o índice de alcoolismo é elevado, e as constatações cotidianas, na realidade, não precisam de estatísticas para sua confirmação.

No entanto, um ínfima minoria, em relação a uma infinidade de pessoas que consome álcool é que se torna dependente, e esse fenômeno clínico talvez mereça a atenção das pesquisas. Pessoas que passam e que estão inseridas na mesma realidade, podem, com certeza, ter destinos distintos com respeito ao álcool. Apesar de tudo, sabemos que estudos de seguimento de indivíduos com um melhor funcionamento

apontam uma taxa de abstinência de 1 ano superior a 65%, após o tratamento. Alguns indivíduos (talvez 20% ou mais) com Dependência de Álcool adquirem a sobriedade a longo prazo, mesmo sem um tratamento ativo²⁶.

Todos esses dados nos levam a aguçar a curiosidade científica sobre o alcoolismo, reconhecendo suas profundas conseqüências para a vida particular do dependente e para a sociedade, consumindo provavelmente alguns milhões de dólares nas complicações diretas ou indiretas deste uso. Também, dispende a mesma proporção em dor e lágrimas acaba com a vida de milhares de jovens, adultos e idosos, para não dizer das crianças que já nascem bêbadas, com complicações severas, pelo uso de álcool por parte da mãe, durante a gravidez.

Será que o A.A. com suas propostas, inclusive a de que todos devem acreditar em um Deus para depositar suas vidas, para o alcoólatra e para a sociedade custa mais do que o preço do alcoolismo que nos cobra diariamente?

²⁶ Cf. DSM-IV Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, p. 197.

2. As Pessoas não-Alcoólatras Bebem, Os Alcoólatras Também

Uma pessoa começa a beber motivada pelas mesmas razões que um alcoólatra.

Talvez, inicialmente, beba para lidar melhor com as suas angústias, frustrações, para ter mais ânimo, para se sentir mais feliz, menos tímido ou, simplesmente, para curtir os efeitos que a bebida alcoólica provoca. O álcool, de uma forma geral, causa a impressão de que a pessoa pode realizar coisas impossíveis de realizar no estado de sobriedade. Não importa quais os motivos de base, como medo, insegurança, vergonha, o álcool parece propiciar à pessoa uma certa descontração, inclusive para extravasar sentimentos e emoções.

Da mesma maneira, o alcoólatra é motivado a beber pelos mesmos determinantes psicológicos, sociais ou culturais. De uma certa maneira ele é um discípulo dedicado, aprende que para se sentir melhor, para aceitar as angústias do seu cotidiano, não apenas em uma festa ou em um estado de tensão maior e eventual, necessita beber sempre e em maior quantidade.

As mudanças que passamos na vida, assim como a morte de uma pessoa querida, o desemprego, uma separação e outros dissabores, com certeza fazem com que, não raro a a pessoa aumente a quantidade de bebida ingerida. Sabemos que

é de suma importância salientar que nenhum destes fatores psicológicos ou sociais são únicos para o alcoólatra ou não-alcoólatra. Membros de ambos os grupos bebem em conjunto pelas mesmas razões e com o mesmo reforço pelos efeitos estimulantes e supridores de energia do álcool. (Milan & Ketcham, 1988, p.40).

Além das várias diferenças existentes no que se refere ao beber entre os grupos de alcoólatras e não-alcoólatras, uma das grandes distinções é que os grupos de

alcoólatras quando começam a beber em maior quantidade e em maior frequência, fazem-no de maneira compulsiva.

De uma forma geral,

os traços particulares da personalidade podem intensificar-se, ou passar por transformações bizarras. O sensível pode tornar-se insensível, o extrovertido ficar introvertido, o gentil passar a violento, o homem de tato virar belicioso e os compassivos acabar indiferentes. Um alcoólatra inicial muitas vezes é irritável, sofre variação de ânimo e se sente deprimido quando não está bebendo nega iradamente que esteja bebendo em demasia, culpa a esposa que vive a atormentá-lo ou o patrão que é um feitor de escravos; e obstinadamente se recusa a parar de beber. Suas promessas para diminuir duram apenas dias ou semanas. Seu casamento lenta e penosamente decai, as amizades se dissolvem e o interesse pelo trabalho desaparece. (id.,p.41)

Fica a impressão de que o alcoólatra usa o álcool para resolver seus conflitos internos e problemas com o mundo, sendo que a bebida muitas vezes é usada para afastar a dor psíquica da depressão, para fugir das dificuldades que ocorrem em suas relações pessoais e afetivas ou compensar as frustrações do trabalho, formando então, um quadro complexo de situações psíquicas. No entanto, tais situações não são extraordinárias e estão presentes na vida de outras pessoas que não desenvolvem o alcoolismo, levando muitos pesquisadores a pensar em uma reação fisiológica anormal, que agrava os problemas psíquicos, necessitando de um complemento externo que já lhe falta, para suportar as agruras da vida cotidiana, com mais ou menos dissabores.

Cada pessoa pode ter uma reação bem distinta em termos de gosto e efeito do álcool. Algumas pessoas não conseguem, frequentemente, viver sem a bebida. Por outro lado, existem as que bebem apenas quando as circunstâncias possibilitam ou permitem. A causa do alcoolismo, na verdade, não se diferencia de forma clara, pelo menos para um observador não profissional, não dando para diferenciar como no caso do ditado popular se foi o ovo ou a galinha quem nasceu primeiro.

No que se refere ao desenvolvimento do alcoolismo, muitos são os pontos de vista contrastantes que convivem na Medicina, assim:

segundo o psiquiatra e pesquisador Donald Goodwin em um estudo recente corrobora fortemente a posição de que o alcoolismo é de fato, passado dos pais para os filhos por intermédio dos genes. Goodwin foi capaz de desligar influências ambientais, estudando filhos de alcoólatras que foram separados dos pais ao nascer e adotados por não parentes. Ele postulou que, se o alcoolismo fosse realmente herdado, estas crianças teriam uma alta taxa de alcoolismo, ainda que não vivessem com o pai biológico alcoólatra. Se as influências ambientais fossem mais importantes, as crianças adotadas não teriam mais probabilidades de se tornar alcoólatra do que os filhos de pais não alcoólatras(...)Num outro trabalho Goodwin comparou os filhos de alcoólatras, que foram adotados e criados por uma família estranha, com os irmãos criados pelos pais alcoólatras. Ficou constatado que a probabilidade dos filhos criados pelo pai biológico alcoólatra se tornarem alcoólatras não era maior do que a dos irmãos que foram criados por não parentes. (apud Milan & Ketcham, 1988,p.40)

A conclusão a que Goodwin chegou em sua observação foi a de que os alcoólatras bebem descontroladamente não porque estão deprimidos, solitários, imaturos ou insatisfeitos, mas sim porque herdaram uma suscetibilidade física ao álcool que resulta, na maioria das vezes, em dependência, caso comecem a beber.

No DSM-IV, encontramos a consideração, não definitiva, de que a Dependência de Álcool frequentemente apresenta padrão familiar, e que, pelo menos em parte, a transmissão pode basear-se em fatores genéticos. O que se observa de fato é que o risco para a Dependência de Álcool é de três a quatro vezes maior em parentes próximos de pessoas com Dependência de Álcool. O maior risco está associado a um número maior de parentes afetados, parentescos genéticos mais próximos e gravidade dos problemas relacionados ao álcool no parente afetado. A maioria dos estudos revela um risco significativamente alto de Dependência de Álcool em gêmeos monozigóticos, maior do que em gêmeos dizigóticos. Estudos de adoções revelam um risco de três a quatro vezes maior para a dependência de álcool entre os filhos biológicos de indivíduos com Dependência de Álcool, quando essas crianças foram

adotadas e criadas por pais adotivos sem o transtorno. Entretanto, os fatores genéticos explicam apenas uma parte do risco para a dependência, sendo que uma parte significativa deste risco provém de fatores ambientais ou interpessoais, que podem incluir atitudes culturais para com o beber e com a embriaguez, disponibilidade de álcool (inclusive preço), expectativas quanto aos efeitos do álcool sobre o humor e o comportamento, experiências pessoais adquiridas com o álcool, além do estresse.

Assim, as formulações encontradas, como já apontamos, no que toca à propensão ao álcool, são muitas e às vezes contraditórias. Parece-nos que a determinação multifatorial ganha um maior peso e respeitabilidade, especialmente por não ser reducionista e não colocar o ser humano, especialmente quando se considera a sua subjetividade, à mercê de algum “gene transtornado”.

3. As Pessoas não-Alcoólatras Param.

Os Alcoólatras Não

O desenvolvimento do alcoolismo pode, geralmente e não estritamente, dar-se em três fases ou estágios.

No estágio inicial observa-se, apesar da dificuldade de diferenciação, a presença de uma tendência maior para a ingestão de álcool quando em grande quantidade. O que se pensa hoje é que a doença vai se instalando aos poucos e uma série de adaptações orgânicas vai progressivamente ocorrendo, assim como o pensar, o sentir e o comportamento alcoólico vão dominando, dia após dia, em uma escala ascendente, o conjunto dos aspectos da personalidade.

A Sistema Nervoso Central terá um papel predominante na adaptação ao alcoolismo. Os alcoólatras no início passam a sentir um certo estresse físico, principalmente quando ingerem muita bebida. Tal sensação é provocada por enzimas e por hormônios, além de um grande número de complexos processos químicos, que, na realidade, são desestabilizados pela ingestão do álcool. Assim,

para o alcoólatra, o álcool é um hóspede desagradável e ingrato. Embora dê às células um rico suprimento de energia e proporcione estímulo e sedação em quantidades diferentes, estes benefícios são inevitavelmente transformados em penalidades. Gradualmente o álcool ataca as células, destruindo seu delicado equilíbrio químico, corroendo as membranas e deformando as partes celulares internas. Se o alcoólatra continuar bebendo, as penalidades mais cedo ou mais tarde irão pesando mais que os benefícios, à medida que ele progredir para os estágios mais avançados da moléstia. (Milan & Ketcham, p.73)

Na realidade, podemos pensar em duas adaptações que ocorrem no estágio inicial do alcoolismo, ou seja, as que incidem diretamente sobre o metabolismo do

álcool, e as que se dão no Sistema Nervoso Central e que gozam de um papel importante no que se refere à dependência.

Na fisiologia, podemos entender as membranas celulares como canais seletivos químicos e elétricos que possibilitam veicular substâncias para as células, evitando o excesso e possibilitando a eliminação de resíduos. A ingestão de álcool vai modificar o processo dentro e através das membranas celulares, permitindo mudanças na estrutura membranosa, possibilitando que certos materiais fiquem aprisionados no interior da célula, e facilitando que outras substâncias vitais desapareçam no interior celular... enfim, é a membrana responsável por esse trânsito, por esse entra e sai, na célula.

Em doses reduzidas, no entanto, o álcool possibilita a estimulação das membranas celulares, ocasionando uma conseqüente liberação de substâncias químicas que podem possibilitar a euforia, a excitação e sensações freqüentes de bem-estar.

Porém, em grandes quantidades e por um longo período de tempo, a ingestão de álcool força as membranas celulares a se adaptarem, encontrando formas de competir com essa quantidade elevada. Se o processo é contínuo, as membranas tornam-se enrijecidas pelo trabalho para se manterem estáveis, ficando vulneráveis aos efeitos posteriores e freqüentes da ingestão de mais álcool. Correm então o risco de serem de fato dissolvidas, ficando, desta forma, impedidas de agir como processo seletivo, permitindo a entrada de substâncias tóxicas nas células. Assim, com as membranas destruídas, só podemos esperar um resultado desastroso, e sinais clínicos evidentes podem ser constatados, como a Síndrome de Abstinência, com a presença de alucinações, convulsões, danos cardíacos e, também, *Delirium Tremens*.

Sabe-se hoje que a capacidade em suportar grandes quantidades de álcool, conforme o indivíduo, pode levar meses ou mesmo anos para crescer. Observa-se que

alguns alcoólatras experienciam uma certa mudança paulatina entre o beber dito normal, para uma frequência mais acelerada acompanhada de doses cada vez maiores. Outros, no entanto, são capazes de uma mudança mais rápida, podendo beber muito mais e evidenciar, por outro lado, menores conseqüências físico-mentais.

Dessas observações, o que resulta para o alcoólatra é o fato de que ele controlará sua compulsão para beber apenas por um curto espaço de tempo, pois a dependência da célula se estabelece progressivamente, até que o indivíduo sem escolha necessite ingerir urgentemente o álcool, especialmente, quando por algum motivo ficar algum tempo sem beber. A fisiologia, então, abre as portas para a decadência da subjetividade, para a miséria da condição humana.

O Estágio Intermediário pode ser, resumidamente, caracterizado por três pontos essenciais: Dependência Física, que é proeminente manifesta por síndromes agudos e de longa duração de Abstinência, Compulsão e Perda de Controle na ingestão de álcool.

Como poderíamos esperar, o Estágio Final é caracterizado por uma generalizada deteriorização psíquica-física, em que todas as ações do alcoólatra se dirigem para conseguir mais e mais bebida. Neste estágio, seus órgãos estão prestes a falir em suas funções, sua resistência às doenças diminui, especialmente por ter seu sistema imunológico bastante comprometido; sucumbindo mais às infecções oportunistas, sua vida paulatinamente caminha para um doloroso definhamento até o desfecho final.

Esses seriam os estágios percorridos pelo alcoólatra crônico, constituindo o curso natural da doença. No entanto, nem todo alcoólatra percorre completamente esse trajeto. Na verdade, observamos que muitos mantêm suas famílias, são cumpridores de seus deveres e raramente faltam ao trabalho; pagam suas contas e não

envergonham socialmente seus familiares. O álcool, nestes casos, não é um sintoma limitante, e apesar de seu uso compulsivo, não exclui todos os outros aspectos da vida da pessoa, mantendo-a, de uma certa forma, íntegra.

Então, poderíamos pensar que a deterioração para muitos não se dá de maneira avassaladora e letal e, também, que devem existir características pessoais (inatas, influências do meio, constituição e dinâmica psíquica) que preservam a integridade física e mental do alcoólatra, apesar das grandes quantidades de bebida ingeridas.

A doença, nestes casos, tem uma história e um curso muito diferente, cursa em sintonia com as variações individuais.

Acontece com o alcoolismo, o mesmo que nos casos de AIDS, de alguns portadores do vírus HIV que apresentam grandes variações no que se refere ao desenvolvimento da doença. Alguns a desenvolvem de forma rápida e letal, enquanto que outros demoram ou nunca a desenvolvem.

Assim também, em relação à dependência e ao abuso de álcool, encontramos vários tipos e subtipos. Uma classificação recente observa que as pessoas cuja dependência de álcool têm um início tardio (poucos fatores de riscos na infância) apresentam dependência relativamente leve, poucos problemas relacionados ao álcool e pouca psicopatologia. Outros possuem muitos fatores de risco na infância, severa dependência, início precoce de problemas relacionados ao álcool, muitas psicopatologias, uma forte história familiar de abuso de álcool, freqüente uso de múltiplas substâncias, uma longa história de tratamento de alcoolismo e um alto número de estresses severos. Alguns pesquisadores descobriram que as pessoas do primeiro tipo de dependentes de álcool podem responder a psicoterapias interativas,

enquanto que as pessoas dependentes do segundo tipo podem responder melhor ao treinamento de habilidades de manejo (Kaplan & Sadock, p.387-388).

São muitos os tipos e subtipos como já mencionamos anteriormente. No entanto, existe uma dependência de álcool, comum nos Estados Unidos, que pelo nosso estudo e nossa análise é de extrema relevância, vista em indivíduos ativos nos Alcoólatras Anônimos, envolvendo problemas de controle. Esses indivíduos são incapazes de parar depois que começam a beber. Se o consumo é interrompido como resultado de má saúde ou falta de dinheiro, eles são capazes de se abster por vários períodos de tempo. Outro tipo, mais comum na Europa que nos Estados Unidos, é constituído por pessoas que ingerem uma certa quantidade a cada dia, mas não estão conscientes de uma falta de controle. O transtorno por uso de álcool pode não ser descoberto até que o indivíduo se veja forçado a deixar de beber por alguma razão, e então percebe os sintomas de abstinência. Outros pesquisadores sugerem outros tantos subtipos, como por exemplo, aquele que se limita ao sexo masculino, com início tardio, com mais evidência de dependência psicológica que física e a presença de fortes sentimentos de culpa envolvendo o uso de bebidas alcoólicas. Outro subtipo, restrito ao sexo masculino, corresponde àquele que tem um início precoce, acompanhado de uma série de comportamentos bastante perturbadores enquanto ocorre o período de intoxicação. Outro pesquisador postula mais quatros subtipos: o anti-social, de mau prognóstico quanto a qualquer tratamento, com início precoce e transtorno de personalidade anti-social; o do Alcoolismo Evolutivamente Cumulativo, com tendência primária para abusar do álcool, que vai aumentando no decorrer dos dias e que geralmente se aproveita das ocasiões sociais, como festas de final de ano, aniversários, casamentos, para beber em grande quantidade; o do Alcoolismo de Afeto-Negativo, mais comum em mulheres do que em homens, em que as mulheres

utilizariam o álcool para regulação do humor e para facilitação nos relacionamentos sociais; o do Alcoolismo Evolutivamente Limitado, que estaria caracterizado por freqüentes surtos de consumo em grande quantidade, tais surtos tornando-se cada vez mais freqüentes com a idade e proporcionais às expectativas que vão aumentando juntamente com suas responsabilidades em relação a emprego e família (Kaplan & Sadock, p.128).

Todos esses dados levam-nos a constatar que, apesar do alcoolismo apresentar um padrão, ele possui, com certeza, muitas variações no seu desenvolvimento. Estes casos resistentes, por exemplo, deveriam ser estudados com muito mais detalhamento, se o acesso fosse possibilitado. Porém até hoje, não existe um estudo de longo alcance para um estudo desse tipo, especialmente no caso do alcoolismo, seria de fato muito proveitoso para a sua prevenção, principalmente quando se objetiva uma atuação abrangente, epidemiológica.

XII

O Tratamento do Alcoolismo

Sorriu, percebendo que se deixava levar pela vaidade,
vício que denunciara numa de suas aulas como o pior
inimigo do médico, depois da doença do paciente.

Hannah Green

O tratamento do alcoolismo pela Medicina, especialmente pela Psiquiatria é constituído por um conjunto de condutas nem sempre unitárias, além de apresentar grande diversidade, desde o controle químico, farmacológico, até as propostas que podem lidar com o psiquismo do paciente.

Na psicoterapia, assim como ocorre na Psicologia, as correntes são muitas e divergentes em muitos aspectos no que toca à abordagem psicoterapêutica. Além dessas divergências internas ao campo psi, encontramos opiniões contrárias no que se refere ao encaminhamento do paciente ao A.A. Alguns (Kaplan, Sadock, Grebb) aconselham a participação, outros dispensam essa ajuda e não a aconselham, acham até mesmo um contra-senso esse tipo de intervenção. Henry Ey não faz nenhuma referência, a favor ou contra, quanto à participação em grupos de A.A.

Como ocorre com qualquer outro paciente, pensamos que o que deve ser levado em conta é a vontade do paciente de tratar-se, de tocar em feridas abertas, de conhecer-se, a necessidade de oferecer a ele uma opção para investir na parte saudável de sua personalidade, para que o trabalho psicoterapêutico possa ser efetivado e tenha eficácia.

Henry Ey²⁷ estabelece que o tratamento do alcoolismo crônico pode ser esquematizado em quatro etapas de importância, de acordo com cada caso. A primeira consiste em uma Atitude Psicoterápica Geral, em que os doentes que chegam para uma desintoxicação apresentam um estado de dependência variável, no entanto constante, no que se refere às bebidas alcoólicas. Em sua maioria, a dependência ocorre mais ou menos tardiamente e traz um longo passado de alcoolização diária; a dependência é secundária. Em outros casos, mais raros, a dependência é primária, data das primeiras experiências de alcoolização, com um consumo rotineiro e solitário, com frequência mínima e às vezes intermitente.

A dependência é considerada como uma organização regressiva da personalidade. Podemos destacar dois tipos. A mais freqüente resulta de uma organização neurótica secundária, que aparece especialmente em pessoas que inicialmente não bebem, mas que por razões claramente patológicas, chegam tardiamente a uma fase de dependência, principalmente física, que a leva a se portar de modo regressivo de conduta alcoólica. O outro refere-se a uma organização primitiva e profunda nos indivíduos com personalidades pré-alcoólicas, perturbadas por frustrações e fixações orais, nos quais os efeitos do álcool são imediatamente integrados à personalidade, levando assim à dependência primária.

Em todo tratamento, para Henry Ey, existe um acordo no sentido de esforçar-se com o objetivo de suprimir o sintoma de emergência dominante, isto é, a absorção de álcool, patogênica por si mesma e que compromete toda melhora mais profunda, e as relações sociais da pessoa. Assim, a supressão total de bebida alcoólica continua sendo

²⁷ C.f.Ey,H.;Bernard,P.;Breissete,Ch. Tratado de Psiquiatria. Barcelona, Toray-Masson,1978.

uma prescrição absoluta, pois o tratamento do sintoma principal (emergencial) constitui o objeto do tratamento de desintoxicação propriamente dita: desmame e tratamento do impulso para beber (tratamento de aversão ou intolerância). A preparação do tratamento de desintoxicação deve contar com a cooperação do paciente, e a relação terapêutica deve pautar-se por um comportamento maduro e responsável, em que o paciente pode mostrar o conteúdo de sua angústia. Para obter essa colaboração, talvez seja necessário mostrar ao paciente como a sua vida está sendo ameaçada, destruída, assim como a sua carreira, seu casamento, a sua relação com filhos e amigos que vai se escorrendo por entre seus dedos, perdendo-se de forma drástica e incisiva. A psicoterapia deve sem dúvida ser estendida ao conjunto da família, especialmente ao cônjuge.

A supressão ou desmame necessita, em geral, de hospitalização, em média de 3 semanas a 3 meses em algum serviço especializado, com o objetivo de interromper o consumo de álcool. A hospitalização deve ter como objetivos: a) a privação absoluta de álcool; o emprego de medicação que possa amenizar os transtornos do humor e dos aspectos emocionais, que tendem a tornar-se intensos pela síndrome de abstinência: calmantes, neurolépticos, hipnóticos, antidepressivos; c) o tratamento dos transtornos hepatodigestivos (litropos, extratos hepáticos, dietas); d) a compensação dos estados de hipovitaminose (vitaminoterapia do grupo B).

O Tratamento da vontade alcoólica, denominado tratamento por intolerância, de sensibilização ou tratamento de repugnância, é ministrado medicamento como a apomorfina e o disulfiram. A Apomorfina é um indutor de vômito que atua diretamente no sistema nervoso central, suprimindo a ansiedade e ajudando a restabelecer as funções neuro-vegetativas perturbadas pelo alcoólatra. Seus efeitos

desagradáveis são associados à ingestão de álcool, com o objetivo de formar um reflexo condicionado. Já o Disulfiram provoca na pessoa que ingere álcool, horas antes ou depois, uma série de sintomas muito desagradáveis, tais como enrijecimento do rosto, do tronco, falta de ar, palpitações, náuseas, vômitos. Esses sintomas ou reações de sensibilização permanecem em média por meia hora e são diretamente proporcionais às dores e à duração do alcoolismo. O pós-tratamento se daria por uma abordagem multiprofissional do alcoólatra, com vários níveis de intervenção, seja na empresa, na escola, na família etc.

Como já mencionamos, as opiniões e as estratégias para empreender o tratamento do alcoolismo variam muito, além de oferecer muitas conotações e nuances que dependem não só do tipo de paciente, mas também do estágio em que se encontra de alcoolismo.

Assim, vários profissionais de medicina e da área da saúde são defensores de um beber razoável, sem exageros. Mas por outro lado, praticamente todos os teóricos aconselham que os tratamentos, para terem resultados positivos, devem pautar-se por uma abstinência absoluta. Posição esta, também, não unânime.

Na realidade o que se observa é que são muitas as influências e as pressões que levam o alcoólatra a procurar ajuda especializada. Às vezes o cônjuge, outras o patrão, o chefe imediato, ou o próprio indivíduo, que a uma certa altura, adquire noção de que se o ritmo acelerado de ingestão de bebida continuar, o fim poderá ser a morte, o que gera ansiedade e medo. Isto se dá, especialmente enquanto ainda restar uma reserva narcísica, em a pessoa investe em si mesmo, e por medo da aniquilação procura preservar-se. Existem porém formas punitivas de relação e a ingestão de álcool passa a ser um instrumento das forças aniquiladoras. Os pacientes são

pressionados ou de alguma maneira incentivados por outra pessoa a realizarem o tratamento, especialmente por aqueles que possuem uma grande importância afetiva. Para eles, são exatamente os que serão mais capazes de aderir e permanecer no tratamento, além de apresentar um prognóstico significativamente melhor do que aqueles que não receberam incentivo, pressão. Porém, o melhor prognóstico é para as pessoas que procuram um profissional de saúde por sua livre e espontânea vontade, por um *insight* da sua condição de alcoólatra e das conseqüências negativas que esse fato, agora reconhecido, acarretou ou está acarretando para a sua vida.

Não é infrequente o alcoólatra procurar atendimento especializado apenas após inúmeras catástrofes. Isto talvez aconteça quando ele se dá conta de que perdeu, ou está perdendo a família, o emprego, os amigos, a dignidade etc.

Tanto o acompanhamento psicoterápico, como o acompanhamento médico devem fazer parte da estratégia de tratamento de um alcoólatra. Porém, em nossa opinião, outras não devem ser descartadas.

A psicoterapia deve ser utilizada sem qualquer sombra de dúvida no tratamento do alcoólatra e acompanhada de uma análise das características de cada alcoólatra para sabermos se deverá ser usado o atendimento individual, ou através de grupos homogêneos ou heterogêneos. Somos da opinião de que todo alcoólatra pode aproveitar muito o processo psicoterápico, não somente com o objetivo de parar de beber, mas como um recurso de enriquecimento e crescimento pessoal. Entretanto, para que isso ocorra, deve haver uma demanda interna do processo psicoterápico.

Para Baltazar (1995), é errôneo avaliar apenas os resultados da psicoterapia tendo como único critério a abstinência, pois, afirma, mesmo aqueles que não se mantêm em abstinência podem mudar significativamente seu padrão de ingestão de

álcool, sua relação com o alcoolismo, suas relações familiares, de trabalho, e, sobretudo, suas relações consigo mesmo, tendo a possibilidade de desenvolver uma relação com seus conteúdos pessoais, menos cindida e isolada nos seus vários aspectos.

Concordamos em larga medida com a opinião de que há, na realidade, um certo moralismo médico em usar o critério da abstinência, muitas vezes, como único indicador de sucesso terapêutico, pois, afinal, a abstinência pode ser mantida sem qualquer mudança na qualidade de vida.

No que se refere aos Alcoólicos Anônimos, a opinião de Baltazar (1995) é bastante taxativa, isto é, face às dificuldades do trabalho do processo psicoterápico, os psiquiatras o delegam aos Alcoólicos Anônimos, pois “não deixa de ser irônico observar que esta patologia que dissolve o nome e a palavra do sujeito tenha sido, durante muito tempo, entregue aos assim chamados Alcoólicos Anônimos, pleonasmos, pois de alguma maneira os alcoólicos tornam-se anônimos de si e do mundo”(Baltazar,1995,p.195).

Claro está que a tarefa é de fato árdua e é necessário compreender que tipo de vínculo, que formas transferenciais e contratransferências conotam as relações estabelecidas entre o paciente alcoólatra e o terapeuta. Mas, provavelmente, o serviço de saúde, especialmente as psicoterapias, não dariam conta de toda a demanda. Por outro lado, nem todo alcoólatra apresenta demanda por terapia. Teríamos assim uma situação exclusivista e, perante a gravidade social do problema, outras alternativas, mesmo aquelas limitadas em seus objetivos, como a da abstinência absoluta, não devem e nem podem ser descartadas.

Por outro lado, encontramos outra posição antagônica, como a que defende que “os médicos devem encaminhar o paciente aos A.A. como parte de uma abordagem de tratamento múltiplo. Frequentemente, os pacientes que de início apresentam objeções à sugestão de participarem dos A.A., mais tarde são muito beneficiados pela organização e se tornam participantes entusiásticos”. (Kaplan & Sadock, 1997, p.394)

Não é nosso objetivo aqui discutir quais as terapias mais eficazes nos casos do alcoolismo, já que a validação de qualquer posição exige uma discussão mais profunda.

Porém concordamos, pela nossa experiência clínica, que nem sempre um sintoma pode ou deve ser removido, pois, afinal, ele condensa múltiplos significados e uma conciliação cambaleante de tendências e forças psíquicas. Assim, talvez o enriquecimento de outros aspectos da personalidade possa modificar o foco, a importância simbólica e a satisfação pulsional da ingestão de álcool, tornando-se algo a mais e não o mais importante, a representação do centro da personalidade.

Esse resumo do tratamento do alcoolismo é apenas um pequeno retrato de todas as implicações que o problema impõe à Psicologia, à Medicina e aos profissionais, inclusive, de áreas correlatas ou não às de saúde, tais como assistentes sociais e administradores. São múltiplos os fatores que determinam o alcoolismo, e a sua abordagem deve pautar-se na mesma multiplicidade de recursos para o seu tratamento.

XIII

HISTÓRIAS DE ALCOOLISMO

*1. A História de Bill*²⁸

A febre da guerra estava no auge na cidade de New England para nós, jovens oficiais de Plattsburg, havíamos sido transferidos, e ficávamos lisonjeados quando as autoridades locais nos levavam às suas casas, fazendo com que nos sentíssemos como heróis. Ali estavam o amor, o aplauso e a guerra, momentos sublimes entremeados de alegria. Eu fazia, finalmente, parte da vida e, em meio à excitação, descobri o álcool. Esqueci-me das severas advertências e dos preconceitos de minha família em relação à bebida. No devido tempo, embarcamos para a Europa. Eu me sentia muito sozinho e novamente me voltei para o álcool.

Chegamos à Inglaterra. Visitei a Catedral de Winchester. Bastante emocionado, passei pelas imediações. Uns versos de pé quebrado, na lápide de um velho túmulo, chamaram-me a atenção:

*"Aqui jaz um Granadeiro de Hampshire
Que alcançou à morte
Bebendo cerveja fria.
Um bom Soldado nunca é esquecido
Tenha ele morrido de tiro
Ou pela bebida."*

Terrível aviso – que não levei em consideração.

Aos vinte e dois anos, e veterano de guerra, voltei afinal para casa. Acreditava-me um líder, pois não tinham os homens de minha bateria me dado uma demonstração

especial de estima? Meu talento para a liderança, eu imaginava iria me colocar à frente de grandes empresas que eu administraria com a maior competência.

Inscrevi-me num curso de Direito e consegui emprego como investigador de uma companhia de seguros. A escalada do sucesso havia começado. Eu provaria ao mundo que era importante. Meu trabalho levou-me a Wall Street e, pouco a pouco, interessei-me pelo mercado de capitais. Muita gente perdia dinheiro – mas muitos enriqueciam. Por que não eu? Estudei Economia e Negócios, além de Direito. Alcoólatra em potencial que eu era, quase fui reprovado em meu curso de Direito. Num dos exames finais, eu estava bêbado demais para conseguir pensar ou escrever. Embora eu ainda não bebesse ininterruptamente, aquilo me perturbava minha mulher. Tínhamos longas conversas, nas quais eu silenciava seus maus pressentimentos dizendo-lhe que os gênios concebiam seus melhores projetos quando estavam bêbados e as mais grandiosas criações do pensamento filosófico foram assim concebidas.

Quando afinal completei o curso, eu já sabia que o Direito não era minha vocação. O atraente turbilhão de Wall Street me havia seduzido. Meus heróis eram os grandes financistas e homens de negócios. Com esta amálgama de bebidas e especulações, comecei a forjar a arma que um dia se desviaria de seu alvo e, como um bumerangue, se voltaria contra mim para me transformar num farrapo. Vivendo modestamente, minha esposa e eu economizamos mil dólares. Investi em algumas ações, na época baratas e um tanto desprestigiadas. Avaliei, com acerto, que algum dia teriam uma boa valorização. Não consegui persuadir meus amigos corretores para que me financiassem viagens a fim de examinar de perto algumas empresas e sua política administrativa, mas minha mulher e eu resolvemos fazê-lo de qualquer modo. Eu havia

²⁸ Todas as histórias foram extraídas do livro *Alcoólicos Anônimos*. São Paulo, JUNAAB, 1997.

desenvolvido a teoria de que a maioria das pessoas perdia dinheiro em ações por pura ignorância do mercado. Descobri, mais tarde, que havia vários outros motivos.

Desistimos de nossos empregos e partimos de motocicleta, com o *side car* abarrotado com uma barraca, cobertores, mudas de roupas e três enormes volumes de livros de referência financeira. Nossos amigos acharam que deveríamos ser examinados por uma junta psiquiátrica. Talvez tivessem razão. Eu havia tido algum sucesso em meus investimentos, portanto tínhamos uma certa reserva de dinheiro. Mas, certa vez, trabalhamos durante um mês numa fazenda, para não precisarmos recorrer a nosso pequeno capital. Aquele que foi meu último trabalho manual honesto, em muito tempo. Percorremos, em um ano, todo o leste dos Estados Unidos. Passado esse tempo, meus relatórios para Wall Street renderam-me um emprego, com direito a uma bela ajuda de custos. A venda de algumas ações nos trouxe mais dinheiro, de modo que, ao final daquele ano, tivemos um lucro de vários milhares de dólares.

Nos anos seguintes, o destino me concedeu fama e dinheiro. Eu havia chegado onde queria. Meu bom senso e minhas idéias foram seguidos por muitos, que ganharam milhões. A grande alta de ações do final da década de 20 estava em plena efervescência. A bebida, em minha vida, assumia um papel importante e estimulante. Havia muita agitação na vida noturna da cidade. Todos gastavam aos milhares e falavam em milhões. Que se danassem os descrentes! Fiz sem-número de amigos interesseiros.

Minha maneira de beber assumia proporções cada vez maiores, continuando todos os dias e quase todas as noites. As censuras de meus amigos terminavam em brigas e tornei-me um lobo solitário. Houve várias cenas tristes em nosso apartamento

luxuoso. Nunca houve felicidade, pois a lealdade à minha esposa, às vezes ajudada pelo alto grau de embriaguez, manteve-me longe dessas encrencas.

Em 1929, apaixonei-me pelo golfe. Fomos imediatamente para o campo e minha mulher aplaudia, enquanto eu me preparava para superar o campeão Walter Hagen. A bebida atingiu-me muito mais depressa do que eu a Walter. Comecei a ficar extremamente trêmulo, pela manhã. O golfe me permitia beber todos os dias e todas as noites. Era divertido perambular pelo gramado que me havia causado tanta admiração quando eu era garoto. Adquiri o impecável bronzado dos ricos. O banqueiro local, com divertido ceticismo, observava-me sacar e depositar gordos cheques.

De repente, em outubro de 1929, o inferno desabou sobre o mercado de capitais de New York. Depois de um daqueles dias de terror, saí cambaleante de um bar de hotel para um escritório de corretagem. Eram oito da noite – cinco horas após o fechamento do mercado. A teleimpressora continuava funcionando. Fiquei olhando para um pedaço da fita de papel onde estava escrito XYZ-32, Naquela manhã, o valor era 52.

Eu estava arruinado, e muitos amigos também. Os jornais noticiavam mortes de homens que se atiravam do alto dos prédios no Centro Financeiro. Aquilo me repugnava. Eu não pularia. Voltei para o bar. Meus amigos tinham perdido vários milhões desde as dez da manhã – e daí? Amanhã seria outro dia. à medida que eu bebia, voltava minha antiga determinação feroz de vencer.

Na manhã seguinte, telefonei para um amigo de Montreal. Ele ainda ficara com muito dinheiro e achou que eu deveria ir para o Canadá. Na primavera seguinte, havíamos retomado nosso habitual estilo de vida. Eu me sentia como Napoleão ao voltar de Elba. Não haveria Santa Helena para mim! Mas a bebida me venceu

novamente e meu generoso amigo foi obrigado a desistir de mim. Desta vez, falimos mesmo.

Fomos morar com os pais de minha mulher. Consegui um emprego e, então, perdi-o devido a uma briga com um motorista de táxi. Felizmente, ninguém podia adivinhar que, pelos próximos cinco anos, eu ficaria desempregado, ou que dificilmente teria um minuto de sobriedade. Minha esposa começou a trabalhar numa loja de departamentos, voltando exausta para casa, para me encontrar embriagado. Tornei-me um inconveniente parasita dos escritórios de corretagem.

A bebida deixara de ser um prazer: tornou-se uma necessidade. Duas garrafas, muitas vezes três, de gim de segunda, por dia, tornaram-se rotina. De vez em quando, uma pequena transação me rendia umas poucas centenas de dólares eu pagava minhas contas nos bares e mercearias. Aquilo não tinha fim e comecei a acordar muito cedo, pela manhã, tremendo violentamente. Um copo cheio de gim, seguido por meia dúzia de garrafas de cerveja eram necessários se eu quisesse tomar o café-da-manhã. No entanto, eu ainda acreditava poder controlar a situação e havia períodos de sobriedade de que renovavam as esperanças de minha esposa.

Pouco a pouco, as coisas foram piorando. O credor da hipoteca nos tirou a casa, minha sogra morreu, minha mulher e meu sogro adoeceram.

Surgiu, então, uma promissora oportunidade de negócios. Em 1932, as ações estavam em baixa e eu, de algum modo, havia formado um grupo de compradores. Minha participação nos lucros seria generosa. Então, tomei uma enorme bebedeira e a oportunidade foi pelos ares.

Acordei. Aquilo precisava parar. Vi que não podia tomar um gole sequer. Não tinha mais volta. Anteriormente, eu havia feito milhares de promessas, mas minha esposa constatou, satisfeita, que desta vez eu falava a sério. E era verdade.

Pouco tempo depois, voltei para casa bêbado. Eu nem mesmo lutara. Para onde havia ido minha firme decisão. Eu simplesmente não sabia. Nem me passara pela cabeça. Alguém havia colocado uma bebida em minha frente, e eu tinha bebido. Estaria louco? Comecei a achar que sim, pois tão absurda falta de perspectiva parecia ser exatamente isto.

Retomando minha decisão, tentei novamente. Algum tempo se passou e a confiança começou dar lugar a uma excessiva. Eu podia zombar dos botequins. Eu sabia tudo! Um dia, entrei num bar para telefonar. No mesmo instante, estava batendo no balcão, perguntando a mim mesmo como era possível. Enquanto o uísque me subia à cabeça, disse a mim mesmo que me controlaria mais da próxima vez, mas que aquela hora podia perfeitamente me embriagar de verdade. E foi o que fiz.

O remorso, o horror e o desespero da manhã seguinte são inesquecíveis. Não havia coragem para lutar. Meus pensamentos disparavam incontrolavelmente e eu tinha uma terrível sensação de calamidade iminente. Quase não me atrevi a atravessar a rua com medo de desmaiar e ser atropelado por algum caminhão madrugador, pois acaba de amanhecer. Num local aberto vinte e quatro horas, abasteci-me de uma dúzia de copos de cerveja. Meus nervos arrebatados finalmente se acalmaram. Um jornal matinal informou-me que o mercado se transformara outra vez num inferno. Pois é, eu também. O mercado iria se recuperar, mas eu não. Era uma idéia insuportável. Deveria me matar? Não, agora, não. Então, minha cabeça virou uma grande confusão. O gim daria um jeito naquilo. Portanto, duas garrafas e...o esquecimento.

Corpo e mente são mecanismo maravilhosos, porque os meus suportaram essa agonia por mais dois anos. Às vezes, quando a loucura e o terror matinais me assaltavam, eu roubava dinheiro das minguadas economias de minha mulher. Mais de uma vez controlei-me, perplexo, diante de uma janela aberta, ou do armário de remédios onde havia veneno, amaldiçoando-me por ser um fraco. Houve fugas da cidade para o campo, e vice-versa, nas quais minha mulher e eu buscávamos uma saída. Chegou, então, a noite em que a tortura mental e física era tão infernal que senti medo de me atirar pela janela com cortina e tudo. Não sei como, consegui arrastar meu colchão para um andar baixo, com medo de pular de repente. Um médico me deu um forte cedativo. No dia seguinte, eu estava tomando gim e sedativos. Essa combinação quase me matou. As pessoas temiam por minha sanidade. Eu também. Eu quase não comia quando bebia, e estava vinte quilos mais magro.

Meu cunhado é médico e, graças à sua generosidade e à de minha mãe, fui internado num hospital famoso nacionalmente por seu trabalho de reabilitação mental e física de alcoólicos. Sob o efeito do assim chamado tratamento de beladona, minha mente clareou. A hidroterapia e exercícios leves ajudaram bastante. O melhor de tudo foi conhecer um médico amável, que explicou que, embora egoísta e insensato, eu estava gravemente doente, física e mentalmente.

Fiquei um pouco mais tranqüilo ao saber que, nos alcoólicos, a força de vontade torna-se incrivelmente frágil quando se trata de combater o álcool, embora permaneça firme sob outros aspectos. Meu inacreditável comportamento, a despeito de um desesperado desejo de parar, estava explicado. Capaz de me compreender melhor, saí do hospital cheio de esperanças. Ia regularmente à cidade e cheguei até a guardar algum dinheiro. Aquela era, sem dúvida, a resposta: autoconhecimento.

Mas não era, pois chegou o apavorante dia em que bebi novamente. A curva descendente de minha decadência moral e saúde física desabou em queda livre. Depois de algum tempo, voltei para o hospital. Era o fim, parecia-me estar tudo acabado. Minha esposa, exausta e desesperada foi informada que tudo terminaria num ataque cardíaco durante uma crise de *delirium tremens*, ou que minha mente se deterioraria, talvez dentro de um ano. El, em breve, teria que me entregar ao agente funerário, ou a um hospício.

Não precisavam me dizer tudo aquilo. Eu sabia, e quase me alegrava com a idéia. Era um golpe devastador em meu orgulho. Eu, que acreditava tanto em mim mesmo, em minhas aptidões, e em minha capacidade de superar obstáculos, estava finalmente encurralado. Só me restava mergulhar na escuridão, acompanhando a interminável procissão de bêbados que me haviam antecedido. Eu pensava em minha pobre mulher. Tínhamos sido bem felizes, apesar de tudo. O que eu não daria para me redimir! Mas era tarde demais.

Não há palavras que possam descrever a solidão e o desespero que me dominavam naquele amargo pântano de autopiedade. Tudo ao meu redor era areia movediça. Eu havia encontrado um adversário imbatível. Eu fora dominado. O álcool era meu senhor.

Trêmulo, eu era um homem arrasado, ao deixar o hospital. O medo me manteve sóbrio por pouco tempo. Depois veio a traiçoeira insanidade mental daquele primeiro gole e, no Dia do Armistício de 1934, desabei novamente. Todos estavam conformados com a certeza de que eu teria confinado em algum lugar, ou continuaria cambaleando por algum tempo, até um fim miserável. Como escuro antes da aurora! Na verdade, aquele era o começo da minha última orgia. Em breve, eu seria lançado

no gosto de chamar “a outra dimensão da existência”. Iria conhecer felicidade, paz e utilidade, num estilo de vida que se torna cada vez melhor, à medida que o tempo passa.

Quase no fim daquele triste mês de novembro, eu bebia, sentado na cozinha de minha casa. Com alguma satisfação, refleti que havia gim suficiente, escondido pela casa, para me ajudar a passar aquela noite e o dia seguinte. Minha mulher estava no trabalho. Imaginei se me atreveria a esconder uma garrafa cheia de gim perto da cabeceira de nossa cama. Precisaria dela antes do amanhecer.

Minhas reflexões foram interrompidas pelo telefone. A voz alegre de um velho amigo do colégio perguntou-me se poderia me visitar. Ele estava sóbrio. Havia anos que ele não vinha a NewYork naquele estado. Eu estava perplexo. Corriam boatos de que havia sido detido por insanidade alcoólica. Fiquei imaginando como escapara. Sem dúvida ele viria jantar, e eu poderia então beber junto com ele, sem restrições. Sem me preocupar com sua saúde, eu pensava antes em reviver o clima do passado. Houve aquela vez em que fretamos um avião para fazer uma farra! Sua visita era um oásis naquele melancólico deserto de futilidade. Exatamente isto: um oásis! Bêbados são assim.

A porta se abriu e ali estava ele, corado e bem disposto. Havia algo em seu olhar. Ele estava inexplicavelmente diferente. O que acontecera?

Coloquei um copo de bebida à sua frente. Ele recusou. Desapontado, mas curioso, perguntei-lhe o que haveria com ele. Não era mais o mesmo.

“Escute, o que há com você?”, perguntei.

Ele me olhou nos olhos. Com simplicidade, mas sorridente, respondeu: “Tenho religião.” Fiquei perplexo. Então era isso. No verão passado, um alcoólico amalucado. Agora, eu suspeitava, com idéias meio malucas de religião. Havia aquele olhar fixo. É, meu velho amigo estava mesmo delirando. Mas bendito fosse, ele que tagarelasse à vontade! Além disso, meu gim duraria mais do que o seu sermão.

Mas ele não disse bobagens. Na verdade, contou-me como dois homens havia aparecido no tribunal, convencendo o juiz a suspender sua pena. Falaram de uma simples idéia religiosa e um programa prático de ação. Aquilo acontecera dois meses e o resultado era evidente. Funcionava!

Ele viera me transmitir sua experiência, se eu estivesse interessado. Eu estava chocado, mas interessado. É claro que eu estava interessado. Tinha que estar, porque estava desesperado.

Ele falou durante horas. Recordações de infância surgiam à minha frente. Eu quase podia ouvir o som da voz do pastor, nos domingos tranquilos, quando eu me sentava, lá longe, na encosta da colina. Havia aquele oferecimento de uma garantia de temperança que nunca aceitei; o desrespeito benevolente de meu avô para com alguns companheiros da igreja e sua conduta. Sua insistência em afirmar que as esferas celestes tinham sua música, mas sua recusa em admitir que o pregador lhe dissesse como deveria ouvi-la. Seu destemor ao falar sobre tudo isto pouco antes de morrer. Estas lembranças jorravam do passado. Elas fizeram-me engolir com a garganta seca.

Aquele dia, durante a guerra, na velha Catedral de Winchester, tornou a voltar.

Eu sempre havia acreditado num Poder superior a mim. Refleti sobre isto muitas vezes. Eu não era um ateu. Poucas pessoas são realmente atéias, pois isto significa uma fé cega na estranha proposição de que este universo surgiu do nada e corre, sem

rumo, para lugar nenhum. Meus heróis intelectuais, os químicos, os astrônomos, até mesmo os evolucionistas, propunham inúmeras leis e forças em ação. Apesar das indicações em contrário, eu não duvidava que, por trás de tudo, havia um propósito e um ritmo poderosos. Como poderia haver tantas leis tão precisas e imutáveis e nenhuma inteligência? Eu, simplesmente, tinha que acreditar num Espírito do Universo, que desconhecesse tempo ou limites. Mas isto foi o mais longe que pude chegar.

Dos padres e de todas as religiões, eu discordava a partir daí. Quando eles falavam de um Deus pessoal, que era amor, força e orientação sobrenaturais, eu me irritava e minha mente de imediato se fechava diante de tal teoria.

A Cristo eu concedia a certeza de ter sido um grande homem, cujo exemplo não foi seguido à risca por aqueles que O reconheciam. Seus ensinamentos morais excelentes. Para meu uso, eu havia adotado os que me pareciam convenientes e não muito difíceis. Do resto, não tomava conhecimento.

As guerras que haviam sido travadas, as fogueiras e as intrigas que as disputas religiosas haviam facilitado, deixavam-me enojado. Honestamente, eu não tinha muita certeza de que, afinal, as religiões da humanidade houvessem feito algum bem. A julgar pelo que eu vira na Europa, e desde então, o poder de Deus sobre as questões humanas era insignificante e a Irmandade dos Homens uma piada cruel. Se existia um Diabo, ele me parecia ser o Chefe do Universo, e certamente me tinha em seu poder.

Mas meu amigo estava sentado à minha frente e, sem rodeios, declarava que Deus havia feito por ele o que ele não pudera fazer por si mesmo. Sua força de vontade humana havia falhado. Os médicos o haviam declarado incurável. A sociedade estava a ponto de mandá-lo prender. Assim como eu, ele admitira a derrota total. E,

então, havia sido ressuscitado, subitamente arrancado do monte de lixo para uma qualidade de vida melhor do que tudo o que já havia conhecido!

Estaria nele a origem de tal poder? Era óbvio que não. Nunca houvera nele mais poder do que existia em mim naquele instante, e isto queria dizer absolutamente nenhum.

Aquilo me derrotou. Começava a parecer que as pessoas religiosas tinham razão, afinal de contas. Havia ali alguma coisa, agindo sobre um coração humano, que operara o impossível. Minhas idéias a respeito de milagres foram drásticas e imediatamente revistas. Não importava o desastroso passado. Do outro lado da mesa da cozinha, estava sentado um milagre. E anunciava boas novas.

Eu percebia que meu amigo estava muito mais do que internamente reformulado. Estava num novo caminho. Suas raízes agarravam-se a um novo solo.

Apesar do exemplo vivo de meu amigo, permaneciam em mim vestígios de meus velhos preconceitos. A palavra Deus ainda despertava uma certa antipatia. Quando era mencionada a idéia de que poderia existir um Deus especial para mim, este sentimento se intensificava. Eu não gostava daquele pensamento. Podia admitir concepções como Inteligência Criativa, Mente Universal ou Espírito da Natureza, mas resistia à idéia de um Imperador dos Céus, por mais amoroso que fosse seu controle. Desde então, tenho conversado com inúmeras pessoas que pensavam do mesmo modo.

Meu amigo sugeriu o que pareceu uma idéia original. Ele disse: “Por que você não escolhe a sua própria concepção de Deus?”

Esta colocação me atingiu em cheio. Derreteu a gélida montanha de intelectualidade à sombra da qual eu vivera e tremara durante vários anos. Sentia a luz do sol, finalmente.

Era apenas uma questão de estar disposto a acreditar num Poder superior a mim. Nada mais era exigido, para dar a partida. Percebi que o crescimento poderia começar daquele ponto. Sobre as bases de uma absoluta boa-vontade, eu poderia construir o que via em meu amigo. Será que eu o faria? É claro que faria!

Desta forma convenci-me de que Deus se interessa por nós, seres humanos, quando realmente O buscamos. Por fim, eu percebia, sentia e acreditava. Chamadas de orgulho e preconceito desprenderam-se de meus olhos. Um novo mundo se descortinava.

O real significado de minha experiência na Catedral atingiu-me como uma raio. Por breves instantes, eu havia precisado e buscado Deus. Existira em mim uma simples boa vontade para te-Lo comigo e Ele viera. Mas, logo, a sensação de Sua presença fora apagada pelo vozerio terreno, sobretudo pelo que havia dentro de mim. E assim havia sido desde então.

Como eu estivera cego!

No hospital, fui separado do álcool pela última vez. O tratamento era aconselhável, pois eu apresentava sinais de *delirium tremens*.

Lá, ofereci-me humildemente a Deus, como eu então O concebia, para que Ele fizesse de mim o que desejasse. Coloquei-me, sem reservas, sob Seus cuidados e orientação. Admiti, pela primeira vez, que, por mim mesmo, eu nada podia. Que, sem

Ele, eu estava perdido. Encarei, sem piedade, meus pecados e prontifiquei-me a deixar que meu novo Amigo os levasse embora, por completo. Nunca mais bebi.

Meu colega de escola visitou-me e contei-lhe a respeito de todos os meus problemas e deficiências. Fizemos uma relação das pessoas que eu havia magoado, ou contra as quais me sentia ressentido. Declarei minha sincera disposição de procurar aquelas pessoas, admitindo meu erro. De modo algum eu as criticaria. Eu iria corrigir tudo aquilo da melhor forma possível.

Eu deveria analisar meu pensamento à luz de meu novo e interno conhecimento de Deus. O bom senso viria a se transformar, assim, num sexto sentido. Eu me sentaria em silêncio, quando tivesse dúvidas, pedindo apenas orientações e forças para enfrentar meus problemas conforme Ele determinasse. Sob hipótese alguma pediria por mim mesmo, a não ser que, de meus pedidos, resultassem oportunidade de ser útil ao próximo. Somente neste caso eu poderia vê-los atendidos. E a resposta seria generosa.

Meu amigo prometeu-me que, quando tudo aquilo estivesse realizado, eu conheceria um novo relacionamento com o meu Criador. Que eu teria os rudimentos de uma nova maneira de viver que resolveriam os meus problemas. A crença no poder de Deus, acrescida de boa vontade, honestidade e humildade suficientes para estabelecer e manter o novo estado de coisas, eram requisitos essenciais.

Simples, mas não fácil. Havia um preço a ser pago. Significava destruição do egocentrismo. Eu precisava entregar tudo ao Pai da Luz, que preside a todos nós.

Aquelas eram proposições revolucionárias e drásticas mas, no momento em que as aceitei sem restrições, o efeito instantâneo. Houve uma sensação de vitória, seguida de uma paz e serenidade que eu nunca conhecera. Havia uma confiança ilimitada. Eu

me sentia revigorado, como se uma lufada de ar puro soprasse do alto da montanha. Deus se aproxima pouco a pouco da maioria dos homens, mas Seu impacto em mim havia sido reprimido e profundo.

Por um momento fiquei alarmado. Chamei meu amigo, o médico, para lhe perguntar se eu ainda conservava minha sensatez. Ele me ouviu, maravilhado.

Por fim, balançou a cabeça, dizendo: “Aconteceu com você algo que não compreendo. Mas é melhor que você agarre isto. Qualquer coisa é melhor do que o estado em que você estava.” O bom médico conhece, agora, muitos que passaram por experiências semelhantes. Ele sabe que elas são reais.

Ainda hospitalizado, pensei na existência de milhares de alcoólicos incuráveis que poderiam gostar de receber o que me havia sido dado com tanta liberalidade. Talvez eu pudesse ajudar alguns. Eles, por sua vez, poderiam trabalhar com outros.

Meu amigo havia enfatizado a absoluta necessidade de demonstrar estes princípios em todas as minhas atividades. Era, sobretudo, imperativo trabalhar com outros, assim como ele havia trabalhado comigo. A fé sem obras é morta, disse-me ele. E como isto é terrivelmente verdadeiro para o alcoólico. Pois se um alcoólico deixa de aperfeiçoar e ampliar sua vida espiritual através do trabalho e da dedicação aos outros, talvez não sobreviva aos transtornos e dificuldades que certamente surgirão em seu caminho. Se ele não trabalhar, com certeza beberá novamente. E, se beber, certamente morrerá. Aí, então, a fé estará realmente morta. Para nós, não há alternativa.

Minha mulher e eu nos dedicamos com entusiasmo à idéia de ajudar outros alcoólicos a encontrar uma solução para seus problemas. Foi uma sorte, pois meus amigos sócios nos negócios continuaram a não acreditar em mim por um ano e meio, período no qual pouco trabalho consegui. Eu não estava muito bem, na época, e fui

atormentado por ondas de autopiedade e ressentimento. Isto quase me levava, às vezes, de volta à bebida, mas logo descobri que, quando todas as outras providências falhavam, o trabalho junto a outro alcoólico salvava meu dia. Várias vezes fui, desesperado, ao meu antigo hospital. Lá, conversando com alguém, sentia-me surpreendentemente revigorado e equilibrado. Este é um programa de vida que funciona nos momentos difíceis.

Começamos a fazer amigos leais e criou-se entre nós uma solidariedade da qual é maravilhoso sentir-se parte. Tínhamos realmente alegria de viver, mesmo sob pressão em em dificuldades. Vi centenas de famílias tomarem o caminho que verdadeiramente leva a algum lugar. Vi as situações domésticas mais difíceis serem reajustadas, inimizades e rancores de todos os tipos serem eliminados. Vi homens saírem de hospícios e reassumirem posições vitais em suas famílias e comunidades. Profissionais e homens de negócios recuperarem seus padrões de vida. Praticamente não existe, entre nós, qualquer forma de problema ou miséria que não tenha sido superada. Numa cidade do oeste e em seus arredores, somos, com nossas famílias, cerca de mil pessoas. Encontramo-nos freqüentemente, a fim de que os recém-chegados possam encontrar a solidariedade que procuram. Nesses encontros informais, podemos ter, muitas vezes, de 50 a 200 pessoas presentes. Estamos crescendo em número e em força.

Um alcoólico embriagado é uma criatura desagradável. Nossas lutas com eles são às vezes árduas, às vezes cômicas, outras trágicas. Um pobre coitado cometeu suicídio em minha casa. Ele não conseguiu, ou não quis, aceitar nosso modo de vida.

Há, entretanto, muita alegria em tudo isso. Imagino que alguns possam ficar chocados com nossa aparente frivolidade e nosso falar excessivo. Mas, sob esta

aparência, há uma extrema honestidade. A fé precisa agir, vinte e quatro horas por dia. dentro de nós e por nosso intermédio, ou morremos.

A maioria de nós sente não mais precisar ir em busca da Utopia. Nós a temos conosco, aqui e agora. A cada dia, a conversa simples de meu amigo na cozinha de nossa casa multiplica-se num crescente círculo de paz na terra e boa vontade entre os homens.

2. A História do Dr. Bob.

Nasci num pequeno vilarejo em New England, com cerca de 7000 habitantes. Os padrões Morais eram, ao que me lembro, bem acima da média. Nenhuma cerveja ou bebida alcoólica mais forte era vendida na região, a não ser na Agência Nacional de Bebida, onde, talvez, alguém pudesse conseguir meio litro, se conseguisse convencer o agente de que realmente precisava. Sem uma prova, o esperançoso comprador seria obrigado a partir de mãos vazias, sem uma gota daquele que, mais tarde, eu viria a acreditar ser o grande remédio para todos os males humanos. Os homens que recebiam bebidas vindas de Boston ou New York eram vistos com muito desprezo e desconfiança pela maioria dos bons cidadãos locais. A cidade possuía um grande número de igrejas e escolas, nas quais iniciei meus estudos. Meu pai era um profissional de reconhecida capacidade e tanto ele quanto minha mãe eram bastantes dedicados aos interesses da igreja. Ambos estavam consideravelmente acima da média, em matéria de inteligência.

Infelizmente para mim, fui filho único, o que talvez tenha originado o egoísmo que representou um papel tão importante no desenvolvimento de meu alcoolismo.

Desde a infância até o Segundo Grau, fui mais ou menos obrigado a freqüentar a igreja, a Escola Dominical, o serviço vespertino, o Empenho Cristão às segundas-feiras à noite, às vezes, os encontros de orações às quartas à tarde. A consequência foi me fazer decidir que, quando me libertasse da dominação paterna, nunca mais pisaria numa igreja. Segui à risca esta decisão durante os quarenta anos seguintes, a não ser quando as circunstâncias desaconselhavam minha ausência.

Depois do segundo grau, vieram anos numa das melhores universidades do país, onde beber parecia ser uma importante atividade extracurricular. Quase todos

pareciam participar. Bebi cada vez mais e me diverti muitíssimo, sem muitos prejuízos físicos ou financeiros. Eu parecia capaz de, no dia seguinte, estar muito mais em forma do que a maioria dos que bebiam comigo, que eram amaldiçoados (ou talvez abençoados) com terríveis enjôos ao acordar. Nem uma só vez na vida tive dor de cabeça, o que me leva a crer ter sido um alcoólico quase desde o início. Toda a minha vida parecia voltada para fazer o que eu queria, sem consideração pelos direitos, desejo ou privilégios alheios. Um estado de espírito que se tornou cada vez mais atuante à medida em que o tempo passava. Diplomei-me com louvor aos olhos da fraternidade de bebedores, mas não aos olhos do Reitor.

Passei os três anos seguintes em Boston, Chicago e Montreal, trabalhando para uma grande fábrica. Vendia artigos ferroviários, motores a gasolina de todos os tipos e vários outros itens de mecânica pesada. Nessa época, bebi tanto quanto me permitia meu salário, ainda sem graves consequências, embora estivesse começando a, às vezes, tremer pela manhã. Nos três anos, só perdi meio dia de trabalho.

Meu próximo passo foi me dedicar a estudar medicina, entrando para uma das maiores universidades do país. Ali, entreguei-me à bebida com muito mais seriedade do que antes. Por conta de minha enorme capacidade de ingerir cerveja, fui eleito membro de uma das sociedades de bebedores e logo me tornei um de seus líderes. Em muitas manhãs, ia até as salas de aula e, mesmo preparado, dava meia-volta e retornava ao dormitório por causa da tremedeira, não ousando entrar na classe com medo de dar um espetáculo caso fosse chamado para falar.

Aquilo foi de mal a pior até a primavera do segundo ano quando, após um longo período bebendo, decidi que não conseguiria completar o curso. Assim, fiz a mala e viajei para o sul, pretendendo passar um mês na fazenda de um amigo. Quando a

névoa em meu cérebro se dissipou, percebi que abandonar a faculdade fora uma idiotice e que deveria voltar a continuar os estudos. Ao voltar, descobri que os professores tinham idéias a respeito. Depois de muito argumentar, permitiram que eu voltasse e prestasse meus exames, nos quais passei com excelentes notas. Mas eles estavam desgostosos comigo e me disseram que tentariam sobreviver sem a minha presença. Após muitas discussões dolorosas, finalmente obtive o certificado de aprovação e me mudei para outra das principais universidade do país, onde ingressei naquele outono para cursar o terceiro ano.

Meus porres pioraram tanto que os rapazes com quem eu convivia nos dormitórios se viram obrigados a mandar buscar meu pai, que fez uma longa viagem na vã tentativa de me levar para o bom caminho. Não deu muito certo, pois continuei bebendo e ainda passei a tomar bebidas fortes num volume muito maior do que nos anos anteriores.

Por ocasião dos exames finais, tomei um porre especialmente monumental. Quando precisei fazer as provas escritas, minhas mãos tremiam tanto que eu não conseguia segurar o lápis. Entreguei pelo menos três provas em branco. Sem dúvida fui reprovado e o resultado final foi o de que, se quisesse me formar, eu teria de repetir dois trimestres e me manter inteiramente abstinência. Foi o que fiz e consegui ser aprovado pelo corpo docente, tanto em comportamento quanto em aproveitamento.

Minha conduta foi tão confiável que fui capaz de obter de obter um cobiçado estágio numa cidade do oeste, onde passei dois anos. Durante estes anos, mantive-me tão ocupado que pouco saída do hospital. Consequentemente, não podia me meter em encrencas.

Ao final dos dois anos, abri um consultório na cidade. Tinha algum dinheiro, todo o tempo do mundo e considerável problemas estomacais. Logo descobri que umas das doses aliviariam meu mal-estar gástrico, ao menos por algumas horas de cada vez, não me tendo sido difícil, portanto, voltar à minha antiga e excessiva indulgência.

Nessa época, meu físico começava a pagar caro e, em busca de alívio, internei-me voluntariamente, no mínimo uma dúzia de vezes, num dos sanatórios locais. Estava entre a cruz e a espada, porque, se não bebesse, meu estômago me torturava, e, se bebesse, meus nervos faziam o mesmo. Depois de três anos nesse dilema, acabei no hospital local, onde tentaram me ajudar, mas eu conseguia que meus amigos me levassem bebida escondida, ou roubava álcool do próprio prédio, piorando assim rapidamente.

Afinal, meu pai precisou mandar um médico de minha cidade natal, que conseguiu de algum modo me levar de volta para lá, onde fiquei de cama cerca de dois meses, antes de me aventurar a sair de casa. Permaneci ainda alguns meses na cidade e voltei então para reassumir minha clínica. Acho que devo ter ficado apavorado com o que aconteceu, ou com o médico. Talvez com ambos, pois não toquei em bebida outra vez, até que foi decretada a lei Seca.

Com sua promulgação, senti-me seguro. Sabia que todos comprariam algumas garrafas, ou caixas, de bebida, conforme suas posses, e que logo nada mais haveria. Então não fazia diferença alguma, ainda que eu bebesse um pouco. Na época, eu não tinha conhecimento do estoque quase ilimitado que o governo permitiria a nós, médicos, comprar. Nem sabia a respeito dos contrabandistas de bebidas que logo surgiriam no horizonte. No início, bebi com moderação, mas foi preciso muito pouco

tempo para mergulhar nos antigos hábitos, que tão desastrosamente haviam terminado.

Durante os próximos anos, desenvolvi dois tipos de fobia. Um era o medo de não dormir e o outro o medo de ficar sem bebida. Não sendo um homem de posses, sabia que, se não permanecesse sóbrio o bastante para ganhar dinheiro, ficaria sem álcool. Na maioria das vezes, então, não tomava o gole matinal pelo qual tanto ansiava, mas engolia em seu lugar grandes doses de sedativos para acalmar os tremores, que me atormentava terrivelmente. Uma vez ou outra, eu cedia à compulsão matinal mas, quando o fazia, era apenas uma questão de horas para que eu fosse incapaz de trabalhar. Isto reduziu minhas chances de contrabandear algo de beber para casa no fim da tarde, o que, por sua vez, significaria uma noite em que ficaria rolando na cama, seguida por uma manhã de tremores incontroláveis. Durante os quinze anos seguintes, fui sensato o bastante para jamais ir ao hospital se tivesse bebido e raras vezes recebi pacientes. Escondia-me, em algumas ocasiões, num dos clubes dos quais era sócio e tinha, às vezes, o hábito de me registrar num hotel com um nome falso. Mas meus amigos, em geral, me encontravam e eu voltava para casa, se me prometessem que não haveria sermões.

Se minha mulher planejasse sair à tarde, eu conseguia um grande sortimento de bebidas e o levava às escondidas para casa, ocultando-as no depósito de carvão, dentro do tanque de lavar roupas, sobre batentes de portas, em cima das vigas do porão e entre as telhas do celeiro. Utilizava ainda velhas arcas e baús, o antigo depósito de garrafas e até a lata de lixo. Nunca usei a caixa d'água do banheiro, porque me parecia muito óbvio. Descobri, depois que minha mulher a examinava com frequência. Costumava colocar garrafas de 250 ou 400 gramas de álcool numa luva

forrada de pêlos e jogá-la dentro do buraco de ventilação, quando os dias de inverno ficavam suficientemente escuros. Meu contrabandista escondia álcool nos degraus atrás da casa, onde eu podia apanhá-lo quando quisesse. Às vezes, eu trazia nos bolsos, mas ele eram revistados e o risco ficou muito grande. Costumava também colocar bebidas em garrafas pequenas e enfiá-las no cano das meias. Isto funcionou à perfeição até que minha mulher e eu fomos assistir Wallace Beery no filme “Narcissus”, no qual ele faz a mesma coisa. A partir daí, acabaram-se os truques dentro das meias e na perna das calças!

Não perderei espaço contando todas as minhas experiências em hospitais e sanatórios.

Durante esse tempo, acabamos sendo mais ou menos abandonados por nossos amigos. Não podíamos ser convidados para sair, porque eu certamente tomaria um porre, e minha mulher não convidava as pessoas pelo mesmo motivo. Minha fobia de insônia fazia com que eu me embebedasse todas as noites mas, para conseguir bebidas para a noite seguinte, eu precisava ficar sóbrio durante o dia, pelo menos até as quatro da tarde. Essa rotina prosseguiu por dezessete anos, com algumas interrupções. Era, na verdade, um terrível pesadelo, aquela coisa de ganhar dinheiro, conseguir bebida, contrabandeá-la para casa, tomar um porre, tremer pela manhã, tomar grandes doses de sedativos para poder ganhar mais dinheiro, e tudo outra vez, até não poder mais. Eu costumava prometer à minha mulher, aos amigos, a meus filhos, que nunca mais beberia – promessas que raramente me mantinham sóbrio ao menos por um dia inteiro, embora eu fosse absolutamente sincero ao fazê-las.

Em proveito dos que gostam de experiências, eu deveria mencionar a assim chamada experiência da cerveja. Quando a cerveja reapareceu, achei que estava salvo.

Podia beber o quanto quisesse. Não havia perigo: nunca alguém se embriagou com cerveja. Então, enchi a adega, com a permissão de minha mulher. Não demorou muito para que eu estivesse bebendo pelo menos uma caixa e meia por dia. Engordei quinze quilos em cerca de dois meses. Parecia um porco e me sentia mal, com a falta de ar. Ocorreu-me, então, que, uma vez cheirando a cerveja, ninguém poderia saber que se havia bebido. E passei a reforçar minha cerveja com álcool puro. Evidentemente, o resultado foi péssimo e pôs fim à experiência da cerveja.

Mais ou menos na época da experiência da cerveja, comecei a me relacionar com um grupo de pessoas que me atraíram por seu aparente equilíbrio, saúde e felicidade. Falavam sem qualquer constrangimento, o que eu nunca fora capaz de fazer; pareciam estar à vontade em qualquer situação e davam a impressão de ser muito saudáveis. Mais do que isso, pareciam felizes. Eu era tímido e me sentia pouco à vontade na maior parte do tempo. Minha saúde estava por um fio e eu era totalmente infeliz. Percebi que elas tinham algo que eu não tinha, e que me poderia fazer bem. Descobri que era alguma coisa de natureza espiritual, o que não me atraiu muito, mas pensei que não me poderia fazer mal. Dediquei ao assunto muito tempo e estudo, nos dois anos e meio seguintes, mas ainda tomava um porre por noite, apesar de tudo. Li tudo o que consegui encontrar e conversei com todos os que parecessem saber algo a respeito.

Minha mulher ficou profundamente interessada e seu interesse sustentou o meu, ainda que em momento algum eu imaginasse que ali poderia estar a resposta para o meu problema com a bebida. Nunca saberei como minha mulher manteve sua fé e sua coragem durante todos aqueles anos, mas ela conseguiu. Não fosse assim, sei que estaria morto há muito tempo. Por alguma razão, nós alcoólicos parecemos ter o dom

de escolher as melhores mulheres do mundo. Porque elas devem se sujeitar às torturas que lhes infligimos, não sei explicar.

Nessa ocasião, uma senhora telefonou para minha mulher, num sábado à noite, dizendo querer que eu fosse à sua casa para me encontrar com um amigo seu que poderia me ajudar. Era véspera do Dia das Mães e eu havia chegado em casa bêbado, carregando um grande vaso de plantas, que larguei em cima da mesa antes de subir as escadas e cair desmaiado. No dia seguinte, ela telefonou novamente. Querendo ser gentil, mesmo me sentindo péssimo, eu disse: “Vamos fazer a visita.” E arranquei de minha mulher a promessa de que não ficaríamos mais do que quinze minutos.

Entramos em sua casa exatamente às cinco horas da tarde e eram onze e quinze da noite quando saímos. Tive, depois, duas outras conversas mais curtas com aquele homem, e parei de beber, de repente. O encanto da abstinência durou cerca de três semanas. Fui, então, a Atlantic City, para um congresso de vários dias de uma sociedade nacional da qual fazia parte. Bebi todo o uísque que havia no trem e comprei várias garrafas a caminho do hotel. Era um domingo. Tomei um porre naquela noite, fiquei sóbrio na segunda-feira até após o jantar e comecei outro porre. No bar, bebi tudo o que ousei e, então, fui continuar em meu quarto. Na terça-feira, comecei pela manhã, estando “no ponto” ao meio-dia. Não queria me desmoralizar, portanto pedi a conta. Comprei mais bebida a caminho da estação. Precisava esperar algum tempo pelo trem. De nada mais me lembro, até acordar na casa de um amigo, numa cidade perto de casa. Aquela boa gente avisou minha mulher, que mandou meu novo amigo para me buscar. Ele foi, levou-me para casa e para a cama, me deu algumas doses naquela noite e uma garrafa de cerveja na manhã seguinte.

Era o dia 10 de junho de 1935 e aquele foi meu último gole. Ao escrever isto agora, quase quatro anos se passaram.

A pergunta que lhe deve passar naturalmente pela cabeça é: “O que fez ou disse aquele homem de diferente do que outros tivessem feito ou dito?” É preciso lembrar também que havia lido muito e falado com todos aqueles que sabiam, ou achavam que sabiam algo a respeito do alcoolismo. Mas aquele era um homem que havia passado por muito anos de bebedeira terríveis, que tivera praticamente todas as experiências de bêbado de que se tem conhecimento, mas que se havia recuperado através dos mesmos métodos que eu estivera tentando, ou seja, pelo enfoque espiritual. Ele me deu informações a respeito de alcoolismo que me foram, sem dúvida, úteis. Muito mais importante foi o fato de que ele foi o primeiro ser humano com quem conversei, em toda a minha vida, que sabia do que estava falando, em relação ao alcoolismo, a partir de experiências reais. Em outras palavras, ele falava a minha linguagem. Conhecia todas as respostas e, certamente, não por tê-las tirado de um livro.

É uma benção maravilhosa ter sido liberto da terrível maldição que me atormentava. Minha saúde vai bem e recuperei o respeito próprio e o de meus colegas. Minha vida em casa é ideal e meus negócios vão tão bem quanto se pode esperar nestes tempos incertos.

Passo muito tempo transmitindo o que aprendi àqueles que querem e precisam desesperadamente disto. Faço-o por quatro motivos: 1. Sentimento de dever; 2. É um prazer; 3. Porque, ao fazer isto, estou pagando minha dívida para com o homem que encontrou tempo para me transmitir tudo isto; 4. Porque, a cada vez que o faço, garanto-me um pouco mais contra uma possível recaída.

Ao contrário da maioria das pessoas em nosso grupo, não superei minha compulsão pela bebida durante os primeiros dois anos e meio de abstinência. Ela me acompanha quase o tempo todo. Mas em momento algum estive perto de ceder. Eu costumava ficar terrivelmente perturbado quando via meus amigos bebendo e sabia que eu não podia, mas me acostumei a acreditar que, embora tivesse tido o mesmo privilégio, abusei dele a tal ponto que o perdi. Não me convém, portanto, reclamar. Porque, afinal, nunca foi preciso que alguém me jogasse no chão e derramasse bebida pela minha garganta abaixo.

3. Considerações Sobre as Histórias

3.1. Comentário: A História de Bill.

Não é nossa pretensão realizar uma análise psicológica conclusiva e definitiva que retrate em profundidade a mente, o psiquismo dos alcoólatras, cujas histórias serão comentadas.

Todos esses relatos sofreram edição, e conseqüentemente podem ter sofrido modificações. Nenhum deles refere-se a paciente nosso e como são de pessoas anônimas, já falecidas, não podem ter sua autenticidade devidamente comprovada.

Essas condições porém, por si sós, não constituem impedimentos para uma análise, já que Freud nos ensinou que mesmo relatos de livros, histórias etc, podem ser analisadas dentro de uma perspectiva psicanalítica. No entanto, como já dissemos, a análise não pode ser mais profunda por não possuímos todos os dados necessários para ampliá-la. Mas, mesmo assim, é a análise de uma história, que não sabemos até

que ponto está ligada ao funcionamento psíquico, à estrutura mental de quem a inspirou.

Todas as histórias fazem parte do material que o A.A. divulga, não só em âmbito nacional, como internacional. Esse material, gera, de fato, uma grande impressão sobre as pessoas que o lêem.

As duas histórias que reproduzimos referem-se aos fundadores do A.A., o que já é bastante forte para emocionar, de alguma maneira, aqueles que entram em contato com elas. Um desses efeitos é o da empatia entre o leitor e a história, especialmente se o leitor tem, ou conhece os problemas causados pelo uso compulsivo do álcool.

Todas as histórias referem-se às dores provocadas pelo alcoolismo, às vidas destruídas pelo uso e abuso do álcool e à mudança de vida ao distanciamento do sofrimento e de degradação, logo que os Passos sugeridos pelo A.A. começam seguidos, com uma proposta espiritual na base de todos os movimentos, especialmente uma entrega do indivíduo a Deus.

Assim, as histórias apresentam dois marcos: antes do A.A. e depois do A.A.

Todos os relatos, tais como as novelas, sempre ou quase sempre apresentam um final, se não glorioso, pelo menos feliz, com o cessar do beber compulsivo e a reaquisição da sobriedade, seguida da recuperação das qualidades que, aparentemente, haviam sido perdidas.

Ponderamos não ser esta uma propensão apenas do A.A., a de relatar casos felizes, pois, boa parte dos relatos dos casos clínicos apresentam resultados, que de uma certa forma, podem ser chamados de positivos.

Assim, também ponderamos que devem existir dezenas de milhares de histórias que não mereceram ser relatadas em livros, por não terem sido consideradas

suficientemente boas, por não apresentarem um final feliz, condição indispensável para fazer parte da divulgação da organização.

As histórias têm implícita sua intenção, ou melhor dizendo, começam a impregnar o leitor de uma boa impressão, sedimentando a idéia de que o A.A. funciona e aquele que sofre da miséria do alcoolismo, que de fato é alcoólatra, pode encontrar nele a solução. Se os resultados fossem outros, a impressão não seria a mesma, e não serviriam para despertar a esperança.

As histórias publicadas fazem parte de um material produzido por humanos, que têm a qualidade humana da falha. A falha principal talvez esteja na ausência das histórias daqueles que passaram pelo A.A. e não conseguiram parar com a compulsão pela bebida, que não recuperaram sua qualidade de vida e que provavelmente morreram deste que é um dos maiores flagelos humanos.

No entanto, sem pretender fazer a análise psicológica daqueles que aparentemente viveram essas histórias, não podemos nos furtar de realizar algumas observações sobre a natureza de alguns aspectos de seu conteúdo, como também, de algumas características de alguns de seus personagens.

Pretendemos entrar na especificidade de cada história levando em consideração as nuances, os conteúdos emergentes, numa tentativa de conhecermos as suas estruturas e determinações.

Se as histórias proporcionam o estabelecimento de relações com o leitor, não obstante, elas são delimitadas por um campo que as estrutura, que pode ser rompido e com esta ruptura, explicitar as características deste campo estruturante. Assim, procuraremos trabalhar a relação em direção ao campo (à ruptura de campo), o que significa começar com a proximidade e caminhar para a estruturação, onde não há proximidade ou distância, mas constituição de sentido.(Herrmann, 1991)

Na história de Bill, o personagem surge jovem, servindo o exército, em uma época cheia de glória e com muita confiança em si mesmo; uma época prazerosa. É neste bom momento da vida, em meio à intensa excitação, que o jovem em questão descobre o álcool. Uma certa relação é estabelecida entre o álcool e o prazer e a excitação.

Bill vai para a Europa não a passeio, mas para a guerra. Com certeza muitas coisas devem passar pela cabeça de um jovem que vai para a guerra, entre elas, o medo da morte e as incertezas da vida.

Na Europa, sentindo-se sozinho, Bill volta a beber... Volta ou continua a beber, coisas que não ficaram claras.

Mais uma relação é estabelecida, a solidão e o álcool.

Não sabemos nada da sua história passada. Como foi sua infância, como foram seus pais, se teve irmãos, como reagia à contradição, se algum episódio marcou sua infância. Também sua adolescência é obscura, não existe relato de sua iniciação sexual, dos primeiros namoros, da existência ou não de episódios de caráter homossexual, como eram seus amigos e amigas. Foram abolidas da história também as circunstâncias do encontro com a esposa e porque não tiveram filhos.

Assim, Bill oferece-nos uma vida privada passada anônima.

Por outro lado, sabemos um pouco sobre suas escolhas. Escolheu o curso de Direito, carreira que não exerceu. Formou-se em Economia e Finanças, começou a ganhar dinheiro. Mostra um lado intelectual desenvolvido, com boa articulação social. Sabe arriscar, aventurar-se, não tem medo, é corajoso e decidido.

A crise econômica de 29 é um marco na história do capitalismo. Muitos financistas se mataram. Bill, não, mesmo fragilizado pela bebida, continua vivendo. Além de demonstrar uma certa resistência, apresenta o que poderíamos chamar de

valorização narcísica, já que não valia a pena matar-se por algo menos importante do que ele.

Bill toma consciência da sua dependência do álcool, sente-se sem forças, aparentemente está no fundo do poço. Aí surge o amigo de infância. Mais um dado: ele tinha um amigo de infância. Podemos concluir que ele mantinha as relações pessoais e afetivas por longo períodos de tempo? O amigo médico, era o Dr. Bob, parceiro na fundação do A.A.

Do encontro com o amigo de infância, Bill recorda coisas do passado. Mas quais? Pai, irmão, brincadeiras, escola, professora? Não. Recorda a voz do pastor e a conduta do avô. As lembranças secam-lhe a garganta, como um impulso do passado que se representa na vontade de beber.

Por outro lado, após a descrença aparente de Deus, pois, passa a resgatar um Deus autoconcebido, vendo nele a sua solução, a possibilidade de início da mudança.

Novamente chama-nos a atenção a falta de informações sobre o nível de relação, de amizade de Bill com esse colega do passado. Que experiências tiveram juntos, suas famílias eram amigas?

Nada sabemos, a não ser que esse amigo passou a exercer um poder preponderante sobre Bill. Pensamos que o retorno ao passado, também abandonado no relato da sua história, deu, de alguma maneira, significado ao seu presente. Como se o pai querido, que foi abandonado ou que abandonou, ressurgisse configurado na proposta de Deus, especialmente incrementada através da atenção e do carinho do amigo.

Parece-nos que Bill foi um menino que sofria com um certo tipo de abandono, que, apesar de toda sua potencialidade, tinha de dar errado, de sofrer, para

internamente atrair uma certa compaixão paterna, a atenção de um pai que o abandonou ou cuja ausência foi muito sentida.

Por outro lado, quando Bill diz que agora cuida dos alcoólatras, como uma forma de pagamento e de garantia da sua sobriedade, afirma uma certa identidade reversa, agora com o pai que o socorreu, podendo assim socorrer outros Bills, projetados em outras pessoas.

3.2. Comentário: A História do Dr. Bob.

Como condição de sua humanização, o homem, para diferenciar-se do contágio do mundo das coisas, do real, precisou erigir, construir um universo representacional contendo, de um lado, sua identidade e, do outro, a realidade. Tudo o que conhecemos ou que poderia ser conhecido, deve, de alguma maneira, possibilitar as condições para a representação da coisa representada

Kant já afirmava que a coisa-em-si é incognoscível, isto é, o que nós conhecemos é o mundo da representação.

Herrmann utiliza um figura homérica, o Escudo de Aquiles, como alegoria explicativa para descrever a função defensiva da representação. Assim, a superfície representacional desempenha sempre um papel defensivo. Reveste, em primeiro lugar, a subjetividade com a película demarcadora de limites que representa a identidade; em segundo lugar, é o representante da desmedida inter-relação entre os homens, em que grandes motivos humanos, como paixão, guerra, morte etc. – estão perpetuamente ativos, estrato a que podemos chamar de reino do contágio ou real (Herrmann, 1992).

Claro está que tanto a nossa identidade quanto a realidade são representações. Assim, ajustes em nosso sistema representacional implicariam em mudanças, tanto na identidade, quanto na realidade.

Entretanto, ele começou a beber, passando a ser olhado com indignação...Mas o que o levou a beber? Pergunta de difícil resposta e talvez não a mais importante.

Se o álcool, ou a bebida mais precisamente, pode ser considerado como um sintoma de uma certa dinâmica psíquica, pensamos que o movimento em direção à bebida representa, por um lado, a satisfação de uma certa tendência e, por outro talvez, a necessidade de punição.

Pelo que observamos no relato, Bob sentia-se sufocado pela dominação paterna. Enquanto filho único encontrava, em casa, como único rival, um pai severo, forte e muito competente.

Seu pai e sua mãe eram pessoas inteligentes. Seu pai era reconhecido como bom profissional que, por consequência, deve ter ganho o respeito moral das pessoas do vilarejo; na história, não aparece como alguém que bebia.

Se por um lado o álcool aliviava os sentimentos de derrota de Bob, de nunca conseguir ser como o pai, propiciando estados de euforia, aumentava por outro o seu sentimento de derrota, fracasso, além do desejo de ser cuidado como um filho.

Apenas reflexos do pai de Bob aparecem na sua história, e sua mãe é quase totalmente ausente dela. Qual o porquê disso? Seria ela objeto proibido, mesmo depois de ter-se tornado um homem adulto? Mas o mais importante é o fato da ausência real dos pais na narrativa. Como filho único, a presença deles devia fazer parte de cada fase da sua memória, pois ele mesmo considera que essa condição de filho único determinou o seu egoísmo.

De uma maneira simbólica, podemos pensar que Bob matou, fez desaparecer seus pais, penitenciando-se para redimir-se da culpa, de forma regredida, bastante infantil. É uma vingança dirigida contra seus pais internalizados, que por assim o

estarem, materializam-se como alvo, passando a ser a própria vida, o próprio corpo de Bob.

A vingança pela distância “inteligente” daqueles que tanto amava, surgia especialmente quando seus pais não satisfaziam seus desejos e exigências pulsionais, pelo menos na proporção em que ele desejava.

Além dos estados de angústia e dos distúrbios do afeto que podem ser fortalecidos pelo alcoolismo, sabemos que as fobias se formam quando uma representação apropriada a um afeto é reprimida, ficando desta forma o afeto relativamente livre para se ligar a uma outra representação que satisfaça as condições das forças reprimidas. É importante ressaltar que o Dr. Bob desenvolve uma fobia noturna, o medo de escuro, que gerava insônia e significava o aniquilamento, a morte ou a ausência daqueles que eram objeto de seus impulsos amorosos.

Uma outra circunstância que aparece na história é como o próprio Dr. Bob se espanta, se surpreende pelo fato de sua mulher ter suportado tudo o que ele a fez passar, até alcançar a sobriedade. Até que ponto essa mulher teve de passar por testes para saber se era melhor ou igual à mãe, para que ele pudesse reconhecê-la como uma pessoa com qualidades?

O que nos leva a pensar assim é o fato de que Bob, à medida que desenvolvia o alcoolismo, apresentava uma forte dependência de sua esposa e, como um garotinho peralta, ele se escondia passando a ser a bebida a sua travessura, brincadeira essa que provavelmente lhe proporcionava um grande prazer.

Mas ele admirava as pessoas que tinham uma vida espiritual, e essa admiração provocou uma volta, uma reconciliação com seus valores de infância. Esse encanto provavelmente pode ter surgido como a atualização das representações de seus

objetos idealizados da sua infância, dando-lhe a possibilidade de parar de beber, reconciliando-se com o que lhe havia sido, de alguma maneira, proibido.

O que transparece, como síntese, é a idéia de um homem ligado ao seu passado, aos seus valores inaparentes, resultando dessa ligação uma forte dependência expressa na falta de autonomia, de independência para dirigir sua vida, cuja tradução é uma forma de culpa despertada pelo desejo infantil proibido, que por deslocamento, em vez de buscar a reprovação de uma forma direta, utiliza-se da bebida para seu julgamento e punição.

O desejo humano é muito paradoxal. Sabemos que quando ele é satisfeito, como num passe de mágica, desaparece, não se dá a conhecer. Porém, quando não consegue toda satisfação possível, pode regredir às mais indiferenciadas formas, reduzindo-se, muitas vezes, às necessidades básicas da pessoa. Como nos diz Herrmann, o desejo vive de meias satisfações, de delongas e compromissos, sendo esta sua condição de apresentação ou de representação, e é exatamente por isso que temos de nos agarrar às representações mutáveis, às fantasias, para acompanhar o seu desenho, já que o desejo é a matriz simbólica das nossas emoções.

Não é por acaso que muitos dizem que a dependência da bebida é o substituto da mamadeira, que com certeza, é aparentemente o primeiro objeto representante de toda nossa dependência e desamparo, como também o mais ansiado.

XIV

Considerações Finais

Desde o início do século, o alcoolismo vem sendo abordado pela Psicanálise, na maioria das vezes, não como um sintoma isolado, mas muito pelo contrário, como um conjunto de eventos psíquicos que produziriam determinado sintoma: a compulsão pela bebida. Existe uma vasta literatura que trata do problema.

Freud não deixou nenhum escrito específico e detalhado sobre o alcoolismo, mas deixou-nos um número razoável de observações.

Rosenfeld (1968), em seu levantamento bibliográfico sobre a *Psicopatologia da Toxicomania e do Alcoolismo*, mostra-nos que desde o final do século passado Freud já demonstrava uma certa preocupação com o assunto. Foi em 1897, em sua correspondência com Fliess, que expressou o pensamento de que o álcool e outras drogas são substitutos da masturbação. Relaciona num outro momento a dipsomania à sexualidade reprimida e pensa existir uma certa substituição de um impulso por outro impulso sexual, ao qual de alguma forma, estaria associado.

Em 1905, quando escreve o seu importante trabalho *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, observa que em muitas crianças pode-se encontrar uma intensificação da zona erógena labial e que tal situação perpetuando-se, leva tais crianças a desenvolverem uma grande propensão para fumar e para beber.

Estabelece também uma relação entre o álcool e o estado de espírito, apontando a influência, hoje não mais novidade, que o álcool exerce sobre a redução das forças repressoras. Posteriormente, em 1909, faz um paralelo entre o amante e seu objeto sexual com o bebedor de vinho, dizendo que o alcoólatra está mais ou menos ligado a sua bebida predileta, e a gratificação repetitiva não interfere no retorno de seu

desejo interno. Em 1911, admite que a bebida de alguma forma levanta as barreiras contra certas inibições e desfaz o trabalho da sublimação. Em consequência disso, por exemplo, a libido homossexual poderá vir a ganhar intensidade e o alcoólatra poderá projetar seus desejos de relação sexual com homens na própria mulher, desenvolvendo assim, a desconfiança, a suspeita de traição, um verdadeiro delírio de ciúmes.

Em 1917, Freud em seu texto *Luto e Melancolia* observa que a embriaguez alcoólica propicia um estado de euforia e este estado faz parte das características maníacas da mente, pois, com o rebaixamento das barreiras, o psiquismo, na sua economia interna, não terá dispêndio, ficando aberta a possibilidade de liberação dos impulsos.

Posteriormente, também faz uma comparação dos estados de humor, entre a depressão e a euforia, que, para ele, significam o triunfo do ego e do princípio de prazer.

Assim, parece-nos que Freud nos expressa seu pensamento de que deve existir uma forte ligação determinante entre a propensão ao alcoolismo e as fases mais primitivas de desenvolvimento, especialmente a fase oral. Como também, o pensamento de que o alcoolismo está ligado às relações amorosas da infância, além de estar relacionado com os estados de mania e de depressão. Hoje, é uma quase unanimidade a certeza de que o uso e abuso de bebidas alcoólicas se liga à evitação da dor psíquica, especialmente do sentimento da depressão.

A partir de Freud, como bem nos aponta Rosenfeld (1968), uma vasta literatura foi sendo configurada, resultante da experiência terapêutica com o alcoólatras, e sendo significativas as contribuições de Abraham (1908), Ferenczi (1911), Juliusburger (1912), Simmel (1919), Pierce Clark (1919), Rádo (1926), Glover (1939), Fenichel e, atualmente, do próprio Rosenfeld e Claude Olievenstein.

Como vemos, a técnica psicanalítica pode ser empregada como um dos melhores recursos disponíveis para o tratamento do alcoolismo.

Assim, torna-se uma falácia afirmar que o alcoolismo não tem tratamento ou que é uma doença incurável ou que apenas num programa espiritual pode ser encontrada a solução.

Comentamos que o A.A. apresenta, sim, resultados positivos quanto à remissão do sintoma, à compulsão pela bebida e que de alguma maneira, a personalidade encontra o equilíbrio compensatório reassegurando-se com o trabalho de ajuda e com o grupo. É sabidamente conhecida a influência que sofre o psiquismo da pessoa quando pertence de fato a um grupo.

De lugares como Aparecida do Norte, temos notícias diárias de que milhares de pessoas curam-se das mais inusitadas moléstias do espírito que se manifestam no corpo. A realização de “milagres” está presente desde o início do catolicismo e hoje, excluindo a “picaretagem” descarada, as igrejas pentecostais incentivam a prática de curas milagrosas como representante da fé depositada na existência de Deus.

Enfim, muitas são as condições que direcionam alguém a ser tratado pela ciência ou pelo variado mercado espiritual. No entanto, tantas são as pessoas quanto são as suas demandas. Isto significa que por mais eficaz que seja uma linha terapêutica, de nada adianta se a pessoa envolvida com o problema não apresentar uma demanda interna, se não está disposta a dedicar-se ao tratamento.

Mesmo o tratamento medicamentoso, sabe-se hoje, se os pacientes não o seguem, não aderem totalmente a ele, deixa de ser eficaz e o melhor exemplo disso são os tratamentos da tuberculose e da Aids.

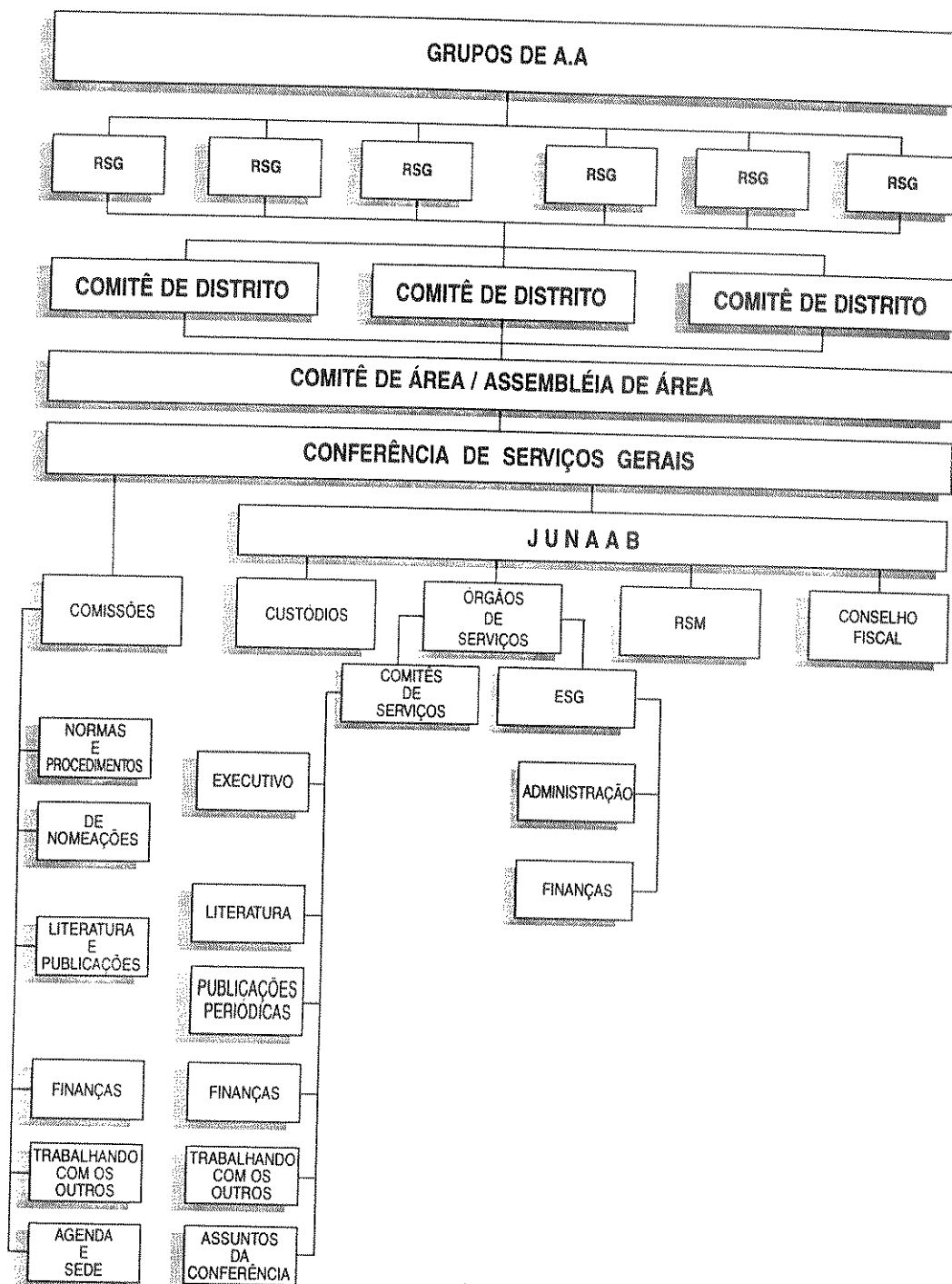
Conhecendo as determinações do alcoolismo, não pensamos que este seja necessariamente uma maldição do espírito que necessita ser exorcizada.

As organizações anônimas crescem a um ritmo galopante. A cada dia aparece uma nova organização com a finalidade de ajudar as pessoas que sofrem ou que possuem determinada compulsão, como a atração pelo jogo, o uso de drogas, do fumo, os obesos etc, cuja inspiração principal é o A.A., representante perfeito do gênero que deu certo.

Nossa pretensão inicial foi elaborar um estudo exploratório que possibilitasse aproximar-nos desse fenômeno e de suas muitas implicações, entre elas, as implicações de caráter clínico-sociais, organizacionais etc, cercando-as com alguns recursos da Psicologia e da Psicanálise, assim como o estudo dos fenômenos grupais, do desenvolvimento individual, da clínica e da arte da interpretação, para tornar o A.A. menos místico, mais humano, com uma identidade, que pelo nosso trajeto exploratório, ganha forma e não pode mais para ser considerado Anônimo.

ANEXOS

ESTRUTURA DE SERVIÇOS DE A.A. DO BRASIL²⁹



²⁹ Extraído do Manual de Serviços Gerais de A.A. São Paulo, JUNAAB, 1995.

OS INSTRUMENTOS LEGAIS DE A.A. DO BRASIL

Estatutos da Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos

Anônimos do Brasil – JUNAAB

CAPÍTULO I

SEÇÃO ÚNICA

Da Nomeação, Duração, Sede e Fins

Art.1º – A Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil – JUNAAB é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, de duração indeterminada, com sede e foro na cidade de São Paulo, Capital do Estado de São Paulo e jurisdição em todo território nacional.

& 1º – A JUNAAB, criada através de assembléia geral de 29 de fevereiro de 1976, conforme registro levado a efeito no 1º Cartório de Registro de Pessoas Jurídicas de São Paulo, Capital, sob no 2.519, Livro A e publicado no Diário Oficial do Estado, em 29.06.1976, página 78, é órgão subordinado à Conferência de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil, com finalidades definidas nestes Estatutos.

& 2º – Para efeito destes Estatutos, Alcoólicos Anônimos, identificado pelas iniciais A.A., é uma irmandade de homens e mulheres que compartilham entre si suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolver o seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo.

Art.2º – Compete à JUNAAB:

a) executar as deliberações da Conferência;

- b) exercer, a nível nacional, a proteção dos princípios, programa, tradições e bens materiais da irmandade de Alcoólicos Anônimos;
- c) divulgar a mensagem de Alcoólicos Anônimos;
- d) editar e distribuir, em todo território nacional, a literatura de A.A. aprovada pela Conferência de Serviços Gerais e, quando traduzida, com a autorização de Alcoholics Anonymous World Services, Incorporated;
- e) resguardar, em todo território nacional, os direitos autorais da literatura de A.A. do Brasil, inclusive de Alcoholics Anonymous World Services, Inc.;
- f) editar uma revista sob a denominação de VIVÊNCIA e boletins informativos;
- g) g) produzir fitas cassetes (k-7), filmes e vídeos e outros materiais para a divulgação do programa da Irmandade;
- h) representar a irmandade de Alcoólicos Anônimos do Brasil junto as suas congêneres de outros países;
- i) representar a irmandade de Alcoólicos Anônimos do Brasil junto ao público em geral e às autoridades constituídas.

CAPÍTULO II

SEÇÃO I

Da Conferência de Serviços Gerais

Art.3º – A Conferência de Serviços Gerais é a depositária da consciência coletiva dos Grupos de Alcoólicos Anônimos e o órgão máximo e soberano de deliberação de Alcoólicos Anônimos do Brasil.

SEÇÃO II

Da Composição da Conferência

Art.4º – São membros da Conferência, com direito a voz e voto:

- a) os Custódios da Junta;
- b) os Delegados à Reunião de Serviços Mundiais;
- c) dois Delegados de Área para cada área de A.A. do Brasil;
- d) a Diretoria Executiva e o Gerente Administrativo da JUNAAB.

& 1º – Os Delegados à Reunião de Serviços Mundiais, em número de dois são eleitos pela Conferência de Serviços Gerais, com mandato de quadro (04) anos, na forma prescrita no Manual de Serviços.

& 2º - Os delegados de Área, em número de dois (02) para cada Área de A.A. do Brasil, são eleitos, com mandato de dois (02) anos, na forma definida no Manual de Serviços.

SEÇÃO III

Das Reuniões da Conferência

Art.5º – A Conferência realiza reuniões ordinárias e extraordinárias.

& 1º – As reuniões ordinárias realizam-se anualmente, de preferência na Semana Santa, na forma do Manual de Serviços.

& 2º – As reuniões ordinárias são convocadas pelo Presidente e 2º Vice Presidente da JUNAAB.

& 3º – As reuniões extraordinárias realizam-se em qualquer época e lugar, de acordo com o edital de Convocação.

& 4º - As reuniões extraordinárias podem ser convocadas para a solução de fato grave que dependa de imediata deliberação da Conferência, inclusive destituição da Junta de Custódios ou qualquer de seus membros.

& 5º - As reuniões extraordinárias poderão ser convocadas:

- a) pelo Presidente e 2º Vice Presidente da JUNAAB;
- b) por dois terços (2/3) da Junta de Custódios;
- c) por dois terços (2/3) dos Delegados de Área.

& 6º - As reuniões ordinárias e extraordinárias são convocadas por escrito, com antecedência mínima de trinta (30) dias e da convocação constatarão a ordem do dia, data, hora, cidade e local da reunião.

& 7º - A Conferência considera-se instalada e deliberada validamente com a presença de dois terços (2/3) de seus membros.

& 8º - Consideram-se aprovadas à Conferência que obtiverem:

- a) dois terços(2/3) dos votos dos presentes, em votação secreta para destituição da Junta ou qualquer de seus membros;
- b) dois terços (2/3) dos votos dos presentes, sem votação secreta, para reforma destes Estatutos;
- c) dois terços (2/3) dos votos presentes, e votação secreta para homologação da eleição dos Custódios e sempre que o plenário assim o decidir;
- d) maioria simples, sem votação secreta, nos demais casos.

SEÇÃO IV

Da Competência da Conferência

Art.6º – Compete à Conferência:

- a) homologar a eleição dos membros da Junta de Custódios;

- b) eleger os Delegados à RSM e seus Suplentes;
- c) c0 destituir a Junta de Custódios ou qualquer de seus membros (Art.5º ,& 8º);
- d) d0 orientar sobre todo e qualquer assunto que diga respeito ao A.A., a nível nacional, dando ciência das Recomendações de suas Comissões;
- e) e0 deliberar quanto à aprovação, ou não, do balanço e relatório anual da JUNAAB e de seus órgãos, observando o parecer do Conselho Fiscal;
- f) apreciar os relatórios dos Delegados à Reunião de Serviços Mundiais e de outros eventos de que tenham participado;
- g) reformar os presentes Estatutos e dar-lhes interpretação;
- h) elaborar, aprovar e reformar o seu regimento interno e o Manual de Serviços;
- i) aprovar a literatura oficial de A.A.;
- j) tomar quaisquer medidas necessárias ao bem-estar comum da Irmandade;
- k) eleger os membros, efetivos e suplentes, do Conselho Fiscal da JUNAAB.

CAPÍTULO III

SEÇÃO I

Da Administração

Art.7º – São membros da JUNAAB com direito a voz e voto:

- a) Custódios da Junta;
- b) b) Diretores da Diretoria Executiva;
- c) Membros do Conselho Fiscal;
- d) d) Delegados à RSM;
- e) Coordenadores dos Comitês da Junta;
- f) Gerente Administrativo.

SEÇÃO II

Da Junta de Custódios

Art.8º A JUNAAB é administrada por uma Junta de Custódios constituída por três (03) Custódios não-alcoólicos e seis (06) Custódios escolhidos entre os membros de A.A., eleitos por um período de três (03) anos, renovando-se um terço (1/3) a cada ano.

& 1º – Dos Custódios não-alcoólicos, dois são Custódios nacionais e um Custódio de Serviços Gerais.

& 2º – Dos Custódios, membros de A.A., cinco são Custódios regionais e um Custódio de Serviços Gerais.

& 3º – Os Custódios de Serviços Gerais são da escolha exclusiva da Junta de Custódios dependendo, porém, de terem os seus nomes homologados pela Conferência de Serviços Gerais e de residirem, obrigatoriamente, a uma distância nunca superior a duzentos quilômetros (200 Km) da cidade sede da JUNAAB.

& 4º – Os Custódios nacionais são indicados por qualquer Área.

& 5º – Os Custódios regionais são indicados por quaisquer das Áreas de suas respectivas regiões.

Art.9º – Compete à Junta de Custódios:

- a) eleger seus sucessores, com homologação da Conferência, e empossá-los;
- b) nomear, empossar e destituir os membros da diretoria;
- c) formular a estratégia geral da divulgação da mensagem de A.A. a nível nacional;
- d) exercer a função de guardião da DOZE TRADIÇÕES de Alcoólicos Anônimos e demais princípios da Irmandade;

- e) reunir-se periodicamente de acordo com o calendário elaborado;
- f) elaborar, aprovar e reformar o seu regimento interno;
- g) elaborar, aprovar e reformar um regulamento de serviços com as normas de serviço e normas e procedimentos dos órgãos executivos;
- h) cumprir outras atribuições que lhe forem outorgadas pela Conferência.

Art.10º – A Junta de Custódios é composta de:

- a) um Presidente, Custódio nacional, não-alcoólico;
- b) um 1º Vice-Presidente, Custódio nacional, não alcoólico;
- c) um 2º Vice-Presidente, Custódio regional, membro de A.A.;
- d) um Secretário Geral, Custódio de Serviços Gerais, membro de A.A.;
- e) um Tesoureiro Geral, Custódio de Serviços Gerais, não-alcoólico;
- f) quatro Diretores Adjuntos, Custódios regionais, membros de A.A.

Art. 11º – Compete ao Presidente:

- a) convocar e presidir as reuniões da Junta de Custódios;
- b) convocar, em conjunto com o 2º Vice-Presidente as reuniões da Conferência (Art.5º, §§ 2º e 5º, "a");
- c) representar a JUNAAB ativa e passivamente, em juízo ou fora dela, podendo constituir procuradores "ad-judicia" e "ad-negocia";
- d) representar a JUNAAB nas suas relações com o público em geral, perante os órgãos de comunicação e as autoridade constituídas.

Art.12º – O 1º Vice-Presidente coopera com o Presidente em todas as suas tarefas e o substitui em suas faltas e impedimentos.

Art.13º – Compete ao 2º Vice-Presidente;

- a) convocar, em conjunto com o Presidente, as reuniões da Conferência(Art.5º, §§ 2º e 5º, "a");

- b) presidir as reuniões da Conferência;
- c) colaborar com o Presidente e 1º Vice-Presidente em todas as suas atribuições e substituí-los nas suas ausências e impedimentos, salvo nos casos previstos nas letras “c” e “d” do Art.11º .

Art. 14º – Compete ao Secretariado Geral:

- a) exercer as funções de Diretor Geral da Diretoria Executiva;
- b) assinar a correspondência da JUNAAB.
- c) juntamente com o Tesoureiro Geral, exercer as funções previstas no Art.20º .

Art.15º – Compete ao Tesoureiro Geral:

- a) administrar diretamente os bens e numerários da JUNAAB;
- b) juntamente com o Secretário Geral, exercer as funções previstas no Art. 20º;
- c) prestar todas as informações financeiras e econômicas ao Conselho Fiscal, à Junta de Custódios e à Conferência, e apresentar balancetes mensais e balanço geral ao fim de cada exercício;
- d) substituir o Presidente e o 1º Vice-Presidente nas tarefas previstas nas letras “c” e “d” do Art.11º , em suas faltas ou impedimentos.

Art.16º – Compete aos Diretores Adjuntos substituir quaisquer membros da Junta, Custódios membros de A.A. e exercer quaisquer outras atribuições para as quais forem designados pela Junta ou por seu Presidente.

SEÇÃO III

Da Eleição dos Custódios

Art.17º – Os Custódios são eleitos pela Junta de Custódios, e seus nomes apresentados à Conferência para homologação.

& 1º – Se a Conferência deixar de homologar algum dos nomes propostos, a Junta substitui-lo-á.

& 2º – No caso da vacância, no intervalo entre duas Conferência, a Junta de Custódios elege e empossa um substituto e o submete à homologação na primeira reunião da Conferência que se realizar depois da eleição.

& 3º – As condições e forma de eleição de Custódios são as constantes do Manual de Serviços.

CAPÍTULO IV

SEÇÃO I

Dos Órgãos Executivos da JUNAAB

Art. 18º – São Órgãos Executivos da JUNAAB:

- a) A Diretoria Executiva;
- b) Os Comitês de Serviços;

SEÇÃO II

Da Diretoria Executiva

Art. 19º – A Diretoria Executiva é Órgão executor dos serviços da JUNAAB e é constituída por quatro (04) Diretores a saber:

- a) um Diretor Geral, Custódio membro de A.A., de Serviços Gerais;
- b) um Diretor Tesoureiro, Custódio não-alcoólico, de Serviços Gerais;
- c) um Diretor Administrativo;
- d) um Diretor Financeiro.

& 1º – A Junta de Custódios, em sua 2º Reunião Anual, por ocasião da Conferência de Serviços Gerais, formará sua Diretoria e elegerá os Diretores Administrativos e Financeiro, os quais comporão a Diretoria Executiva juntamente com o Custódio Secretário Geral e o Custódio Tesoureiro Geral.

& 2º – São requisitos para a eleição dos Diretores não custódios a idoneidade e competência reconhecidas.

Art. 20º – Compete à Diretoria Executiva:

- a) praticar, em nome da JUNAAB, pelo Diretor Geral e Diretor Tesoureiro, todos os atos administrativos, inclusive contrair obrigações, abrir e movimentar contas bancárias, emitir e endossar cheques, duplicatas, letras de câmbio e notas promissórias, aceitar duplicatas e letras de câmbio e fazer declarações de imposto de renda;
- b) praticar atos administrativos necessários à consecução dos objetivos da JUNAAB enumerados no Art.2º .

Art.21º – Compete especialmente;

- a) ao Diretor Geral, além das obrigações contidas no Art.20º , coordena as atividades da Diretoria;
- b) ao Diretor Administrativo, supervisionar as tarefas de rotina e substituir o Diretor Geral nas suas ausências e impedimentos, assinando conjuntamente com o Diretor Tesoureiro os documentos referidos no Art.20º ;
- c) ao Diretor Financeiro, o acompanhamento da contabilidade diária e substituir o Diretor Tesoureiro nas suas ausências ou impedimentos, assinando, conjuntamente com o Diretor Geral, os documentos enumerados no Art. 20º

SEÇÃO III

ESG – Escritório de Serviços Gerais

Art. 22º – ESG – Escritório de Serviços Gerais é nome figurativo, e indica o escritório sede da JUNAAB e a própria Diretoria Executiva.

SECÃO IV

Dos Comitês de Serviços

Art. 23º – Denomina-se Comitê de Serviço a um grupo de pessoas sob orientação de um Coordenador, encarregado de prestar assessoria específica à Junta de Custódios.

& 1º – São em número de seis (06) os atuais Comitês, podendo a Junta de Custódios instituir quantos mais necessitar.

& 2º – São os seguintes os Comitês existentes:

- a) Comitê de Literatura – CL – encarregado da revisão de toda literatura aprovada pela Conferência e do aconselhamento sobre a edição de títulos novos;
- b) Comitê de Finanças – CF - encarregado da elaboração da política financeira da JUNAAB;
- c) Comitê Trabalhando com os Outros – CTO – encarregado de elaborar a política de divulgação da irmandade de Alcoólicos Anônimos para Informação ao Público, Cooperação com a Comunidade Profissional e trabalho em Instituições Carcerárias e de Tratamento;
- d) Comitê de Assuntos da Conferência – CAC – funciona como secretaria da Conferência de Serviços Gerais e está especialmente encarregado de fazer com que ela aconteça;
- e) Comitê de Publicações Periódicas – CPP – é o Comitê editorial da revista VIVÊNCIA e dos boletins informativos;
- f) Comitê Executivo – CE – presta assessoramento no campo de política geral administrativa e opina sobre preenchimento de cargos.

& 3º - Os Coordenadores dos Comitês são de escolha exclusiva da Junta de Custódios .

& 4º – O comitê Executivo é composto pelos membros da Diretoria Executiva, pelos Coordenadores dos demais Comitês e pelos chefes de departamentos, conforme Regulamento da Junta.

SEÇÃO V

Do Conselho Fiscal

Art. 24º – A Conferência de Serviços Gerais elegerá e empossará, ainda, um Conselho Fiscal, com mandato de três (03) anos, com renovação de um terço (1/3), a quem competirá o exame das contas apresentadas o pela Diretoria Executiva e sobre elas emitirá, anualmente, um parecer lastreado em laudo técnico elaborado por auditores de sua escolha, quando necessário.

PARÁGRAFO ÚNICO – Os membros do Conselho Fiscal serão eleitos entre candidatos apresentados pelo Comitê da Área seda da JUNAAB, na forma do Manual de Serviços.

CAPÍTULO V

SEÇÃO ÚNICA

Do Patrimônio

Art. 25º O Patrimônio da JUNAAB é constituído por:

- a) bens móveis atualmente existentes e os que venham a ser adquiridos;
- b) direitos autorais, marcas e registros;
- c) patrimônio advindo da incorporação do CLAAB – Centro de

Distribuição de Literatura de Alcoólicos Anônimos para o Brasil,

constante de móveis, equipamentos, estoque de livros e folhetos e saldo financeiro;

- d) rendas outras, vedado, expressamente, o recebimento de doações de qualquer natureza, advindas de pessoas ou instituições públicas ou particulares alheias à irmandade de Alcoólicos Anônimos(Sétima Tradição).

Art.26º – O patrimônio da JUNAAB jamais poderá ser dividido entre seus membros e suas rendas serão aplicadas integralmente na busca dos objetivos enumerados no Art.2º.

Art.27º – Em caso de dissolução, o Patrimônio da JUNAAB passará a integrar o patrimônio do órgão que o suceder e não existindo, o da União Federal.

CAPÍTULO VI

SEÇÃO I

Das Disposições Gerais e Transitórias

Art.28º – Os membros não respondem, mesmo subsidiariamente, pelas obrigações sociais.

Art.29º – Os membros da Junta de Custódios, os Diretores Executivos, os Coordenadores de Comitês e membros do Conselho Fiscal não recebem qualquer remuneração por seus serviços.

Art.30º – O Exercício Fiscal coincide com o ano civil.

Art.31º – Fazem parte integrante destes Estatutos:

- a) os Doze Passos, as Doze Tradições e os Doze Conceitos para Serviços Mundiais de Alcoólicos Anônimos;

- b) As Garantias Gerais da Conferência aprovada na convenção Mundial de St. Louis, de 1955;
- c) o Manual de Serviços;
- d) o Regulamento do ESG – Escritório de Serviços Gerais;
- e) e os Regimentos da Conferência e da Junta de Custódios.

Art. 32º – Os casos omissos neste Estatuto são resolvidos pela Junta de Custódios “ad referendum” da Conferência.

Art. 33º - A Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil – JUNAAB, fica desde já, sub-rogada em todos os direitos e obrigações decorrentes da incorporação do CLAAB – Centro de Distribuição de Literatura de A.A. para o Brasil.

Art. 34º – Na primeira eleição do Conselho Fiscal, a ser procedida na Conferência de Serviços Gerais de 1996, o candidato mais votado será eleito por três anos, o segundo por dois e o terceiro por um ano.

& 1º – Em caso de empate, o mandato de maior duração recairá sobre o Conselheiro mais velho e assim sucessivamente.

& 2º – No intervalo das Conferências de 1995 e 1996, serão empossados os últimos Conselheiros Fiscais do recém incorporado CLAAB – Centro de Distribuição de Literatura de A.A. para o Brasil.

SEÇÃO II

Das Disposições Finais

Art. 35º – Os presentes Estatutos entram em vigor na data de sua aprovação pela Conferência de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil e seu competente registro e publicação legal.

Art.36º – Salvo para adaptar-se à legislação do país, ou em casos especiais a critério da Conferência de Serviços Gerais, os presentes Estatutos somente poderão ser reformulados depois de decorridos cinco (05) anos da data da sua aprovação.

Art. 37º – Ficam revogadas as disposições em contrário, inclusive os Estatutos aprovados em Fortaleza, Ceará, em 05 de abril de 1982 e alterações posteriores.

REGIMENTO INTERNO DA CONFERÊNCIA DE SERVIÇOS

GERAIS

DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS DO BRASIL

CAPÍTULO I

Dos Membros da Conferência

Art 1º – A admissão à Conferência ocorre pela declaração do Presidente ao Plenário, no início ou no transcorrer de qualquer sessão plenária.

Art. 2º – O membro da Conferência usa da palavra em Plenário:

- a) por cinco minutos nas discussões de proposição de qualquer espécie;
- b) por dois minutos para questão de ordem sobre matéria regimental ou para declaração urgente de assunto grave e importante;
- c) por dois minutos para declaração de voto, de requerimento oral ou apoio de requerimento escrito;
- d) por determinação do Presidente da sessão, para assunto e pelo tempo determinado por este.

& 1º – Em nenhuma hipótese o membro da Conferência pode fazer uso da palavra para tratar de assunto estranho ou paralelo ao que estiver sendo discutido.

& 2º – É facultativo ao membro da Conferência, no caso da alínea “a”, ceder seu tempo a qualquer outro, mesmo não sendo de sua Área.

Art. 3º – O Presidente da sessão pode aplicar as seguintes medidas:

- a) advertência de tempo esgotado – toque de campainha;

- b) cassação da palavra por abuso de tempo, intemperança de linguagem, de gestos ou de atos impróprios às Tradições, à ética e à moral de A.A.;
- c) suspensão dos trabalhos pelo tempo necessário à sua normalização.

PARÁGRAFO ÚNICO – Os Custódios não-alcoólicos não estão sujeitos às sanções do art.3º.

CAPÍTULO II

Das Comissões da Conferência

Art. 4º – A Conferência tem Comissões Permanentes e Especiais.

& 1º – As Comissões Permanentes e suas respectivas atribuições são as constantes do Manual de Serviços.

& 2º – As Comissões Especiais são formadas para estudo de assuntos emergentes não-afetos às Comissões Permanentes.

Art. 5º – Na composição de cada Comissão é incluído, obrigatoriamente, um membro Custódio, com direito a voto.

& 1º – Os representantes do ESG e dos demais Comitês da Junta participam de qualquer Comissão com fins de assessoramento e esclarecimento relativos aos seus serviços, com direito a voto (Quarto Conceito)

& 2º – Na Composição das Comissões é considerada a qualificação profissional dos membros em relação às atribuições e objetivos da Comissão.

& 3º – O estudo de assuntos pelas Comissões é apresentado à Conferência para apreciação, mediante parecer conclusivo ou projeto de recomendação.

& 4º – Uma matéria, quando aprovada por dois terços (2/3) do quorum da Conferência, é obrigatória para a Junta de Custódios e para os órgãos executivos da JUNAAB. Uma matéria aprovada por menos de dois terços (2/3) constitui apenas sugestão.

& 5º – A recomendação de caráter geral aos Grupos de A.A. não tem força de cumprimento obrigatório, mas de importante sugestão, visando o bem comum da Irmandade, segundo o pensamento da Conferência.

& 6º – A recomendação da Conferência é norma diretiva e, como tal, tem validade por um ano.

& 7º – Os Coordenadores ou Relatores das Comissões Especiais tem acesso à Conferência quando da discussão e votação de suas conclusões ou projetos.

& 8º – É facultado, a qualquer membro das Comissões, apresentar à Conferência emendas ou substitutivos parciais ou totais, em separado do relator. Neste caso, em obediência ao DIREITO DAS MINORIAS, a Conferência examina a emenda ou substitutivo na mesma ocasião em que examina a matéria do relator e dá ao membro discordante o mesmo acesso, tempo e atenção concedidas àquele.

& 9º – As Comissões Especiais se extinguem pela conclusão de suas tarefas ou ao término do prazo determinado quando de sua criação.

CAPÍTULO III

Da ordem do Dia

Art. 6º – A ordem do dia é organizada pela Comissão de Agenda e Sede, aprovada pela Conferência com observância da pauta seguinte:

- a) discussão e aprovação, quando for o caso, do relatório da Conferência anterior (Arts. 8º e 9º);
- b) admissão de novos Delegados de Área;
- c) homologação dos nomes dos Custódios eleitos pela Junta de Custódios;
- d) eleição do Delegado à Reunião de Serviços Mundiais, quando houver;

- e) apreciação dos projetos de reforma dos Estatutos da JUNAAB, deste Regimento Interno ou Manual de Serviços (Parágrafo 1º);
- f) constituição das Comissões Permanentes e Especiais;
- g) trabalho das Comissões;
- h) votação dos pareceres e recomendações das Comissões;
- i) apreciação do relatório da JUNAAB e de seus órgãos executivos;
- j) apresentação dos relatórios dos Delegados à Reunião de Serviços Mundiais.

& 1º – Constituem matéria preferencial os projetos de reforma de Estatutos, Regimento Interno da Conferência e do Manual de Serviços, os quais devem ser votados logo após a aprovação do relatório da Conferência anterior, homologação dos nomes dos Custódios e eleição do Delegado à Reunião de Serviços Mundiais.

& 2º – A ordem do dia não pode ser alterada, salvo:

- a) em virtude de deliberação da Conferência no sentido de adiamento ou inversão da pauta;
- b) pela retirada de qualquer matéria, para correção de erro ou para sanar falhas de instrução.

Art. 7º – As proposições consistem em:

- a) projetos de reforma dos Estatutos, do Regimento Interno da Conferência ou do Manual de Serviços;
- b) pareceres e projetos de recomendações das Comissões;
- c) requerimentos.

& 1º – Os requerimentos podem ser escritos ou orais.

& 2º – Não é levado em consideração o requerimento de transcrição, no relatório da Conferência, de voto de louvor a pessoas vivas ou mortas, ou a Órgãos de Serviços de A.A. no desempenho normal de suas funções.

CAPÍTULO IV

Do Relatório da Conferência e do Anais

Art. 8º – De cada reunião da Conferência elabora-se relatório resumido, com cópia para todos os participantes. As cópias dos relatórios são entregues, preferencialmente, ao final de cada Conferência ou dentro de 30(trinta) dias de seu encerramento.

& 1º – A remessa do relatório compete ao ESG.

& 2º – O ESG manterá relatório audiovisual, em video-tape, de todo o ocorrido na Conferência, à disposição dos interessados participantes das respectivas reuniões.

& 3º – Recebida a cópia do relatório resumido, os participantes da Conferência com direito a voto tem 30(trinta) dias para requerer qualquer alteração. Não havendo manifestação, o silêncio é interpretado como aprovação.

Art. 9º – Da denegação do pedido de modificação ou de retificação do relatório cabe recurso à Conferência.

Art. 10º – O relatório e todos os documentos apresentados à Conferência são organizados em anais para futuras consultas e preservação da memória dos serviços de A.A. do Brasil.

CAPÍTULO V

Das Disposições Gerais

Art. 11º – Este Regimento Interno não pode ser usado como motivo ou justificativa para o não atendimento do DIREITO DAS MINORIAS por parte da Conferência de Serviços Gerais.

Art. 12º – Este Regimento Interno é norma complementar dos Estatutos da JUNAAB e pode ser reformado a qualquer tempo por iniciativa dos membros da Conferência ou de suas Comissões.

Art. 13º – Este Regimento Interno entra em vigor imediatamente após a sua aprovação pela Conferência.

Aprovado em 16 de abril de 1995, na XIX Conferência de Serviços Gerais de A.A. do Brasil realizada em Santos – SP.

**NOMEMCLATURA PADRONIZADA PARA TRADUÇÃO
INGLÊS-PORTUGUÊS DA LITERATURA APROVADA PELA
CONFERÊNCIA, PELO CLAAB (CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO
DE LITERATURA DE A.A. PARA O BRASIL).**

A.A. Guidelines.....Guias de A.A.

A.A. World Headquarters.....Sede Mundial A.A.

A.A. Worl Services(A.A.W.S).....Serviços Mundiais de A.A.

(S.M.A.A.)

Alternate Chairperson (Chairman).....Coordenador Suplente

Alternate Committee MemberMembro Suplente de Comitê

Alternate D.C.M.....M.C.D. Suplente

Alternate Delegate.....Delegado Suplente

Alternate G.S.R.....R.S.G Suplente

Annual Meeting of the Conference.....Reunião Anual da Conferência

Area Committee.....Comitê de Área

Area Delegate.....Delegado de Área

Biennial World Service Meeting.....Reunião Mundial de Serviços

Mundiais

Big Book.....Livro Grande (Azul)

Board of Trustees.....Junta de Custódios

Bylaws.....Estatutos

Central Office and Intergroup.....Escritório Central (a nível de
Área) e

Intergrupo (a nível de distrito)

Chairperson (Chaiman).....	Coordenador de Grupo, Comitê,etc.
Clearing House.....	Centro de Intercâmbio
Committee Officer.....	Servidor Comitê
Conference-Approved Literature.....	Literatura Aprovada pela Conferência
Conference Charter.....	Ata de Constituição da Conferência
Convention.....	Convenção(a nível nacional ou internacional) e Encontro (a nível local, estadual, territorial ou regional)
Cooperation With the Professional Community.....	Cooperação com a Comunidade Profissional.
Correctional Facility.....	Instituição Correcional
District Committee Member(D.C.M).....	Membro de Comitê Distrito(MCD)
General Service Board of A.A.....	Junta de Serviços Gerais de A.A.
General Service Conference(G.S.C).....	Conferência de Serviços Gerais- -C.S.G

General Service Office(G.S.O).....Escritório de Serviços Gerais

(E.S.G)

General Service Representative(G.S.R).....Representante de Serviços

Gerais (R.S.G)

Intergroup Representative.....Representante de

Intergrupo

Loner and Internationalist.....Membro Solitário e

Internacionalista.

Policy.....Norma de Procedimento

President.....Presidente da Junta,

Conselho,

Assembléia, Conferência,

Convenção, etc.

Public Information Committee Member.....Membro de Comitê de

Informação Pública

Regional Trustee.....Custódio Regional

Staff.....Quadro de Funcionários

Standing Committe.....Comitê Permanente

Treatment Facility.....Instituição de Tratamento

Trustees-at-large.....Custódios dos EE.UU. e

Canadá

Twelve Concepts for World Service.....Doze Conceitos para

Serviços

Mundiais

Warranty.....Garantia Estatutária

Workshop.....Grupo de Trabalho

World Directory.....Diretório Mundial

Bibliografia:

Alcoólicos Anônimos: A História de Como Milhares de Homens e Mulheres se Recuperam do Alcoolismo. São Paulo, JUNAAB, 1997.

Assoun, P.L. ***Introdução à Epistemologia Freudiana.***

Rio de Janeiro, Imago, 1983.

-----, ***Metapsicologia Freudiana: Uma introdução.***

Rio de Janeiro, Zahar, 1996.

Baltazar, M.L. ***Tratamento Farmacológico do Alcoolismo e Outras Drogas.*** in

Temas: Teoria e Prática do Psiquiatra. São Paulo, V.25, nº 50, p.183-197.

Berlinck, M.T. ***Psicanálise da Clínica Cotidiana.***

São Paulo, Escuta, 1988.

Bill W. ***Doze Conceitos Para Serviços Mundiais.*** São Paulo, JUNAAB, 1993.

Bion, W.R. ***Atenção e Interpretação.***

Rio de Janeiro, Imago, 1973.

Bleger, J. ***Temas de Psicologia.***

São Paulo, Martins Fontes, 1989.

-----, ***Psico-Higiene e Psicologia Institucional.***

Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

Cordioli, A.V. ***Psicoterapias: Abordagens Atuais.***

Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

Dejours, C. ***Repressão e Subversão em Psicossomática.***

Pesquisas psicanalíticas sobre o corpo. Rio de Janeiro,

Zahar, 1991.

-----, *Psicodinâmica do Trabalho*. São Paulo.

Atlas, 1994.

-----, *O Corpo. Entre a Biologia e a Psicanálise*.

Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.

DSM-IV™ - *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*.

Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

Etchegoyen, R.H. *Fundamentos da Técnica Psicanalítica*.

Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

Figueira, S.A. *O Problemático Prestígio da Interpretação*.

IDE 14:21-24, São Paulo, 1988.

Fenichel, O. *Teoria Psicanalítica das Neuroses*.

Rio de Janeiro-São Paulo, Liv. Atheneu, 1981.

Fromm, E. *Meu Encontro com Marx e Freud*.

Rio de Janeiro, Zahar, 1963.

-----, *O Coração do Homem: Seu Gênio para o Bem*

e para o Mal. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

-----, *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*.

Rio de Janeiro, Zahar, 1961.

-----, *A Revolução da Esperança: Por uma Tecnolo-*

gia Humanizada. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

Freud, S. *A Interpretação dos Sonhos*. Obras Completas.

Vol.V, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

-----. *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa*

Moderna. Obras Completas, Vol. IX, Rio de Janeiro,

Imago, 1996.

-----. *Artigos Sobre Técnica*. Obras Completas,

Vol. XII, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

-----. *Totem e Tabu*. Obras Completas, Vol. XII,

Rio de Janeiro, 1996.

-----. *Sobre o Narcisismo: uma Introdução*.

Obras Completas, Vol. XIV, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

-----. *Luto e Melancolia*. Obras Completas, Vol. XIV,

Rio de Janeiro, Imago, 1996.

-----. *Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise*.

Obras Completas, Vol. XVI, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

-----. *Além do Princípio de Prazer*. Obras Completas,

Vol. XVIII, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

-----. *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*.

Obras Completas, Vol. XVIII, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

-----. *O Ego e o Id*. Obras Completas, Vol. XIX,

Rio de Janeiro, Imago, 1996.

-----. *O Futuro de Uma Ilusão*. Obras Completas,

Vol. XXI, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

-----. *O Mal-estar na Civilização*. Obras Completas,

Vol. XXI, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

-----. *Novas Conferências Introdutórias Sobre Psica-*

nálise. Obras Completas, Vol. XXII, Rio de Janeiro,

- Imago, 1996.
- Garcia-Roza, L.A. *Freud e o Inconsciente*. Rio de Janeiro, Zahar, 1984.
- Gellner, E. *O Movimento Psicanalítico*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- Gores, A. *Método e Experiências da Psicanálise*. Petrópolis-RJ, Vozes, 1963.
- Grotjahn, M. *A Arte e a Técnica da Terapia de Grupo*. Rio de Janeiro, Imago, 1983.
- Heloani, J.R. *Organização do Trabalho e Administração: Uma visão multidisciplinar*. São Paulo, Cortez Editora, 1994.
- , *Identidade e Trabalho: Os Fantasmas da Ópera*. in Interações. São Paulo, UNIMARCO, v.2, n.4, 1997.
- Herrmann, R. *O Método da Psicanálise*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- , *Psicanálise do Quotidiano*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
- , *Clínica Psicanalítica: A Arte da Interação*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- , *O Divã a Passeio*. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- , *"Quatro Notas Brevíssimas Sobre o Método Psicanalítico"*. IDE 15:12-16, São Paulo, 1988.
- Sobre as -----, *Convergência Várias Teorias Psicanalíticas*. Rev.Bras.Psicanal.20:533, 1986.

-----, *Psicanálise da Crença*.

Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

Inácio Filho, G. *A Monografia na Universidade*.

Campinas-SP, Papirus, 1995.

Japiassu, H. *Introdução à Epistemologia da Psicologia*.

Rio de Janeiro, Imago, 1982.

Kaes, R et alii *A Instituição e as Instituições*.

São Paulo, Casa do Psicólogo, 1989.

Kaplan, H.I.; Sadock, B.J.; Grebb, J.A. *Compêndio de Psiquiatria*. Ciência do

Comportamento e Psiquiatria Clínica. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

Klein, M., Heimann, P., Money-Kyrle, R.E. *Temas de Psicanálise*

Aplicada. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.

Klein, M et alii *Os Progressos da Psicanálise*. Rio de

Janeiro, Zahar, 1982.

Laplanche, J., Pontalis, J.B. *Vocabulário de Psicanálise*.

São Paulo, Martins Fontes, 1983.

Manual de Serviços de A.A.: Refletindo as Ações das Conferência de

Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil. São Paulo,

JUNAAB, 1995.

Mansur, J. *A Questão do Alcoolismo*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

Marcuse, H. *Eros e Civilização: Uma Interpretação*

Filosófica do Pensamento de Freud. Rio de Janeiro,

Zahar, 1981.

Meyer, L. *Família: Dinâmica e Terapia*. São Paulo,

Brasiliense, 1983.

Mezan, R. Freud: *A Trama dos Conceitos*. São Paulo,

Perspectiva, 1982.

-----, *A Sombra de Don Juan*. São Paulo,

Brasiliense, 1993.

-----, *A Vingança da Esfinge: Ensaio de Psicaná-*

lise. São Paulo, Brasiliense, 1988.

-----, *Escrever a Clínica*.

São Paulo, Casa do Psicólogo, 1998.

Milan, J.R. & Ketcham, K. *Alcoolismo: Os Mitos e a Realidade*.

São Paulo, Nobel, 1988.

Os Doze Passos e As Doze Tradições. São Paulo, JUNAAB., 1995.

Paiva, L.M. *Psicanálise de Grupo*. Rio de Janeiro,

Imago, 1991.

Rezende, A.M. *Psicanálise e Filosofia das Ciências:*

A Questão Verdade, IDE 14:21-24, São Paulo, 1987.

Schulte, W. & Tolle, R. *Manual de Psiquiatria*.

São Paulo, EPU, 1981.

Segal, H. *Introdução à Obra de Melanie Klein*.

Rio de Janeiro, Imago, 1975.

Severino, A.J. *Metodologia do Trabalho Científico*.

São Paulo, Cortez, 1996.

Silva, M.E.L.da(coord) *Investigação e Psicanálise*.

Campinas-SP, Papirus, 1993.

Telles, V.S. *Ciência e Psicanálise: problemas*.

IDE 14:38-41, São Paulo, 1987.

Vinogradov, S., Yalom, I.D. *Manual de Psicoterapia de*

Grupo. Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

Zimmerman, D.E. & Osorio, L.C. et alii. *Como Trabalhamos com Grupos*.

Porto Alegre, Artes Médicas, 1997

Zusman, W. *A Psicanálise como Ciência*.

IDE 16:15-18, São Paulo, 1988.

Errata

Onde se lê:

p.17. contaditório

Deve-se ler: contraditório.

Onde se lê:

p.45. o adquirir

Deve-se ler: ou adquirir

Onde se lê:

p.51. orações

Deve-se ler: ações.

Onde se lê:

p.54.¹⁶-----

Deve-se ler: Cf. Barroco, H.B.; Heloani, J.R.; Nascimento, M.J.P. A Imagem Intencional.
São Paulo, Pannartz, 1991.

Onde se lê:

p.77. desaparecendo

Deve-se ler: desaparecendo.

Onde se lê:

p.115-116. procurar líderes de acordo com mais próxima, dentro ou fora do grupo, e cuja finalidade é atacar ou fugir.

Deve-se ler: procurar líderes de acordo com essa característica predominante de sua cultura. No caso do suposto ataque-fuga, trata-se de personalidade bastante paranóide, que procuram inimigos em qualquer sombra mais próxima, dentro ou fora do grupo, e cuja finalidade é atacar ou fugir.

Onde se lê

p.121. nemhuma

Deve-se ler: nenhuma.

Onde se lê:

p.152. RGS

Deve-se ler: RSG.